



**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**  
Programa de Estudos Pós-Graduados em Lingüística  
Aplicada e Estudos da Linguagem - LAEL

**LUIZ MARINE JOSÉ DO NASCIMENTO**

**O ethos da empresa e a atividade do jornalista de uma agência de notícias**

**Doutorado em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem**

São Paulo

2008

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**LUIZ MARINE JOSÉ DO NASCIMENTO**

**O ethos da empresa e a atividade do jornalista de uma agência de notícias**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em  
Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como  
requisito parcial para obtenção do Título de Doutor em  
Linguística Aplicada. Linha de Pesquisa: Linguagem e  
Trabalho.

**Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva**

São Paulo

2008

BANCA EXAMINADORA

---

Professora Doutora Maria Cecília Pérez de Souza e Silva

---

Professora Doutora Beth Brait

---

Professora Doutora Mara Sophia Zanotto

---

Professora Doutora Tatiana Piccardi

---

Professora Doutora Maria da Glória Correia Di fanti

São Paulo  
2008

*Ao **MEU PAI**,*

*que sempre esteve, está e estará presente comigo nos mais diferentes momentos de minha vida, com seu amor incondicional, sua magnífica sabedoria e sua deslumbrante simplicidade.*

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe, pelo amor, carinho, senso de justiça e simplicidade, sempre me perguntando se eu já havia terminado o trabalho do livro.

À minha orientadora Maria Cecília, pela competência, dedicação, rigor acadêmico, paciência, carinho, seriedade e pelas inúmeras e imprescindíveis contribuições sobre os mais variados aspectos deste trabalho.

À minha família pelo apoio, carinho e amor

Às professoras Beth Brait e Vera Sant'Anna por terem participado de todas as bancas dos Exames de Qualificação, com suas fundamentais colaborações, sempre no sentido de apontar possibilidades de superação para as minhas aporias, de forma rigorosa, bem humorada e paciente.

À professora Mara Zanotto, pelas valiosas contribuições na banca do último Exame de Qualificação.

Ao grupo Atelier Linguagem e Trabalho, pelo carinho e pelas ricas discussões e contribuições durante os nossos encontros.

A Kathy Harrison, pela amizade, pelas colaborações nas discussões do grupo Atelier e por ter conseguido “abrir as portas” da Reuters para esta pesquisa

Aos professores, colegas e funcionários do LAEL, pelo ambiente de

amizade e acolhida. Em especial, a Maria Lúcia pelo carinho e seriedade com que trata as questões relacionadas ao seu ofício, chamando nossa atenção e muitas vezes nos ajudando a corrigir nossas próprias falhas.

Ao diretor da Reuters na América Latina – Mário de Andrada e Silva – , pela presteza, disponibilidade e pela gentileza com que me recebeu no interior da maior agência de notícias do mundo para realização desta pesquisa.

Ao jornalista/protagonista desta tese – Marcelo Teixeira – pela disponibilidade, atenção, gentileza e responsabilidade demonstradas em todo processo de elaboração desta pesquisa.

À Nana, minha sobrinha, por ter feito a transcrição de parte do material gravado

Ao meu amigo Rossini Barreira por ter me proporcionado contatos com jornalistas de prestígio na imprensa nacional.

Ao professor René Amigues, pela sugestão do método de instrução ao sócia para o desenvolvimento desta tese.

À CAPES, pela concessão da bolsa flexibilizada.

As vozes que ecoam nesta tese são tantas que a questão da autoria, a bem da verdade, cumpre mais uma exigência legal e burocrática e menos os procedimentos de fidelidade aos fatos. Dizer que os esquecimentos são inevitáveis pode parecer intencional. Prefiro afirmar que algumas pessoas são citadas e todas as outras, que também foram imprescindíveis para a elaboração desta tese, são inevitavelmente lembradas pela própria natureza do objeto, que só encontra razão de ser na relação de alteridade que o constitui. A todos esses OUTROS, tão importantes quanto os citados, meu muitíssimo OBRIGADO!

**Resumo** - O objetivo desta tese é desenvolver um processo de investigação acerca de como se caracteriza a atividade de trabalho do jornalista e do ethos de uma agência de notícias “em tempo real”, por meio do método de instrução ao sócia, criado por Oddone, com adaptações, ressaltando as contribuições da linguagem no tratamento das questões do trabalho, tendo como documento prescritivo o Manual de Operações Editoriais da Reuters. Os fundamentos teóricos conjugam noções dessas dimensões humanas: linguagem e trabalho, na perspectiva de seu entrelaçamento numa relação interdependente. As principais referências teóricas são: Bakhtin e Maingueneau (no campo da linguagem), Clot e Faïta, Gorz, Sennett e Schwartz (no campo do trabalho), Bucci, Chaparro e Rossi (acerca do jornalismo). A justificativa deste estudo reside, por um lado, no papel social que a imprensa tem no mundo atual, caracterizado como sociedade da informação e do conhecimento, e, por outro, à ausência de pesquisas envolvendo agência de notícias, sob o ponto de vista discursivo. A principal referência discursiva no tratamento dos dados é a Semântica global, desenvolvida por Maingueneau, e, no campo do trabalho, os fundamentos da Ergologia, desenvolvidos por Schwartz, numa relação interdiscursiva colaborativa diante dos enigmas da atividade profissional do jornalista. O local de realização da pesquisa foi a Reuters, maior agência de notícias do mundo, tendo o protagonista/jornalista no papel de instrutor e o pesquisador como sócia. Como resultado final, percebemos todo esforço do jornalista para desenvolver sua atividade sob pressão interna e externa à empresa onde trabalha, a importância fundamental do tempo para uma corporação flexível e a relação de tensão entre o tempo cronológico e o tempo da empresa, como fluxo contínuo de produção de informação, cujo objetivo é a primeira colocação entre as concorrentes no mercado da notícia. Verificamos o papel central da linguagem no desenvolvimento da atividade do jornalista, no confronto entre o prescrito e o realizado, sendo discurso tanto a matéria-prima quanto o produto final em forma de notícia. Este estudo revelou também que o jornalista, para exercer sua profissão, vive o dilema de conciliar os interesses da empresa com as condições de cumprir todas as tarefas para desenvolver sua atividade de trabalho, realizando um verdadeiro debate de valores, numa relação de tensão entre a norma e a necessidade de renormalização, entre as prescrições e a realização do conjunto de suas incumbências, pressionado pela *rapidez* e *exatidão* – dois dos quatro princípios da Reuters. Em torno desse dilema, o jornalista, diante do telefone, de aparelhos de televisão e de duas telas de computador, mobiliza-se no seu cotidiano profissional, tendo de enfrentar as questões deontológicas e discursivas inerentes à sua atividade. Percebemos o dilema vivido pelo jornalista por meio da apreensão de duas formações discursivas, que fazem com que ele atue no espaço de intersecção entre estas duas posições: a da empresa e a do trabalhador de uma agência de notícias em tempo real. Pressionado pelo temor do furo de reportagem, sem tempo para investigar, cuidadosamente, ele tende a acreditar, mais do que devia, nas fontes, podendo divulgar matérias sem a devida apuração, cruzando uma quantidade menor de discursos que o esperado em um processo menos vulnerável ao erro ou às influências particulares de grupos e pessoas no processo de definição dos fatos a serem transformados em notícia.

Palavras-chave: atividade, método de instrução ao sócia, discurso, trabalho, jornalismo, formação discursiva, humanização.

**Abstract-** The aim of this thesis is the development of a process of inquiry concerning what characterizes the work activity of journalists and the ethos working for a "real time" news agency by using the instruction to the double method, created for Oddone with adaptations, emphasizing the contributions of language for approaching the questions of work, having as a prescriptive document Reuters' *A handbook of Reuters journalism - A guide to standards, style and operations*. Theoretical grounds conjugate notions from the linked dimensions of human activity we know as language and work, in the perspective of their interdependent interrelationship. The main theoretical references are Bakhtin and Maingueneau (in the field of language), Clot and Faïta, Gorz, Sennett and Schwartz (in the field of work), Bucci, Chaparro and Rossi (concerning journalism). The justification of this study resides in the one hand in the social role the press has in the contemporary world, characterized as the information and knowledge society and, in the other hand, the absence of research on news agencies from a discursive point of view. The main discursive reference in the treatment of the data is the Global Semantics developed by Maingueneau and, in the field of the work, Ergology's grounds as developed by Schwartz, in a collaborative inter-discursive relationship before the enigmas of journalist's professional activity. Research was done at Reuters, the most important news agency of the world, having the protagonist/journalist in the role of instructor and the researcher as the double. As a final result, we perceive all efforts journalists do to develop their activity under pressures both internal and external to the company where they work, the vital importance of time for a flexible corporation and the tensions between chronological time and the time of the company as a continuous flow of information production that aims to make it be the best among competitors in the news market. It was possible to perceive the central role of language in the development of journalists activity, in the conflict between prescribed and done work, being discourse taken as both the raw material for and the final result as news. This study also showed that journalists, in order to do their professional work, live the predicament of conciliating the interests of the company with the conditions to fulfill all tasks needed for developing their work activity, carrying through a true debate on values, in a tension between norms and the need to renormalize, between prescriptions and the accomplishment of the set of their tasks, pressured by both *speed* and *accuracy* - two of the four Reuters principles. Taken in this quandary, journalists, before the telephone, television sets and two computer screens, mobilize themselves in their daily professional routine, having to face deontological and discursive questions inherent to their activity. We identify this quandary by examining two discursive formations that make them to work in the intersection of these attitudes: that of the company's and that of one working for a real-time news agency. Pressured by the fear of not getting a scoop, without time to do a careful investigation, they tend to believe more than they should on their sources and may write news without due confirmation, comparing a less than should be expected number of discourses in a process less vulnerable to error or to influences of particular groups and people in the process of definition of the facts that must be turned into news.

**Keywords:** activity, method of the instruction to double, discourse, work, journalism, discursive formation, humanization

**Résumé :** Le but de cette thèse est le développement d'un processus d'enquête sur ce qui caractérise l'activité de travail des journalistes d'une agence de nouvelles "en temps réel" en employant la méthode l'instruction au sosie, soulignant les contributions du langage pour approcher les questions du travail, ayant comme document prescriptif le « manuel du journalisme de Reuters - un guide de normes, styles et opérations ». Les bases théoriques conjuguent notions des dimensions intégrées de l'activité humaine qui sont la langue et le travail, dans la perspective de leur corrélation interdépendante. Les références théoriques principales sont Bakhtine et Maingueneau (dans le domaine du langage), Clot et Faïta, Gorz, Sennett et Schwartz (dans le domaine du travail), Bucci, Chaparro et Rossi (au regard du journalisme). La justification de cette étude réside d'une part dans le rôle social que la presse a dans la société contemporaine, caractérisée en tant que société de l'information et de la connaissance et d'autre part dans l'absence de recherches sur des agences de nouvelles d'un point de vue discursif. La référence discursive principale dans le traitement des données était la Sémantique Globale développée par Maingueneau et, dans le domaine du travail, de l'Ergologie comme développée par Schwartz, dans un rapport inter-discursif de collaboration devant les énigmes de la recherche d'activité professionnelle du journaliste. La recherche a été faite chez Reuters, l'agence de nouvelles la plus importante du monde, ayant le protagoniste/journaliste dans le rôle de l'instructeur et le chercheur comme le sosie. Comme résultat final, nous percevons tous les efforts que les journalistes font pour développer leur activité sous des pressions internes et externes à la compagnie où ils travaillent, l'importance essentielle du temps pour une compagnie flexible et les tensions entre le temps chronologique et le temps de la compagnie comme un écoulement continu de la production d'informations qui vise à faire d'elle la meilleure parmi des concurrents sur le marché de nouvelles. Il était possible de percevoir le rôle central du langage dans le développement de l'activité du journaliste, dans un conflit entre le travail prescrit et le travail réalisé, prenant « discours » comme matière première et comme résultat final en forme de nouvelles. L'étude a également montré que les journalistes, afin de réaliser leur activité professionnelle, vivent le dilemme de concilier les intérêts de la compagnie avec les conditions pour accomplir tous les activités nécessaires pour développer leur activité de travail, réalisant une vraie discussion sur des valeurs, dans une tension entre les normes et le besoin de renormalisation, entre les prescriptions et l'accomplissement de l'ensemble de leurs responsabilités, pressés par la *vitesse* et *l'exactitude* - deux des quatre principes de Reuters. Obligées à résoudre ce problème, les journalistes, devant le téléphone, des téléviseurs et deux écrans d'ordinateur, se mobilisent dans leur quotidien professionnel, doivent faire face à des questions déontologiques et discursives inhérentes à cette activité. On perçoit ce problème que affecte le journaliste en examinant deux formations discursives qui font qu'il travaille dans l'espace d'intersection entre deux positions : la de la compagnie et cela du travailleur d'une agence de nouvelles en temps réel. Pressées par la crainte de ne doubler avec un scoop, sans avoir du temps pour faire une recherche soignée, ils tendent à croire plus qu'il le doivent en leurs sources et peuvent écrire des nouvelles sans une confirmation adéquate, comparant un nombre de discours moindre que ce qu'on devrait souhaiter dans un processus moins vulnérable à l'erreur ou aux influences des groupes et des personnes particuliers dans le cours de définition des faits qui doivent être transformés en nouvelles.

**Mots-clés :** activité, méthode de l'instruction au sosie, discours, travail, journalisme, formation discursive, humanisation

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>1 O NOVO CAPITALISMO E AS MUTAÇÕES DO MUNDO DO TRABALHO</b> .....	30
1.1 <b>O trabalho na pós-modernidade</b> .....	32
1,2 <b>O trabalho no capitalismo flexível</b> .....	37
1.3 <b>Atividade de trabalho segundo a Ergologia</b> .....	49
1.4 <b>O setor de serviços no mundo do trabalho</b> .....	57
1.5 <b>O jornalismo no mundo do trabalho</b> .....	61
1.6 <b>As agências de notícia no mundo do trabalho</b> .....	64
1.7 <b>O jornalista no mundo do trabalho</b> .....	67
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	70
2.1 <b>Contribuições dos estudos do trabalho</b> .....	72
2.1.1 <b>Atividade profissional como gênero</b> .....	72
2.1.2 <b>Jornal como bem simbólico</b> .....	75
2.1.3 <b>Contribuições dos estudos jornalísticos</b> .....	77
2.1.3.1 <b>Jornalismo impresso e jornalismo digital</b> .....	78
2.1.3.2 <b>Jornalismo sob a ótica de jornalistas</b> .....	81
2.2 <b>Contribuições dos estudos da linguagem</b> .....	84
2.2.1 <b>Interação social: princípio fundante da linguagem</b> .....	84
2.2.2 <b>Dialogismo: a presença do outro no mesmo</b> .....	87
2.2.3 <b>A primazia do interdiscurso</b> .....	89
2.2.3.1 <b>Por uma Semântica Global</b> .....	91
2.2.3.2 <b>Formação discursiva e competência discursiva</b> .....	96
2.2.3.3 <b>Noções organizadoras da análise</b> .....	97
2.2.3.3.1 <b>Cenografia</b> .....	98
2.2.3.3.2 <b>Ethos</b> .....	102
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	107
3.1 <b>O método de instrução ao sócia</b> .....	110
3.2 <b>Levantamento de dados</b> .....	119

3.3 Sobre o <i>corpus</i> .....	123
3.4 Sobre a análise dos dados .....	128
<b>4 ANÁLISE E RESULTADOS .....</b>	<b>130</b>
4.1 O <i>ethos</i> da empresa .....	133
4.2 Interdiscursividade: o discurso da empresa no discurso do jornalista..	152
4.3 Você/Você e “Você/Todo mundo”: o uso do você genérico .....	156
4.4 Tema: o eixo organizador do discurso .....	158
4.5 O singular e o coletivo: o uso das pessoas .....	162
4.6 Uma prática intersemiótica?.....	176
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>183</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>196</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>201</b>

## INTRODUÇÃO

Esta tese trata, sob a perspectiva lingüístico-discursiva, da atividade do jornalista de uma agência internacional de notícias, localizada na cidade de São Paulo. Trata-se de mais uma investigação do Grupo de Pesquisa Atelier Linguagem e Trabalho<sup>1</sup>, que tem desenvolvido estudos articulando esses dois domínios cujo objetivo é contribuir para um melhor entendimento de diferentes atividades de trabalho.

Em um mundo onde as atividades de trabalho se multiplicam e se complexificam cada vez mais, estudos relacionado linguagem e trabalho tornam-se exigência da sociedade atual, que lança constantemente um conjunto de enigmas a serem decifrados. O que é realidade, que tipo de sujeito está sendo formado, o que vem a ser o processo de globalização, como equacionar a questão do tempo e do espaço, vive-se o fim da história e das ideologias? São apenas alguns desses enigmas da contemporaneidade.

### **Justificativa**

Este trabalho justifica-se por duas razões que se articulam numa relação de complementaridade: social e, mais particularmente, acadêmico/discursiva, por se tratar de uma tese sob a perspectiva dos estudos da linguagem. Do ponto de vista da função social da esfera jornalística, devido a toda importância da imprensa na sociedade atual e ao papel das agências de notícias na formulação e difusão da informação. Do ponto de vista acadêmico, devido ao objeto desta tese – agência de notícias. Pois, apesar de haver muitas outras teses que tratam da relação entre jornalismo e linguagem: Sant’Anna: 2000, Grillo: 2001, Lima: 2002, Park: 2002, Resende: 2002 e vários outros, não foram encontradas pesquisas sobre agência de notícias sob a perspectiva discursiva, segundo levantamento realizado pelo pesquisador, a partir dos dados coletados nos endereços

---

<sup>1</sup>O grupo Atelier Linguagem e Trabalho, certificado pelo CNPq, é formado por pesquisadores de diferentes universidades (PUC-SP, UERJ, USP, UNISINOS, UFPe, UNIRIO, UFMT e UCPel), os quais desenvolvem pesquisas direcionadas para três vertentes: a) estudo das práticas de linguagem em situação de trabalho; b) estudo dos discursos sobre o trabalho; c) estudo dos discursos que remetem à atividade de linguagem em diferentes contextos. O Grupo está sediado na PUC-SP e é coordenado pela profa. Dra. Ma. Cecília P. Souza-e-Silva, da própria universidade, e pelo prof. Dr. Décio Rocha, da UERJ.

eletrônicos de 04 grandes universidades do país (ECA/USP, Cásper Líbero, ESPM e PUC/SP).

A definição efetiva dos objetivos ocorreu durante o andamento do processo de estudo, a partir dos dados gerados pela investigação, diante das circunstâncias da própria pesquisa. Depois de longo percurso, pode-se afirmar que são dois os objetivos:

- 1) **Caracterizar a atividade de trabalho do jornalista de uma agência de notícias** visando a uma melhor compreensão dessa atividade, que tem centralidade na linguagem, pois, no desempenho de suas funções o jornalista utiliza-se da linguagem como meio e como fim, uma vez que o fato imediatamente após sua ocorrência já se transforma em discurso e o produto final, a matéria publicada no jornal ou na tela do computador, é também discurso;
  
- 2) **depreender o *ethos* institucional da agência de notícias, objeto desta tese**, sobre o desenvolvimento da atividade do jornalista, por meio da análise do cruzamento de trechos do manual, de trechos da entrevista com o jornalista e de trechos da instrução ao sócia.

Com vistas a alcançarmos nossos objetivos sentimos a necessidade de formular as perguntas de pesquisa para melhor direcionar todo o processo de investigação e torná-lo factível. Após muitas inquietações, discussões, elaborações e reelaborações, enfim, como decorrência de toda essa concorrência discursiva, as perguntas ficaram assim formuladas:

- 1) Qual o papel das prescrições na atividade profissional do jornalista?
- 2) Qual o discurso dos empresários e dos trabalhadores acerca da atividade do jornalista?
- 3) Qual o *ethos* da agência de notícias?

Para responder à pergunta acerca do papel das **prescrições** na **atividade profissional** do jornalista de uma agência de notícias localizada em São Paulo recorreremos ao método de instrução ao sócia, que será abordado com mais detalhe no capítulo de metodologia. Quanto às outras duas perguntas recorreremos ao manual da

empresa, às entrevistas com o diretor e com o jornalista e ao método de instrução ao sócia.

Sinteticamente, o método consiste em imaginar uma situação hipotética na qual o profissional tenha de faltar ao trabalho num determinado dia e precise instruir um possível substituto para desempenhar suas funções, de maneira que ninguém perceba a sua ausência, ninguém perceba a substituição, daí a razão de o substituto ser um sócia do trabalhador que se ausentará.

Vale salientar que antes de utilizar o método, em si, de instrução ao sócia, houve um período de observação e registros de aspectos relacionados ao desenvolvimento da atividade do jornalista no próprio local de trabalho e uma entrevista com o jornalista/protagonista deste estudo para que a articulação entre linguagem e trabalho pudesse ser melhor depreendida no processo de investigação.

No caso desta tese, esses outros procedimentos – observação, entrevista e conversa com o jornalista/protagonista – passaram a integrar o próprio método de instrução ao sócia, constituindo-se em deslocamentos do modelo original criado e desenvolvido pelo médico do trabalho Itzvar Oddonne, com trabalhadores da Fiat, na Itália, na década de 1970.

Consideramos importante explicitar aqui a concepção de entrevista que orienta esta tese, a fim de esclarecer essa técnica ou procedimento sob o ponto de vista discursivo, sua relação com a postura política do pesquisador e com os conceitos de exotopia e alteridade aqui abordados.

(...) o enfoque que defendemos para a entrevista representa, acima de tudo, uma opção política que fazemos diante do perfil de pesquisador que pretendemos construir e do modo como pretendemos lidar com a alteridade. A esse respeito, o conceito bakhtiniano de *exotopia* é revelador da dimensão ética da problemática da alteridade no que concerne à criação tanto teórica quanto artística: é preciso situar o olhar do outro e devolver-lhe um ponto de vista (o do pesquisador) sobre o referido olhar. Questão da ética em pesquisa, que pressupõe que não se anule a condição exotópica do entrevistador e do entrevistado, evitando-se confundir a ótica da pesquisa e a ótica do sujeito pesquisado, isto é, impedindo que venham a coincidir lugares que são essencialmente distintos e promovendo-se, pois, a alteridade (...) (Rocha, D; Daher, M.del C.; Sant'Anna V, 2004: 14)

## Principais referências teóricas

Como esta tese conjuga noções de dois domínios da atividade humana: linguagem e trabalho, os principais referenciais teóricos contemplam conceitos dessas duas dimensões tanto nas suas especificidades como nos pontos de intersecção entre elas. No campo da linguagem, as principais referências são as formulações desenvolvidas por Bakhtin/Volochinov (1929/1992) Bakhtin, (1979, 1984), e por Maingueneau (1984, 1987, 1986, 2001).

Do pensador russo, são utilizadas as seguintes noções: 1) dialogismo, como princípio de todo processo de linguagem, numa espécie de diálogo entre enunciados no qual aquilo que se tem por seu exterior encontra-se inscrito no próprio processo de enunciação, constituindo-se na fusão entre texto e contexto, sendo um o motivo e o conteúdo do outro como as duas faces de uma moeda; 2) exotopia e alteridade, como necessidade de demonstrar a duplicidade de papel do pesquisador em sua relação com o protagonista da pesquisa, em todo processo de trabalho com os dados.

Do analista do discurso francês: 1) discurso e interdiscursividade na perspectiva de ressaltar a primazia do interdiscurso no processo de análise, 2) dêixis, cenografia e ethos, como noções importantes em uma abordagem essencialmente discursiva para realizar a análise de dados por meio das categorias pertinentes e produtivas, com base em alguns aspectos da Semântica Global.

Já no campo do trabalho, são utilizadas as noções de atividade, gênero da atividade e estilo profissional, desenvolvidas por Clot e Faïta (1999), tendo em vista as contribuições específicas desses autores na ótica da Psicologia do Trabalho e sua articulação com a linguagem sob a perspectiva da Análise do Discurso; as mutações do trabalho, desenvolvidas por Gorz (1988/2003, 2003) e as formulações de Sennett (1998/2006, 2006) acerca do capitalismo social e do capitalismo flexível; e por último, as noções de atividade de trabalho, norma/renormalização e uso de si, desenvolvidas por Schwartz (1998, 2000) sob a perspectiva da Ergologia como uma espécie de contraponto às teses fundamentais do capitalismo flexível e as formas organizacionais das corporações flexíveis da *modernidade líquida* – termo cunhado pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman.

Por se tratar de uma tese sobre a atividade do jornalista, são utilizados também referenciais teóricos dessa esfera da atividade humana: jornalismo: (ROSSI, 1980/2000) e (CHAPARRO, 1998, 2001); jornalismo digital: (FERRARI, 2004), (MORETZSOHN, 2002) e (KUCINSKI, 2005); ética jornalística: (BUCCI, (2000); jornalismo investigativo: (FORTES, 2005); história da imprensa: (ABREU, 2002).

### **O contexto mais amplo da pesquisa**

Tratar de questões relacionadas ao campo do trabalho, como é o caso aqui, exige que se analise também, além das mutações ocorridas no próprio domínio do trabalho, o sistema econômico que dá sustentação e legitima as formas de organização que o trabalho adquiriu, para melhor compreensão das causas e conseqüências originadas nesse formato com o qual as empresas se apresentaram e se apresentam. Dito de outro modo, não se pode deixar de lado uma análise do sistema capitalista. Partimos de estudo pautado na ruptura entre duas formas de capitalismo: capitalismo social e capitalismo flexível.

Nesse sentido, apesar de tratar da questão do conhecimento e não de sistema econômico, são esclarecedoras as palavras de Possenti (2004):

O conhecimento não se produz por acumulação, mas por saltos e mudanças de rumo em relação às etapas anteriores. As novas teorias não são vistas como desenvolvimento e sofisticação das anteriores, mas como efeito, em boa medida, de seu abandono, seja por estarem “esgotadas”, seja porque novas problemáticas, novas vontades de verdade tomam seu lugar, tanto teórica quanto politicamente. (POSSENTI, 2005: 355 In Mussalin & Bentes)

Esse contexto mais amplo da pesquisa antes de ser apenas um pano de fundo da tese é condição para que se entenda o *ethos* da empresa pesquisada, o *gênero da atividade* do jornalista e um pouco mais sobre o *estilo profissional*. A compreensão dessas noções é parte essencial desta tese na articulação entre os elementos do campo da linguagem e do campo do trabalho.

Com base em Sennett (1998/2006 e 2006), são tratados aqui dois formatos de capitalismo: capitalismo social e capitalismo flexível, em que pese a atenção maior incidir sobre a última forma de capitalismo por se constituir no contexto econômico no qual este estudo foi realizado.

Não se pretende aqui fazer um estudo aprofundado sobre essas duas formas de capitalismo, mas, traçar um quadro histórico cujo objetivo é apresentar algumas

mutações pelas quais passou o sistema econômico vigente no país e hegemônico no mundo por entender que essas mudanças são determinantes para a compreensão das complexidades do trabalho na medida em que as empresas se organizam sob os ditames do sistema econômico vigente em cada época.

Em cada uma dessas etapas, as empresas foram se reestruturando para continuar existindo e obtendo os lucros que sempre obtiveram. Conseqüentemente, os trabalhadores tiveram de se reorganizar para manter seus empregos ou para ingressar no mercado de trabalho que a cada dia se apresenta mais seletivo, exigindo do trabalhador cada vez mais plasticidade para enfrentar as novas demandas.

Nesse novo mercado, **flexibilidade** é a palavra-chave. Resta saber que dimensão essa designação tem no novo capitalismo e apontar algumas conseqüências para o conjunto dos trabalhadores, sejam eles do setor industrial ou do setor de serviços. Essa capacidade de mutabilidade do capitalismo pode ser uma maneira de se manter sempre em vigência em diferentes formas organizacionais da sociedade moderna, como um camaleão, que muda de cor em diferentes situações.

A diferença entre o capitalismo e o camaleão é que, no caso do primeiro, não se trata de uma simples troca de cor, mas de um quadro de mudanças que define como será a vida de homens e mulheres; crianças, jovens, adultos e idosos do mundo inteiro, determinando como o conjunto da humanidade deve fazer para continuar existindo no sistema produtivo.

O sistema capitalista, por meio de suas mudanças, continua acompanhando e determinando os novos rumos da civilização, ditando as regras de existência, sobrevivência, ascensão e queda de quase toda humanidade, atuando sempre com sua afiada lâmina de duplo corte: inclusão e exclusão social. Essa é a realidade que o trabalhador tem de enfrentar no seu dia-a-dia. São questões tanto relacionadas ao campo do trabalho como também à identidade sob a égide do mercado de trabalho – a da inclusão e a da exclusão social.

A importância deste item da introdução reside justamente na exposição acerca da influência das duas formas de capitalismo sobre o comportamento humano, de uma maneira geral, e sobre os trabalhadores, de maneira particular, em cada um desses momentos históricos: a era do capitalismo social e a era do capitalismo flexível.

Não se trata de enxergar o ser humano sob a ótica do capitalismo, mas sim de entender o crescimento da força do sistema econômico e a redução da força política, na

sociedade moderna. Política aqui entendida como o pólo responsável pelo bem comum, conforme a Ergologia. Trata-se, mais precisamente, da influência determinante do capitalismo sobre o mundo do trabalho e a vida do trabalhador. A Ergologia, como uma disciplina que estuda as questões do trabalho, estabelece a relação entre três pólos na constituição da sociedade: econômico, político e o uso de si. Esse assunto será tratado no capítulo referente às mutações do mundo do trabalho.

Desde a época de Marx, durante a qual acreditava-se que tudo o que era sólido desmanchava-se no ar, pode-se afirmar que a instabilidade é a tônica do capitalismo. Marx idealizara um passado e passou a ter uma relação saudosa com esse tempo histórico. Contrariando Marx:

(...) a instabilidade pode parecer a única constante do capitalismo. As turbulências dos mercados, a dança apressada dos investidores, a súbita ascensão, o colapso e o movimento das fábricas, a migração em massa de trabalhadores em busca de melhores empregos ou de qualquer emprego: estas imagens da energia do capitalismo permearam o século XIX e foram evocadas no século passado (...) Hoje, a economia moderna parece cheia apenas dessa energia instável, em decorrência da disseminação global da produção, dos mercados e das finanças e do advento das novas tecnologias. No entanto, aqueles que hoje estão empenhados em promover a mudança sustentam que não estamos mergulhados em mais turbulências, e sim vivendo uma nova página da história. (SENNETT, 2006: 23-24)

É esse o quadro de instabilidade a que estamos submetidos hoje, no capitalismo flexível. Traçar um panorama histórico sobre as duas formas de capitalismo - o social e o flexível - será útil para lançar fochos de luz sobre a nova e nebulosa era desse sistema sob o qual a humanidade vive há mais de dois séculos.

Procurar entender por que o capitalismo, que propaga a necessidade da mudança, sobrevive, ele próprio, a tantas mudanças é dever daqueles que pretendem contribuir com seus estudos para melhor compreensão da complexidade do mundo atual. Será que existe uma essência no capitalismo: a plasticidade, que possibilita sua justa recuperação em momentos de crise seja ela estrutural ou conjuntural? Contribuir, minimamente que seja, para a discussão em torno dessa questão é o que se pretende aqui, mesmo sabendo das limitações de uma tese, por um lado, e, por outro, da grandeza e da complexidade da tarefa.

## **Duas formas de capitalismo: o social e o flexível**

No capitalismo social, que vigorou no século XIX, a mobilidade era pequena, a mudança de emprego, por exemplo, não era comum, pensava-se em seguir uma carreira na empresa, conseguia-se estabelecer uma determinada rotina tanto no trabalho quanto relacionadas às questões familiares. Poderíamos afirmar que os trabalhadores conseguiam pensar sobre suas vidas a longo prazo. Havia, em termos de tempo, certa sintonia entre o tempo destinado ao trabalho e o tempo destinado à família. Nesse capitalismo, havia certa estabilidade como uma de suas principais características.

O longo prazo e a racionalização do tempo faziam parte do capitalismo social e possibilitavam que os trabalhadores vislumbrassem suas histórias de vida como narrativas, como histórias a serem contadas não tanto como realmente foram, mas como poderiam e deveriam ser, de acordo com experiência de cada um.

No capitalismo social a narrativa dos trabalhadores é um elemento constitutivo. Era a época da modernidade na qual havia lugar para as grandes narrativas da vida, pois o tempo era de longo prazo e a história do trabalhador numa determinada empresa podia ser pensada desde o primeiro dia de trabalho até, normalmente, após muitos anos à frente, o dia em que ele supostamente iria sair.

Ainda com base em Sennett (2006), a partir do final do século XX, o sistema capitalista passou por mudanças significativas que podem ser sintetizadas em três partes: mudança do poder gerencial para o acionário, a busca por resultados a curto prazo e o desenvolvimento das novas tecnologias. Essas mudanças significariam a derrocada de um tipo de capitalismo e a ascensão do capitalismo assentado em novas bases. Segundo o autor:

O fim do século XX virou três novas páginas que pareciam indicar que o capitalismo social haveria de tornar-se uma nostálgica lembrança.

Primeiro houve a **mudança do poder gerencial para o acionário**. (...) Todo um bloco de riqueza que estivera confinado a empresas locais ou nacionais ou estocado em bancos nacionais podia agora movimentar-se com muito maior facilidade por todo o planeta. Verificou-se uma fome de investimentos, especialmente nos países petrolíferos do Oriente Médio, nos bancos americanos, japoneses e alemães e entre as populações de etnia chinesa do Oceano Pacífico. O exemplo seria seguido nas décadas de 1980 e 1990 por gigantescos fundos de pensão e pequenos investidores privados, em busca de novas oportunidades no exterior. (SENNETT, 2006: 41)

A partir desse período pode-se falar em internacionalização do sistema bancário. É o tempo das fusões e novas aquisições por parte das empresas de maior poder

financeiro. É, a um só tempo, a necessidade da competição entre empresas, e a tentativa de eliminação dessa competição por meio da junção de grandes corporações para se tornarem gigantescas e únicas em um determinado ramo de negócio.

Essa nova realidade colocava em cena novos atores sociais com poder de mando. Os velhos generais do capitalismo social militarizado, forjados a longo prazo no interior das empresas, foram substituídos por novos investidores que nada ou quase nada têm a ver com a cultura das corporações. Esses novos investidores imprimiram um novo ritmo aos seus negócios, querem resultados a curto prazo e pretendem reduzir cada vez mais esse prazo entre o investimento e o retorno dele advindo. Esses investidores, nas palavras de Sennett (2006):

Constituíam o contingente do “capital impaciente”, na formulação de Bennet Harrison. Muito significativamente, avaliavam resultados antes pelos preços das ações que pelos dividendos corporativos. A compra e venda de ações num mercado aberto e fluido dava maiores e mais rápidos resultados que o controle de estoques acionários a longo prazo. Por esse motivo, enquanto em 1965 os fundos americanos de pensão retinham estoques em média durante 46 meses, em 2000, boa parte das carteiras desses investidores institucionais tinha rotatividade média de 3,8 meses (SENNETT, 2006: 43)

No sistema capitalista, a busca por lucros cada vez maiores e mais rápidos é um processo esperado. Talvez, essa busca por resultados cada vez mais rápidos tivesse alterado a estrutura das empresas, fosse a pressão que essa nova realidade teria exercido sobre o conjunto das firmas, configurando assim uma mudança estrutural no mundo do trabalho, forçando novas formas organizacionais das instituições e dos trabalhadores para sobreviverem a essa transformação.

Esse processo de reorganização do sistema capitalista provoca mudanças substanciais nas relações interpessoais e estabelece as condições para a constituição da identidade. Agora, nesse novo formato, as questões de caráter social cedem lugar para as necessidades individuais e de curto prazo que, supostamente, serão supridas pelo esforço de cada um na sua singularidade e não mais no seio de uma determinada comunidade de objetivos comuns.

Essa seria uma grande diferença entre o capitalismo social e o capitalismo flexível, enquanto o primeiro, pela sua própria organização, demonstra certa preocupação e fornece os tijolos para que se alicerce a passagem do indivíduo ao cidadão, o segundo concentra toda sua energia na constituição de uma individualidade que, apesar de se formar a partir da alteridade, esta não passa de uma grande ameaça

para a constituição daquela, uma vez que o mundo não é mais de todos que nele estão, mas apenas daqueles que conseguem nele sobreviver, desde que cumpram as diversas e infindáveis tarefas que lhe são atribuídas pela mão invisível do mercado e rapidamente alteradas no momento seguinte.

Talvez possa-se afirmar, como o fez Bauman (2000/2001) que, diferentemente do capitalismo social, a natureza do capitalismo flexível seja a sua forma líquida. Os sólidos se acomodam em determinados recipientes, enquanto que os líquidos se adaptam a qualquer recipiente. Talvez essa seja a razão da permanência do capitalismo como sistema econômico por mais de dois séculos, apesar de tantas mudanças. Nas palavras do autor:

O que foi separado não pode ser colado novamente. Abandonai toda esperança de totalidade, tanto futura como passada, vós que entráis no mundo da modernidade fluida. Chegou o tempo de anunciar, como o fez Allain Touraine, “o fim da definição do ser humano como um ser social, definido por seu lugar na sociedade, que determina seu comportamento e ações”. Em seu lugar, o princípio da combinação da “definição estratégica da ação social que não é orientada por normas sociais” e “a defesa, por todos os atores sociais, de sua especificidade cultural e psicológica” – “pode ser encontrado dentro de cada indivíduo, e não mais em instituições sociais ou em princípios universais. (BAUMAN, 2000/2001: 29)

É o tempo das particularidades e não da coletividade, é o tempo do indivíduo e não do cidadão, um novo tempo no qual todas as perguntas e respostas devem ser buscadas na singularidade de cada ser produtivo. As conseqüências dessas mudanças sobre o universo do trabalho serão analisadas no capítulo 1, que trata das metamorfoses do mundo do trabalho. Por enquanto, trata-se apenas de apresentar alguns aspectos responsáveis pelas mutações a fim de contextualizá-las. Essas mutações, que vão repercutir em todos os setores da sociedade e do mundo do trabalho, na indústria e nos serviços, serão apenas mencionadas a seguir, uma vez que essa questão será objeto de estudo do primeiro capítulo: o novo capitalismo e as mutações no mundo do trabalho.

No capitalismo flexível o poder concentrado foi redimensionado, tornando-se mais fluido e mais disperso, perdendo seu vínculo direto com a figura do chefe imediato, espargindo-se sobre as consultorias.

Nesse formato de capitalismo, as empresas também se reorganizam, as ordens não vêm mais de local definido ou de uma pessoa em particular, mas de uma entidade inquestionável por ser onisciente e onipresente, não necessitando sequer se identificar, menos ainda se justificar perante o conjunto de comandados. A ausência de explicações

e/ou justificativas tem como consequência a fragilização da lealdade. Os trabalhadores até vestem a camisa da empresa, menos por amor ao time ao qual pertencem, e mais pelo medo de perder a vaga como titular. É o medo do desemprego que o faz jogar, o temor de se transformar em uma peça descartável, de se tornar “inútil”.

O capitalismo flexível não é o resultado de um processo de acumulação do capitalismo social, mas, a ruptura com esse antigo regime que, segundo a nova ordem, não respondia mais aos interesses do grande capital, que visava maiores lucros em tempos mais curtos, maior mobilidade e flexibilidade para melhor responder às demandas do capital impaciente.

Nos dias atuais, na pós-modernidade, o movimento de curto prazo elimina ou, pelo menos, reduz significativamente, a possibilidade de narrativas, a projeção de futuro com base na carreira no seio de uma mesma empresa. As instituições de ponta, atuando em contextos temporais curtos e incertos, privam os indivíduos do sentido do movimento narrativo. (SENNET, 2006)

Essa nova realidade, ainda segundo o autor, fez com que fossem criadas três tentativas inovadoras como forma de recuperar o fio das narrativas profissionais, as quais retomam, de certo modo, alguns aspectos do capitalismo social: 1) repensar a natureza dos sindicatos, 2) a partilha do emprego e 3) a criação de uma renda básica a ser gasta conforme a decisão de cada um.

Repensar a natureza dos sindicatos significa romper com a natureza dos sindicatos tradicionais. Organizados para lutar pelas reivindicações em torno dos salários e das condições materiais de uma mesma categoria, eles passariam agora a prover as comunidades diversificadas de trabalhadores com suas necessidades específicas: de mulheres e pais solteiros, por exemplo.

Quanto à partilha do emprego, se por um lado, ela significa a redução de salários, por outro, significa menos dias ou horas de trabalho e a possibilidade de mais tempo a ser dedicado à família ou ao lazer do trabalhador. Seria a multiplicação das vagas de trabalho, a democratização do emprego. Poderíamos afirmar que se trata de socialização do emprego e de uma política orientada sob a lógica da inclusão no sentido do pleno emprego.

A criação da renda básica, na Europa, para todos os indivíduos estabeleceria a condição mínima para que todos possam comprar saúde, educação e outros serviços, fazendo desaparecer alguns benefícios estatais, uma vez que todos dispunham de uma

renda capaz de lhe oferecer o suprimento dos bens básicos de que necessitam para uma vida digna.

Com a articulação dessas possibilidades, talvez as condições de se organizar a longo prazo estivessem, parcialmente, criadas, uma vez que os trabalhadores disporiam de uma situação concreta para planejar seu futuro sem o fantasma da instabilidade e da incerteza, características da sociedade pós-moderna. São medidas que exigem responsabilidades tanto no âmbito estatal quanto no âmbito privado, fazendo com que governos e empresários estabeleçam parcerias como forma de viabilizar a execução das mudanças.

Essas iniciativas inovadoras de algumas instituições de ponta da Europa podem ser consideradas como uma espécie de retomada de algumas características do capitalismo social em plena época do capitalismo flexível. Resta saber qual será a reação das corporações flexíveis e analisar com que força essas medidas vão se estabelecer no mundo para que, efetivamente, seus efeitos sejam compartilhados ou não por um número significativo de trabalhadores, tensionando a pós-modernidade a se flexibilizar para caminhar em outra direção rumo ao bem comum, fazendo com que o pólo econômico ceda mais espaço ao pólo político, na perspectiva do equilíbrio social, entendendo pólo político, conforme a Ergologia.

### **O crescimento do setor de serviços**

Nas últimas três décadas tem-se assistido a um deslocamento da centralidade no mundo do trabalho. O setor industrial, que “reinou” desde o período entre a Revolução Industrial, século XIX e a década de 80 do século XX, tem perdido cada vez mais espaço para o setor de serviços, que, não só vem ocupando o centro das relações de trabalho durante esses anos, como também, pelo que tudo indica, tende a crescer cada vez mais.

Essa mudança de paradigma provoca a exclusão de milhões de trabalhadores no mundo inteiro e a inserção de tantos outros no novo mercado de trabalho com sua nova estrutura e organização. Formados para trabalhar essencialmente no setor industrial, um conjunto significativo de trabalhadores enfrenta dificuldades diante dessa nova realidade, pois as habilidades por eles desenvolvidas já se tornaram obsoletas diante das

novas exigências. Para essa parcela da população, o problema é grave porque esse processo de mutabilidade parece ser irreversível. Isso implica o agravamento da situação.

Os antigos trabalhadores são forçados a ir em busca de novas formações para continuarem no mercado de trabalho, que a cada dia fica mais exigente e competitivo. Em alguns setores, no seio das empresas, a mudança chega a ser diária ou até mesmo a ocorrer mais de uma vez em um único dia. Nesse sentido, a palavra de ordem é flexibilidade, em toda amplitude que essa expressão carrega na sociedade atual, a depender da formação discursiva que dela se utilize em seus discursos.

Flexibilidade pode significar tanto abertura para executar uma nova tarefa que se soma a muitas outras que já fazem parte do dia-a-dia do trabalhador, como pode significar abertura para negociações trabalhistas, de acordo com os novos tempos, conforme a formação discursiva dos empresários, e ainda, pode significar abrir mão de conquistas históricas conseguidas a duras penas, inclusive com o sacrifício de vidas humanas, pelo conjunto de trabalhadores, segundo a formação discursiva dos trabalhadores.

Considerando-se, apenas, essas duas formações discursivas: a dos empresários e a dos trabalhadores, já é possível perceber que a expressão flexibilidade tem significados bem diferentes para cada uma delas, não simplesmente diferentes, mas, opostos porque ela está ancorada em posicionamentos divergentes entre si.

A era é do conhecimento e da informação. Os bens materiais cedem lugar aos bens simbólicos, como diria Bourdieu (2004). O real confunde-se com o virtual, aumentando ainda mais as dúvidas acerca do que é a realidade. A virtualidade além de imitar a realidade, muitas vezes a substitui passando como se fosse a própria realidade. Os recursos de *photoshop*, da computação gráfica, as transmissões da guerra das Malvinas, em 1982, da guerra do Golfo, em 1991, e outros mais estão aí para confirmar se o que se vê realmente existe ou é produto da imaginação de alguma “mente informatizada”, “conectada” aos novos tempos ou comandadas por interesses políticos e ideológicos alheios ao dever da informação.

Certas imagens estão, (...), de agora em diante, sob extrema vigilância, ou, para ser mais preciso, certas realidades estão estritamente proibidas de imagens, que é o meio mais eficaz de ocultá-las. Nada de imagem, **nada de realidade** (Grifos meus). Por exemplo, estados-maiores das forças armadas compreenderam isto desde a guerra do Vietnã. E nenhuma guerra depois, sobretudo as guerras comandadas pelos grandes Estados democráticos, foi objeto de transparência em matéria de informação. **Artifícios, mentiras, silêncios** (Grifos meus) tornaram-se norma, como se pôde constatar por ocasião das guerras das Malvinas em 1982, da guerra do golfo em 1991, e enfim da guerra da Bósnia entre 1993 e 1996. (RAMONET, 1999/2001: 28-29)

A importância crescente do setor de serviços exalta a relevância da informação e do conhecimento de tal modo que eles se convertem nos elementos substantivos da cultura atual. A cultura como informação se converte, por sua vez, numa mercadoria a mais, de modo que já se faz difícil a distinção entre produção e consumo, assim como, entre trabalho produtivo e não-produtivo.

O papel da imprensa, na totalidade, e a atividade do jornalista no âmbito de uma agência de notícias, em particular, têm se constituído fundamentais para os rumos da história da sociedade contemporânea. Após a televisão e o rádio, o jornal impresso ou digital é o meio de comunicação de maior influência no cenário nacional e internacional.

### **A informação e o papel da imprensa**

É inegável que a informação é algo imprescindível na nossa sociedade globalizada, que tornou o mundo “menor” e a transmissão dos acontecimentos em tempo real, simultâneo, seja pela televisão, por um aparelho de telefone ou pela internet. No caso dos jornais impressos, a “realidade” não é transmitida simultaneamente, cabendo a este veículo de comunicação funcionar, talvez, como um espaço de reflexão e análise dos fatos já noticiados por outros meios. Entretanto, a atuação dos jornais impressos ao mesmo tempo em que busca suprir a lacuna de um processo investigativo, reflexivo e analítico expõe também sua fragilidade no cumprimento dessa tarefa, pois o mundo no qual o próprio jornal está inserido e atua, exige e valoriza o show, o espetáculo e a rapidez em detrimento de análises profundas e reflexões cuidadosas. É o que se pode observar na afirmação a seguir:

O relato cotidiano dos acontecimentos de interesse público, conforme as normas de objetividade epistemológica, neutralidade axiológica e imparcialidade ideológica, é um bem em estado crítico. Buscado pelos profissionais mais sérios, e defendido doutrinariamente pelos pensadores da atividade, origina-se de um paradigma cada vez mais questionado por uma

sociedade entregue às paixões baratas e ao espírito leviano do consumismo de massas. (RÜDIGER in: MARSHALL, 2003: 11).

Vale salientar que, sob nossa concepção acerca dos processos de linguagem, a validade das afirmações relacionadas à neutralidade axiológica e à imparcialidade ideológica são passíveis de questionamentos, como se pode depreender no capítulo de fundamentação teórica desta tese. Entretanto, interessa-nos aqui o trecho final da citação a respeito da tendência à superficialidade da sociedade atual.

Na sociedade contemporânea já se construiu certo consenso em torno da importância do papel dos meios de comunicação. Há inclusive quem os considere o quarto poder no seio do Estado de direito – característica constitutiva e determinante dos regimes democráticos, como afirma Gómez (2001): *Na vida pública, parece evidente que a mediação e a transformação dos acontecimentos e dos processos de informação e participação política se desenvolvem quase que exclusivamente através dos meios de comunicação de massa.*

No Brasil, até mesmo pela incipiência de sua trajetória democrática, e pela fragilidade das instituições necessárias a um saudável exercício da democracia, os meios de comunicação acabam desempenhando um papel de fundamental importância nos rumos dos acontecimentos.

No caso da imprensa escrita, e particularmente dos jornais, a realidade é diferente: primeiro pelo nível de abrangência que este veículo tem, bem menor que a televisão; segundo, porque o público leitor do jornal, na sua grande maioria, faz parte de uma parcela da população que tem acesso a outros meios de comunicação e, regra geral, é mais exigente quanto ao produto que consome e aos serviços que o mercado da comunicação disponibiliza.

Num país de poucos leitores, como é o nosso, um jornal como a Folha de S. Paulo, por exemplo, tem uma tiragem de cerca de 350 mil exemplares diários, de segunda à sexta-feira, e de 430 mil exemplares aos domingos (dados da própria empresa), enquanto a produção de livro é de cerca de três exemplares por ano para cada habitante (dados do secretário de política cultural do MEC, no jornal *Folha de S. Paulo*):

[...] Nos EUA são produzidos 11 livros *per capita* ano, na França 7 e no Brasil 2,4. **Mesmo considerando que boa parte da leitura do Brasil não é feita em livros mas em jornais e revistas** (grifo meu), ainda assim lemos muito pouco, se comparados aos países avançados, e muitíssimo menos do que seria necessário para o desenvolvimento do país. [...] (di Cropani, 12 de Agosto de 1998)

Ao lado da televisão, o jornal é o meio de comunicação de maior influência no cenário nacional. Como exemplos dessa influência, podem-se citar três casos emblemáticos, devido à sua repercussão na vida política do país: a campanha pelas eleições diretas (1984), a eleição do presidente Fernando Collor de Mello (1989) e depois o movimento pelo seu *impeachment* (1992).

Diante dessa realidade, que explicita a importância da imprensa na sociedade contemporânea, é importante apresentar uma citação recente acerca de uma concepção a respeito da função que o jornal impresso pode desempenhar.

O jornalismo impresso, tradicionalmente forte no tratamento da informação, tem ficado refém das regras ditadas pelo modelo eletrônico. Ao atribuir à televisão a responsabilidade pelo emagrecimento de sua carteira de leitores, partiram, num erro estratégico, para um perigoso jogo de imitação. O jornalismo corre o risco de virar show business. Dominados pelo mundo do espetáculo, alguns jornalistas estão sendo empurrados para o incômodo papel de peça descartável na linha de montagem da ditadura do marketing. (*Carlos Alberto Di Franco*. Opinião em Foco, on-line. 17/03/2002. 21h11min.).

O trecho acima além de ressaltar a importância do jornalismo investigativo, sugere também o possível papel coercitivo de outros meios de comunicação, particularmente a televisão, na atividade do jornalista. Segundo o fragmento, alguns jornalistas estariam fadados ao desaparecimento devido à lógica ditatorial do marketing do espetáculo. Nessa disputa entre a televisão e o jornalismo impresso merece destaque o papel das agências de notícias em tempo real, articulando características desses dois meios de comunicação. Essa citação é importante porque expõe uma parte do contexto sócio-histórico no qual atua o jornalista/protagonista desta tese.

## **A organização da tese**

Esta tese apresenta quatro capítulos: 1) **O novo capitalismo e as mutações do mundo do trabalho**, 2) **Fundamentação teórica**, 3) **Metodologia**, 4) **Análise dos resultados** e, por último, as **Considerações finais**. Cada um desses capítulos guarda certo grau de autonomia e de dependência em relação aos demais, são capítulos interdependentes tanto no que se refere à temática como no que se refere à abordagem.

No primeiro capítulo, são apresentadas algumas mudanças importantes do mundo do trabalho e suas conseqüências sobre a organização das empresas e dos trabalhadores. A abordagem dessas mudanças está relacionada tanto ao capitalismo social quanto ao capitalismo flexível como duas variantes do modelo econômico em vigor na época.

No capítulo da Fundamentação teórica, são apresentadas as principais noções e conceitos que nortearam a pesquisa e seus respectivos autores, bem como a importância de cada um deles nos contextos em que desenvolveram suas contribuições nos dois domínios aqui envolvidos: da linguagem e do trabalho, de forma mais ampla, e sobre o jornalismo e a Análise do Discurso, de forma mais específica, conforme já aludidos neste item.

Na metodologia, procuramos apresentar o contexto mais específico da pesquisa, o protagonista, os procedimentos e as técnicas utilizados para a constituição do objeto de estudo, as categorias de análise empregadas, bem como apresentar o método de instrução ao sócia e a relevância do papel da linguagem.

O capítulo da análise dos dados apresenta, de forma mais operacional, as contribuições da análise do discurso no desvelamento de algumas complexidades da atividade do jornalista de uma agência de notícias, por meio da instrução ao sócia, estabelecendo a articulação entre as questões dos campos do trabalho e da linguagem. É neste capítulo que são utilizadas as categorias lingüístico-discursivas como forma de aceder à natureza da atividade e apresentar o papel da linguagem no desenvolvimento da atividade do jornalista, bem como a relação entre o prescrito e a execução das tarefas do jornalista e a centralidade da linguagem nessa atividade.

Nas considerações finais são realizadas algumas reflexões acerca dos resultados obtidos e das contribuições desta tese do ponto de vista metodológico e do ponto de vista teórico. Em relação à metodologia, são apresentadas reflexões sobre o método de instrução ao sócia como dispositivo revelador de complexidades do trabalho. Quanto à contribuição teórica, a reflexão recai sobre a concepção discursiva de jornalismo com a participação da Lingüística na discussão conceitual acerca dessa esfera de atividade humana.

## 1 O NOVO CAPITALISMO E AS MUTAÇÕES DO MUNDO DO TRABALHO

*(...) encontramos-nos hoje em meio a uma era moderna que perdeu contato com as raízes de sua própria modernidade. (Marshal Berman)*

*(Ernest) : - Nós somos vagabundos?*

*(Frank): - Não, nós não somos vagabundos. Vagabundo é quem não tem o que fazer; nós temos, só não o fazemos...(Tirinha do cartunista Bob Thaves)*



Nesta parte da tese, acerca de algumas mutações pelas quais passou a expressão trabalho, nos serviremos, inicialmente, das formulações do filósofo austro-francês André Gorz datadas de 1988. Para ele, o trabalho passou por mutações tanto em sua estrutura interna como também nas relações sociais por ele plasmada e determinada num processo dialético de reciprocidade.

[...] o trabalho tornou-se, especialmente a partir do final do século XVII e princípio do século seguinte, aquilo que Dominique Méda denomina de “fato social total”. Em nossa sociedade o trabalho foi elevado a fator estruturante da organização econômica, política e social. “Ele estrutura não somente a nossa relação com o mundo, mas também as nossas relações sociais. Ele é a relação social fundamental. Está, além disso, no centro da visão de mundo que é a nossa [...]”. O trabalho é a roda que gira a economia e a sociedade. Uma vez que o trabalho é colocado no centro da sociedade, essa passa a se identificar como sociedade do trabalho e na qual este é o seu fundamento. (GORZ, 1988/2003: 45)

Para que as sociedades se transformassem, como nós as conhecemos hoje, em sociedades do trabalho, este teve que sofrer uma grande mutação em sua natureza. Como se sabe, o trabalho, reconhecido como tal pela sociedade, é a forma particular de trabalho remunerado, ou seja, emprego. É este tipo de atividade que *se tornou a principal fonte de renda que permite aos indivíduos viver, mas que é também uma relação social fundamental e finalmente o meio para alcançar a abundância.* (GORZ, 1988/2003)

Nesse sentido, todo o trabalho deve apresentar as seguintes características:

- ser remunerado,
- ser realizado em vista da obtenção de uma renda,
- ser uma atividade social, socialmente definida e mediante a qual se alcança a abundância, isto é, as riquezas.

É a partir dessa lógica que se afirma: “O trabalho dignifica o homem”, ou que se instituem os dias úteis da semana, e assim por diante. É essa forma particular de trabalho chamado emprego que foi projetada para o centro da sociedade industrial. Sendo a mais difundida e valorizada. Não é por outra razão que a escassez de empregos provoca tanto frenesi em todos os setores da sociedade, especialmente no meio político. É porque seu desaparecimento coloca em xeque a estrutura inteira da própria sociedade. Desse modo, um aumento elevado na queda das oportunidades de emprego pode significar uma crise de proporções semelhantes da sociedade ou da marca maior de sua identidade. Não significa dizer que sociedade e emprego se fundem numa mesma coisa, mas que sem emprego esta sociedade perde a sua razão de ser.

Tirar o emprego é o mesmo que abrir um abismo intransponível diante de nós. A crise de empregos que todas as sociedades ocidentais hoje experimentam, em menor ou maior grau, aponta para a sua centralidade nestas sociedades, mas, historicamente, também denuncia um “reducionismo” da noção e da natureza daquilo que denominamos trabalho. Nas palavras de Gorz: *Atacar o ‘trabalho’ ou dizer que estamos caminhando para o ‘fim do trabalho’, é um ato de vandalismo injustificado contra a sociedade do trabalho.*

Por outro lado, o conceito genérico ‘trabalho’ esconde muitas formas de atividades praticadas, como veremos mais adiante. O termo serve como uma espécie de guarda-chuva que abriga todas as atividades humanas. Na sociedade do trabalho todo ato humano é trabalho: a atividade realizada pela mulher que cuida das crianças em casa, aquilo que o operário faz na indústria, a composição de uma música ou o ato de pintar um quadro, o parto realizado pela grávida... A noção ‘trabalho’ tornou-se onipresente. É como o ar que se respira. Tudo remete a ele e tudo dele depende. Afirmar que algo é tudo equivale a dizer que se perdeu a particularidade que confere às coisas

uma singularidade, uma identidade no reino da existência. No caso do trabalho, afirmar que tudo está a ele relacionado pode não significar perda total de identidade, mas a sua dispersão e, como consequência, o aumento da distância considerável de uma definição, ainda que aproximada e com lacunas.

O autor procura definir o que é o emprego e quais são as suas implicações para a nossa sociedade; num segundo momento passa a definir o que entendemos por trabalho e acenar para as novas possibilidades que esta concepção pode trazer para uma sociedade de multiatividades.

Antes, porém, ele discorre sobre como o trabalho chegou a ser o que é hoje e que fatores foram determinantes para que a nossa sociedade viesse a se compreender como uma sociedade assalariada. Dessa maneira, contribui para um debate sobre a natureza e o lugar do trabalho na nossa sociedade e ao mesmo tempo para que se perceba a força potencializadora que uma outra compreensão do termo pode assumir na construção de uma nova organização social.

### **1.1 O trabalho antes e na pós-modernidade**

Gorz parte da constatação de que historicamente o trabalho nem sempre foi aquilo que ele é hoje. *O que nós nos acostumamos a chamar trabalho é uma invenção da modernidade. A forma sob a qual o conhecemos, praticamos e o situamos no centro da vida individual e social, foi inventada, e em seguida generalizada com o industrialismo.* (GORZ, 1988/2003). A compreensão que dele temos e o lugar que lhe damos são novos.

Para uma visão mais ampla da noção de trabalho, um olhar de longo prazo, ainda que breve, pode ser útil. Gorz olha, particularmente, para a realidade e o significado desta realidade a que denominamos trabalho entre os gregos.

Os gregos, segundo o autor, faziam uma diferenciação aguda entre as atividades que constituíam a *vita activa*. Eles distinguiam o labor, o trabalho e a ação. O **labor** está relacionado à luta pela sobrevivência física do corpo. É realizado em vista da manutenção da vida e da sobrevivência da espécie humana. Está associado ao processo

biológico do corpo, havendo estreita relação entre produção e consumo. Tudo o que é produzido pelo labor é destinado ao consumo imediato, motivo pelo qual não deixa nada atrás de si, a efemeridade é sua marca.

Ainda segundo o autor, o labor apresenta as seguintes características:

- é menosprezado,
- não glorificado,
- pertence ao reino das necessidades,
- é realizado na esfera doméstica ou privada
- distingue-se pela sua transitoriedade,
- é marcado pela eterna circularidade entre produção e consumo.

O labor está na base piramidal hierarquizada de valores do ideal grego, abaixo do trabalho e da ação.

Um segundo grupo de atividades é aquele denominado de **trabalho**. O trabalho é a atividade correspondente ao artificialismo da existência humana, existência esta não necessariamente contida no eterno ciclo vital da espécie, e cuja mortalidade não é compensada por este último. Ele produz um mundo ‘artificial’ de coisas, nitidamente diferente de qualquer ambiente natural. Dentro de suas fronteiras habita a vida de cada indivíduo, embora esse mundo se destine a sobreviver e a transcender todas as vidas individuais. A condição humana do trabalho é a mundanidade.

No trabalho tem-se a presença do *homo faber* em contraposição ao “*animal laborans*”, este requer o organismo humano por inteiro e está relacionado às necessidades corporais. Já o *homo faber* caracteriza-se pelo uso das mãos, com elas o homem fabrica a infinita variedade de coisas que o rodeiam e passam a constituir a sua mundanidade. O *homo faber* é dependente das suas mãos, elas são o seu instrumento primordial. Trata-se de um ser que ao se constituir pela construção de seus instrumentos, constitui também o seu mundo e, por isso, ocupava um lugar superior ao ser do labor na hierarquia grega.

Se o labor combina necessidade e futilidade, o trabalho combina permanência e liberdade. O trabalho, também chamado de *poiësis*, não está mais a serviço das necessidades e dos constrangimentos materiais da subsistência. Por esse motivo, ele pode prescindir deste nível

elementar e tornar-se criação, inovação, expressão, realização de si. (GORZ, 1988/2003: 57).

A terceira atividade fundamental da *vita activa* é a **ação** ou a *praxis*. “A ação, única atividade que se exerce diretamente entre os homens sem a mediação das coisas ou da matéria, corresponde à condição humana da pluralidade, ao fato de que homens, e não o Homem, vivem na Terra e habitam o mundo”.

Gorz define quatro características básicas que servem como distinção da ação em relação ao labor e ao trabalho:

- a pluralidade,
- a não mediação material,
- o fato de ser exercida na esfera pública e
- a liberdade.

Segundo o autor:

“No homem, a alteridade, que ele tem em comum com tudo o que existe, e a distinção, que ele partilha com tudo o que vive, tornam-se singularidade, e a pluralidade humana é a paradoxal pluralidade de seres singulares”. A singularidade própria da ação aparece na sua intransferibilidade. É possível que alguém faça outros trabalharem no seu lugar e assim lhe providenciam a sobrevivência, mas não é possível que abduca do discurso e da ação, uma vez que “trata-se de uma iniciativa da qual nenhum ser humano pode abster-se sem deixar de ser humano”. Não há vida humana sem ação. (GORZ, 1988/2003: 59)

Ao contrário do labor e do trabalho, a ação não tem mediação material. A *praxis* é exercida diretamente entre as pessoas. A ação e o discurso são capacidades humanas imprescindíveis. *Na ação e no discurso, os homens mostram quem são, revelam ativamente suas identidades pessoais e singulares*. Cada ser humano se revela plenamente aos outros naquilo que é, comunicando-se. É no discurso e na ação que ele se mostra aos outros na sua individualidade.

Por essas razões, o lugar próprio da ação ou da *praxis* é a esfera pública, não a vida privada. A pólis grega é o lugar por excelência onde se constrói a comunidade pelo agir e pelo falar, mas também o lugar da aparência, daí a preocupação dos gregos com a

constituição do ethos dos oradores, é a importância da imagem projetada pelo enunciador por meio de sua enunciação e concretizada em seus enunciados.

A ação produz uma realidade distinta da do labor e do trabalho; o “produto” mais imediato da ação é a realidade do próprio eu, da própria identidade ou a realidade do mundo circundante. A práxis não produz objetos, mas, acima de tudo, reflexões, ensinamentos, relações. Refere-se à produção de sentido, à produção do humano nas pessoas e delas entre si. Por isso a insistência de que *só a ação é prerrogativa exclusiva do homem*.

Mas, tais produções só podem ser alcançadas num espaço em que predomina a liberdade. É evidente que neste estágio o suposto fundamental é que as necessidades já tenham sido atendidas. A pólis não nega a esfera privada, o espaço da família, da economia, da necessidade, mas a transcende.

O trabalho não podia ser o fundamento que unia os homens em sociedade. As ligações sociais estavam antes fundadas em outros lugares, que não na economia. Os costumes, as leis, a magia e a religião eram suportes fundamentais para a coesão e a integração social. Eles constituíam um todo, no qual a organização econômica era apenas um elemento.

A rigor, como enfatiza Gorz, o labor não pode jamais ser o fundamento da coesão social, pois não é isso que ele realiza: este “trabalho” necessário à subsistência não pode jamais converter-se num fator de integração social. Era, antes, um princípio de exclusão: aqueles que o realizavam eram tidos como inferiores em todas as sociedades pré-modernas. Mais do que incluir, ele exclui, mais do que conduzir à igualdade entre todas as pessoas, ele introduz irremediavelmente à submissão e à heteronomia.

Gorz relê os gregos particularmente a partir das noções de labor e trabalho e afirma que aquilo que nós chamamos de trabalho não é rigorosamente nem labor nem trabalho, mas é uma simbiose das duas atividades. Para ele, esse novo trabalho apresenta as seguintes características:

a) É realizado na esfera pública. Ele sai do esconderijo da esfera privada a qual era submetido no mundo antigo e passa a ser realizado no coração do espaço público, à

vista de todos. Havia, no mundo antigo, certa simetria entre a esfera privada, o mundo da família e a economia.

b) É um esforço humano remunerado. O trabalho reconhecido como útil pela sociedade é aquele que é remunerado. Esta é a principal característica do trabalho moderno. Pelo trabalho remunerado (e mais particularmente pelo trabalho assalariado) é que pertencemos à esfera pública, conseguimos uma existência e uma identidade sociais (ou seja, uma profissão), estamos inseridos numa rede de relações e intercâmbios na qual nos medimos com os outros e nos são conferidos direitos sobre eles em troca de nossos deveres para com os mesmos. A transformação do trabalho assalariado no principal elemento de socialização foi responsável não só para que a sociedade industrial se distinguisse de todas as sociedades precedentes, mas para que se autodenominasse como “sociedade de trabalhadores”.

c) É fator de exclusão social. Ao fazer a distinção entre labor e trabalho, Gorz procura explicitar a impossibilidade de libertação pelo trabalho, uma vez que ele sempre se realiza em condições de poder extremamente desiguais, na qual o trabalhador tende sempre a ceder às exigências do patrão, seja para ingressar no mercado de trabalho, seja para permanecer nele.

A perspectiva de inclusão social que o trabalho moderno arroga para si esconde uma outra mutação na natureza do trabalho: de algo desprezível, para os antigos, transforma-se numa virtude, num valor. Por não ser um valor para os antigos a própria idéia de ‘trabalhador’ era inconcebível: “condenado à servidão e à reclusão na domesticidade, o ‘trabalho’, longe de conferir uma ‘identidade social’, definia a existência privada e excluía do domínio público àquelas e àqueles que estavam submetidos a ele”. (GORZ, 1988/2003: 65)

A divisão social do trabalho implica ainda a contradição entre o interesse do indivíduo singular ou da família singular e o interesse coletivo de todos os indivíduos que se relacionam entre si. Mais ainda, esse interesse coletivo não existe apenas, digamos, na idéia, enquanto interesse universal, mas sobretudo na realidade como dependência recíproca dos indivíduos entre os quais é partilhado o trabalho. Podemos acrescentar aqui a importância da atuação do sujeito, na sua singularidade, com sua maneira bastante peculiar para realizar a tarefa, ou seja, podemos lançar mão do *estilo profissional*, como afirmam Clot e Faïta, e do que Shwartz designa como *uso de si*.

Essa divisão do trabalho oferece-nos o primeiro exemplo do seguinte fato: a partir do momento em que os homens vivem na sociedade natural, desde que, portanto, se verifica uma cisão entre o interesse particular e o interesse comum, ou seja, quando a atividade já não é dividida voluntariamente, mas sim de forma natural, a ação do homem transforma-se para ele num poder estranho que se lhe opõe e o subjuga, em vez de ser ele a dominá-la. Com efeito, desde o momento em que o trabalho começa a ser repartido, cada indivíduo tem uma esfera de atividade exclusiva que lhe é imposta e da qual não pode sair, é caçador, pescador, pastor ou crítico e não pode deixar de o ser se não quiser perder os seus meios de subsistência.

## **1.2 O trabalho no capitalismo flexível**

A partir de uma abordagem, apesar de resumida, sobre a origem da expressão trabalho, trataremos, de agora em diante, das questões do trabalho no contexto do *capitalismo flexível*, termo cunhado pelo sociólogo Richard Sennett na década 1980. Nesse modelo econômico, tem-se a força avassaladora do mercado que tudo promete e parece ser capaz de tudo. Para ele não há limites nem fronteiras. Como afirma Berman (1982/1986): *Um mercado mundial que tudo abarca, em crescente expansão, capaz de estarrecedor desperdício e devastação, capaz de tudo exceto solidez e estabilidade.*

Como vimos na introdução, a palavra-chave desse novo formato de capitalismo é a flexibilidade. Esse capitalismo possibilita que as empresas disponham de inúmeras funções para movimentar a produção, ao contrário do capitalismo primitivo, que oferecia às empresas um conjunto predeterminado de ações para que essas desenvolvessem sua produção, estabelecendo um ambiente de relativa estabilidade no qual a rotina era um elemento constitutivo, assim como a previsibilidade e os resultados a longo prazo também dele faziam parte. Como afirma Sennett (2006): *(...) a organização flexível pode selecionar e desempenhar a qualquer momento apenas algumas de suas múltiplas funções. Na corporação ao velho estilo, em contrapartida, a produção ocorre através de um conjunto preestabelecido de atos; os elos da cadeia são fixos.*

Isto significa que a dinâmica do mundo do trabalho guardava certa relação com a organização familiar, na qual os planos de aquisição da casa própria por meio de um longo período de financiamento, por exemplo, eram absolutamente compatíveis, pois havia poucas mudanças de emprego e era natural pensar numa carreira na empresa que desse a segurança necessária para um investimento dessa envergadura.

Essa flexibilidade do novo capitalismo pode parecer, num primeiro momento, algo incontestável até mesmo pelo simples fato de ninguém advogar a rigidez num mundo repleto de mudanças e de tantas possibilidades de realização das mais variadas ações proporcionadas, sobretudo, pelo avanço das tecnologias da informação e pelo processo de globalização, que estabelece, a cada momento, novos parâmetros de análise, devido, inclusive, à realidade multicultural que institui.

As nações na sua singularidade se dissolveram e em lugar delas surgem nações multinacionais. Esse paradoxo é apenas aparente, uma vez que em um determinado país encontram-se produtos de diversos outros, o mundo dos negócios e as atividades culturais, mediados pelas novas tecnologias, ultrapassam as tênues fronteiras entre os povos, fazendo com que pessoas que se encontram em dois extremos do mundo, por exemplo, tenham contato e experimente um pouco de hábitos e costumes em princípio alheios à sua cultura. O mundo não diminuiu, mas as distâncias entre os pontos ficaram mais curtas, reduzidas, às vezes, à fração de segundos devido à agilidade proporcionada por um simples teclado de um computador pessoal.

Nesse sentido, flexibilidade é uma imposição da nova realidade na qual estamos inseridos. Entretanto, vale salientar que há vozes dissonantes quanto à unanimidade do significado e das conseqüências da flexibilidade. Se por um lado, devemos estar abertos a novas possibilidades de realização de qualquer tipo de ação, a novas formas de encarar as situações do dia-a-dia, contra a calcificação das idéias, por outro, ninguém consegue viver saudavelmente sem o mínimo de estabilidade, o mínimo de rotina em sua vida. A compreensão da expressão está relacionada com o posicionamento, com a formação discursiva de cada um

Toda essa instabilidade, diretamente relacionada à flexibilidade, pode também gerar ansiedade e medo numa dosagem que cause dano a qualquer ser humano. Como

afirma Sennett (2006): *A rotina pode apequenar, mas ela também pode proteger. Ou ainda: Imaginar uma vida de impulsos momentâneos, de ações de curto prazo, destituída de rotinas sustentáveis, uma vida sem hábitos, é imaginar, de fato, uma existência sem sentido.*

Assim, pode-se afirmar que a natureza da sociedade atual, movida pelo capitalismo flexível, seja a liquidez, conforme classificação de Bauman (2000/2001). Vivemos sob a modernidade líquida porque não é possível perceber uma forma, um desenho que a represente nem muito menos um recipiente que a acomode pelo simples fato de que ela pode, a um só tempo, adequar-se a todo e qualquer recipiente, como também a nenhum continente. Se por um lado, os sólidos desmancham no ar, por outro, tudo que é líquido pode ser contido, transbordar e se espalhar tornando-se difícil ou até mesmo impossível qualquer forma de controle sobre ele. É a liquidez e a fluidez contribuindo para a instabilidade e para as metamorfoses do novo sistema. Contudo, há de se notar que se trata de uma liquidez que não evapora, mas, permanecendo liquefeita transita de um conduto a outro com muita facilidade.

De um lado, a maleabilidade, a plasticidade, a constante mutabilidade, do sistema atual; de outro, a inconstância, a imprevisibilidade, a insegurança, a ansiedade, o medo do novo mundo. De um lado, a radicalidade das transformações há muito desejadas por grande parte da humanidade, de outro, a superficialidade e a fragilidade resultante das mudanças constantes, a falta de chão firme para se caminhar na mais curta distância entre dois pontos.

Nas empresas, hoje em dia, a ordem é que se trabalhe em equipe, mas as metas a serem cumpridas estabelecem uma constante disputa entre equipes e até mesmo internamente no seio de uma mesma equipe. Fala-se em planejamento estratégico, mas o que realmente importa é o que se faz a cada dia, sendo que nenhum dia é igual a outro, as tarefas se acumulam e se complexificam para cada trabalhador, sem que eles disponham de tempo para reflexão acerca das tarefas anteriores. Os desafios, que antes eram esporádicos, agora fazem parte do cotidiano dos trabalhadores, que não conseguem sequer respirar aliviado após o cumprimento de uma difícil meta porque uma nova e maior já se apresenta em seu horizonte, ou melhor, bem à sua frente, na tela de um computador.

A dinâmica imposta pelo próprio sistema capitalista de novo tipo faz com que os trabalhadores não questionem essa realidade. As coisas são assim mesmo, parecem acreditar. O mundo todo está assim, não há outra coisa a fazer a não ser cumprir o que se determina, mesmo sem saber de onde vêm essas determinações. É o que se pode depreender da fala do jornalista/protagonista deste estudo quando ele se utiliza do pronome você de forma genérica, designando não um ser em particular, mas todo e qualquer ser que se encontre naquela situação de trabalho. Esse tipo de ocorrência linguageira, apenas mencionada aqui, será tratada no capítulo sobre a análise dos dados.

As metas devem ser alcançadas porque isso pode representar, para o empregado, recebimento de prêmios e até mesmo a continuidade no emprego. Que isso seja feito, de preferência, sem questionamentos, porque metas existem para serem cumpridas e não, discutidas. É como se elas existissem por si mesmas, como se não fossem definidas por uma equipe de pessoas que ocupam poder de mando, ainda que esse poder seja exercido, muitas vezes pelos consultores, que muito pouco ou nada têm a ver com a cultura da empresa.

Disso resulta outro problema: a quem compete a prestação de contas pelos resultados prometidos e pelos efetivamente alcançados? Quem estabelece as grandes metas a serem alcançadas pelas corporações não fica nas empresas e os centros de comando dessas empresas “transferem” essa responsabilidade para a consultoria. É a partir daí que os comunicados das corporações são publicados pelas equipes de incentivo. Esses comunicados versam, regra geral, sobre o seguinte conteúdo: “Pessoal, nossa meta para este mês é essa. Vamos todos arregañar as mangas e com muito empenho, determinação e garra superar mais este desafio (...).” Essa era uma mensagem de um grande banco de São Paulo. Esse problema de não definição clara de responsabilidade também ocorre no universo da informação, conforme assinala Ramonet (1999/2001), citando o jornalista Ryszard Kapuscinski, este, comentando o desprestígio da profissão nos dias atuais:

Nossa profissão mudou profundamente. Antigamente, o jornalista era um especialista. A profissão contava com algumas grandes figuras e os efetivos eram limitados. Esse tipo de jornalista vem desaparecendo progressivamente há vinte anos. O que era um pequeno grupo transformou-se numa classe. Dando cursos na Universidade de Madri, descobri que entre as redações e as escolas podíamos contar, só naquela cidade, 35.000 jornalistas! Nos Estados Unidos, utiliza-se agora o termo *media workers* para designar as pessoas que trabalham nos jornais. Isto ilustra muito bem o anonimato. Basta olhar as assinaturas : não se reconhece nenhuma. Mesmo na

televisão, antes de chegar à tela, uma informação passa por dezenas de mãos, ela é cortada, fragmentada para finalmente ser identificada com nenhum autor. **O autor desapareceu. Isto é importante porque, neste contexto, ninguém é mais diretamente responsável.** (Grifos nossos) (RAMONET, 1999/2001: 52)

No caso do funcionamento da agência de notícias em tempo real, objeto desta tese, essa responsabilidade também fica diluída, uma vez que o jornalista recebe as informações das fontes e procede a um processo de cruzamento das mesmas sob a égide dos valores da empresa: rapidez, **exatidão**, confiabilidade, **imparcialidade (grifos nossos)**, e busca a produção da notícia na perspectiva de apagamento de marcas de subjetividade, como se pode observar nos trechos da fala do jornalista/protagonista, no capítulo de análise.

A ação da mão invisível do mercado por meio dos investidores exige inovação, ousadia, comportamento arrojado das corporações. Para isso a contratação de consultorias é uma das formas de materialização dessas exigências ou dessas condições para a devida valorização das ações dessas empresas no mercado de capitais. Contratar consultorias significa, para o mercado ávido por inovações, que se trata de uma corporação preocupada em acompanhar o que de mais “avançado” está se fazendo no mundo dos negócios e do trabalho, trata-se de uma empresa na qual vale a pena investir, pois o retorno a curto prazo tende a ser mais garantido do que o investimento em outra firma que não demonstre esse tipo de preocupação ou não tenha esse tipo de procedimento.

Acerca da importância das consultorias e das responsabilidades diluídas sobre a prestação de contas, Sennett (2006) afirma:

Ao contratar consultores, os executivos que se encontram no centro da máquina MP3 podem eximir-se da responsabilidade pelas decisões dolorosas. A unidade central comanda mas evita a prestação de contas. Na prática são poucos os consultores que entram para as empresas por eles reorganizadas, e portanto também eles evitam ter de prestar contas. Este divórcio entre o comando e a prestação de contas explica a força política das práticas de consultoria.

(...) Ao criar distâncias sociais que divorciam o controle da prestação de contas, a consultoria revela uma alteração fundamental do terreno burocrático, uma reformatação da desigualdade. O poder pode concentrar-se no alto, mas nem por isso a autoridade aumenta. (SENNETT, 2006:57).

Não se trata aqui de eleger as consultorias como bode expiatório para explicar as complicações do novo capitalismo, mas sim, de entender o papel decisivo que elas desempenham no mundo do trabalho como elemento constitutivo desse universo para

que melhor se compreendam as complexidades do trabalho. A máxima segundo a qual *tempo é dinheiro* nunca foi tão presente como nos dias atuais. E cabe às consultorias propor novas formas de organização para que as empresas lucrem mais num espaço de tempo cada vez menor, afinal de contas o tempo urge, diz a voz unissonante dos investidores.

A diluição de responsabilidades é uma das principais características da *modernidade líquida* e do *capitalismo flexível*. Essa diluição gera ambigüidade, outra importante característica dos novos tempos. A ambigüidade está entre o alcance dos resultados a qualquer custo e a prestação de contas. Se eles não forem alcançados, o que acontecerá? Com quem serão discutidas as razões pelas quais eles não foram obtidos? Haverá punição ou prêmio de consolação? Haverá reunião para tratar do assunto? Para esses possíveis questionamentos não há resposta específica, depende de cada empresa. Em vez de “perder tempo” discutindo sobre o assunto prefere-se pensar no cumprimento da próxima meta, que, certamente, será maior e mais desafiadora que a anterior.

Não é apenas a mão do mercado que é invisível no novo capitalismo, no seio das próprias corporações também não se sabe muito bem de onde vêm as ordens e como nem a quem prestar contas. Isso não significa que os funcionários ficam à deriva nessa questão. Pelo contrário, há nas empresas um setor monitorando todos os resultados da corporação e é com base nos dados fornecidos por esse setor que são realizadas as avaliações de desempenho de cada funcionário. Portanto, trata-se de um tipo de organização na qual não se sabe muito bem a quem recorrer quando se precisa de esclarecimentos. As linhas gerais já foram fornecidas pelos líderes das equipes, cabe a cada um encontrar formas para torná-las exeqüíveis.

Sobre esse divórcio entre o centro decisório e a periferia executora das tarefas decididas alhures, afirma Sennett, com base no modelo desenvolvido na General Motors, na década de 1950:

A superestrutura que organiza e dirige a produção (...) extrai todo trabalho cerebral possível da casa; tudo é centralizado nos departamentos de planejamento, cronograma e projeto. Arquiteticamente, isso significava afastar os técnicos e administradores o máximo possível da maquinaria pulsante. Os generais do trabalho, assim, perdiam o contato físico com suas tropas. O resultado, porém, só reforçava os males embrutecedores da rotina para o trabalhador da base, cuidando só de detalhes, divorciado de qualquer decisão ou modificação em relação ao produto no qual está trabalhando. (SENNETT, 1998/2006: 47).

Diante desse fato, sob certos aspectos do taylorismo, pode-se afirmar que, mesmo no capitalismo flexível, Prometeu<sup>2</sup> continua acorrentado. Os setores periféricos das empresas continuam apartados das decisões que movimentam as corporações onde trabalham. Os segmentos de base das empresas não são chamados a decidir como executar as grandes decisões já tomadas fora de seu alcance, sem sua participação efetiva. Na realidade, eles são convidados a gerir suas tarefas, a serem proativos para atingir as metas, anteriormente e por outros, estabelecidas.

É verdade que hoje, no capitalismo flexível, já não existe o que se denominava por alguns estudiosos das questões do trabalho no taylorismo de “tempo milimétrico”, ou seja, cada fração de segundo era milimetricamente controlada em prol da produção, em combate ao desperdício causado pela dispersão de qualquer natureza, inclusive, relacionada ao processo comunicacional. Tentou-se, nesse período, proibir a linguagem verbal no ambiente de trabalho, como bem o demonstrou a personagem central do filme *Tempos Modernos*, de Charles Chaplin.

Todo funcionamento das corporações no capitalismo flexível está baseado no sistema de redes, em que pese os elos entre os segmentos muitas vezes serem frouxos ou pouco consistentes. Essa frouxidão pode ser percebida quando se aciona um serviço de telemarketing, por exemplo. Um setor quase nunca sabe nada do que o outro setor já providenciou ou deixou de providenciar para atender à solicitação do cliente, fazendo com que este tenha de repetir o problema várias vezes e de ficar muito tempo esperando para ser atendido por algum ser humano após um longo diálogo com as máquinas e de ouvir dezenas de vezes a mesma música durante o período de espera.

Essa realidade que se exterioriza para além das paredes da empresa, demonstra que as equipes não dialogam, que a rede entre as equipes, para melhor atender o cliente, muitas vezes tem pouca funcionalidade, tem pouca eficácia, provocando mais irritação que satisfação no atendimento. Resultado absolutamente indesejado para as corporações, ainda mais em um mercado extremamente competitivo como o atual.

---

<sup>2</sup> Deus da mitologia grega que foi acorrentado nos rochedos, a mando de Zeus, por ter fornecido o segredo do fogo aos humanos. Durante o dia seu fígado era devorado por uma águia e à noite ele era reconstituído porque Prometeu era imortal. No dia seguinte, seu fígado tornava a ser devorado. Esse castigo durou 30.000 anos.

Nessa tentativa de diálogo, marcada pelas intermitências por absoluta falta de informação do atendente, ambos ficam estressados, cliente e funcionário, tornando o ambiente de trabalho cada vez mais tenso e com poucas razões para motivação.

Talvez, essa realidade seja criada pelo fato de esse novo modelo organizacional engendrar certa contradição: ao mesmo tempo em que estabelece como condição para a sua própria existência a flexibilidade, também estabelece um *script* para ser seguido com muito rigor por determinados segmentos do setor de prestação de serviços. Tem-se aí a junção de dois termos incompatíveis: flexibilidade e rigidez. Mais uma vez pode-se convocar a questão do tempo como a causa dessa contradição. A flexibilidade nesses casos limita-se aos procedimentos que o funcionário lançará mão para fazer valer o rigor do enunciado “fechado em si mesmo”. Cada trabalhador é “forçado” a se utilizar de algumas atitudes para viabilizar sua atividade no espaço conflituoso entre a prescrição e a realização das tarefas.

Nesse caso, é possível que haja, por parte das corporações, uma concepção de linguagem como transparência. A relação entre os interlocutores, nessa concepção, em nada interfere sobre os efeitos de sentido efetivamente produzidos no processo enunciativo. O *script* toma o lugar da enunciação e do enunciado, bastando-se a si mesmo.

Vemos, diante dessa realidade, outra contradição, em plena sociedade do conhecimento e da informação, certa tentativa não de apagamento, mas de restrição do uso da linguagem no ambiente de trabalho, não por imposição em forma de ordem de quem quer que seja, mas pelo próprio formato de organização e funcionamento da empresa essa restrição se estabelece por meio do processo de monitoramento do atendimento por um funcionário superior na hierarquia da firma. Esse monitoramento vai muito além das restrições inerentes a qualquer processo comunicacional estabelecido pela formação discursiva, da qual o enunciador faça parte, pelo lugar discursivo que ele ocupa. Formação discursiva entendida como um conjunto de restrições que delimitam a constituição do enunciado. Sobre esse assunto trataremos no próximo capítulo.

É justamente no seio desse lugar discursivo que os prescritores tentam restringir ao máximo a atuação dos funcionários por meio dos *scripts* rigorosos, colocando lado a lado, na mesma condição, homens e máquinas na execução das tarefas profissionais, uma vez que os funcionários devem agir mecanicamente, repetindo os *scripts*, sem demonstrar qualquer preocupação em ouvir o cliente, e sim cumprir rigorosamente as determinações. Porque o trabalhador sabe que, no fim das contas, o seu líder imediato verificará se ele deixou de cumprir alguma das etapas. Não existe flexibilidade quanto a isso, o que existe é a exigência do cumprimento das regras, das normas, dos procedimentos, e tudo isso já foi devidamente pensado e elaborado por “quem realmente entende do assunto”. Se o trabalhador fizer o que está escrito nada dará errado. Acredita-se.

Talvez isso ocorra devido ao fato de as empresas no capitalismo flexível estarem, contraditoriamente, mais preocupadas em enquadrar as pessoas, tornando-as rendidas em vez de maleáveis, fazendo com que elas se curvem numa determinada direção, mas sem oferecer-lhes a possibilidade de retorno à posição de origem. É o que afirma Senett (1998), ao resgatar o sentido original da palavra flexibilidade na língua inglesa:

A palavra “flexibilidade” entrou na língua inglesa no século quinze. Seu sentido derivou originalmente da simples observação de que, embora a árvore se dobrasse ao vento, seus galhos sempre voltavam à posição normal. “Flexibilidade” designa essa capacidade de ceder e recuperar-se da árvore, o teste e restauração de sua forma. Em termos ideais, o comportamento humano flexível deve ter a mesma força tênsil: ser adaptável a circunstâncias variáveis, mas não quebrado por elas. A sociedade hoje busca meios de destruir os males da rotina com a criação de instituições mais flexíveis. As práticas de flexibilidade, porém, concentram-se mais nas forças que dobram as pessoas. (SENNETT, 1998/2006: 53).

Nesse sentido, uma sociedade baseada na flexibilidade seria o caminho para a libertação humana. É o que se espera. Porém, não é bem isso que ocorre no dia-a-dia das empresas ditas flexíveis.

A repulsa à rotina burocratizada e a busca da flexibilidade produziram novas estruturas de poder e controle, em vez de criarem as condições que nos libertam.

O sistema de poder que se esconde nas modernas formas de flexibilidade consiste em três elementos: reinvenção descontínua de instituições; especialização flexível de produção e concentração de poder sem centralização. (SENNETT, 199/20068: 54).

Com isso tem-se que as corporações passam por inúmeras mudanças e essas tendem a continuar ocorrendo. Por outro lado, os trabalhadores devem se desdobrar a fim de dar conta de suas tarefas cada vez mais complexas para obedecer a ordens que

existem, mas ninguém fica sabendo muito bem onde e por quem foram gestadas. Tudo funciona como uma infinita rede comunicacional na qual os componentes são, a um só tempo, importantes e descartáveis, absolutamente substituíveis, desde que não seja mais útil para o funcionamento da aparente leve estrutura das conexões.

A pedra angular da prática administrativa moderna é a crença em que as redes elásticas são mais abertas à reinvenção decisiva que as hierarquias piramidais, como as que governavam a era fordista. A junção entre os nódulos na rede é mais frouxa; pode-se tirar uma parte, pelo menos em teoria, sem destruir as outras. O sistema é fragmentado (...).

(...) Os administradores usam programas de computador que padronizam procedimentos operacionais (SIMS); com o uso de programas SIMS, uma empresa muito grande pode ver o que todas as células de sua colméia institucional estão produzindo, e assim eliminar rapidamente as unidades repetitivas ou ineficientes. (SENNETT, 1998/2006: 55-56).

Com base nessa declaração, podemos afirmar que, além de sua natureza maleável, um dos componentes fundamentais do capitalismo flexível é o controle sobre as ações dos trabalhadores como mais um elemento da engrenagem, para usar uma expressão típica de outro momento das organizações do mundo do trabalho, ou, para usar uma expressão da atualidade e mais condizente com a nova realidade, da rede de conexões organizada muito mais sob os ditames da sociedade globalizada do que para atender a uma particularidade localizada no tempo e no espaço. Com as novas tecnologias, as informações circulam numa quantidade e numa velocidade fenomenal atravessando as tênues fronteiras e invadindo os mais diferentes rincões.

Que o controle sempre foi uma marca indelével do capitalismo desde suas origens, disso já se sabe. Contudo, analisar suas conseqüências é importante e urgente. O controle, no atual estágio do sistema capitalista, no mundo do trabalho, antes mesmo de ser exercido no seio da própria empresa obedece a uma lógica no plano mundial onde as fronteiras entre localidades são cada vez mais frágeis e fluidas, como se as peculiaridades não existissem. A multiculturalidade, outra expressão muito cara ao novo sistema, se impõe de forma decisiva. Esse tipo de controle do exterior coloca na ordem do dia a questão da identidade das corporações e, como conseqüência, a identidade do trabalhador, uma vez que provoca uma série de mudanças em níveis nunca antes imaginadas no universo do trabalho, incluindo as relacionadas ao caráter, ao debate de valores, conforme a Ergologia.

Uma sociedade multicultural há muito tem sido o desejo de boa parte da humanidade. Essa realidade, objeto de desejo, possibilita o contato com as diferenças e estabelece a necessidade de se trabalhar com elas e por elas. Conhecer as diferenças e ter disposição para se trabalhar com elas é, sem sombra de dúvidas, condição para os tão propalados trabalhos em equipe.

Não se trata aqui de se trabalhar os conflitos, mas de se encontrar meios, uma espécie de atalho, para evitar sua existência. Afinal de contas, o tempo, apesar de não ser mais milimetricamente considerado, pelo menos nos moldes tayloristas, é cada vez mais precioso para ser desperdiçado com questões dessa natureza. Portanto, na sociedade cuja base de tudo é a alta velocidade, não há espaço para questões que demandem muito tempo de discussão.

Mais uma vez, o fato de não se “perder tempo” num dado momento pode significar prejuízos enormes, em outro. Entretanto, segundo os ideólogos das instituições flexíveis, esse é apenas mais um risco, dentre tantos outros, a se correr para conquistar o lugar no paraíso das empresas bem-sucedidas. Para eles, o processo reflexivo só faria sentido se acarretasse reações imediatas, pois o médio e o longo prazos eram integrantes de outra realidade que não pode mais voltar, significam coisas ultrapassadas, não fazem parte de seus vocabulários, não habitam suas mentes nem seus corações ávidos por resultados a curto prazo.

Todo esse processo de mudança e de controle do capitalismo flexível exige do trabalhador a mobilização de um conjunto de habilidades cada vez mais diversificado com vistas a colocar à prova sua **competência** para exercer seu ofício. Como bem observou Schwartz (1998), a mudança gradual do termo qualificação para competência tinha também o objetivo de maior controle das empresas sobre a atividade desenvolvida por seus funcionários. Esse controle passou a ser exercido pelos sistemas de avaliação empregado pelas corporações, gerando aí mais uma contradição desse tipo de organização que se afirma e se justifica pela pluralidade, mas acaba por tentar engessar a atividade por meio de códigos homogêneos para diferentes situações. Nas palavras do autor:

Ora, se por um lado a questão é legítima (das avaliações) e se coloca além mesmo da conjuntura atual, por outro, essa busca de procedimentos ou grades descontextualizadas,

codificáveis e homogêneas é incompatível com a pluralidade de registros ou elementos que toda atividade de trabalho tenta articular.

De fato, esta comporta pelo menos três polaridades diferentes: o grau de apropriação de saberes conceitualizáveis, o grau de apreensão das dimensões propriamente históricas da situação e o debate de valores a que se vê convocado todo indivíduo num meio de trabalho particular. Há, portanto, uma heterogeneidade fundamental nos "ingredientes" da competência, relações dinâmicas entre esses ingredientes nunca verdadeiramente antecipáveis e, conseqüentemente, pesquisas a serem conduzidas acerca dos procedimentos de avaliações diferenciadas, apropriadas à diversidade desses ingredientes. (SCHWARTZ, 1998:1)

Outra mudança significativa no universo do trabalho é a relação entre a empresa e seus funcionários. Estes, hoje, são considerados como colaboradores e não como empregados. Os atributos deles exigidos não se restringem aos conhecimentos técnicos sobre o ofício, mas recaem, em grande medida, sobre as questões comportamentais, relacionadas à gestão da atividade, como pode ser constatado por essa declaração do diretor de recursos humanos da Daimler-Chrysler a seguir:

Os colaboradores da empresa fazem parte do seu capital (...). Sua motivação, sua competência, sua capacidade de inovação e sua preocupação com os desejos da clientela constituem a matéria primeira dos serviços inovadores (...). Seu comportamento, sua aptidão social e emocional têm um peso crescente na avaliação de seu trabalho (...). Este não mais será calculado pelo número de horas de presença, mas sobre a base dos objetivos atingidos e da qualidade dos resultados. Eles são empreendedores. (Norbert Bensele – diretor de recursos humanos da Daimler-Chrysler in: GORZ, 1988/2003:35).

Mais do que colaboradores, os novos funcionários são empreendedores. Isto significa, pelo menos em tese, mais envolvimento, mais comprometimento mais dedicação, uma vez que, em qualquer empreendimento, o empreendedor é o maior interessado em que tudo corra bem, pois isso representará satisfação e retorno do esforço envidado, o sucesso da empresa e do funcionário. Sendo assim, tudo depende do esforço de cada um, criando a sinergia tão desejada pelos responsáveis pelas corporações.

Juntamente com essa nova designação estabelecem-se também novas formas de relações trabalhistas. Não se trata mais do patrão que manda e do funcionário que obedece, mas da presença de alguém que oferece oportunidade para novos empreendimentos em uma ambiente de colaboração. Desse modo, as reivindicações trabalhistas históricas perdem força e até mesmo a razão de existir.

Outro importante fator desse novo modelo organizacional no capitalismo flexível ou na modernidade fluida foi o processo de avaliação do desempenho dos trabalhadores nas suas respectivas empresas, na sociedade do conhecimento, no mundo onde os procedimentos individuais é o que mais conta no desenvolvimento das atividades. Como não existe, pelo menos até agora, instrumentos precisos para medição do desempenho de cada trabalhador nem um prescrito que garanta a execução da tarefa tal qual imaginavam os adeptos do taylorismo, as empresas estabelecem objetivos, metas a serem cumpridas.

O trabalho por objetivos ou metas desloca o eixo da avaliação do tempo gasto na realização da atividade para os resultados e a qualidade desses resultados. A análise tornou-se mais abstrata, sem, contudo, abandonar o caráter concreto, e mais subjetiva sem descuidar da objetividade demonstrada no alcance das metas estabelecidas para cada equipe e, em cada equipe, para cada trabalhador.

Nesse contexto, as questões procedimentais adquiriram enorme valor. Isso pode significar a valorização maior dos aspectos individuais em detrimento dos aspectos mais relacionados ao coletivo profissional. Mais ainda, o que realmente parece contar é como o trabalhador se comporta durante cada momento de realização da sua atividade e menos os conhecimentos técnicos que ele tenha sobre seu ofício. A experiência, antes tão exigida e valorizada, hoje perde espaço para as questões procedimentais, comportamentais, como afirma Sennett (1986): *Operacionalmente tudo é muito claro; emocionalmente, muito ilegível*. Contudo, a questão da desvalorização da experiência é mais complexa e mais grave do que pode parecer à primeira vista.

Se a negação da experiência fosse simplesmente um preconceito imposto, nós de meia-idade seríamos simplesmente vítimas do culto institucional da juventude. Mas a apreensão com o tempo está gravada mais fundo em nós. A passagem dos anos parece esvaziar-nos. Nossa experiência parece uma citação vergonhosa. Essas convicções põem em risco nosso senso de valor pessoal, mais pela inexorável passagem do tempo que pela decisão de jogar. (SENNETT, 1998/2006: 115).

### **1.3 Atividade de trabalho segundo a Ergologia**

A Ergologia, entendida como de caráter pluridisciplinar, aborda as questões da atividade do trabalho na sua dimensão micro, como um olhar minucioso com o auxílio

de uma lupa. Trata-se de uma investigação a partir da realidade concreta de quem realiza a atividade, ou seja, a partir da realidade do trabalhador. É o resgate da importância de quem exerce a atividade de trabalho no processo de análise visando à compreensão da complexidade da própria atividade.

A abordagem ergológica não tem a pretensão de definir o trabalho na sua plenitude, mas, sim, de se debruçar com acuidade de um falcão para compreender a atividade de trabalho em suas múltiplas dimensões. É uma opção político-ideológica que entende o trabalhador como protagonista de sua atividade. Nesse sentido, a questão da subjetividade ocupa lugar central nessa abordagem, uma vez que é a partir de uma tomada de consciência de seu papel no mundo do trabalho que o trabalhador passa adquirir maior autonomia no desenvolvimento cotidiano de sua atividade profissional.

Para a Ergologia, segundo seu principal representante, o filósofo Yves Schwartz, a atividade de trabalho é uma dramática do uso de si, é um intenso e permanente debate de normas e de valores que o trabalhador forçosamente realiza para que sua atividade se concretize. Toda atividade de trabalho é realizada por seres humanos inseridos num determinado contexto sócio-histórico *e que se dá no acontecendo da vida. São atividades sempre complexas e que possuem caráter enigmático*, como afirma Borges (2004).

A atividade de trabalho é a maneira pela qual os humanos se envolvem no cumprimento dos objetivos do trabalho, em um lugar e tempo determinados, utilizando-se dos meios colocados à sua disposição. Para lidar com as variabilidades que se apresentam, o trabalhador se engaja por inteiro, a cada momento, com seu corpo biológico, sua inteligência, sua afetividade, seu psiquismo, sua história de vida e de relações com outros humanos. (BORGES, 2004: 42)

Para a Ergologia, o prescrito cumpre um papel fundamental na realização da atividade de trabalho porque oferece parâmetros para o trabalhador desenvolvê-la. Entretanto, todo prescrito é renormalizado para que a atividade possa se realizar. O trabalhador não se limita a seguir simplesmente o que se prescreve sobre sua atividade, mas, ele próprio é forçado a uma reelaboração da prescrição como forma de tornar viável a concretização de sua atividade. Há sempre o uso de si tanto do ponto de vista cognitivo como também do ponto de vista afetivo, cultural, etc. Vale esclarecer que

prescrição aqui não se limita ao escrito, mas envolve todo um conjunto de procedimentos compartilhados por uma comunidade profissional que confere uma relativa estabilidade à atividade, é o que caracteriza o gênero da atividade. É no entrelaçamento das prescrições descendentes e ascendentes, conforme classifica Daniellou (2002), que o trabalhador efetua as renormalizações necessárias para realizar sua atividade. A atividade de trabalho por ser atividade humana sempre se realiza sob a égide dos usos de si, por mais rigorosa que possa ser a prescrição. O próprio jeito de ser e de estar no local de trabalho já afeta, de alguma maneira a própria realidade, como afirma a física quântica, segundo a qual: a presença do pesquisador no local da pesquisa é fator de influência nos resultados da investigação.

Outro aspecto importante na abordagem ergológica é o fato de ela exigir que se considerem diversos fatores nos processos de análise da atividade de trabalho, daí seu caráter pluridisciplinar. Não cabe a uma única disciplina a capacidade de abarcar a atividade laboriosa na sua multidimensionalidade. Ao contrário, essa abordagem requer uma relação dialética e dialógica entre diversas disciplinas, diversos domínios do conhecimento para melhor apreensão das complexidades da atividade de trabalho. Mais ainda, essas disciplinas, seja ela: Linguística, Sociologia, Antropologia, Filosofia, Psicologia do trabalho, Engenharia, deveriam considerar o trabalhador como o principal fator dessa atividade e um determinado redimensionamento de sua atuação, a partir de quatro pressupostos:

1. A noção de atividade de trabalho como atividade essencialmente humana e que se desenvolve em determinado contexto sócio-histórico
2. O debate de valores a que o trabalhador é submetido na realização de qualquer atividade de trabalho
3. Relação dialética entre o universal e o particular
4. O regime de produção de saberes: os saberes instituídos, aqueles historicamente constituídos e sistematizados pelas instituições, e os saberes investidos, aqueles advindos da experiência de cada trabalhador.

Portanto, estudar a atividade de trabalho significa enveredar por múltiplos caminhos e estes, por sua vez, devem conduzir a um melhor entendimento do próprio ser humano. Nos processos de análise de situação de atividade de trabalho, torna-se

imperiosa a humildade intelectual dos pesquisadores para realizar o confronto entre seus conhecimentos e os conhecimentos dos trabalhadores, os conhecimentos relacionados à experiência de quem realiza a atividade. Trata-se do confronto entre, segundo a designação de Schwartz (2000), os saberes instituídos e os saberes investidos, (ambos os saberes inerentes que são tanto ao pesquisador quanto ao trabalhador), um dos quatro pressupostos da análise ergológica, aludidos anteriormente.

A apreensão do resultado dessa relação tensa e contraditória entre os diferentes saberes depende do dispositivo de pesquisa a ser utilizado. Nesse sentido, o método da instrução ao sócia parece se prestar a tal empreitada por se tratar de um procedimento metodológico que coloca em debate os conhecimentos do pesquisador, no papel de sócia, e os conhecimentos do trabalhador, no papel de instrutor, provocando assim possíveis questionamentos acerca dos saberes tanto do trabalhador como do pesquisador. É, pode-se afirmar assim, o confronto entre teoria e prática realizado pelos protagonistas dessas duas dimensões da atividade laboriosa. É o que se verifica no capítulo referente à análise.

Sendo a atividade industriosa uma dramática de usos de si, tanto do uso de si pelos outros quanto do uso de si pelo próprio trabalhador, no processo de renormalização, a questão do corpo social do trabalhador coloca-se como uma evidência a ser investigada. Talvez por essa razão, seja tão complicado falar sobre a atividade de trabalho para qualquer trabalhador, por não se tratar apenas de execução, mas de toda uma dramática de diferentes usos de si.

Estudar a atividade industriosa significa investigar a complexidade das relações humanas consubstanciadas pelos processos de linguagem, uma vez que o trabalhador é convocado a participar, na sua subjetividade, da realização de sua atividade de trabalho, e ele o faz na linguagem e pela linguagem, ou seja, entrelaçando a atividade industriosa com a atividade languageira. Ao realizar o debate de normas, o trabalhador o faz essencialmente pela linguagem, o corpo si é um corpo que fala, ouve outras vozes e solta sua voz.

Não se trata de analisar o trabalhador na sua individualidade apartada de uma coletividade que o torna singular, mas de investigá-lo constituído por uma pluralidade

de relações humanas na atividade industriosa, investido de sua historicidade no diálogo constante entre o particular e o universal, o singular e o coletivo.

A abordagem ergológica envolve tanto o trabalho quanto a linguagem, sendo um domínio plasmado pelo outro numa reciprocidade determinante. Essa característica é da natureza da Ergologia e vai ao encontro dos propósitos desta pesquisa, que visa a analisar a relação entre esses dois domínios do conhecimento humano. Não se pode conceber trabalho sem linguagem. Ao analisar a natureza da atividade do jornalista de uma agência de notícias, ou seja, um profissional da palavra, tem-se a necessária articulação entre linguagem e trabalho, restando ao analista investigar como e em que medida essa articulação resulta na realização da referida atividade de trabalho. No cruzamento da prescrição e da instrução ao sócia tem-se a recuperação da atividade pelo discurso e a possibilidade de análise dos diferentes usos de si.

Essa abordagem, entre outras implicações, traz à tona o debate acerca das avaliações, hoje, bastante comum, da competência de cada trabalhador no exercício de suas funções no seio das empresas. A avaliação de desempenho é constitutiva dos diferentes departamentos de uma corporação, seja ela do setor industrial ou de serviços.

Nesse novo momento em que em vez de apenas trabalhar o trabalhador deve gerir sua atividade de trabalho. Nesse novo cenário, percebe-se a atividade dotada de uma maior complexidade e abrangência, comparando-se ao cenário anterior (da qualificação). Agora o trabalhador é convocado a utilizar um número maior de habilidades para desempenhar suas funções na empresa.

Sai-se de uma realidade de certa estabilidade para uma de grande instabilidade na qual o trabalhador tem de lançar mão de estratégias, táticas, e artefatos que antes não eram utilizados. É a sociedade do conhecimento, como alguns caracterizam o mundo contemporâneo, exigindo a participação mais plena do trabalhador em toda sua corporalidade, seja na dimensão física, emocional, psíquica, cultural, social, etc. Ser um gestor não é a mesma coisa que ser um executor de tarefas, funcionário ou trabalhador.

A designação devidamente contextualizada historicamente, na sociedade contemporânea, do capitalismo flexível, das corporações flexíveis, denota a complexidade da questão. Daí a exigência feita pelas corporações aos seus

colaboradores (funcionários) de um profissional pró-ativo. Não há mais lugar para aquele funcionário que recebe e cumpre ordens. É preciso ter capacidade de gerenciamento de sua atividade, tendo em vista não apenas seu departamento específico, mas a empresa na sua totalidade. Não cabe mais ao trabalhador somente executar as tarefas sob sua responsabilidade que, diga-se de passagem, são cada vez mais ampliadas e diversificadas, mas é necessário também gerenciar e propor novas formas de execução e monitoramento.

(...) parece-nos que esse deslizamento qualificação/competência é um ponto de bifurcação: a partir desse rebuliço, pode ser aberta a caixa de Pandora, o que permitiria avaliar melhor as *dramatiques* que convocam todos os seres industriais, e que devem ser levadas em consideração por quem estiver preocupado com eficácia. O registro do que parece hoje caber na “competência” abrange um campo muito mais vasto, humanamente falando, do que os referentes mais circunscritos, precisos, estreitos, ligados a uma lógica de “postos de trabalho”, características da linguagem da qualificação. (SCHWARTZ, 1998: 3)

Desse modo, a tarefa de avaliar a competência de um trabalhador deveria utilizar dispositivos que contemplem a pluralidade das dimensões humanas que são articuladas para que a atividade seja realizada. É preciso considerar, conforme a Ergologia, os diferentes ingredientes da competência.

Somente a partir dessas condições gerais e específicas de cada forma remunerada de trabalho, e com as diferentes relações de poder a elas associadas, poderá essa questão das competências encontrar um espaço para ser tratadas [...]. [...] a competência industrial é uma combinatória problemática de ingredientes heterogêneos que não podem ser todos avaliados nos mesmos moldes, e muito menos ainda quando ela inclui uma dimensão de valor, uma vez que ninguém dispõe de uma escala absoluta de avaliações dos valores. (SCHWARTZ, 1998: 5)

Para a Ergologia, os ingredientes da competência são quatro:

O primeiro deles é o **Protocolo experimental** - são as prescrições com base nos conhecimentos científicos sobre determinada atividade de trabalho.

O primeiro ingrediente da competência industrial contempla e mede o grau de apropriação do primeiro momento, isto é, em que a situação se desenrola em conformidade à imagem de um protocolo experimental. Essa referência à prática científica indica que todo processo ergológico deve tentar antecipar suas seqüências, e portanto, ao modo desta, neutralizar e,

até um certo ponto, anular a dimensão "conjuntural" da situação de trabalho, o fato de esta ocorrer aqui e agora pela mediação de seres singulares com objetos e ambientes técnicos particulares. (SCHWARTZ, 1998: 6)

São questões gerais e genéricas acerca da atividade que possibilitam antecipar uma seqüência de ações na realização da atividade em questão, é uma espécie de “verdade neutra” sobre uma determinada atividade, uma vez que esse ingrediente não leva em conta, devido à sua própria natureza, situações específicas.

O segundo ingrediente é a **Experiência ou encontro** - trata-se dos conhecimentos dos trabalhadores, que têm sua base na experiência de cada ser particular no seio de uma coletividade profissional inserido numa realidade particular, específica, local.

O que também chamamos de Registro 2 ou dimensão "experimental" nos parece ser uma característica universal de todo processo ergológico: não existe situação de atividade que não seja afetada pela infiltração do histórico no protocolo. Isso requer, portanto, uma forma de competência ajustada ao tratamento dessa infiltração, tratamento por definição jamais padronizado e que, por isso mesmo, reforça a contingência da situação. (SCHWARTZ, 1998: 8)

Esse ingrediente depende essencialmente da história profissional de cada trabalhador e de seu local de trabalho, com as peculiaridades nele envolvidas. Nas corporações flexíveis esse ingrediente é sacrificado e tende a ser ainda mais devido, inclusive, às práticas de terceirização tão comuns hoje em dia, como alerta Schwartz (1998).

O terceiro ingrediente é a **instauração de uma relação dialética entre o protocolo e a experiência**, ou seja, entre os dois ingredientes anteriores, fazendo-os dialogar entre si na realização da atividade. Trata-se da capacidade de cada trabalhador de mobilizar diferentes habilidades para gerir sua atividade, é a convocação evidente do corpo si em situação específica num momento singular em que o trabalhador se vê forçado a fazer escolhas, a lançar mão de estratégias e procedimentos para realizar sua atividade. A mobilização dessa competência é bastante comum, principalmente no setor de serviços devido ao fato de a relação ser, em grande medida, face a face entre cliente/usuário e o funcionário.

O quarto ingrediente é o **Debate de valores** – Trata-se da incorporação das dimensões históricas e culturais, afetivas, emocionais, morais, éticas, comportamentais,

etc. por cada trabalhador no exercício de suas funções profissionais e a relação que ele estabelece entre essas dimensões e o desenvolvimento de sua atividade profissional. São os aspectos do campo da deontologia e da ética de cada ser na sua singularidade, na sua dimensão mais íntima. É o julgamento entre o “certo” e o “errado”, o que faz bem e o que faz mal, o que dá prazer e o que provoca dor, o que deixa feliz e o que deixa triste, etc. É a presença determinante da subjetividade na realização da atividade de trabalho, provocando novas instabilidades, exacerbando o caráter imprevisível ou pelo menos inesperado da atuação do trabalhador. O trabalhador ao mesmo tempo em que é afetado pelo meio, altera a realidade mediada pelos seus valores.

Esse ingrediente introduz uma espécie de ruptura no inventário, ele não se situa no mesmo plano. A correlação dos valores que organizam o meio de trabalho (e vice-versa) e a qualidade do uso de si na atividade atenua consideravelmente a pretensão de objetividade e de neutralidade na avaliação das competências. Isso, de fato, incomoda, mas quem pretendesse transpor esse obstáculo ignoraria as normas de todo processo ergológico. Aí pairam as ameaças de ingenuidade ou de manipulação, a menos que se pretendesse dispor de uma escala objetiva de valores que permitisse, em toda "extraterritorialidade", julgar os valores dos outros independentemente de sua experiência histórica própria. (SCHWARTZ, 1998: 9)

Ele coloca em xeque o grau de objetividade, neutralidade dos processos avaliativos desenvolvidos por grande parte das corporações do capitalismo flexível e exige a consideração de outros fatores da dimensão humana tanto nas formulações dos instrumentos de avaliação quanto na análise dos resultados. É a busca de mensurar o incomensurável, de sondar o insondável, pelo menos com o grau de precisão que se pretende na maioria desses processos que orientam tomadas de decisão acerca da promoção ou até mesmo da permanência no cargo de um número considerável de funcionários. Esse ingrediente atravessa os outros três na justa medida em que toda a atividade industrial é a convocação do uso de si pelos outros e do uso de si por si mesmo.

Essa abordagem traz à tona a complexidade dessa dimensão e oferece possibilidades de encará-la como um processo essencialmente humano sujeito às variabilidades e, num certo sentido, imprevisibilidade devido justamente à sua natureza humana. Como consequência, questiona e propõe novos redimensionamentos para os processos avaliativos das competências dos trabalhadores, um alargamento dos procedimentos de avaliação implantados pelas corporações do capitalismo flexível. Resta saber em que medida essas corporações seriam capazes de incorporar esses novos

procedimentos sem alterar a própria estrutura capitalista em vigor nesse mundo pós-moderno. Esse é um questionamento que foge à previsibilidade desta pesquisa, só a história poderá demonstrar no momento oportuno.

#### **1.4. O setor de serviço no mundo do trabalho**

Para falar de trabalho na sociedade atual há de se considerar a inversão ocorrida no sistema de produção, pois, se antes a hegemonia pertencia ao setor da indústria com o advento da revolução industrial na década de 1960. Vive-se hoje sob o predomínio dos negócios desenvolvidos no setor de serviços, influenciado, sobretudo, pelo avanço da tecnologia de comunicação e pelo processo de globalização na sociedade do conhecimento, num mundo onde os trabalhadores atuam muito mais como gestores de suas atividades na coordenação de um fluxo ininterrupto de informações.

O setor de serviços, como o que mais tem aumentado nos últimos anos, será constitutivo do universo do trabalho em seu deslocamento na complexidade da sociedade contemporânea globalizada. Percebe-se essa mudança de paradigma no mundo do trabalho — a produção e a competitividade estão cada vez mais baseadas no conhecimento e na informação, e menos no setor primário e na produção de bens básicos, como ocorria há cerca de trinta anos. Os dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, no dia 26 de março de 2007, confirmam esse crescimento:

O setor de serviços foi o principal responsável pelo impulso verificado na nova taxa de expansão do Produto Interno Bruto (PIB), que é a soma de todas as riquezas produzidas na economia do país. De acordo com o resultado revisado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e anunciado hoje (26), a economia brasileira cresceu 3,7% em 2006, mais do que os 2,9% que haviam sido anunciados anteriormente. (Thais Leitão – Agência Brasil)

<http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2007/03/28/materia.2007-03-0899202743/view>

De acordo com o IBGE, o setor de serviços teve uma alta de 3,7 %, nos últimos quatro trimestres, contra 2,9 % anteriores, referentes a levantamento realizado no ano de

2006 no mesmo intervalo de tempo. Dentre os itens que mais contribuíram para esse crescimento estão o de intermediação financeira, aluguéis e administração pública.

Apesar do crescimento do setor de serviços no universo do trabalho, o que atesta a sua importância para a sociedade atual, houve uma queda nos salários dos trabalhadores deste setor, como mostram os dados do IBGE, a seguir, divulgados pela Agência Estado, em 25/07/2007:

De acordo com a pesquisa, houve queda real, entre 2000 e 2005, nos salários médios de serviços de informação (-4,71%), serviços prestados às empresas (-4,65%), transportes (-5,70%), serviços de manutenção e reparação (-9,05%) e outras atividades de serviços (-11,96%). Ainda dentro dos grandes grupos de serviços, os aumentos nos salários médios no período ocorreram em serviços prestados às famílias (4,18%) e atividades imobiliárias e de aluguel de bens móveis e imóveis (10,13%).  
[http://ultimosegundo.ig.com.br/economia/2007/07/25/sal225rio\\_m233dio\\_do\\_setor\\_de\\_ser\\_vi231os\\_caiu\\_38\\_em\\_5\\_anos\\_938500.html](http://ultimosegundo.ig.com.br/economia/2007/07/25/sal225rio_m233dio_do_setor_de_ser_vi231os_caiu_38_em_5_anos_938500.html)

É importante esclarecer que alguns segmentos importantes desse setor ficam de fora da pesquisa do Instituto. O IBGE, neste estudo, não investiga as instituições financeiras, organizações não governamentais (ONGs) ou a administração pública. Ainda assim, é, no mínimo, curioso constatar um decréscimo na massa salarial justamente no setor que apresenta o maior crescimento no mundo do trabalho sob a égide do capitalismo flexível. Também aí o pêndulo da flexibilidade parece pender para um só e mesmo lado: da redução de custos.

Parcela significativa dos trabalhadores no capitalismo flexível, da modernidade líquida, é forçada a conviver com uma quantidade cada vez maior de informações advindas de todas as partes do globo terrestre para desenvolver suas atividades específicas numa determinada corporação. Portanto, tarefas como localizar, coletar, selecionar, hierarquizar e articular informações passaram a fazer parte do cotidiano dos novos trabalhadores dos setores em geral, e, de modo particular, das atividades de serviços de informação devido à natureza deste setor.

No mundo dos serviços a produção não é de uma mercadoria, de um bem material, no sentido tradicional, mas de um bem de outra natureza cuja materialidade não é palpável, nem mesmo visível, mas, essencialmente sentida pelo cidadão, seja ele

morador de uma metrópole ou de um lugarejo afastado dos grandes centros urbanos, não importa, todos sentem os efeitos dos serviços prestados pela companhia telefônica, pela empresa de energia elétrica, pelas informações transmitidas pelos meios de comunicação, etc. Pode-se afirmar que a produção do setor de serviços é no mínimo de uma mercadoria de novo tipo. Essa mercadoria, dada a sua natureza, afeta as relações sociais por introduzirem novas relações culturais, como afirma Gomez (1998):

A importância crescente do setor de serviços exalta a relevância da informação e do conhecimento, de tal modo, que eles se convertem nos elementos substantivos da cultura atual. A cultura como informação se converte, por sua vez, numa mercadoria a mais, de modo que já se faz difícil a distinção entre produção e consumo, assim como, entre trabalho produtivo e não-produtivo. (GÓMEZ, 1998/2001: 84).

Na sociedade atual o que conta é a capacidade de cada trabalhador fazer com que o cliente se sinta como alguém especial, único na sua singularidade e, por conta disso, foi o escolhido para uma determinada abordagem numa relação comercial, por exemplo, mas que não pode parecer de venda e sim uma relação pessoal, privada entre a empresa e uma pessoa escolhida segundo critérios não explicados para aquele relacionamento.

Nesse novo sistema, o que importa é a capacidade de cada trabalhador e de cada empresa de produzir imagens positivas para o conjunto de seus clientes e da população como um todo, uma vez que parte dela é cliente em potencial, ou seja, produz-se imagem para os clientes já existentes e para os possíveis clientes de um futuro bem próximo. Como resultado imediato do empreendimento tem-se a ampliação do universo de compradores de produtos ou serviços. Um produto vale não pelo que ele é em termos de matéria e tempo gasto na sua produção, mas pelo valor simbólico que adquiriu num determinado contexto sócio-histórico.

A produção de imagens de marca e a indústria do marketing, da publicidade, do *styling*, do design, etc., que o sustenta, preenchem entretanto uma dupla função propriamente econômica e comercial, de uma parte; e uma função política e cultural, de outra. Do ponto de vista econômico, a marca deve dotar o produto de um valor simbólico não mensurável que prevalece sobre seu valor utilitário de troca. Ela deve tornar o artigo de marca não permutável por artigos destinados ao mesmo uso, e dotá-lo de um valor artístico ou estético, social e expressivo. A marca deve funcionar da mesma maneira que funciona a assinatura de um artista reputado, atestando que o objeto não é uma mercadoria vulgar, mas um objeto raro, incomparável. Ela dota o produto de um valor simbólico do qual a firma tem o monopólio, e o subtrai, ao menos temporariamente, à concorrência. (GORZ, 2003/2005: 47)

Considerando-se a citação de Gorz, o consumidor está não em busca de um produto por suas qualidades materiais, mas por suas qualidades simbólicas, por suas possibilidades de projetá-lo num cenário dominado pelo visgo da imagem hipnótica e sedutora das marcas, o que lhe confere *status*, destaque ou inclusão em determinados grupos cujos requisitos ele também conquistou a partir do momento em que acede aos produtos comuns a esse grupo.

A marca é mais forte e mais poderosa que o produto e, às vezes, do que a própria empresa, devido à sua capacidade de projetar imagens no coração e na mente do consumidor. Em alguns casos, a empresa confere legitimidade à marca, como ocorre com a Nike e a Parmalat, por exemplo. O caso da Nike é mais curioso porque ela não produz um cadarço, mas é uma das empresas mais fortes no comércio de tênis. A Nike produziu uma imagem forte nos consumidores de um produto cuja fabricação está espalhada em várias empresas pelo mundo.

Deslocando-se o eixo de importância dos elementos mais palpáveis, mais concretos para os mais abstratos, menos concretos, não é mais no setor da indústria que os negócios vão concentrar, mas no setor de serviços, devido à sua natureza de produzir não bens materiais, mas bens simbólicos, que contribuem muito mais para a constituição de relações do mundo virtual do que com as relações do mundo “real” ou não-virtual.

O crescimento do setor de serviços, portanto, está em perfeita sintonia com as condições impostas pela sociedade atual, porque apresenta mais dinamismo, mais possibilidades de realizações das ações, inclusive porque os trabalhos desse setor podem ser realizados em muitos e variados lugares, diferentemente do trabalho no setor industrial, por exemplo. Com o aparato das novas tecnologias de informação pode-se trabalhar na rua, no escritório, em casa, no trem, no ônibus, no avião, etc. Os computadores portáteis e os aparelhos de telefones celulares estão aí para comprovar.

A relevância do setor de serviços traz uma gama muito ampla de possibilidade de emprego e de realização de atividades, servindo, por isso, como um fator de inclusão social devido às facilidades que representa para inúmeras pessoas conseguirem trabalhar em espaços físico e de tempo de acordo com suas reais condições. É sem sombra de

dívidas a flexibilização de tempo e de espaço contribuindo para a inserção no mercado de trabalho de um contingente significativo de trabalhadores que permaneceriam de fora do mundo do trabalho não fosse essa a realidade, ou não fossem essas as facilidades proporcionadas pelas instituições flexíveis e pelo advento das novas tecnologias.

No entanto, se por um lado, há razões para se comemorar no mercado de trabalho com essa flexibilidade apresentada anteriormente, por outro, há de se considerar que essa realidade se mostra mais acessível a uma parcela da população, justamente àquela que tem acesso a uma quantidade razoável de informação e à formação de qualidade. No Brasil, como a educação ainda é precária para a maioria da população, a ocupação das vagas de emprego, mesmo que flexível, ainda não faz parte de seus horizontes. Uma grande parcela dessa população não possui computador em casa e nem dispõe deles nas proximidades de suas residências, seja oferecido pelo setor público ou pelo setor privado em casas de aluguel de computadores (*Lan House*), por exemplo.

(...) a nova elite não precisa tanto da ética da gratificação postergada, pois pode contar com contatos e um senso de integração, graças às densas redes de que dispõe, qualquer que seja a empresa ou organização para a qual se trabalhe. A massa, no entanto, dispõe de uma rede mais rala de contatos e apoios informais, permanecendo, portanto, mais dependente das instituições. (SENNETT, 1998/2006: 54)

Nesse sentido, talvez seja mais adequado afirmar que essa nova realidade proporcionada pela flexibilidade inclui, mas inclui quem, de certa forma, já estava incluído, não necessariamente no mercado de trabalho, mas no universo que abrange, também, o mundo do emprego, porque essas pessoas fazem parte da rede de relações que move a modernidade líquida.

### **1.5 O jornalismo no mundo do trabalho**

Se é uma evidência o crescimento do setor de serviços no mundo do trabalho, é também indiscutível o papel de destaque que ocupa jornalismo na sociedade atual. Desta feita, cabe nesta tese a discussão acerca da natureza do que se produz numa empresa jornalística e questões a esta correlatas a fim de contribuir com a discussão.

Neste sentido, cabe perguntar: O que o consumidor realmente consome? O que ele leva para casa? Seria correto afirmar que o objeto de produção de uma empresa jornalística é o conhecimento? São questões trazidas à tona, principalmente, pela nova realidade decorrente do crescimento do setor de serviços na sociedade atual.

Essas são questões que precisam ser enfrentadas pelos interessados nas especificidades do trabalho desenvolvido no mundo de hoje. Discutir um pouco sobre o assunto, no sentido de contribuir com o debate é o que se pretende aqui, nos próximos parágrafos deste item.

De acordo com a lógica do sistema capitalista que, vale salientar, é hegemônico no mundo inteiro, tudo o que nele é produzido torna-se mercadoria. Entretanto, com o jornalismo, há que se considerar sua especificidade sob pena de incorrerem em erro quanto à natureza desse produto, uma vez que o que uma empresa jornalística produz é, essencialmente, discurso na forma de notícia, e o que se vende não é só um pedaço de papel com inscrições, com textos, mas compartilham-se as informações nele contidas. O que uma empresa jornalística produz, segundo Bourdieu (2004), é um bem simbólico, um bem cultural.

O desenvolvimento do sistema de produção de bens simbólicos (em particular do jornalismo, área de atração para os intelectuais marginais que não encontram lugar na política ou nas profissões liberais), é paralelo a um processo de diferenciação cujo princípio reside na diversidade dos públicos aos quais as diferentes categorias de produtores destinam seus produtos, e cujas condições de possibilidade residem na própria natureza dos bens simbólicos. Estes constituem realidades com dupla face – mercadorias e significações – cujo valor propriamente cultural e cujo valor mercantil subsistem relativamente independentes, mesmo nos casos em que a sanção econômica reafirma a consagração cultural. (BOURDIEU, 2004: 102-103).

Como se pode perceber, a questão da natureza do que se produz numa empresa jornalística não é tarefa fácil nem simples. A produção jornalística põe em evidência a dificuldade da distinção entre produção e consumo, trabalho produtivo e não produtivo, uma vez que as fronteiras estão cada vez mais tênues entre um tipo e outro de trabalho.

Numa sociedade organizada em redes, como a nossa, no caso do jornalismo, apesar de não exclusivamente, talvez se possa falar em compartilhamento de conhecimentos entre a empresa e o público consumidor, pois, a natureza desse tipo de

corporação é alinhar informações e transformá-las em notícia, cuja embalagem é o próprio texto publicado numa embalagem maior: os cadernos, no caso de jornais impressos, ou as páginas, no caso de jornais eletrônicos divulgados nas telas de computador.

Se a sociedade é da informação e do conhecimento, o jornalismo tem lugar privilegiado, pois é dele a função de coletar, processar e divulgar as informações de interesse público, cotidianamente, como forma de democratizá-las, e levar ao conhecimento da população o que ela tem o direito e o dever de saber.

Muitos executivos começam seus dias de trabalho com a leitura de jornais. Muitas vezes essas leituras orientam as atividades desses homens de negócio, determinam suas agendas, orientam suas ações, seus investimentos, suas decisões. Isso ocorre não apenas no ramo dos negócios, o mesmo ocorre também em outras esferas de atividade humana, como na esfera política, militar, religiosa, educacional, etc. Basta analisar quais interesses as notícias colocam em jogo em cada situação para se perceber a mobilização dos membros das respectivas esferas no sentido de garantir o aumento ou a diminuição das vantagens, conforme o caso. É a esfera jornalística influenciando de forma decisiva um conjunto de outras esferas na dança dos poderes na sociedade dos riscos.

A leitura de jornais pode resultar em melhor desempenho no desenvolvimento das atividades profissionais, uma vez que, supostamente, amplia os conhecimentos dos trabalhadores e os coloca em contato com os mais variados assuntos, tornando-os mais aptos a tomar decisões e a gerir com mais eficiência o conjunto de tarefas sob sua responsabilidade. Ler jornais pode significar ser atualizado, ser informado, estar “antenado” em tudo o que acontece no planeta. Pode significar fazer parte da rede imaginária que atua como força motriz da modernidade líquida. É o jornal que se movimenta pela rede de acontecimentos, servindo, não só, mas também, de combustível para a movimentação do mundo do trabalho.

Apesar dessas possibilidades proporcionadas pela imprensa, não se pode deixar de considerar todo um conjunto de críticas feitas a ela, colocando em xeque inclusive sua credibilidade, pois, devido ao fato de não haver neutralidade nos processos de linguagem, o ângulo com que se analisam os fatos e sua abordagem pode provocar

diferentes reações por parte dos leitores, nem sempre favoráveis aos interesses da própria empresa jornalística em questão. Entretanto, essas críticas, embora sérias e até mesmo, em certos casos, comprometedoras, não eliminam a importância dos jornais na sociedade da informação e do conhecimento. Pelo contrário, reforça a necessidade de mais informações.

## 1.6 As agências de notícia no mundo do trabalho

As **agências de notícias** são instituições de informação cuja especialidade é difundir notícias oriundas, em geral, de suas fontes para diversos meios de comunicação. Elas atuam a partir de seus escritórios em diferentes localidades. As agências são uma espécie de central jornalística que transmitem informações para um núcleo local que se encarrega de redistribuir essas informações para o conjunto de seus clientes: jornais, revistas, rádios, televisões, websites, instituições financeiras, etc.

As agências surgiram em meados do século XIX, com a fundação da primeira agência, a **Havas** (mais tarde dividida entre **AFP** e **Reuters**). Inicialmente sediada em Paris, a Havas enviava as principais informações e notícias do exterior por telegramas para os jornais, que pagavam por esse serviço. Durante a Guerra Civil Americana nos Estados Unidos, os maiores jornais de Nova York se juntaram para formar a **Associated Press**, e enviar um *pool* de correspondentes para o campo de batalha.

Hoje, as agências mantêm uma rede de correspondentes e *stringers* (colaboradores) nas maiores cidades do mundo e assim repassam para os veículos de imprensa. Nos últimos anos, o trabalho das agências e seus correspondentes foi enormemente facilitado pelas novas tecnologias de comunicação, como a Internet.

(Disponível em [www.eco.ufrj.br/pet/jorninter/jornalismointernacional\\_apostila.doc](http://www.eco.ufrj.br/pet/jorninter/jornalismointernacional_apostila.doc))

Com todas as mutações pelas quais passou o mundo do trabalho, fica cada dia mais relevante o papel do jornalismo como se pôde observar no item anterior. Merece destaque também o papel das agências de notícias neste novo universo. Com seus terminais de computadores espalhados em vários países, elas, praticamente, dominam o acesso à informação que move o capitalismo flexível, a sociedade líquida, a partir do trabalho de campo de suas equipes de reportagem e, principalmente, de sua rede de relacionamento com as fontes. Esta última, instrumento poderosíssimo no mundo da informação especializada, aquela que move as bolsas de valores, o mercado de capital.

A máxima segundo a qual *informação é poder* ganha mais força ainda na sociedade do conhecimento, pois é com base nessa teia discursiva que se tomam as grandes decisões no mundo dos negócios, da política, da cultura, etc. Como as agências são instituições especializadas na coleta e tratamento de informações, supostamente, de interesse público, elas acabam “roubando” a cena das empresas jornalísticas, no sentido tradicional. Elas são mais rápidas e mais eficientes nesse trabalho, apresentando uma estrutura e organização que possibilitam maior flexibilização, e maior capacidade de cobrir os acontecimentos mais importantes do planeta num espaço de tempo bastante curto, em alguns casos, até mesmo em tempo real, ou quase isso.

Os jornais com suas estruturas mais pesadas recorrem às agências de notícias não apenas pela agilidade e eficiência delas, mas também porque esse procedimento implica redução de custos operacionais. Essa possibilidade de contar com as agências permite aos jornais contratar um número menor de repórteres, por exemplo, e ter a garantia de receber em troca as mais recentes e importantes informações sobre os mais variados assuntos de seu interesse. É como se as agências fossem uma “fábrica de notícias” e as empresas jornalísticas, os primeiros consumidores desse produto para depois repassá-lo ao público. Nesta opção de acesso à informação por intermédio das agências de notícias o custo final é menor.

Percebe-se toda uma movimentação em forma de rede: as agências têm uma rede de repórteres e de fontes que fornecem as informações ou as bases para que se obtenham as informações. As empresas jornalísticas dispõem de uma rede de agências que lhe fornece as informações desejadas. O público consumidor de notícias conta com esse universo de informações à sua escolha. É importante observar que esse sistema de rede da informação, digamos assim, possibilita tanto o acesso às notícias como também limita esse acesso, uma vez que só as notícias que passam por essa rede é que são divulgadas para o conjunto da população. Talvez isso explique o fato de se ter tanta notícia repetida nos diferentes meios de comunicação diariamente: A crise do governo, os atrasos nos aeroportos, o acidente da Gol, o acidente da TAM, etc., para ficar apenas nos exemplos mais recentes durante a elaboração desta tese. Todos os meios de comunicação divulgam mais ou menos as mesmas notícias durante todo o dia.

Essa estrutura em rede montada pelas agências de notícias também traz à tona, novamente, a questão da diluição de responsabilidades, uma vez que para se chegar à origem da informação tem de se abrir várias janelas, como no computador, de lugares diferentes, sem a certeza de que se consiga chegar realmente ao lugar de origem. É importante observar também que nessa estrutura tudo ou quase tudo é discurso. Vale salientar, entretanto, que no caso dos materiais organizados e publicados pelas agências de notícias, não se trata de qualquer enunciado, mas daqueles que decidem a vida de milhões de trabalhadores no mundo inteiro, quer eles tenham consciência disso ou não.

O mercado de trabalho acaba se movimentando em torno dessas informações, os índices das bolsas de valores aumentam ou despencam conforme essas notícias. É o preço que se paga por essa espécie de monopólio da informação comandado, principalmente, pelas agências de notícias no Brasil e em boa parte do mundo.

Os trabalhadores também sofrem as conseqüências desse monopólio, pois, o fato de a grande maioria deles não ter acesso aos terminais de computadores dessas agências os impossibilita de obter as informações necessárias a tempo de poder agir ou, pelo menos, de se prevenir das ações advindas dessas informações disponibilizadas pelas agências aos seus clientes diretos.

A circulação de informação ocorre, mas não ao mesmo tempo para todos que dela necessitem, criando assim, uma “desigualdade democrática”. As agências socializam as informações, primeiro para uns poucos e só depois para os demais. E nem todas as notícias chegam para todos os cidadãos, mas para aqueles cidadãos que pagam por elas.

Como na sociedade do trabalho flexibilizado, os trabalhadores são gestores de um fluxo contínuo de informações, quem tem acesso a essas informações mais rapidamente leva vantagem sobre os demais. Esse fato contribui também para que as relações no mundo do trabalho sejam cada dia mais desigual, uma vez que o acesso às informações está diretamente relacionado ao poder aquisitivo, ou seja, quem tem dinheiro compra as notícias primeiro, parte das quais todos terão acesso, mas em momentos diferentes.

Na nova sociedade, conta tanto a quantidade de informação a que se tem acesso como também a velocidade a que se tem acesso a essas informações. É o predomínio do pólo econômico sobre os pólos político e o uso de si, como afirma a Ergologia.

A sociedade atual cria uma aporia, que pode ser resumida no seguinte círculo vicioso: As pessoas têm poder porque têm informação ou têm informação porque têm poder? Talvez o mais adequado seja afirmar que, no mundo atual, uma coisa não existe sem a outra, sendo uma, ao mesmo tempo, causa e consequência da outra.

Uma agência de notícias trabalha essencialmente com o imaterial – as informações. E essas estão em grande escala não mais nas redações dos grandes jornais ou das próprias agências noticiosas, mas, fundamentalmente, nas fontes. Há inclusive, hoje em dia, empresas que vivem de fornecer informações para jornais e agências de notícias. São as fontes institucionais, que, num certo sentido, acabam detendo as principais informações tidas como de interesse público e determinando, em parte, o que é e o que não é notícia.

As fontes não são meras portadoras de informações, mas elas próprias têm o poder de definir, em certa medida, o que é e o que deixa de ser de interesse público. Isto significa que a matéria-prima do jornalismo, que já era o discurso, atinge sua etapa superior de radicalidade discursiva, é o próprio discurso que tem grande valor de mercado.

### **1.7 O jornalista no mundo do trabalho**

O jornalista, como profissional da palavra no formato de notícia, tem um papel de fundamental importância na sociedade atual, uma vez que, em tese, é dele a responsabilidade pela coleta e o tratamento da informação a ser publicada para o conjunto da população. Ele não atua sozinho na execução da sua atividade, existem as restrições da empresa e do seu lugar discursivo, mas, cabe a ele a tarefa de fazer saber o que a população precisa e que alguns não gostariam que fosse divulgado. Nesse sentido, o debate de valores se impõe de maneira intensa no desenvolvimento dessa atividade de caráter eminentemente público, ainda que exercida no seio de uma empresa privada.

Talvez a profissão de jornalista nunca tenha ficado em evidência da forma paradoxal como tem sido posta na sociedade atual, movida por uma verdadeira teia de informações, tanto pela sua importância quanto pelos questionamentos em torno da

própria necessidade da profissão. Isso se deve, em parte, pelo fato de que as fronteiras entre diferentes profissões estarem cada dia mais tênues, não se sabe onde termina uma e começa a outra. Na modernidade líquida as especializações parecem não adquirir mais importância, pois, os resultados ganharam espaço em detrimento da qualidade do processo.

Nessa cadeia de informações, o jornalista é um articulador de enunciados para constituir enunciados de interesse público a serem divulgados pelos meios de comunicação. Ele tem de lidar com uma vasta gama de interesses muitas vezes conflitantes, o que o coloca na condição também de administrador de conflitos nem sempre passíveis de acordos de cavalheiros, uma vez que determinadas notícias podem favorecer um lado dos envolvidos no acontecimento em detrimento de outro.

Como no mundo do trabalho no capitalismo flexível da modernidade líquida as disputas são uma constante, o jornalista, muitas vezes, está envolvido nelas, mesmo não tendo interesse em favorecer qualquer um dos lados. Não que ele seja neutro, mas pelo fato de sua profissão assim o exigir, ou seja, que ele atue com o máximo de dados para que o leitor possa se posicionar diante das informações por ele fornecidas. Desse modo, muitas vezes, as consequências são imprevisíveis. Está se falando aqui de um profissional pautado em certos princípios éticos no desenvolvimento de sua profissão, como é esperado desse trabalhador, como se prescreve a atividade.

Não é á toa que haja um grande número de processos contra jornalistas. Ele é, sem dúvidas, um profissional que atua sob pressão, seja da sociedade em geral, seja dos envolvidos nos acontecimentos transformados em enunciados e divulgados pelos meios de comunicação, seja da própria empresa onde trabalha. Ele tem de prestar contas a muita gente. Isso torna sua atividade, num certo sentido, de caráter coletivo, seu texto é feito a várias mãos, há várias vozes identificáveis na sua elaboração. Pode-se dizer que, no caso dessa atividade, algumas pessoas gritam nos ouvidos do jornalista fazendo com que ele esteja constantemente realizando um debate de valores para fazer ecoar umas vozes e silenciar outras ou fazê-las ecoar menos aos ouvidos do público.

Esse debate de valores pode representar ganhos e perdas na atividade do jornalista no mundo do trabalho atual, pois, se por um lado ele tende a encontrar certo equilíbrio,

desejável em sua profissão, por outro, ele pode “perder muito tempo” nesse debate e levar os tão indesejados furos jornalísticos, ou seja, a concorrência pode dar a notícia antes dele. E isso pode representar sanções na empresa onde ele trabalha ou pode significar a perda de prêmios devido à queda no *ranking* entre as empresas concorrentes. Portanto, o controle sobre essa atividade é exercido por diferentes agentes internos ou externos à corporação da qual o jornalista faz parte. No dito império da flexibilidade, liberdade e controle caminham lado a lado.

O jornalista, na sociedade atual, precisa ser uma pessoa bastante versátil e “conectada” aos acontecimentos do mundo inteiro porque o processo da globalização rompeu as antigas fronteiras entre países e trouxe no seu bojo a realidade multicultural, exigindo desse profissional um novo olhar sobre os dados e informações que lhe chegam às mãos. Ele precisa ter certo conhecimento sobre diferentes culturas até mesmo para não sofrer represálias de grupos ou comunidades inteiras.

A atividade do jornalista, na sociedade atual, pode ser tanto imprescindível quanto absolutamente descartável, dependendo, não só, mas também, dos rumos que ele próprio der à sua profissão. Se o comportamento for de mero repassador de informação coletada junto às fontes, por exemplo, talvez ele esteja cavando sua própria sepultura. De outro modo, se o procedimento for de dar um tratamento de qualidade às informações obtidas, num processo rigoroso de apuração e investigação, é possível que os resultados sejam melhores. Resta aos jornalistas e à sociedade escolherem o caminho que melhor lhes convier. Mesmo porque a sociedade atual impõe uma série de outras restrições que acabam por limitar a atuação desse profissional. A tarefa está longe de ser simples.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo são apresentadas as noções e conceitos fundamentais para o desenvolvimento da tese, bem como, separadamente, as contribuições dos estudos da linguagem e as contribuições dos estudos do trabalho. Nesse sentido, uma noção mais ampla como concepção de linguagem, de Bakhtin, a interação social, dialogismo e alteridade, elaboradas pelo pensador russo; Semântica global, como macro-conceito desenvolvido por Maingueneau, interdiscurso, formação discursiva, competência discursiva, prática intersemiótica, cenografia e ethos, como planos constitutivos da Semântica Global apresentados pelo lingüista francês; bem como os conceitos de atividade, gênero da atividade, estilo profissional, prescrição, norma e renormalização, usos de si, desenvolvidos pelos estudiosos do mundo do trabalho: Gorz, Sennett, Schwartz, e o próprio conceito de jornalismo farão parte deste capítulo como forma de consubstanciar o estudo, as análises e os resultados da pesquisa, como já anunciado na introdução.

Maingueneau, em sua obra sobre a gênese dos discursos, datada de 2005, operacionalizou sua análise, inclusive, por meio dos léxicos: substantivos e adjetivos para aceder à natureza das formações discursivas do campo religioso do Humanismo Devoto e do Jansenismo, diferentemente das escolhas aqui realizadas, dos planos aqui organizados. Essa diferença é mais uma possibilidade da exequibilidade da Semântica Global como uma noção que articula diversos planos semióticos das práticas languageiras numa análise intersemiótica fundamental para tentar abarcar o discurso numa certa complexidade.

Essa perspectiva de abordagem “plena” da discursividade tende a fornecer subsídios teórico-metodológicos para possíveis intervenções no quadro social em que se insere o estudo, uma vez que, diante da totalidade articulada dos diferentes planos constitutivos das ocorrências discursivas, o trabalhador pode servir-se dessa articulação resultante da análise e redimensionar o cotidiano de suas tarefas profissionais, não se prostrando diante da realidade, mas, atuando sobre ela, devido ao fato de conhecê-la melhor, a partir do ponto de vista languageiro. Trata-se de contribuições da linguagem no processo de decifração de enigmas da atividade de trabalho e na constituição da consciência do ser social.

À passividade contemplativa que resulta na prostração do homem diante do real, contrapõe-se a de um ser que vê, analisa, investiga a realidade e age sobre ela na perspectiva de sua transformação. Apesar de não ser o objetivo desta tese promover uma mudança social por meio de uma intervenção concreta e direta na realidade imediata, não se pode deixar de almejar alguma mudança, ainda que modesta e localizada, na prática profissional do jornalista/protagonista no ambiente de trabalho onde o estudo foi desenvolvido. Se esta tese provocar um processo de reflexão do jornalista/protagonista acerca de sua atividade já é um tipo de mudança dela decorrente. Reflexão aqui entendida não como mera contemplação, mas como uma ação sócio-cognitiva com possibilidades de redimensionamentos de uma prática anterior. Como afirma Kosik (1997):

[...] a atitude primordial e imediata do homem, em face da realidade, não é a de um abstrato sujeito cognoscente, de uma mente pensante que examina a realidade especulativamente, porém, a de um ser que age objetiva e praticamente, de um indivíduo histórico que exerce a sua atividade prática no trato com a natureza e com outros homens, tendo em vista a consecução dos próprios fins e interesses, dentro de um determinado conjunto de relações sociais. (KOSIK, 1995:13).

Essa forma de entender a relação entre o homem e a realidade, mediada pelos processos linguageiros, além de afetar o jornalista/protagonista, afeta também o próprio pesquisador. Devido ao fato de a atividade do analista do discurso não ser objeto de investigação desta tese, faremos apenas alusão ao ponto que aqui recai obliquamente sobre ela.

A atitude do analista do discurso não depende exclusivamente de suas intenções diante do objeto de estudo e da realidade como um todo, mas de uma conjugação de fatores que se entrelaçam na constituição do tecido social no qual ele está inserido como, a um só tempo, produto e produtor, ou seja, ao mesmo tempo em que o analista promove mudanças no processo de análise dos discursos, ele também, por sua vez, sofre mudanças que a sua atividade lhe impõe, independentemente de suas idiosincrasias. É a natureza mesma do processo dialético e dialógico dos fenômenos da linguagem e do próprio do processo de fazer pesquisa.

## 2.1. Contribuições dos estudos do trabalho

Neste item serão apresentadas algumas contribuições dos estudos do trabalho por meio de dois subitens: A atividade profissional como gênero e O jornal como bem simbólico

### 2.1.1 Atividade profissional como gênero

Para melhor compreensão da atividade do jornalista e da relação alteritária nela envolvida, são necessários alguns esclarecimentos sobre a própria atividade. Para isso recorreremos ao conceito de gênero da atividade desenvolvido por Clot e Faïta. Partindo da concepção de gênero do discurso, desenvolvida por Bakhtin, os autores iniciam a definição de gênero da atividade ou gênero profissional como um conjunto de prescrições, relativamente estáveis, que orientam e delimitam a tarefa (o que deve ser feito conforme as prescrições existentes), e a atividade efetivamente realizada pelo trabalhador, no caso, pelo jornalista. O gênero profissional é o resultado dessa articulação complexa entre prescrição e realização.

O gênero da atividade é o que se faz efetivamente a partir de um conjunto de prescrições, oficiais ou não, que são constantemente recuperadas e redimensionadas conforme o estilo de cada trabalhador, o *estilo profissional*, e o contexto real em que a atividade tem de ser realizada. Há, desse modo, uma relação de reafirmação e de negação superadora entre o prescrito e o realizado, pois, só assim a atividade torna-se possível, uma vez que quase todo prescrito, se não todo, parte de uma situação generalizada até mesmo para ter força como prescrição. Caso seja muito específico de uma determinada situação, certamente, não serve para outras, ainda que sejam de mesma natureza.

Pode-se afirmar que o prescrito, ao mesmo tempo, sirva para qualquer situação, de forma generalizada, e não serve para nenhuma situação específica. Desse modo, a prescrição para se realizar necessita ser atualizada, ou seja, para ser ela tem de, num certo sentido, deixar de ser.

O processo de reflexão acerca da atividade jornalística (um dos objetivos desta tese) incluindo o conhecimento do gênero profissional pode significar o

desenvolvimento mais saudável da atividade uma vez que oferece parâmetros para uma atuação com menos probabilidades de erro, proporcionando situação mais confortável para o trabalhador. O fato de se conhecer o gênero profissional torna menos obscuro os recônditos da atividade, ainda que não evidencie seus contornos e meandros. O trabalhador conta com o *know how* de uma dada categoria profissional na execução de suas tarefas com economia de ação. Por meio do gênero, não só, mas inclusive, o trabalhador conhece as possibilidades e o sistema de restrições que constroem as ações a serem executadas na realização de sua atividade. Não que a contribuição desta tese seja imprescindível para que o jornalista conheça seu gênero profissional, mas, pode ajudar no alargamento de suas percepções acerca da mesma.

O gênero profissional ou da atividade repousa sobre um conjunto de experiências vivenciadas e compartilhadas por um amplo coletivo de trabalho. Essas experiências dotam o gênero de uma relativa estabilidade que o caracterizam e o determinam como tal. Segundo os autores, o gênero é um conjunto de pré-construídos, por ações e palavras que são mobilizados pelos trabalhadores no desenvolvimento de suas tarefas profissionais, fazendo parte de uma memória coletiva, de uma consciência coletiva, uma espécie de superego da atividade que delimita as ações possíveis de serem realizadas, bem como aquelas que não devem fazer parte da atividade e se manifestam no coração e na mente de cada trabalhador, numa espécie de auto-proteção e reverência por um conhecimento historicamente acumulado pelos seus pares. Pode-se afirmar, então, que o gênero profissional confere uma determinada identidade à atividade. (CLOT e FAÏTA, 1999)

Se os processos comunicacionais se desenvolvem por meio dos gêneros do discurso, como afirma Bakhtin, no mundo do trabalho, o funcionamento ocorre por meio dos gêneros da atividade. É por meio dos gêneros profissionais que sabemos tratar-se de um jornalista, um médico, um professor, um operador de telemarketing, etc. Parafraseando Bakhtin (1984), conhecendo o gênero da atividade em questão somos sensíveis ao “todo” profissional. Este conhecimento oferece os limites e as possibilidades de atuação de cada trabalhador para desenvolver sua respectiva atividade, sem que para isso tenha de ficar atento a todos os detalhes de cada ação constitutiva de suas tarefas. Segundo Clot e Faïta, os gêneros da atividade:

(...) marquent l'appartenance à un group et orientent l'action en lui offrant, em dehors d'elle, une forme sociale qui La represente, La precede, La préfigure, et, du coup, La signifie. Ils désignent des faisabilités tramées dans des façons de voir et d'agir sur Le monde considerer comme justes dans Le group des pairs à um moment donné. C'est um système souple de variantes normatives et de descriptions comportant plusieurs scénarios et um jeu d'indétermination que nous dit comment fonctionnent ceux avec que nous travaillons, comme agir ou s'abstenir d'agir dans des situations precises; comment mener à bien lés transactions interpersonnelles exigées para La vie commune organisée autour dès obectifs d'action. (CLOT e FAÏTA, 1999: 9)

O conhecimento do gênero profissional possibilita uma série de antecipações e predições acerca do desenvolvimento de uma dada atividade. Não se espera que um jornalista atue como um médico nem vice-versa. A partir do conhecimento do gênero profissional, o trabalhador sabe o que deve ser feito na realização de sua atividade. Segundo Clot e Faïta, o gênero não está apenas relacionado à *organização da atividade*, mas é também instrumento que é posto a toda hora à prova do real. Essa imposição do gênero à prova está diretamente relacionada ao estilo profissional de cada trabalhador, o estilo põe o gênero à prova no confronto com uma situação específica de realização da atividade.

É esse confronto entre o que deve ser feito e a realidade singular de cada situação específica que torna possível, quando for o caso, o redimensionamento do próprio gênero da atividade, comprovando assim a transitoriedade da estabilidade que o particulariza. É o movimento de influência recíproca: o gênero profissional determina o estilo e é por este afetado e modificado.

O gênero, dentre outras coisas, prescreve a atividade, oferece parâmetros para que os trabalhadores se auto-avaliem, exerce uma função psicológica sobre eles, regulando, não as relações interpessoais, mas, as relações inter-profissionais, porque oferecem uma estabilidade transitória da própria atividade.

O estilo é uma forma de transgressão da prescrição engendrada no gênero profissional, uma vez que o objeto do gênero é a própria atividade em toda sua abrangência. Enquanto que o estilo é mobilizado em circunstâncias específicas da realização das tarefas que constituem uma dada atividade. O estilo, portanto, está relacionado também ao jeito de ser do trabalhador na execução das tarefas constitutivas

de sua atividade. É a articulação entre o estilo e a atividade profissional que tornam possível a realização da atividade. Pode-se afirmar que o gênero é o que deve ser feito e o estilo é o que efetivamente se faz em circunstâncias concretas de uma determinada situação. Um é o que deve ser realizado, o outro, é o que se realiza. Como afirmam Clot e Faïta (1999): *o estilo profissional metamorfoseia o gênero da atividade* para que essa tenha condição de se realizar. O estilo é *o retrabalho dos gêneros em situação*. Ele constitui, assim, a força motriz do gênero da atividade.

No caso da atividade jornalística em uma agência de notícias em tempo real na sociedade contemporânea, pode-se perceber que a velocidade e a precisão são constitutivas do gênero da atividade, impondo um conjunto de restrições à atuação do jornalista. O trabalhador, ao mesmo tempo deve atuar com muita subjetividade, fazendo as necessárias “transgressões do gênero profissional, e tem de buscar a propalada “objetividade e imparcialidade” numa aproximação entre a esfera jornalística e a esfera científica, como se o próprio fato falasse diretamente ao público leitor, procurando retirar do texto qualquer marca pessoal.

Há também uma tentativa de conferir ao discurso um caráter de univocidade. É a voz da própria verdade que fala ao público leitor. Isso é o que a agência pretende. No entanto, sabemos, de acordo com a concepção de linguagem aqui defendida, tratar-se de tarefa irrealizável. Todo processo de linguagem, longe de ser neutro, está carregado de apreciações, juízos de valor. Isso independe das intenções do enunciador. Há todo um jogo de interesses constitutivo de qualquer atividade languageira.

### **2.1.2 O jornal como bem simbólico**

A produção e a competitividade estão cada vez mais baseadas no conhecimento e na informação, e menos no setor primário e na produção de bens básicos, como ocorria há cerca de trinta anos. O setor de serviços, como o que mais tem aumentado nos últimos anos, será constitutivo do universo do trabalho em seu deslocamento na complexidade da sociedade contemporânea globalizada. Perceber essa mudança de paradigma no mundo do trabalho, conforme atesta a afirmação de Gómez (1998/2001) a

seguir, é imprescindível para entendermos a dimensão do papel de uma grande agência de notícias em tempo real, localizada na cidade de São Paulo.

É surpreendente a vertiginosa mudança que se produziu na estrutura da produção nas últimas três décadas. A produtividade e a competitividade se baseiam cada vez menos nos recursos primários e na produção de bens básicos, e cada vez mais no conhecimento e na informação que se produz e intercambia como uma mercadoria progressivamente mais valiosa, de tal modo que, como afirma Castells (1994), o trabalho não-qualificado e as matérias-primas deixam de ser estratégicos na nova economia. Em menos de cinquenta anos, em países como a Espanha, o eixo da economia se transferiu com vertiginosa celeridade da agropecuária, para a indústria e dela para o **setor de serviços**, com as importantes implicações que isso supõe não apenas para a economia como para a política, a cultura e o desenvolvimento individual e relacional dos cidadãos. **A importância crescente do setor de serviços exalta a relevância da informação e do conhecimento, de tal modo, que eles se convertem nos elementos substantivos da cultura atual. A cultura como informação se converte, por sua vez, numa mercadoria a mais, de modo que já se faz difícil a distinção entre produção e consumo, assim como, entre trabalho produtivo e não-produtivo** (grifos nossos). (GÓMEZ, 1998/2001: 84).

É interessante observar também algumas especificidades de uma empresa jornalística no mundo do trabalho, uma vez que o produto por ela “fabricado” é diferente daquele que se produz numa metalúrgica, por exemplo. Difere o tipo de produto, bem como a relação de troca estabelecida no relacionamento com o consumidor. Este, ao comprar um jornal, se apropria dessa materialidade, entretanto, o que nessa materialidade interessa são os textos nela contidos e, nesse caso, não há bem uma apropriação. Não havendo apropriação do bem, não há perda por parte da empresa jornalística nem ganho por parte do consumidor, como ocorre nas relações tradicionais de troca de mercadoria no ramo da economia.

Os rendimentos de uma empresa jornalística estão, pois, ligados à venda, à audiência dos respectivos produtos. Só que, enquanto produto, um jornal escapa à concepção tradicional de troca econômica realizada num dado espaço e num dado tempo e que se traduz numa alteração de haveres: aquele que vende perde o bem que, antes, possuía; aquele que compra apropria-se de um bem que, antes, não tinha. Ora os *media* nunca perdem a “sua” informação, tal como os leitores ou os telespectadores nunca ficam detentores, em exclusivo, de uma qualquer informação.

Diremos que o que está em causa, no “mercado *media*”, é algo de diferente. O que os *media* vendem é um acesso a uma informação. O que os leitores ou os telespectadores compram é a possibilidade de aceder a essa informação. (REBELO, 2000/2002: 33).

De acordo com a lógica do sistema capitalista, tudo o que nele é produzido torna-se mercadoria. Entretanto, com o jornalismo, há que se considerar sua especificidade sob pena de incorrerem em erro quanto à natureza desse produto, uma vez que o que uma empresa jornalística produz é, essencialmente, discurso na forma de notícia, e o

que se vende não é só um pedaço de papel com inscrições, com textos, mas compartilham-se as informações nele contidas. O que uma empresa jornalística produz é um bem simbólico, um bem cultural.

O desenvolvimento do sistema de produção de bens simbólicos (em particular do jornalismo, área de atração para os intelectuais marginais que não encontram lugar na política ou nas profissões liberais), é paralelo a um processo de diferenciação cujo princípio reside na diversidade dos públicos aos quais as diferentes categorias de produtores destinam seus produtos, e cujas condições de possibilidade residem na própria natureza dos bens simbólicos. Estes constituem realidades com dupla face – mercadorias e significações – cujo valor propriamente cultural e cujo valor mercantil subsistem relativamente independentes, mesmo nos casos em que a sanção econômica reafirma a consagração cultural. (BOURDIEU, 2004: 102-103).

Por outro lado, Chaparro (2001), afirma:

Se o mundo fosse movido e ordenado apenas pela energia do mercado, teriam razão os que vêem o jornalismo apenas como negócio. Mas, o homem é um ser cultural. Cria os conflitos, age neles. Por meio deles, é verdade, legitima coisas como o lucro, a livre concorrência, a exclusão. Submete, porém, as competições a valores e a projetos coletivos que a cultura impõe.

Os objetivos vitais da sociedade, ainda que adormecidos ou abafados, continuam sendo éticos, ligados às razões da vida. Nunca a Declaração Universal dos Direitos Humanos foi tão evocada e tanto se impôs quanto nos tempos atuais, para a identificação, denúncia, crítica e correção de situações que agridem o ser humano. Nessa tendência, a Europa, que na economia ergue templos ao neoliberalismo, elaborou e reelabora, nos parlamentos da política e da cultura, estatutos de cidadania que vão julgar e controlar as diabruras neoliberais, nas definições do século XXI. (CHAPARRO, 2001:122).

### **2.1.3 Contribuições de estudos jornalísticos**

Como esta tese conjuga dois domínios da ação humana – linguagem e trabalho – e o recorte do trabalho foi o jornalismo, tornou-se imperioso que fosse abordada a concepção ou as diferentes concepções dessa esfera de atividade humana para que melhor se estabeleça o diálogo entre o ponto de vista jornalístico sobre o jornalismo e a abordagem do jornalismo sob a perspectiva discursiva, ressaltando-se as contribuições da linguagem na definição, caracterização e atribuição dessa esfera, bem como algumas semelhanças entre o jornalismo impresso e o digital, uma vez que se trata aqui de trabalho do jornalista em uma agência de notícia em tempo real, cujo ambiente físico de publicação da matéria é, majoritariamente, a tela do computador.

### 2.1.3.1 Jornalismo impresso e jornalismo digital

Pode-se afirmar que se o jornalismo impresso é um dos grandes componentes do chamado setor de serviços, o jornalismo digital é, digamos assim, a radicalidade ou a etapa superior desse setor por absorver as principais características dos serviços do mundo do trabalho. Pois, se no caso do jornal impresso, o consumidor leva, em parte, um produto em forma de caderno para casa, no caso do jornalismo digital, nem disso ele (o consumidor) se apropria. O jornalismo digital não oferece um produto, compartilha informações com milhares de usuários da rede de computadores no mundo inteiro.

O mundo foi globalizado e digitalizado, as distâncias diminuíram, o acesso ao que acontece de um canto a outro do planeta tornou-se possível e reduzido a frações de segundo. Eis o novo mundo onde o aqui e o acolá se confundem, tudo passou a existir bem diante de nossos olhos, no aconchego do lar de cada cidadão do mundo. A internet noticia o que ainda será noticiado nos jornais impressos do dia seguinte, trazendo à baila, mais uma vez, a questão do tempo e a discussão acerca da qualidade do jornalismo digital, tão premido pelo tempo. Segundo Ferrari (2004):

O caminho percorrido pela notícia, desde o surgimento da idéia na reunião de pauta (ou do momento em que o repórter ou editor acessa o site das agências de notícias) até sua “publicação” na Internet demora, muitas vezes, dez minutos. Principalmente na área de últimas notícias, o tempo é o grande “capataz” da apuração, pois tornou-se quase uma unanimidade achar que matéria publicada na Internet pode vir cheia de erros – sejam de ortografia, apuração ou concordância. (FERRARI, 2004: 52).

O advento do jornalismo digital também coloca na ordem do dia a discussão em torno da importância do jornalismo impresso, tendo em vista que se o leitor já obteve a informação pela TV e pela tela do computador, que necessidade haveria de ler os jornais impressos? Talvez, parafraseando Di Franco, possa-se afirmar que tanto a TV quanto o jornalismo digital abrem o apetite, mas só o jornalismo impresso sacia a fome da matéria resultante de todo um processo de obtenção, investigação, apuração e tratamento mais adequado da informação.

Mais uma vez a questão não é factual, mas discursiva, pois o fundamental é o tratamento dispensado à informação e não o acontecimento em si, trata-se do modo de construir opiniões pela abordagem da matéria. Os fatos não se manifestam pelo

discurso, são transformados em discurso como condição de serem propagados e integrarem o universo das pessoas que a eles não tiveram acesso no momento em que ocorreram. Ou seja, a democratização dos fatos depende, inicialmente, de sua transformação em linguagem.

Talvez seja importante notar que, para o analista do discurso os fatos já aparecem aos jornalistas como discurso, uma vez que ele (o jornalista) faz uma leitura dos fatos, uma interpretação deles. O jornalista lança seu olhar sobre os fatos e é esse olhar que será transformado em notícia. Não havendo, portanto, como fazer a distinção entre o acontecimento e a versão dele feita pelo profissional da informação. O que ocorre é que o jornalismo, para conferir credibilidade às informações, tende a noticiar os fatos como se a voz da verdade fosse constitutiva dos próprios acontecimentos.

Os fatos não falam por si sós, mas é o jornalista que narra o que aconteceu. Ainda que essa narração seja feita por meio de uma câmera de vídeo. O ângulo, as tomadas, o jogo de luz, os enquadramentos, etc constituem a interpretação do acontecimento pelo jornalista. Se os fatos falassem por si sós não seria necessário o papel do jornalista na divulgação deles e nem haveria diferentes enfoques sobre um mesmo acontecimento divulgado pelos meios de comunicação. O gênero da atividade jornalística impõe tanto a objetividade quanto a subjetividade no tratamento da informação.

Entender o fato como discurso constitui uma diferença fundamental entre a concepção de linguagem aqui assumida e a concepção de linguagem e de fato, geralmente, assumida pelos jornalistas, como se poderá notar mais claramente no capítulo de análise. Talvez essa distinção feita pelo jornalista deva-se a restrições impostas pelo próprio gênero da atividade como forma de alcançar a tão propagada imparcialidade no discurso jornalístico e um dos quatro valores da Reuters.

Vale salientar que essa diferença gera também dificuldades para o analista do discurso no processo de análise na medida em que se busca realizar a análise a partir de duas concepções tão distintas como neste caso. As tensões e as tentações são muitas ora favorecendo um lado, ora outro, na tentativa de se alcançar um certo nível de equilíbrio para não se incorrer no erro das verdades absolutas. O que seria uma contradição de acordo com os pressupostos teóricos desta tese.

Outro aspecto a se considerar aqui é acerca da abrangência e do tipo de público a que se dirige o jornalismo impresso e o jornalismo digital.

A grande diferença entre a mídia tradicional impressa e a digital passa pelo seguinte conceito: a tradicional tem como objetivo falar com uma grande quantidade de pessoas; oferecer conteúdo jornalístico capaz de agradar, por exemplo, mais de um milhão de assinantes da maior revista semanal brasileira. (...) A mídia digital, nascida graças aos avanços tecnológicos e à solidificação da era da informação, consegue atingir o indivíduo digital – um único ser com suas preferências editoriais e vontades consumistas, um cidadão que cresceu jogando videogame e interagindo com o mundo eletrônico. Os jovens entre 18 e 25 anos são hoje os potenciais consumidores da nova mídia interativa. São eles que se sentem atraídos por um amplo leque de recursos que vão desde compras on-line, home-banking, jogos, entretenimento, até um acesso direto às oportunidades de pesquisa e educação a distância. (FERRARI, 2004: 53)

Essa diferença do tipo de público e a abrangência interferem diretamente na organização e na abordagem do conteúdo a ser transformado em matéria pública, implica, entre outras coisas, o estatuto que o enunciador se atribui e o estatuto que ele atribui ao destinatário de seus enunciados. Esse estatuto, por sua vez, vai interferir no modo de enunciação, conforme os pressupostos da Semântica Global. Tanto a ordem da enunciação quanto a ordem do enunciado vão exercer forte influência sobre a atividade de trabalho do jornalista de uma agência de notícias em tempo real, como é o caso nesta tese.

Pode-se afirmar que o jornalismo digital democratiza ainda mais a informação nas sociedades dos séculos XX e XXI, pois, como declaram alguns estudiosos do assunto, diferentemente do jornalismo impresso, que é feito por uma empresa para atingir multidões, o jornalismo digital pode ser feito por muitos para muitos e a informação ocorre quase que em tempo real.

Essa nova realidade estabelece outro tipo de relação entre veículo de informação e seus interlocutores, uma vez que as condições de recepção são diferentes das de um jornal impresso, por exemplo. Às vezes, o consumidor nem está à procura de notícias, mas o fato de ele ligar seu computador pessoal na sala de sua casa ou até mesmo em seu quarto, logo ao acordar, já o coloca diante de acontecimentos do mundo inteiro na tela do seu computador pessoal.

O jornalista que atua no universo digital é acima de tudo um gestor de conteúdos e de formatos multifacetados para disponibilizar o jornal na tela do computador, visto que

tem de articular som, imagem, animações, texto verbal, etc. Isto é, tem de sair da linearidade do texto verbal e partir para uma estrutura multidimensional da matéria a ser publicada.

### 2.1.3.2 Jornalismo sob a ótica de jornalistas

Sobre jornalismo a pesquisa será baseada em concepções complementares entre si. A primeira delas, postulada por Rossi (1980/2000), entende o jornalismo como uma espécie de batalha para se conquistar corações e mentes dos leitores, telespectadores e ouvintes; a segunda definição, defendida por Bucci (2000), entende o jornalismo como a realização de uma ética consubstanciada na publicação daquilo que muitos querem manter oculto, mas que o cidadão tem o direito de saber por que tais informações podem alterar os rumos de sua vida; a terceira, exposta por Melo (1987/1992) vê o jornalismo como um processo cultural amplo que articula forma e conteúdo e que tem como características fundamentais: a periodicidade, a universalidade, a atualidade e a difusão.

Antes mesmo de iniciar cada uma dessas concepções, vale ressaltar algumas mudanças ocorridas no mundo que afetaram diretamente a atuação do jornalista, vistas sob a ótica de um estudioso do jornalismo. Em fins do século XX, o mundo mudou e impôs mudanças ao jornalismo.

[...] a mutação fundamental que as transformações sociais impuseram ao jornalismo, manifesta-se no seguinte facto, que os jornalistas detestam reconhecer: no relato da actualidade, os jornalistas deixaram de ser produtores dos conteúdos que interessam à divulgação jornalística. (Chaparro, 2001: 123).

...de conflitos se nutre a narração jornalística, para o relato dos confrontos da vida real que organizam as ações humanas, na afirmação, na divisão ou na defesa de poderes, princípios, idéias, crenças, gostos, ambições ou tendências com determinantes contrários. (Chaparro, 2001: 15).

O conflito está no coração da vida organizada dos grupos humanos. Dessa vida faz parte o jornalismo, para dos conflitos dar conta, pela notícia e pelo comentário.

Em tais artes, as do conflito nas lutas comuns do cotidiano, singra a narrativa ficcional, com liberdades de autoria ao jornalista negadas. Jornalismo não transita pela ficção; na vocação irrecusável que a actualidade lhe atribui, tem de assumir a limitação imposta pelo dever discursivo da veracidade.. Tudo que relata deve ter o predicado de ser verdadeiro, crível. E por tratar de conflitos decisivos da vida real de pessoas e instituições, em sociedades organizadas, o jornalismo tem nessa limitação a razão essencial da própria força – força de linguagem como asseverativa.

...jornalismo, mais do que uma profissão que exige talento, liberdade e idealismo de quem a exerce, transformou-se numa linguagem e num ambiente que a sociedade organizada utiliza para expressar e ajustar discursos interessados, conflitantes, para os confrontos discursivos do tempo presente.

Os actos, as falas, até os silêncios, ao assumirem forma e força jornalística, tornam-se intervenções na actualidade, produzindo imediatos efeitos, directos ou indirectos, na vida das pessoas. (CHAPARRO, 2001: 38)

Os leitores dos textos dos jornalistas são, em primeiro lugar, os próprios jornalistas, ou seja, a matéria produzida passa pelas mãos do chefe de reportagem do copydesque, do secretário que poderá publicar ou não a matéria. Isto significa que o jornalista produz seus discursos primeiramente para outros jornalistas, e só depois para o público em geral do respectivo jornal. Podemos afirmar que na atuação profissional do jornalista há uma certa cumplicidade entre aquele que produz a matéria e aquele que a lê, numa perspectiva harmônica entre o enunciador e seus interlocutores, como se a tensão característica de qualquer processo enunciativo fosse abolida. Segundo Dines (1986: 54): *os jornalistas foram treinados para sentir as necessidades do leitor e o leitor foi domesticado para receber aquilo que certamente lhe agradará. Se a linguagem é o espaço de mediação entre o jornalista e o leitor, pode-se supor aqui uma concepção de linguagem como transparência, uma vez que o dito será interpretado pelo leitor tal qual foi concebido pelo enunciador.*

Observemos agora, três concepções de jornalismo sob o olhar de jornalistas e estudiosos dessa esfera de atividade humana, conforme anunciado no início deste item.

Segundo Rossi (1980/2000):

[...] Jornalismo, independentemente de qualquer definição acadêmica, é uma fascinante batalha pela conquista das mentes e corações de seus alvos: leitores, telespectadores ou ouvintes. Uma batalha geralmente sutil e que usa a palavra, acrescida, no caso da televisão, de imagem. Mas uma batalha nem por isso menos importante do ponto de vista político e social, o que justifica e explica as imensas verbas canalizadas por governos, partidos, empresários e entidades diversas para o que se convencionou chamar de veículo de comunicação de massa. (ROSSI, 1980/2000: 7).

Para o jornalista Eugênio Bucci:

[...] O jornalismo já é em si mesmo a realização de uma ética: ele consiste em publicar o que os outros querem esconder, mas que o cidadão tem o direito de saber. Isto é, a notícia: a informação que, uma vez revelada, afeta as expectativas do cidadão, do consumidor, do homem e da mulher comuns quanto ao mundo que os cerca, quanto ao futuro ou quanto ao passado. Notícia não é apenas uma “novidade”. É uma novidade que altera o arranjo dos

fatos, dos poderes ou das idéias em algum nível. A notícia incide, portanto, sobre as relações humanas: ela é socialmente notícia. Ou não é. O jornalismo não lida prioritariamente, portanto, com a divulgação de relatos. Ao contrário, sua justificativa é descobrir segredos que não se quer divulgar. Seu objeto primordial não é difundir aquilo que governos, igrejas, grupos econômicos ou políticos desejam contar ao público, embora também se sirva disso, mas aquilo que o cidadão quer, precisa e tem o direito de saber, o que não necessariamente coincide com o que os outros querem contar. (BUCCI, 2000: 42).

Para Marques de Melo:

O jornalismo trabalha com o efêmero, transitório, circunstancial, fragmentário. Seus conceitos e categorias referem-se a fenômenos transitórios.

O conceito de jornalismo confunde-se, muitas vezes, com o de jornal. Entretanto, o jornalismo articula-se com os veículos que transmitem suas mensagens, sem se identificar com eles. Por isso o estudo do jornalismo não se reduz à mera análise das formas, mas compreende um processo amplo que vai desde a produção até o consumo.

O que torna o jornalismo um processo cultural são as suas características: periodicidade, universalidade, atualidade e difusão. Nele identificam-se quatro categorias: informativo, opinativo, interpretativo e diversional. As duas primeiras são consagradas, sendo a sua distinção ideológica e política. As duas últimas categorias apenas emergem. (MELO, 1987/1992: 15-16).

Essas definições de jornalismo segundo os próprios jornalistas nem se confundem nem se contradizem, antes se complementam devido inclusive ao foco de cada uma delas. Pode-se afirmar que cada uma dessas abordagens recai sobre uma questão central, qual seja: A sedução dos leitores.

Diante da TV, do telefone celular e da internet resta-nos saber se, mesmo quando a categoria predominante é a informativa, apenas se isso basta para os leitores de jornal, que já tiveram, em grande parte, acesso a essas informações por esses outros meios. Se esses leitores não procuram algo mais no jornal impresso, atribuindo assim, conscientemente ou não, uma nova função para esse veículo a fim de que ele não perca seu prestígio social. O público leitor do jornal impresso passa a fazer novas exigências que seriam, possivelmente, impensáveis não fosse o advento da internet e do telefone celular, por exemplo. Não se pode comparar o potencial e abrangência da TV e da internet com aparelho celular, mas é possível incluir esse último como mais uma possibilidade de acesso à informação em tempo real ou até mesmo considerar o uso

articulado de celular, TV e internet na constituição de uma enorme rede de comunicação simultânea, proporcionando, inclusive, a sensação de ubiquidade ao conjunto dos leitores.

## **2.2 Contribuições de estudos da linguagem**

Neste item serão apresentadas as seguintes contribuições dos estudos da linguagem para esta tese: Interação como princípio fundante da linguagem, na perspectiva dos estudos de Bakhtin/Volochinov (1929/1992), Dialogismo, conforme apresentado por Bakhtin (1984), A primazia do interdiscurso, Formação discursiva, competência discursiva, e as contribuições da Semântica Global, de acordo com as formulações de Maingueneau (1987/1997).

### **2.2.1 Interação social: princípio fundante da linguagem**

Partir da afirmação segundo a qual a linguagem está presente em quase todas as atividades humanas não significa dizer que tudo é linguagem, que tudo é discurso. Essa definição bastante ampla e pretenciosa pode servir para esvaziar o próprio conceito e contribui muito pouco para que se explicitem as contribuições da linguagem em diferentes dimensões humanas. Talvez seja mais adequado afirmar que nem tudo é linguagem, mas quase tudo que é humano envolve a linguagem.

É importante que se busque entender a linguagem na sua complexidade, na sua multidisciplinaridade para que os estudos, as análises não se limitem às marcas lingüísticas. Como afirma Maingueneau (1987/1997):

Os funcionamentos discursivos socialmente pertinentes atravessam a matéria lingüística, sem preocupar-se com suas fronteiras que, para outros fins, puderam ser traçadas entre sintaxe, semântica e pragmática. (...) A dimensão ideológica do funcionamento dos discursos diz respeito a operações que podem se situar em níveis muito diferentes da organização da matéria lingüística. (MAINGUENEAU, 1987/1997:17-18)

A interação entre sujeitos e entre sujeito-objeto inseridos num determinado contexto sócio-histórico constitui-se em paradigma fundante de uma nova concepção de linguagem. Dessa forma, o processo enunciativo está diretamente relacionado com o contexto sócio-histórico, sendo por este plasmado constitutivamente. Sobre a concepção de língua (discurso, processo enunciativo, linguagem) Bakhtin/Volochinov (1929/1992) apresentam as seguintes proposições:

A língua como sistema estável de formas normativamente idênticas é apenas uma *abstração científica* que só pode servir a certos fins teóricos e práticas particulares. Essa abstração não dá conta de maneira adequada da realidade concreta da língua.

A língua constitui um *processo de evolução ininterrupto*, que se realiza através da interação verbal social dos locutores.

As leis da evolução lingüística não são de maneira alguma as leis da psicologia individual, mas também não podem ser divorciadas da atividade dos falantes. As leis da evolução lingüística são essencialmente *leis sociológicas*.

A criatividade da língua não coincide com a criatividade artística nem com qualquer outra forma de criatividade ideológica específica. Mas, ao mesmo tempo, a criatividade da língua não pode ser compreendida independentemente dos conteúdos e valores ideológicos que a ela se ligam. A evolução da língua como toda evolução histórica pode ser percebida como uma necessidade cega de tipo mecanicista, mas também pode tornar-se “uma necessidade de funcionamento livre”, uma vez que alcançou a posição de uma necessidade consciente e desejada.

*A estrutura da enunciação é uma estrutura puramente social.* A enunciação como tal só se torna efetiva entre falantes. O ato de fala individual (no sentido estrito do termo “individual”) é uma *contradictio in adjecto*. (BAKHTIN, 1929/1992: 127)

Essas formulações de Bakhtin/Volchinov estão em perfeita sintonia e dialogam com a concepção materialista da história desenvolvida por Marx em *A ideologia alemã*, no combate às concepções empiristas e idealistas de sua época. É o que ressalta Brait (1997: 92) quando afirma que as formulações do teórico russo mantêm relação com diversas tendências filosóficas, dialogando com pressupostos neo-kantianos, fenomenológicos, **marxistas** (grifo nosso), entre outros. Podemos perceber esse diálogo entre Bakhtin/Volochinov e Marx, por exemplo, considerando as cinco proposições mencionadas anteriormente, quando em *A ideologia alemã* Marx afirma:

Não é a consciência dos homens que lhes determina o ser; ao contrário, seu ser social determina sua consciência. [...]

Esta forma de considerar o assunto não é desprovida de pressupostos. Parte de premissas reais e não as abandona um único instante. Estas premissas são os homens, não isolados nem fixos de uma qualquer forma imaginária, mas apreendidos no seu processo de desenvolvimento real em condições determinadas, desenvolvimento este que é visível empiricamente. Desde que se represente este processo de atividade vital, a história deixa de ser uma coleção de fatos sem vida, como a apresentam os empiristas, e que são ainda abstratos, ou a ação imaginária de sujeitos imaginários, como a apresentam os idealistas. (MARX, 1875: 9).

A interação verbal é um princípio fundante da teoria bakhtiniana que se constitui no lugar de realização da linguagem e dos sujeitos, com todas as implicações que essa afirmação pressupõe e exige, como declara Geraldi (1991/1993), desse modo, dando seqüência a esse processo dialógico, a esse caráter polifônico da enunciação, a essa *cadeia* infinita de enunciados, presente também na discussão acerca da própria linguagem:

- a) Focalizar a interação verbal como o lugar da produção da linguagem e dos sujeitos, que, neste processo, se constituem pela linguagem significa admitir:
- b) que a língua (no sentido sociolinguístico do termo) não está de antemão pronta, dada como um sistema de que o sujeito se apropria para usá-la segundo suas necessidades específicas do momento de interação, mas que o próprio processo interlocutivo, na atividade de linguagem, a cada vez a (re) constrói;
- c) que os sujeitos se constituem como tais à medida que interagem com os outros, sua consciência e seu conhecimento de mundo resultam como produto deste mesmo processo. Neste sentido, o sujeito é social já que a linguagem não é o trabalho de um artesão, mas trabalho social e histórico seu e dos outros e com os outros e é para os outros e com os outros que ela se constitui. Também não há sujeito dado, pronto, que entra na interação, mas um sujeito se completando e se construindo nas suas falas;
- d) que as interações não se dão fora de um contexto social e histórico mais amplo; na verdade, elas se tornam possíveis enquanto acontecimentos singulares, no interior e nos limites de determinada formação social, sofrendo as interferências, os controles e as seleções impostas por esta. Também não são, em relação a essas condições, inocentes. São produtivas e históricas e como tais, acontecendo no interior e nos limites do social, constroem, por sua vez, limites novos. (GERALDI, 1991/1993:11)

Entender que a língua é plasmada por fatores sócio-históricos e, como consequência, ideológicos ou vivenciais, constitui uma característica fundamental dos processos enunciativos para Bakhtin. É importante ressaltar que a língua ao mesmo tempo em que reflete esses fatores sócio-históricos, numa relação de tensão, também os refrata. Necessário se faz, entretanto, que entendamos essa relação entre reflexão e refração não como um processo dicotômico, mas uma relação dialética, como um movimento dos contrários, e dialógica, que pressupõe a heterogeneidade, que não busca a constituição de uma síntese, mas “evidencia” a presença do não no sim e do sim no não, numa reciprocidade sem fim.

Para Bakhtin/Volochinov, todo processo enunciativo é constituído de apreciação, de juízo de valor, as palavras não são meras palavras, são antes, verdadeiros processos avaliativos. Portanto, por mais que os enunciadores se esforcem para promover o apagamento da subjetividade, para dotar o enunciado de certa univocidade, como se a

própria verdade se pronunciasse por meio de enunciados, sendo o enunciador mero porta-voz dela, é tarefa irrealizável, independentemente do tipo de enunciado, seja ele prescritivo, informativo ou não. É por essa razão que, segundo o autor:

[...] a forma lingüística sempre se apresenta aos locutores no contexto de enunciações precisas, o que implica sempre um contexto ideológico preciso. Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ideológico ou vivencial. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1929/1992: 95).

Nesse sentido, o processo enunciativo está carregado de juízo de valor. E mesmo que determinado gênero tenha como função precípua a mera transmissão de informação, como é o caso da notícia de jornal eletrônico ou não, por exemplo, a neutralidade discursiva é tarefa que não se realiza. Considerar o caráter valorativo dos processos enunciativos significa também colocar em xeque a noção de linguagem como transparência e traz à tona a questão dos sentidos co-construídos pelos participantes do processo comunicacional.

### **2.2.2 Dialogismo: a presença do outro no mesmo**

Além do caráter ideológico ou vivencial da enunciação, o dialogismo é outro elemento constitutivo do processo enunciativo, pois a presença do outro, seja ela física ou não, é condição para que o ato enunciativo se realize. O que importa é que os enunciados são sempre partilhados entre enunciador e interlocutor, e que os discursos constitutivos dessa relação têm, como contraparte constitutiva, outros discursos que são recuperados por meio da memória discursiva na formação dos novos enunciados, ou mesmo discursos futuros, por assim dizer, antecipados.

Ao mesmo tempo em que o enunciador não detém a originalidade do seu discurso, este, uma vez “iniciado” não terá mais fim, pois a responsividade é outro elemento constitutivo de qualquer processo enunciativo. Todo dizer é, de certa forma, a continuação de outros dizeres que exigirá novos dizeres, numa relação sem fim. É nesse sentido que a dialogia, a alteridade e a responsividade são constitutivas de qualquer

processo enunciativo, na formação da *cadeia infinita de enunciados*, como afirma Bakhtin.

Quando formulamos enunciados imaginamos possíveis interlocutores que também modelam e determinam esses enunciados. Portanto, o que será expresso foi, de certa forma, determinado por fatores externos, ideológicos, afetivos e sociais. Claro que estes fatores também estão presentes no interior do discurso do enunciador no processo de enunciação. Sendo assim, a enunciação reflete e refrata a visão de mundo dos interlocutores e exige, como condição para a sua realização, a interação entre os implicados.

O fenômeno lingüístico é fundamentalmente o resultado de um processo de interação verbal entre enunciador e interlocutor, condicionado pelos fatores sociais que envolvem esses participantes. Desse modo, não cabe a idéia de que a língua esteja restrita ao psiquismo individual dos falantes, nem que seja um sistema de regras rígidas, independente do meio sócio-histórico, podemos, em vez disso, concluir que ela faz parte de um processo de evolução histórica e que se realiza na comunicação verbal concreta por meio da interação.

Isso significa dizer, segundo Bakhtin/Volochínov (1929/1992), numa crítica à língua entendida como resultante da ação individual dos sujeitos ou como objetividade abstrata, organizada sob a égide de um sistema de regras inexoráveis, que: *A língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema lingüístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes.* (Bakhtin/Volochínov, 1929/1992: 124).

A realidade é constituída por contradições e, por conta disso, está em constante mutação. Entretanto, essas mutações não são obras da natureza. Para que esse processo ocorra é necessário que haja a intervenção humana. Sendo assim, a coexistência de elementos contraditórios é o que possibilita uma rearticulação e a construção de uma nova totalidade, de resto sempre provisória.

A linguagem não é um simples acontecimento, como pretendiam os behavioristas, ela não surge como cogumelo na madeira em noite de chuva, nem é simplesmente o resultado idiossincrático das vontades individuais. Uma formação discursiva está

intimamente relacionada, ou melhor, absolutamente imbricada, com as condições de produção que a circundam, constringendo-a, plasmando-a.

Segundo Bakhtin (1984), nenhum enunciador detém a exclusividade sobre seu enunciado, uma vez que o que ora está sendo dito, já foi, de certa forma, pronunciado por um outro enunciador. A única possibilidade de se ter a paternidade de um discurso fundador é considerarmos o discurso adâmico. Ainda assim, se tomarmos a possibilidade da existência de Adão como real, pode-se também supor que ele tenha conversado com o seu Criador, e, nesse caso, nem o discurso adâmico seria o primeiro, a gênese de todos os discursos. Seria também esse discurso marcado pelo que Bakhtin chama de dialogismo. Sendo essa característica constitutiva de qualquer processo enunciativo. Ao tratar do caráter responsivo *das significações do discurso ouvido*, ele afirma:

O próprio locutor como tal é, em certo grau, um respondente, pois não é o primeiro locutor, que rompe pela primeira vez o eterno silêncio de um mundo mudo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que utiliza, mas também a existência dos enunciados anteriores – emanantes dele mesmo ou do outro – aos quais seu próprio enunciado está vinculado por algum tipo de relação (fundamenta-se neles, polemiza com eles), pura e simplesmente ele já os supõe conhecidos do ouvinte. Cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados. (BAKHTIN, 1984/2000: 291).

Nessa citação, Bakhtin, ao mesmo tempo em que trata da responsividade do processo enunciativo, estabelece também o dialogismo como constitutivo de qualquer discurso, uma vez que os enunciados dialogam entre si, constituindo uma cadeia infinita de enunciados. Com isso, podemos antever que, se não é possível localizar o início do processo enunciativo, improvável também é alguém dizer a palavra final. A cadeia a que o autor se refere independe das nossas vontades, intenções, desejos e foge completamente ao nosso controle. E, se um dia houver quem diga a palavra final, teremos chegado, certamente, ao fim da humanidade.

### 2.2.3 A primazia do interdiscurso

Maingueneau afirma que só é possível estudar um discurso colocando-o em relação com outros discursos e que o espaço de regularidade do qual participam vários

discursos é o interdiscurso. É o caráter responsivo do discurso, ou seja, nenhum discurso é absolutamente original na sua completude, pois, de alguma forma, o novo dito é a continuação de outros ditos seja pelo mesmo ou por outros enunciadores. E mais, o novo dito provoca, busca, implica novos ditos a ele relacionados, num processo sem fim. O diálogo, uma vez iniciado, jamais será definitivamente concluído, isto é, se é difícil, para dizer o mínimo, definir a origem de um determinado discurso, é absolutamente impossível definir o seu fim.

Sendo assim, num processo enunciativo, ninguém diz a palavra final sem que a ela seja acrescido um modalizador, um determinante, e mesmo que esses elementos não sejam marcados lingüisticamente na modalidade oral ou escrita, sabe-se que eles existem e a qualquer momento podem surgir, dando continuidade ao processo da enunciação. Ou ainda, talvez o processo discursivo continue até mesmo no pensamento silencioso dos interlocutores. O fato de não ser exposto não significa sua finitude, antes pode significar uma “retomada” com maior intensidade num outro momento, conforme os postulados de Bakhtin.

Quanto ao princípio dialógico, a partir das formulações de Bakhtin, dos processos enunciativos entre os analistas do discurso há certo consenso. Entretanto, considerar a primazia do interdiscurso sobre o discurso nos processos de análise, como o faz Maingueneau (2005), é uma abordagem singular que altera o foco das atenções do analista do discurso para o interdiscurso, ou seja, do mesmo para o outro, ressaltando-se assim a primazia da alteridade sobre a subjetividade do mesmo, uma vez que a relação entre um discurso original e os outros discursos que ele mobiliza para se constituir é marcada pelo primado do interdiscurso sobre o discurso e a unidade que realmente interessa para a análise é o espaço de troca entre vários discursos “convenientemente escolhidos” pelo analista, de acordo com seus objetivos.

Logo, todo discurso se estrutura a partir da relação interdiscursiva, não cabendo aqui uma visão de homogeneidade e sim de heterogeneidade, de pluralidade, de plurivocidade. Sendo que, segundo Maingueneau, os ditos anteriormente são, de algum modo, recuperados por uma memória discursiva, e se impõem com tanta intensidade que têm primazia sobre o novo dito, naturalmente sem negar a especificidade deste. Ou seja, há algo de original no novo discurso, uma vez que as condições de produção, de

circulação e de recepção são absolutamente diferentes das anteriores, se as tomarmos em termos do princípio dialético a partir do pensamento de Heráclito, conforme o qual ninguém toma dois banhos na mesma água do rio.

Ainda segundo Maingueneau, um discurso se realiza em determinado *universo discursivo*, que seria o conjunto de todos os discursos que circulam numa determinada conjuntura que, por ser extremamente amplo e diverso, não é possível servir de objeto de estudo para o analista do discurso. Há também o que o autor denomina de *campo discursivo*, que é um conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência: os discursos religiosos, os discursos políticos, os discursos acadêmicos, etc. E, por último, há ainda o *espaço discursivo*, que são os recortes discursivos que o analista do discurso isola no interior de um campo discursivo, de acordo com seus interesses, seus objetivos, com a finalidade de proceder a análise.

Outra característica importante da interdiscursividade é a presença do mesmo no outro. Isto é, o interdiscurso participa do discurso de maneira tão imbricada que pode dar a idéia de um único e original discurso. Mas isso é só uma ilusão, pois o outro não é o mesmo, embora dele participe porque se acha incorporado à memória discursiva. Dito de outro modo, todos os enunciados que um enunciador já ouviu ou deles, de alguma forma, já participou, constituem essa memória discursiva, que os resgata, ora para reafirmá-los, ora para negá-los, conforme o caso. Isto significa que a memória discursiva possibilita que o interdiscurso se transforme em intradiscurso, constituindo assim a formação discursiva do momento. Nos processos enunciativos, um discurso já surge no interior de outro discurso, que exista realmente ou virtualmente, não importa, o importante é que a gênese de um discurso está no outro discurso com o qual o discurso original dialoga e a partir do qual constitui sua identidade. A identidade de um discurso se constitui na relação com o outro discurso. É nesse sentido que se pode falar em primazia do interdiscurso sobre o discurso, conforme Maingueneau (1984/2005).

### 2.2.3.1 Por uma Semântica Global

Iniciamos este tópico com as palavras de Maingueneau (1984/2005) como justificativa para o advento de uma semântica global, pois, segundo ele: *Qualquer*

*leitor ou ouvinte um pouco atento percebe muito bem que a identidade de um discurso depende de fato de uma coerência global que integra múltiplas dimensões textuais.* Portanto, para se proceder a uma dada análise de um determinado corpus o analista de discurso tem, ao mesmo tempo, de ser lingüista e deixar de sê-lo, como afirma Courtine. Há de se fazer um movimento para dentro e outro para fora da Lingüística como ciência que tem por objeto de estudo os fenômenos da língua.

Essa necessidade plural atávica devido à natureza pluridisciplinar do objeto institui a necessária abordagem discursiva com sua diversidade de planos como possibilidade de aceder à identidade do discurso pelo fato de abrangê-lo na sua amplitude e complexidade. Não lançar mão de uma semântica global nos processos de análise discursiva é, segundo Maingueneau (2005), abrir mão de *interpretar o estatuto histórico dos discursos*, como consequência, não se consegue aceder à identidade do discurso uma vez que sua história foi deixada de fora. Para o autor, essa negligência deve-se ao fato de se estabelecer distinção entre “profundeza” e “superfície” dos textos na tentativa de se proceder a uma análise apropriada da ocorrência discursiva. Segundo essa concepção, ou bem se analisam as especificidades textuais e deixa-se de lado a dimensão mais ampla do discurso ou fica-se nesta e abandona-se aquela.

Os métodos de análise tendem, com efeito, a impor o seguinte dilema: ou pretendemos captar o discurso em sua globalidade e, para fazer isso, devemos negligenciar a textura “superficial”, a diversidade e o imbricamento dos arranjos visíveis para elaborar modelos “profundos” ou estudamos essa textura em toda a sua complexidade e então nos atemos a análises locais cujos detalhes desqualificam os modelos “profundos”, por seu caráter redutor.

Essas observações convergem com peso diverso para pôr em causa qualquer concepção “estática” e arquitetural do discurso. Ele não é nem um sistema de “idéias”, nem uma totalidade estratificada que poderíamos decompor mecanicamente, nem uma dispersão de ruínas passível de levantamentos topográficos, **mas um sistema de regras que define a especificidade de sua enunciação (Grifos nossos)**. (MAINGUENEAU, 1984/2005: 18-19)

É na complexidade que articula profundidade e superfície que se devem analisar os discursos sob pena de perdermos sua historicidade e incorreremos em análises da sua estrutura como se faz com um edifício ou com as ruínas das construções antigas, colocando em xeque a própria narrativa dos discursos, uma vez que pode haver história sem narrativa, mas a recíproca não ocorre. Nesse sentido, não existe prevalência de um plano em relação ao outro, não há um plano que aprofunda e o outro que reduz a

análise, porque tanto aquilo que é tomado como superfície quanto aquilo que é tido como profundidade devem ser considerados de maneira entrelaçada para a apreensão do todo discursivo. Nas palavras de Maingueneau (2005): *É preciso pensar ao mesmo tempo a discursividade como dito e como dizer, enunciado e enunciação.*

No processo de apreensão dos discursos é necessário considerar os diversos planos constitutivos da construção discursiva tanto relacionados ao enunciado quanto à enunciação, descartando-se qualquer classificação essencialista entre os planos, independentemente do nível de profundidade dos projetos envolvidos com a finalidade de privilegiar um plano em detrimento de outro. Nas palavras de Maingueneau (2005):

Para nós, ao contrário, a vontade de distinguir o fundamental do superficial, o essencial do acessório leva a um impasse, na medida em que é a significância discursiva em seu conjunto que deve ser visada em seu conjunto. Não pode haver fundo, “arquitetura” do discurso, mas um sistema que investe o discurso na multiplicidade de suas dimensões. (MAINGUENEAU, 2005: 80)

O que o autor propõe é um verdadeiro grito de liberdade de todas as amarras que condicionem o discurso a uma certa imanência lingüística, prisioneira das análises textuais, *strictu sensu*, por um lado, ou, a análise global do discurso em detrimento da primeira, por outro. O que importa é o movimento do analista para aceder tanto aos efeitos de sentido produzidos pelos enunciados em seus diversos planos como também aos procedimentos enunciativos envolvidos. Interessa, nos processos de análise cujo objeto é o discurso, tanto o que se diz quanto o como se diz, ou seja, nas palavras de Humboldt, citadas por Maingueneau, trata-se de *aceder à “inteligência do todo unificado que uma língua forma” e seu “esquema construtor”* .

É importante ressaltar que Maingueneau, em sua obra *Gênese dos discursos*, ao proceder sua análise sob a égide de uma semântica global, o faz em duas etapas, uma envolvendo essencialmente a linguagem verbal e os diversos planos dela constituintes, e a outra, estabelecendo a articulação entre a linguagem verbal e a linguagem imagética, analisando pinturas de uma e de outra formação discursiva, de seu corpus, quais sejam: Humanismo devoto e Jansenismo. Disso pode-se deduzir que a preocupação do autor não se restringe às questões relacionadas à linguagem verbal, mas ela incide também

sobre uma abordagem intersemiótica na perspectiva de apreender o discurso na sua abrangência e complexidade, tanto no que se refere ao enunciado quanto à enunciação. Interessa o dito e a forma de dizer. Para tanto, são imprescindíveis tanto a relação dialógica entre os diferentes planos de um discurso como a dialogia entre as diferentes linguagens para o êxito da análise que tem o discurso como seu objeto.

No caso da análise realizada por Maingueneau sobre os discursos religiosos católicos do humanismo devoto e do jansenismo, o autor estabeleceu os seguintes planos: a intertextualidade, o vocabulário, os temas, o estatuto do enunciador e do destinatário, a dêixis discursiva, o modo de enunciação e o modo de coesão. Entretanto, a ordem desses planos e a seleção dos mesmos não devem ser tomadas como um modelo para que se procedam as análises discursivas do ponto de vista de uma semântica global, devido aos critérios e às circunstâncias em que ocorreram. Elas servem como exemplificação da possibilidade de análise envolvendo diversos planos, sem privilégio de nenhum deles, numa perspectiva global, pois, segundo o autor:

(...) a ordem de sucessão dos planos que seguimos se deu de forma arbitrária em relação ao “esquema construtor” global representada pela competência discursiva que o investe. Não constitui de forma alguma um modelo genérico em virtude do qual o enunciador escolheria previamente um tema, depois um gênero literário, depois um vocabulário etc. A própria lista desses planos considerados não é objeto de uma elaboração teórica suficiente para pretender definir um modelo de textualidade. (MAINGUENEAU, 2005: 80).

Essa afirmação acerca da possibilidade de se realizar análise discursiva a partir da semântica global sem ter um “modelo” é, a um só tempo, preocupante e desafiadora, uma vez que, por um lado, nos deixa livres para realizarmos nossas análises de acordo com nossas condições e necessidades, mas, por outro, exige de cada um tomar para si a tarefa de elaborar seu próprio modelo de acordo com as condições de produção, seu *corpus* e seus objetivos como analista sem ter modelos, que, ao mesmo tempo em que nos cerceiam a liberdade, nos dão, em contrapartida, mais segurança para realizarmos as análises a partir do que foi posto à prova pela vida e validado pela experiência.

A tarefa de estabelecer quais planos serão utilizados, a ordem em que eles serão utilizados e o tratamento a ser dispensado para cada um deles depende de cada pesquisador no diálogo tenso e inquietante com seus dados. Não há modelos a serem

seguidos, mas a possibilidade de criação de modelos a se tornarem referências para futuras análises. É desse tipo de seiva que vive e sobrevive o trabalho científico, resta ao pesquisador tomar para si essa complexa tarefa na medida de sua magnitude. O que se pretende aqui é, menos criar modelos e mais contribuir com a ampliação das possibilidades de criação dos mesmos, a partir da análise discursiva da atividade do jornalista de uma agência de notícias.

O advento de uma semântica global, tal qual propõe Maingueneau, traz à tona mais uma vez a discussão sobre a natureza do objeto da lingüística e, mais precisamente, da Análise do Discurso, a despeito de qualquer vertente. Analisar um discurso sob a perspectiva da pluralidade de planos que o constitui, sem hierarquia entre eles, significa buscar a apreensão dos efeitos de sentido resultante do entrelaçamento desses planos sem negar a singularidade de cada um deles nessa constituição. Significa demonstrar, pela análise, o papel de cada plano e como ele participa do acontecimento discursivo.

Partindo da experiência de Maingueneau, na Gênese dos discursos, pode-se afirmar que a escolha de cada plano é importante, entretanto, o fundamental é o tratamento que se dá a cada um desses planos no processo analítico, sob pena de se iniciar a análise à luz de uma semântica global e ao final obter resultados semelhantes às análises lingüísticas que estabelecem a separação entre o essencial e o acessório, entre a profundidade e a superficialidade, ou seja, análises que privilegiam um plano em detrimento de outro. Talvez, o fato de o autor não estabelecer uma ordem rigorosa entre os planos deva-se justamente ao fato de não haver privilégios entre os planos nem relativos à ordem de apresentação deles no processo de análise.

A razão pela qual o autor afirma que suas escolhas e procedimentos não se pretenderem servir de modelos deve-se a dois fatores: 1) cada corpora exige seus próprios planos semânticos para serem analisados e 2) depende dos objetivos de pesquisa do analista em cada situação específica. Portanto, em se tratando de semântica global, tal qual a entende Maingueneau, a cada nova pesquisa trata-se mais de uma reformulação dos procedimentos e da abordagem dos planos constituintes dos corpora sob à luz dos preceitos teóricos formulados pelo referido autor, do que uma prática seguidora de um modelo pré-estabelecido.

(...) não se trata da validação de uma teoria previamente estabelecida, mas da continuação de uma pesquisa iniciada por um outro autor. Afinal, os discursos surgem em uma dada conjuntura histórica e social e, por isso, suas condições de produção nunca serão as mesmas. Estudar os discursos de duas correntes religiosas da França setecentista não é a mesma coisa que estudar dois movimentos surgidos no interior da Igreja Católica em meados do século XX. (SILVA, 2006: 51).

Em última instância, trata-se também de uma reelaboração da própria Semântica Global, de uma contribuição teórico-metodológica dos processos de análise e apreensão do todo discursivo. Desse modo, o lingüista francês contribui para a constituição de uma comunidade científica cujo meio e o fim são da ordem do discurso. Tudo vai depender das condições de produção do discurso a ser analisado em cada situação específica. Isto é, há uma especificidade que, para ser apreendida na sua totalidade e complexidade, necessita ser analisada de forma global e não hierarquizada.

Essa compreensão global de uma realidade específica não tem nada de redutor, pelo contrário, assim é possível que o olhar particular irradie fochos de luz sobre o universal e este, por sua vez, seja convocado a contribuir com as análises da especificidade. É nessa relação tensa e dialética entre o particular e o universal que se constroem novos conhecimentos. A névoa de que se reveste o particular pode até não ser a mesma da qual se reveste o universal, mas, nos dois casos, trata-se de névoa que turva a mente do pesquisador, e se constitui na razão de ser de sua pesquisa, são os recônditos obscuros que necessitam dos raios luminosos da investigação científica que responde a algumas perguntas e proporciona a formulação de tantas outras.

#### **2.2.3.2 Formação discursiva e competência discursiva**

Além da interdiscursividade como constitutiva dos processos de linguagem é necessário também considerar o sistema de regras que rege as atividades languageiras para que melhor se compreenda a tecitura dos discursos e os efeitos de sentido produzidos. Nesse caso, trata-se de levar em conta as formações discursivas de onde falam os enunciadores aqui diretamente envolvidos e suas respectivas competências discursivas. Como formação discursiva, entendemos, como Maingueneau (1996):

(...) um sistema de restrições semânticas globais. O caráter “global” dessa semântica se manifesta pelo fato de que ela restringe simultaneamente o conjunto dos “planos” discursivos: tanto o vocabulário quanto os temas tratados, a intertextualidade ou as instâncias de enunciação.

Trata-se, com isso, de libertar-nos de uma problemática do signo, ou mesmo da sentença, para apreender o dinamismo da “significância” que domina toda a discursividade: o enunciado, mas também a enunciação, e mesmo além dela(...)

[...] para uma sociedade, uma posição, e um momento definidos uma parte do dizível é acessível, que esse dizível forma sistema e delimita uma identidade falamos de FD para uma certa conjuntura histórica, para o discurso comunista, o conjunto dos discursos mantidos por uma administração, para os enunciados dependentes de uma determinada ciência, para o discurso dos padrões, dos camponeses etc. (MAINGUENEAU, 1996:67-68)

Portanto, o enunciador ao enunciar obedece a um sistema de restrições que plasmam seu enunciado, tanto do ponto de vista da forma quanto do conteúdo, bem como tem estabelecido os limites e as fronteiras de um determinado conjunto de enunciados constitutivos de uma formação discursiva dada. Isso significa que nem tudo aquilo que está disponível no universo discursivo pode ser dito por todos que dele façam parte, mas apenas uma parcela do dizível é passível de ser dito. Para saber o que efetivamente pode e deve ser dito o enunciador tem de mobilizar uma *competência discursiva* para que ele permaneça no lugar discursivo de onde fala.

Resta salientar, contudo, que o enunciador, apesar de possuir essa competência discursiva, não é dono absoluto de seu dizer, que ele mantém um certo grau de domínio sobre sua enunciação, mas toda situação na qual está envolvido o enunciado e a relação de alteridade instaurada por todo processo enunciativo escapa ao domínio da consciência e, conseqüentemente, ao controle do sujeito da enunciação.

### 2.2.3.3 Noções organizadoras da análise

*O real, de instante em instante, é sempre novo, e essa novidade cabal, essa novidade perene é o mundo.*(Comte-Sponville, 2000: 23).

As noções e categorias de análise a serem aqui apresentadas contribuirão para a percepção das contribuições da AD no processo de investigação de uma atividade de trabalho fazendo dialogar linguagem e trabalho na perspectiva de decifrar alguns

enigmas da atividade de trabalho que só se mostram na linguagem e pela linguagem. São essas noções e categorias que tornarão viável o processo investigativo na sua especificidade visando a contribuir para a construção de novos conhecimentos mais generalizáveis acerca do objeto investigado. São noções e categorias que buscam contemplar o discurso e a sua discursividade, ou seja, envolvem tanto o nível do enunciado quanto o da enunciação e servem para apresentar as contribuições específicas da linguagem nessa tarefa de articulação com o universo do trabalho.

#### 2.2.3.3.1 Cenografia

Como afirma Maingueneau (2001), *um texto não é um conjunto de signos inertes, mas o rastro deixado por um discurso em que a fala é encenada*. Existe, portanto, uma cena de enunciação implicada em qualquer processo discursivo. O autor afirma que existem três cenas constitutivas dos processos de linguagem: cena englobante, cena genérica e a cenografia. A primeira refere-se ao tipo de discurso (religioso, militar, publicitário, jurídico, político, etc.) a segunda, ao gênero de discurso ao qual pertence o texto (panfleto, resenha, receita, romance, tese, relatório, notícia, etc).

A articulação dessas três cenas possibilita uma leitura mais adequada e provavelmente mais produtiva de diferentes enunciados, uma vez que fornece mais elementos lingüísticos e não-lingüísticos na constituição de variados efeitos de sentido. Significa que o leitor sabendo o tipo de discurso, o gênero discursivo a que pertence o texto a ser lido e a cenografia nele pressuposta e por ele engendrada, terá mais condições de fazer as réplicas ao autor por intermédio do texto, participando assim da construção dos efeitos de sentido do enunciado. Trataremos mais detalhadamente da cenografia pela sua importância para esta tese.

A cenografia é constituída por uma dêixis discursiva imediata e uma dêixis fundadora. A dêixis fundadora é o ponto de partida em que a dêixis imediata se apóia na busca da sua própria legitimação. Nesse sentido, a dêixis imediata pressupõe uma memória discursiva e uma relação dialógica que esta mantém com outra formação discursiva que lhe deu origem, ou que lhe serve como referencial.

Temos uma relação interdiscursiva, sendo que a primeira formação discursiva é sempre recuperada pela segunda como forma de corroborá-la, de conferir-lhe legitimidade por estar nela ancorada. A dêixis fundadora serve de fiador da dêixis imediata por ter em algum momento da história passado pelo crivo da legitimidade de uma determinada comunidade discursiva.

Nesse sentido, pode-se dizer que a Reuters ao enunciar, o faz *a partir de uma cena que sua enunciação ao mesmo tempo produz e pressupõe para se legitimar*. Maingueneau (1997). É a esse processo de pressuposição e produção de cena enunciativa, nele implicados o locutor e o destinatário discursivos, a cronografia e a topografia, que a AD denomina *dêixis discursiva*. É importante notar que esses elementos constitutivos da dêixis discursiva podem corresponder a elementos distintos presentes no texto ou não. Um mesmo constituinte da dêixis discursiva pode significar a um só tempo o locutor, a cronografia e a topografia. Ao proceder à análise do corpus deste trabalho pode ser que ocorrências dessa natureza se apresentem como exemplos concretos.

A consideração da dêixis discursiva como um constituinte da cena enunciativa provoca um deslocamento na compreensão do processo de constituição de qualquer formação discursiva, ou seja, nega, numa relação superadora, a dicotomia entre aquilo que se considera, por um lado como seu interior e, por outro, como seu exterior. A Reuters ao construir seus discursos por meio do seu documento prescritivo pressupõe e constitui com o seu dizer uma cena que valida o seu dito num engendramento recíproco. A dêixis discursiva é uma espécie de porta de entrada do que se denomina cenografia.

Segundo Maingueneau (1987/1997): *A eficácia da enunciação resulta necessariamente do jogo entre as condições genéricas, o ritual que elas implicam 'a priori' e o que é tecido pela enunciação efetivamente realizada*. Ao admitirmos a existência da deixis discursiva torna-se imprescindível o entendimento segundo o qual uma determinada FD não se realiza a partir de um sujeito e um contexto empíricos, mas, necessariamente, a partir de uma cena que sua enunciação pressupõe e produz para se legitimar. Vale ressaltar que o contexto empírico é importante para a interpretação de qualquer FD, entretanto, o que se afirma aqui é que o próprio sujeito empírico e o

contexto são entrelaçados na FD tornando-se impossível a distinção entre aquilo que é tido como o interior da enunciação e o seu exterior.

Há, portanto, um entrelaçamento, tornando esses elementos constitutivos de toda e qualquer FD, pelo fato de não ser possível a existência de qualquer FD sem que se leve em conta os elementos exclusivamente lingüísticos e os elementos não-lingüísticos. É como imaginarmos a produção discursiva da Reuters sem levarmos em conta o momento histórico, os sujeitos nele envolvidos, os leitores das informações, ou entendermos a existência desses elementos fora dos escritos da empresa, como se eles não fossem constitutivos desses discursos, como se nos próprios enunciados não fosse possível perceber a existência de todos esses elementos, ou seja, os próprios textos revelam-nos essa composição ao mesmo tempo em que o conhecimento do contexto sócio-histórico constrange e plasma a elaboração desses discursos, estando neles implicados.

É importante esclarecer que, embora a expressão o possa sugerir, cenografia não é simplesmente um local, um quadro onde acontece a anunciação. Ela é uma espécie de enlaçamento de dois pólos antagônicos que, ao se articularem constituem-na. A fala pressupõe uma situação de enunciação que parece já existir previamente, mas que na realidade essa situação de enunciação vai sendo validada progressivamente pelo próprio processo de enunciação, ou seja, a cenografia se constitui juntamente com a enunciação. O discurso para existir vai constituindo, ao se constituir, as cenas que vão lhe dando sustentação. É como fazer o caminho ao caminhar.

A enunciação ao se desenvolver esforça-se para constituir progressivamente o seu próprio dispositivo de fala. Ela é a fonte do discurso e o que ele engendra para se realizar. Sendo assim, há de haver uma certa articulação entre a cenografia e o produto referido no processo discursivo. Deve haver certa relação entre a linguagem utilizada, a organização da enunciação e o conteúdo veiculado pelo discurso proferido.

Portanto, é necessário que haja toda essa articulação, inserida num determinado contexto, guiado por determinados objetivos, levando-se ainda em consideração os interlocutores. Nesse sentido, é correto afirmar que a cenografia é flexível, pois depende dessa conjugação de fatores para a sua realização, podendo mudar assim, conforme as

mudanças também desses fatores. Uma mudança implica necessariamente a outra. É o entrelaçamento interdependente dos princípios dialéticos, dialógicos e interacionais que constituem todas as atividades lingüístico-discursivas.

Segundo Maingueneau (1987/1997) o sujeito determina para si e para os seus destinatários os lugares que um determinado tipo de enunciação requer para se legitimar. Os enunciados instituem uma dêixis discursiva imediata para garantir sua legitimidade nos processos enunciativos dos quais fazem parte. Nesse sentido, podemos afirmar que o discurso do Manual de Operações Editoriais da Reuters, além de uma dêixis imediata, a da velocidade, também parte de um dêixis fundadora: da perfeição enunciativa, um discurso sem “máculas”, sendo o repórter da empresa o verdadeiro porta-voz dos fatos, o porta-voz da verdade inquestionável, já que ele, supostamente, seguiu todas as orientações da prescrição.

Além do mais do que foi exposto anteriormente sobre o discurso da Reuters e a cena enunciativa que ele institui, é preciso observar ainda que todo movimento do discurso do Manual tenta nos conduzir a uma certa “asepsia enunciativa” com a utilização de expressões, frases, períodos que visam a garantir a imparcialidade do relato, como pode ser verificado nos excertos do Manual de Operações Editoriais da Reuters a seguir.

Em resumo, a história é imparcial e comedida no que diz respeito a todos os envolvidos?/As reportagens em primeira mão tratam de fatos e não de opiniões. Nossa presença in loco nos permite “mostrar” as notícias, não apenas relatá-las; ao fazermos isso, recriamos o quadro mais acurado possível do evento.

Compare todos os números passíveis de verificação com as informações fornecidas. Verifique se a soma de todos os componentes bate com o total – as porcentagens individuais totalizam 100? Verifique novamente o período coberto, as conversões, se os números estão acima ou abaixo. /Tome cuidado para não fazer confusão entre milhões e bilhões e verifique se as vírgulas que indicam casas decimais foram colocadas corretamente. Verifique os preços de ações fornecidos mais uma vez. Esteja atento a cálculos efetuados pelo próprio repórter – a história deve especificar a base de cálculo utilizada.

Procure por um fato, ângulo, interpretação e reação nova e explique as implicações, independentemente da matéria – política, economia, assuntos corporativos, mercados financeiros, esportes ou outro tipo de notícia. (Anexo I: Manual de Operações Editoriais da Reuters, págs. 3 e 4)

Diante desses excertos, mesmo levando em conta que se trata de um documento prescritivo, não deixa de ser curioso a noção de linguagem como transparência, ou seja,

se o jornalista seguir todas essas orientações não haverá lugar para entendimentos indesejáveis pelo enunciador. Tomando-se os cuidados prescritos no manual da empresa os leitores ficarão satisfeitos com a informação porque o texto sairá cristalino, sem as impurezas da subjetividade.

#### 2.2.3.3.2 Ethos

A origem da palavra “*ethos*” vem da retórica antiga, que entendia por *ethé* as propriedades que os oradores se atribuíam através do modo pelo qual se exprimiam. O que interessava era **a forma** de se exprimir um determinado conteúdo. Portanto, na antiguidade clássica, o *ethos* estava relacionado à pessoa empírica do orador e era por ele, intencionalmente, construído.

A Análise do Discurso de linha francesa faz um duplo deslocamento para integrar a questão do “*ethos*” retórico:

- o efeito do sentido é imposto pela Formação Discursiva (considerada como o conjunto de textos que compõe, que define uma dada posição, que se forma, em geral, em oposição a uma outra FD). O lugar de quem diz, **sendo igualmente importante o que se diz e o tom com que é dito.**

- a concepção de “*ethos*” deve incorporar o escrito. Na retórica antiga, ele se ligava necessariamente ao oral. Para a AD, texto pode ser oral ou escrito e, tanto num caso como no outro, tem-se a constituição da imagem discursiva do enunciador, seu *ethos*, pois nos enunciados escritos também se percebe um tom com que as coisas são ditas, é possível depreender um corpo e uma vestimenta para o enunciador, assim como um caráter para o sujeito que enuncia.

Podemos afirmar, seguindo Maingueneau, que o *ethos* é constituído de três elementos, que se articulam numa relação complementar e interdependente:

• **O tom** (=voz): entendido como a presença subjetiva da imagem do autor. A FD já determina o tom. A voz como dimensão da FD. O tom envolve, necessariamente, o caráter e a corporalidade.

• **O caráter** é a reconstrução de traços psicológicos conferidos ao enunciador, a partir do modo de dizer. É dado pelo leitor/ouvinte. Os leitores da Reuters, na relação com o enunciador-agência de notícias atribuí-lhe características apreendidas a partir das formações discursivas organizadas e publicadas por esse enunciador. Como são características relacionadas com os traços psicológicos, podem-se ter como elementos distintivos: a agressividade, a serenidade, o equilíbrio, a responsabilidade, a intolerância, a seriedade, a intransigência e outros.

• **A corporalidade** é a reconstrução da compleição corporal, tal como se vê na forma como o dito é dito. O leitor/ouvinte, em função da leitura, precisa atribuir um corpo a quem fala, um jeito de ser físico com gestos próprios, sinais, feições e uma roupagem que reveste de significado social o enunciador. É esse corpo nesta vestimenta que confere uma determinada aparência ao enunciador, é essa aparência que o enunciado desnuda para o co-enunciador sem pedir permissão ao sujeito que enuncia, isso ocorre à sua revelia, como acontece também com o tom e o caráter.

O próprio “*tom*” se apóia sobre uma figura do enunciador, a de um *caráter* e a de uma *corporalidade*, estreitamente associadas.

Com efeito, o rosto que suporta o tom deve ser caracterizado “psicologicamente”, ver-se dotado por disposições mentais que sejam o correlato dos afetos que o modo de enunciação engendra. (...)

Esse “caráter” é inseparável de uma “corporalidade”, isto é, de esquemas que definem uma certa maneira de “habitar” seu corpo de enunciador e, indiretamente, de enunciatário. Se, segundo a expressão de de Certeau, “cada sociedade tem seu corpo”, delimitado por múltiplas codificações, cada discurso também tem o seu: corpo textual que não se dá jamais a ver, mas está presente por toda parte. (MAINGUENEAU, 2005: 96-97)

O *ethos* é o papel que o enunciador assume em determinados contextos enunciativos. Muitas vezes é necessário levar em conta as coerções do contato genérico para entendermos melhor o *ethos* ali implicado. Mesmo porque é o contato genérico que delimita as articulações dos componentes lingüísticos no processo enunciativo. Essa articulação é o que vai determinar a constituição de um *ethos* mais estável ou menos estável, conforme a sua configuração. Mais do que uma articulação de palavras, a enunciação se utiliza de outros recursos para a sua realização e conformação de determinados *ethe* – o ritmo, a influência da oralidade e outros. Portanto, para

Maingueneau, o ethos adquire uma dimensão, essencialmente, discursiva e não depende das idiossincrasias do sujeito que enuncia para se constituir.

Para dar maior legitimidade ao seu enunciado, o enunciador incorpora alguns elementos da enunciação, que só existem no próprio processo enunciativo, são a ele inerentes. Ou seja, o enunciador acaba se imbricando de alguma forma com os elementos constitutivos da enunciação de modo que o conteúdo e a forma de organização do seu dito servem como uma espécie de fotografia tanto do seu exterior quanto do seu interior. O enunciador pode revelar-se através de dois *ethe*: um, que ele (enunciador) se atribui, e um outro que o dizer dele, a despeito do que ele se atribui, revela.

A eficácia do discurso está diretamente relacionada à sua capacidade de criar adesão àquilo que é apresentado. O co-enunciador não é alvo apenas de “idéias”; para ele, o dito se relaciona com o modo de dizer, que se fundamenta em um modo de ser que o enunciador procura criar por meio do discurso. O enunciador procura seduzir o co-enunciador para que este adira ao seu discurso, seja cúmplice e propagador no processo enunciativo.

O discurso da Reuters tenta impor um discurso cuja *corporalidade* é a própria verdade dos fatos, como se os enunciados independessem de quem quer que seja para existir, ele existe porque é a própria verdade corporificada em discurso. Daí resulta todo um procedimento em busca da objetividade e do pagamento de qualquer traço de subjetividade. É o discurso “inquestionável” de um tipo de ciência porque “puro” na justa medida em que traduz com fidelidade os acontecimentos.

É o discurso asséptico, sem “contaminações” que possam prejudicar a imparcialidade do relato. Claro que não se trata apenas de assepsia, mas de um processo de apuração e investigação que legitimam o trabalho da empresa no ramo da informação. Há nesse processo enunciativo, o entrelaçamento da forma e do conteúdo do discurso, ou seja, o importa tanto o que se diz quanto como se diz.

O “modo de enunciação” obedece às mesmas restrições semânticas que regem o próprio conteúdo do discurso. Não somente o modo de enunciação torna-se freqüentemente tema do discurso, mas, além disso, esse conteúdo acaba por “tomar corpo” por toda parte, graças ao modo de enunciação: os textos falam de um universo cujas regras são as mesmas que

presidem sua enunciação. Se, em um quadro “antisubjetivista”, pensa-se, não sem pertinência, a enunciação como associada a um “lugar”, a uma “posição” atribuída pelo discurso, não se deve por isso ver no enunciador um mero ponto de entrecruzamento de séries institucionais: ele se constrói também como “tom”, “caráter”, “corporalidade” específicos. Os sentidos que o discurso libera se impõe por esse meio tanto pela doutrina, sem que jamais se possa supor a menor exterioridade entre os dois aspectos. (MAINGUÉNEAU, 2005: 97-98).

No caso deste trabalho, a Reuters, ao elaborar o seu Manual de Operações Editoriais, o faz de um determinado modo que o constitui como um veículo de comunicação resultante dessa organização discursiva cujo objetivo é ter os seus interlocutores (leitores) assumindo uma certa cumplicidade com o jeito de ser do próprio jornal. Ou seja, o modo de ser da Reuters está absolutamente entrelaçado com sua discursividade, resultando na imagem que ela “deseja” e tenta criar, perante e para esses interlocutores, através de recursos lingüístico-discursivos materializados em seus enunciados.

O enunciador-agência, ao organizar seu discurso, preocupa-se com os seus interlocutores, estabelecendo com eles uma relação dialógica e, a partir daí projeta sua imagem à luz, sobretudo, do imaginário que habita as mentes e os corações desses interlocutores, numa relação de cumplicidade que se encerra e se inicia a cada nova enunciação. É o resultado dessa articulação que a AD chama de *ethos*. O *ethos* pode manter relação com o autor empírico do discurso ou não, mas ***o que realmente interessa é o modo como o enunciador se mostra por meio de seu dizer, ou seja, é o dito que revela a identidade do enunciador, que o desnuda e o constitui.***

Para além de um movimento para trás, o locutor descreve o outro, para a frente. Em direção do seu interlocutor. O seu discurso é, então, função de um complexo jogo de imagens, desde a imagem que tem de si, à que ele gostaria de ter de si, à que ele tem do auditor, à que ele pensa que o auditor tem de si, à que ele gostaria que o auditor tivesse de si...

Duplo dialogismo, num “drama”, como salienta Bakhtine, que “comporta três papéis”: o do autor ou locutor, o do auditor e o daqueles “cujas vozes ressoam nas palavras encontradas pelo autor”. Três papéis para três protagonistas em relação dialéctica. (REBELO, 2000/2002: 63).

Nesse sentido, a noção de *ethos* aqui apresentada está diretamente relacionada à questão da alteridade, uma vez que, apesar de a construção da imagem discursiva ser do

enunciador por meio de seus enunciados, a apreensão da mesma é tarefa dos interlocutores, portanto, de um outro que, ao analisar os discursos do enunciador pode chegar a conclusões imagéticas contrárias às pretendidas pelo sujeito que enuncia, pois este não detém qualquer controle sobre a recepção de seu dizer, independe dele. Vai depender da relação estabelecida entre o os interlocutores e o conjunto de enunciados a serem analisados num determinado contexto sócio-histórico sob uma diversidade de restrições independente das idiosincrasias, sejam elas do enunciador ou dos interlocutores, é uma questão essencialmente discursiva.

### 3 METODOLOGIA

*Uma hipótese científica que não esbarra em nenhuma contradição tem tudo para ser uma hipótese inútil. Do mesmo modo, a experiência que não retifica nenhum erro, que é monotonamente verdadeira, sem discussão, para que serve?* (BACHELARD, 1938/1996:14)

Neste capítulo serão abordadas as questões propriamente metodológicas relacionadas à coleta, seleção, organização e tratamento dos dados, escolha e delimitação do corpus, categorias de análise, processo de análise, procedimento, técnica e método, bem como a importância do método de instrução ao sócia como dispositivo revelador de complexidades da atividade de trabalho. O destaque para o método do sócia deve-se a dois fatores: 1) a relevância do método para este estudo e 2) fazer conhecer e difundir o método no universo acadêmico e os deslocamentos aqui realizados, mais particularmente entre os estudiosos das atividades linguageiras.

Partindo do princípio segundo o qual em ciência não existe verdade absoluta e que todo conhecimento não proporciona outra coisa além de verdades aproximadas, e estas, por sua vez, estão intimamente relacionadas com o contexto sócio-histórico, cabe aos pesquisadores da Linguística Aplicada a tarefa de fornecer subsídios teórico-metodológicos para aqueles que, de alguma forma, se interessam pelos fenômenos lingüístico-discursivos, seja na condição de estudiosos ou simplesmente na condição de usuários da língua, tanto na modalidade escrita quanto na modalidade falada.

Cabe ao analista do discurso a investigação no campo da linguagem, visando, a um só tempo, buscar verdades aproximadas e combater dogmas. Estes se apresentam como se sua natureza não fosse outra senão a imanência da verdade imutável e inquestionável. Desse modo, nos inscrevemos no campo dos que consideram fundamental fazer prevalecer o conhecimento científico sobre outros tipos de conhecimento.

Como nos afirma Bachelard (1996): *“O espírito científico não pode ser construído senão destruindo o espírito não científico”*. O espírito ao qual se refere Bachelard não se fecha em si mesmo, temendo qualquer questionamento. Pelo contrário, para o espírito científico não há limites para crítica, devendo colocar-se constantemente à prova como condição para seu próprio fortalecimento e sobrevivência. Negar essa condição é lançar as bases de construção do espírito não-científico.

Hoje a maioria dos cientistas admite que o conhecimento nunca é inteiramente objetivo, que os valores do cientista podem interferir no seu trabalho, que os conhecimentos gerados pela ciência não são infalíveis e que mesmo os critérios para distinguir o que é o que não é ciência variam ao longo da história. (...) não há modelos “bons” ou “maus” em si mesmos, e sim modelos adequados ou inadequados ao que se pretende investigar. (MAZZOTTI, 2001: 109)

No caso da investigação sobre a atividade do jornalista de uma agência de notícias, cabe ao lingüista aplicado fornecer subsídios teórico-metodológicos para que o interessado nas questões de linguagem e de trabalho possa, a partir do mundo da aparência, mergulhar em busca de uma essência e perceber o que as evidências dos textos nem sempre possibilitam: o emaranhado das teias lingüístico-discursivas, por meio das escolhas e da organização desses discursos, ou seja, parafraseando Possenti (1987), que o co-enunciador passe a questionar por que o enunciador se utilizou de uma determinada formação discursiva e não de outra em seu lugar. É necessário que o lingüista aplicado contribua para que o co-enunciador, leitor desta pesquisa, fique atento para o entrelaçamento e as diferenças entre aparência e essência.

O mundo à nossa volta, fora da nossa consciência enquanto nós próprios estamos dentro dele, aparece como um desafio que o nosso conhecimento se faz em ralação a ele. As evidências a indicarem que o mundo real aí está como objeto à mostra, passível de ser compreendido através delas mesmas. Quanto mais o conhecemos, todavia, e quanto mais conhecemos que o conhecemos – pela ciência e sua história – mais claro se torna, embora não seja evidente que não é o mundo como tal que se constitui no objeto do nosso conhecimento, que ele não se mostra, que as evidências são sistematicamente enganadoras. E que, como consequência, o conhecimento não é absoluto e que a verdade que ele nos dá é sempre uma verdade aproximada. (CARDOSO, 1978:25).

Com base nos pressupostos teóricos já abordados no capítulo de fundamentação teórica, neste trabalho desenvolvemos um estudo que se aproxima do campo da pesquisa qualitativa, e utilizar-me-ei do que Bakhtin/Volochinov (1929/1992) denomina *método sociológico* de análise. Esse método desenvolve-se por meio de algumas articulações que se sucedem na conformação do procedimento metodológico. Sendo assim, afirma o autor:

[...] a ordem metodológica para o estudo da língua deve ser a seguinte:

1. As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza.
2. As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias dos atos de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal.
3. A partir daí, exame das formas da língua em sua interpretação lingüística habitual. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1929/1992: 123).

Da articulação desses passos com toda complexidade aí implicada resulta a constituição do método sociológico proposto pelos pensadores russos. A esses passos do método sociológico, de Bakhtin/Volochinov, serão acrescentados noções do mundo do trabalho e os princípios da Semântica Global desenvolvidos por Maingueneau (2005), segundo os quais é necessário, para se proceder a uma análise discursiva na sua radicalidade, entender os discursos como práticas intersemióticas pelo fato de um discurso engendrar diferentes linguagens na sua constituição. Portanto, para aceder aos efeitos de sentido de um discurso há de se compreendê-lo nesse emaranhado semiótico, tendo a Lingüística, como ciência nuclear nas questões de linguagem, como eixo organizador e desencadeador dos processos linguageiros. Desse modo, acreditamos que a articulação entre os domínios aqui envolvidos: linguagem e trabalho sejam contemplados na análise do material coletado.

São considerados, na constituição do corpus de análise deste estudo, tanto material relacionado à linguagem verbal (manual da empresa, entrevista com o jornalista, instrução ao sócio) como material relacionado à linguagem imagética do local onde o jornalista desenvolve sua atividade de trabalho (fotografias da Reuters e dados da observação).

Fazer dialogar esses diferentes itens semióticos, aproximando-se e diferenciando-se da prática intersemiótica sugerida por Maingueneau (1984/2005), é o que se pretende no capítulo de análise de dados, até mesmo como forma de alcançar dois objetivos: 1) testar a validade ou não de procedimentos caros à proposta da Semântica Global desenvolvida por Maingueneau (1984/2005) e 2) contribuir com os estudos sob a rubrica de ciências sociais na perspectiva de validade científica de maneira mais abrangente, ou seja, dar mais um passo para que as ciências sociais sejam vistas como ciência pelo conjunto dos pesquisadores. Ainda que um passo bem pequeno, devido à dimensão e à complexidade da tarefa. Como declara Mazzotti (2001):

As ciências sociais têm desenvolvido uma grande variedade de modelos próprios de investigação e proposto critérios que servem, tanto para orientar o desenvolvimento da pesquisa, como para avaliar o rigor de seus procedimentos e a confiabilidade de suas conclusões. O fato de que esses critérios são decorrentes de um acordo entre pesquisadores de uma determinada área, em um dado momento histórico, não compromete sua relevância. Ao contrário, eles representam uma importante salvaguarda contra o que poderíamos

chamar de “narcisismo investigativo”, que julga poder prescindir de evidências e de argumentação sólida, baseando-se apenas na afirmação de que “eu vejo assim”. (MAZZOTTI, 2001: 110)

Um processo de pesquisa traz sempre à tona a questão da autoria, pois, se é verdade que há um pesquisador na coleta, seleção, organização e tratamento dos dados, não se pode negar a existência de um conjunto de pessoas que, juntamente com o pesquisador realizam a pesquisa. Além disso, qualquer estudo que se pretenda válido no meio científico tem de ser considerado como construção de várias mãos e deve ser exposta à dura prova da análise de outrem. Desse modo, pesquisa aqui é entendida como *construção coletiva*, cuja *objetividade aspirada é aquela que resulta da exposição às críticas dos nossos pares* (Alves-Mazzotti, 2001: 145).

Partindo da concepção de pesquisa descrita anteriormente, tomando por base o processo dialógico, a interação verbal, a primazia do interdiscurso sobre o discurso, é imprescindível que sejam estabelecidas quais as noções e categorias de análise por meio das quais foram apreendidos o movimento lingüístico-discursivo utilizado pelos enunciadores: jornalista e empresa, no processo de elaboração dos enunciados constitutivos do *corpus* desta tese. Para tanto, as noções de *ethos* e cenografia, o uso das pessoas do discurso, tema, como categorias de análise aqui utilizadas de forma privilegiada, foram indispensáveis neste trabalho.

A seguir, será apresentado cada momento de levantamento e tratamento de dados em forma de tópicos interdependentes: uma abordagem acerca da coleta, etapas da coleta, o corpus, as contribuições do método de instrução ao sócia e da análise dos dados.

### **3.1 O método de instrução ao sócia**

É imensa a distância entre o livro escrito e o livro lido, entre o livro lido e o livro compreendido, assimilado, sabido! Mesmo na mente lúcida, há zonas obscuras, cavernas onde ainda vivem sombras. (BACHELARD, 1938/1996: 10)

O método de instrução ao sócia foi desenvolvido pelo médico do trabalho e pesquisador Izvar Oddone na década de 1970 com trabalhadores da Fiat, em Turim, na Itália. Esse trabalho foi realizado a partir de uma demanda do sindicato dos trabalhadores sobre o desenvolvimento da atividade dos metalúrgicos da empresa automobilística. Na ocasião, o pesquisador contou com um conjunto de trabalhadores que estudava sobre o trabalho e, por isso, teriam condições de proporcionar uma reflexão mais aprofundada sobre sua própria condição de trabalho e vislumbrar perspectivas de redimensioná-la. Essa experiência de Oddone foi publicada no livro *Redécouvrir l'expérience ouvrière. Vers une autre psychologie du travail?*, publicada pela Messidor, na cidade de Paris em 1977.

O método carregava um importante componente social que era o próprio trabalhador refletir sobre suas condições de trabalho, perceber sua importância na empresa onde trabalhava, estreitar os laços entre prescrição e realização da atividade, e com isso, romper com a visão taylorista, segundo a qual a alguns compete pensar e planejar, e a outros, resta a execução do que foi definido por outrem, muitas vezes, alheio à realidade da atividade e dos trabalhadores.

A partir dessa experiência, alguns outros estudos foram realizados com o método criado por Oddone, mas grande parte desses trabalhos está relacionado à Ergonomia ou a Psicologia do Trabalho, mais particularmente os trabalhos do psicólogo do trabalho Yves Clot. Não são muitos os estudos com o método de instrução ao sócia na área da linguagem aqui no Brasil. Pode-se afirmar que essa é uma das razões que justifica o trabalho com o método nesta tese.

O método de *instrução ao sócia* envolve uma situação hipotética na qual o trabalhador tem de faltar ao trabalho num determinado dia e precisa instruir um possível substituto - seu sócia -, para desempenhar suas funções, de maneira que ninguém perceba a substituição. Portanto, depreende-se que o êxito do método está diretamente relacionado ao uso da linguagem, à elaboração dos enunciados pelo trabalhador para bem instruir seu substituto. Para demonstrar a importância da instrução ao sócia na revelação de complexidades do trabalho do jornalista, serão apresentados alguns trechos da instrução com as respectivas análises e considerações, no capítulo de análise e resultado dos dados.

Levando-se em conta as três possibilidades de ocorrência das práticas linguageiras, abordadas por Nouridine (2002) (*linguagem como trabalho, linguagem no trabalho e linguagem sobre o trabalho*), a partir da utilização do método de instrução ao sócia, é possível depreender que na atividade do jornalista a linguagem é, a um só tempo, a matéria prima e o produto final publicado para o conjunto dos leitores e que esse método estabelece condições para que o trabalhador fale sobre sua própria atividade, na condição de alguém que a conhece e tem, com a utilização do método, a possibilidade de refletir sobre sua atuação profissional, em que pese a complexidade engendrada em qualquer atividade de trabalho. Não é apenas com esse método que o trabalhador pode falar e refletir sobre sua atividade, mas, com o método, ele dispõe de uma nova possibilidade de fazê-lo, uma vez que é convocado na dupla condição de prescritor e executor da atividade. É um olhar de fora de quem conhece por dentro a atividade, ou seja, o olhar exterior recai obliquamente sobre o interior da atividade.

Na ocorrência da linguagem como trabalho as ações desencadeadas pelos trabalhadores o são para atingir determinados objetivos e obedecem a um duplo comando: um comando para o exterior, para um coletivo de trabalhadores e um outro que o trabalhador dirige a ele próprio para a realização de suas tarefas no local de trabalho. A linguagem participa efetivamente do desenvolvimento das atividades de trabalho.

Considerar a *linguagem como trabalho*, segundo Nouridine (2002) significa que ela adquire ou incorpora traços da própria atividade, ela *é econômica*, pois trata-se de *um meio de gestão do tempo no trabalho*. Ela é *social*, devido ao fato de ela só se realizar no processo de interação entre interlocutores numa atividade de tensão e negociação em busca de um consenso, ainda que provisório. A linguagem engendra também uma dimensão *ética*, uma vez que os participantes dos processos enunciativos revelam na própria linguagem uma visão de humanidade em que acredita e pretende construir e consolidar nas atividades linguageiras.

A *linguagem no trabalho*, diferentemente da linguagem como trabalho, só pode ser entendida a partir da distinção entre atividade e situação, visto que todo processo de linguagem envolve atividade. Trata-se aqui de perceber a linguagem não participando diretamente da atividade, mas a ocorrência da linguagem em situação de trabalho. A

linguagem como trabalho é mais específica, ocorre em um determinado local, e a segunda é constitutiva da própria atividade em qualquer lugar onde ela se desenvolva. Pode-se falar sobre qualquer assunto no ambiente de trabalho sem que isso signifique uma intervenção direta no desenvolvimento da atividade profissional. São os aspectos da linguagem disponíveis para um determinado coletivo de trabalhadores que sentem a necessidade ou vontade de utilizá-los em seus locais de trabalho.

Já a *linguagem sobre o trabalho* é a dimensão que consiste em dar visibilidade a questões relacionadas à atividade que merecem ser organizadas e sistematizadas para estudos presentes ou futuros sobre o universo do trabalho. Ela serve para que os protagonistas de diferentes atividades profissionais falem acerca de sua atividade, e, ao falar sobre ela, passe a refletir de modo mais aprofundado sobre suas ações para desenvolver seu trabalho ou passe a refletir sobre o desenvolvimento do trabalho por outros colegas de profissão ou até mesmo de profissões diferentes. É a possibilidade de exploração da propriedade de distanciamento da linguagem pelos interessados em refletir acerca do trabalho.

Essas ocorrências podem ser depreendidas por meio do método de pesquisa empregado. Durante a utilização do método cabe ao pesquisador fazer surgir e analisar tais ocorrências das *práticas languageiras* para melhor conhecer e explicitar a complexidade de cada atividade profissional.

Cada ocorrência pode contribuir para esclarecer determinados aspectos da atividade. A análise do cruzamento dessas ocorrências pode oferecer ao trabalhador um novo olhar sobre a atividade tendo como consequência uma nova forma de executá-la e de com ela se relacionar, incorporando o processo reflexivo como constitutivo de sua atividade, rompendo assim com a visão taylorista, segundo a qual a alguns cabe a execução da atividade e a outros, a reflexão sobre a atividade.

Até mesmo pela complexidade inerente a toda atividade, a reflexão sobre a mesma constitui-se em condição para uma atuação mais consequente, mais produtiva e mais saudável do trabalhador. Nesse processo reflexivo a linguagem desempenha o duplo papel de dispositivo revelador e dispositivo organizador da atividade.

O método de instrução ao sócia contribui para superar o obstáculo, uma vez que o trabalhador tem a possibilidade de falar sobre sua atividade a partir de uma experiência vivida por ele próprio, na perspectiva de projetá-la para o futuro, assumindo um duplo deslocamento, por meio da exotopia, no sentido bakhtiniano, que, segundo Amorim (2003), *significa desdobramento de olhares a partir de um lugar exterior*. Isto é, o trabalhador ora se coloca na condição de executor de suas tarefas, ora se coloca na condição de observador de suas próprias ações para a realização de sua atividade.

Dito de outra forma, em situações de pesquisa, o trabalhador assume a condição de protagonista da pesquisa e de pesquisador completamente envolvido com o objeto de pesquisa. Daí podendo resultar valiosas reflexões sobre a complexidade de sua atividade e possíveis redimensionamentos. É necessário esclarecer que, no momento da instrução, o trabalhador está utilizando-se da linguagem para falar sobre o trabalho, mas, nesse caso, não se trata de alguém de fora da atividade cotidiana na empresa.

Na instrução ao sócia, trata-se de o próprio trabalhador em um de seus dois deslocamentos, ocupar o lugar do outro, ocupar o lugar que é, de certa forma, do pesquisador. O trabalhador sai de seu lugar de “origem” para instruir uma outra pessoa a agir como ele próprio age no processo de realização de sua atividade. Nesse método o trabalhador reflete sobre sua atividade com um “pé” fora e outro dentro da própria atividade. Ele é o outro e ele mesmo, como num espelho, vendo sua imagem refletida e refratada ao mesmo tempo.

O método serve também como dispositivo organizador da atividade e pode ser útil para orientar novas prescrições acerca da realização da atividade. Vale ressaltar que não se trata de uma prescrição no sentido fragmentado e alienante do taylorismo, segundo a qual uns prescrevem e outros executam, pois, com o método de instrução ao sócia, tanto pesquisador quanto trabalhador atuam na condição de prescritores da atividade, ou seja, durante o método, o trabalhador, a um só tempo, aciona um processo de reflexão acerca de sua atividade, prescreve a atividade e fornece subsídios para novas prescrições a partir da própria instrução ao sócia. É um tipo de prescrição que muito se aproxima da realização da atividade.

Deve-se esclarecer que os procedimentos relativos ao método de instrução ao sócia desta tese implicaram deslocamentos, diferenciando-se dos procedimentos realizados por Oddone, na década de 1970 com trabalhadores da Fiat, em Turim. Em primeiro lugar, aqui, tratou-se de uma demanda do pesquisador e não dos trabalhadores da Reuters, segundo: o método envolveu apenas um jornalista e não o coletivo de jornalista, terceiro: antes de realizar a instrução em si, foram necessárias algumas etapas preparatórias para a concretização mais adequada das instruções: observação *in loco*, entrevista com o jornalista, conversa com o jornalista/protagonista, registro escrito e fotográfico e a realização das instruções ao sócia. Nesta última o sócia foi o próprio pesquisador. Já no caso da Fiat, tanto os sócias quanto os instrutores foram os próprios trabalhadores da empresa.

Essas mudanças foram necessárias por três razões: 1) devido às especificidades da realidade brasileira, na qual nem as empresas nem os sindicatos de trabalhadores costumam demandar trabalhos de pesquisas acadêmicas para resolver problemas relacionados ao desenvolvimento de atividades profissionais, 2) o pesquisador não ser um jornalista, portanto, precisava conhecer mais sobre essa esfera de atividade humana e as especificidades da empresa e do jornalista/protagonista da pesquisa, 3) como decorrência das duas razões anteriores, houve a necessidade de se adaptar o método a essa outra situação, a esse novo contexto, agregando a ele esses outros procedimentos, que, no caso desta tese, passaram a constituir o método de instrução ao sócia, conferindo-lhe um novo formato e um novo conteúdo.

Com a instrução ao sócia tem-se a possibilidade de o próprio trabalhador fornecer um conjunto de enunciados que orientam a execução da atividade e a elaboração de novas prescrições. Nesse caso, ressalte-se a importância da experiência profissional podendo ser incorporada pelos novos prescritos. Seria, sem sombra de dúvida, um salto de qualidade nas prescrições, tornado-as mais exequíveis e, por isso, mais “respeitadas”, mesmo em ambientes profissionais onde elas não sejam tão rigorosas, como é o caso do setor de prestação de serviços, de uma maneira geral, e numa empresa jornalística, em particular.

Desse modo, o método revela aspectos relacionados às *prescrições ascendentes*, que são aquelas originárias do seio dos próprios trabalhadores, ou seja, são aquelas

desenvolvidas pelos agentes diretamente responsáveis pela execução das tarefas profissionais nas empresas, pelos próprios trabalhadores, em contraposição às *prescrições descendentes*, que são as institucionais, as que vêm da empresa, de cima para baixo, como ocorre com os manuais, os regimentos, os planejamentos estratégicos, as cartas de princípio, dentre outros documentos oficiais distribuídos pelas empresas aos seus funcionários . (DANIELOU, 2002)

Pode-se afirmar que essa é outra grande contribuição do método - a valorização dos trabalhadores como agentes prescritores de suas próprias atividades, rompendo com a divisão entre os que pensam e os que executam, desconsiderando o raciocínio inerente a qualquer execução. É a dimensão política do método mais uma vez que traz à tona a centralidade do trabalhador no mundo do trabalho, pois eles, além de realizarem sua atividade, refletem sobre ela, podendo até mesmo redimensioná-la a partir desse processo de reflexão proporcionado pelo método de instrução ao sócio.

Dimensão política porque coloca o trabalhador como agente e construtor de sua própria história profissional com importância social, uma vez que o faz refletir sobre sua condição no interior de uma determinada empresa considerando-se a complexidade e a dimensão social de sua atividade. Nesse caso o valor do trabalhador, devido à sua experiência, é reconhecido, colocando-o em pé de igualdade na relação com outros agentes que se disponham a conhecer mais a fundo o universo do trabalho a partir de uma dada atividade. O trabalhador sai de uma posição de submissão, que normalmente ocupa nessa relação, e passa ocupar posição de comando no mundo do trabalho.

É uma inversão de valores, sobretudo hoje, quando se tem a presença muito forte de assessorias e consultorias nas diversas empresas dos mais diferentes ramos, formadas por pessoas, em geral, de fora da empresa, por ela contratadas para apontar possíveis soluções para problemas enfrentados no desenvolvimento das atividades profissionais de seus trabalhadores. Essas equipes externas às empresas agem com algumas dinâmicas de grupo e, essencialmente, com a linguagem, na produção de enunciados que visam à motivação, o engajamento dos trabalhadores para o cumprimento das metas da empresa.

A utilização do método de instrução ao sócia **não visa** à exclusão das consultorias, mas cria condições para um novo tipo de convivência entre trabalhadores e consultores, estabelecendo uma relação entre sujeitos que se constituem no trabalho e pelo trabalho, na linguagem e pela linguagem.

O método evidencia o papel determinante do trabalhador como ser que faz e pensa sua atividade por “dentro” e por “fora” dela e possibilita uma visão mais ampla sobre a realidade e sobre a própria humanidade. Nas palavras de Oddone (1977):

Donner des instruction à un sosie signifie, pour nous résumer, restructurer et ordonner des comportements particuliers dans un plan global; développer l’expérience la plus ficace possible par rapport à la façon dont le **problem solving** se pose dans l’entreprise; formaliser l’expérience informelle pour la rendre transmissible; produire enfin des matériaux pour une psychologie du travail (ou mieux des travailleurs) apte à dépasser une approche anlytique pour atteindre à une vision de l’homme global. (ODDONE, 1977: 57)<sup>3</sup>

Fornecer dados acerca do reconhecimento da centralidade do trabalhador no mundo do trabalho pode contribuir para melhorar as condições de trabalho e de remuneração de uma determinada categoria profissional. Apesar de não ser essa a finalidade mais imediata do método de instrução ao sócia, ele tem condições de revelar aspectos da situação de trabalho que se prestem aos fins de conquistas trabalhistas. Com o método de instrução ao sócia, o trabalhador pode passar a refletir sobre certos aspectos de sua atividade que antes nunca foram objeto de análise, como a jornada de trabalho maior que a estabelecida e paga pela firma, por exemplo. E esse fator pode servir como argumento nas rodadas de negociação com a empresa.

A utilização do método vislumbra a possibilidade de transformar a experiência informal do trabalhador em aspectos formais a serem incorporados na atividade e contribui para ressaltar tanto as características estáveis quanto as instáveis do gênero profissional. Com a utilização do método aumenta-se o conhecimento do gênero da atividade e valoriza-se a experiência do trabalhador como componente indispensável seja no desenvolvimento do trabalho ou na reflexão sobre a atividade.

---

<sup>3</sup> Dar instrução a um sócia significa, para resumir, reestruturar e ordenar comportamentos específicos num plano global; desenvolver a experiência o mais eficaz possível como forma solucionar problemas que há na empresa; formalizar a experiência informal para torná-la transmissível; produzir por último os materiais para um psicologia do trabalho (ou melhor dos trabalhadores) apto a exceder uma abordagem anlytica para aceder a uma visão global do homem. (Oddone, 1977: 57) (Tradução do pesquisador)

A história da organização do mundo do trabalho sempre foi marcada pela valorização das questões financeiras, pela exploração do trabalhador e, como consequência, sua alienação. Como afirma Guerin (1997/2001):

[...] existem muitas situações de adaptação, transformação ou concepção de sistemas de produção em que a predominância dos aspectos financeiros, técnicos ou organizacionais não favorece a reflexão sobre o lugar incontornável do homem no sistema de produção. (GUERIN et al, 1997/2001: 1)

O método de instrução ao sócia vai no sentido contrário a essa lógica da exploração e da alienação do trabalhador. Ele faz parte de uma postura política diante da realidade do mundo à nossa volta porque contribui para avanços no universo do trabalho e aponta para outras conquistas sociais, tendo no trabalhador a centralidade subjetiva com sua experiência e a necessidade de um processo reflexivo em torno da mesma, pois, nele o trabalhador é valorizado e atua como prescritor qualificado pela experiência e motivado pelas reais necessidades para a realização de sua atividade a partir de uma prática linguageira cujo protagonismo a ele pertence.

Para encerrar esta parte, como forma de oferecer mais informações sobre a utilização do método de instrução ao sócia, numa perspectiva mais operacional, serão apresentados e comentados a seguir os procedimentos constitutivos de sua realização no deslocamento aqui realizado:

1. Observação no ambiente de trabalho;
2. Entrevista com o trabalhador que dará as instruções;
3. Conversa com o trabalhador sobre sua atividade;
4. Registro escrito e fotográfico de alguns momentos do desenvolvimento da atividade;
5. Organização e análise do material resultante desses 4 passos como dispositivos organizadores da própria instrução ao sócia.

Vale salientar que esses passos são formas de melhor se conhecer a atividade a ser investigada com o método. Desse modo, é imprescindível ter clareza acerca dos objetivos a serem alcançados com a pesquisa para que cada um desses momentos forneça os subsídios necessários para o desenvolvimento do estudo. É a clareza sobre os

objetivos que orientará cada um desses momentos na direção pretendida pelo pesquisador.

Tendo em mente o que pretende com a pesquisa, de uma maneira geral, e com a utilização do método, em particular, o pesquisador tenderá a tornar cada um desses momentos mais produtivos para sua investigação e poderá responder com mais segurança a perguntas do tipo: O que observar?, O que perguntar ao trabalhador no momento da entrevista e que comentários poderão render mais e melhores dados?, Que tipo de conversa fornecerá mais subsídios para sua pesquisa?, Que registros são relevantes e qual a sua importância na coleta de dados? Como selecionar o material coletado?

Essas e outras dúvidas não serão resolvidas apenas com a definição dos objetivos, mas a clareza sobre eles ajudará a dirimi-las e contribuirá para uma melhor utilização do método de instrução ao sócia, uma vez que possibilitará uma maior exploração do mesmo na perspectiva de revelar alguns aspectos da complexidade de uma determinada atividade.

### **3.2 Levantamento dos dados**

Pergunta de pesquisa: em que medida o jornalista/protagonista incorpora e renormaliza as prescrições contidas no Manual de Operações Editoriais da Reuters para desenvolver sua atividade? A resposta a essa pergunta foi desenvolvida, principalmente, por meio do método de instrução ao sócia e das noções de interdiscurso, norma e renormalização. As categorias de análise foram: léxico, modalidades, modo de enunciação, emprego de pessoas. Ao longo da pesquisa, ao primeiro objetivo foram acrescentados mais três. No momento da análise dos dados, como resultado do estudo aqui realizado método de instrução ao sócia mostrou-se revelador de complexidades do trabalho, como pode ser comprovado no capítulo 4, de análise dos dados e resultados.

Esta pesquisa foi realizada na Reuters, considerada a maior agência de notícias em tempo real do mundo, em seu escritório localizado em um bairro da zona sul da cidade de São Paulo, entre os meses de maio e novembro de 2006, e teve como protagonista

um jornalista, coordenador da editoria de commodities agrícolas. Para se ter uma idéia da dimensão da empresa, basta observar os seguintes dados: Fundada em 1851, ela mantém serviços noticiosos em 18 diferentes línguas no mundo, 16.900 trabalhadores, 2.400 jornalistas, atuando em 131 países. No ano de 2006, a Reuters publicou um total aproximado de dois milhões e meio de notícias, segundo informações do jornalista/protagonista desta pesquisa, em consulta aos dados disponíveis internamente na empresa

Durante o período de maio a novembro, foram utilizados os seguintes procedimentos para a coleta de dados: contato telefônico, primeira visita para conhecimento do local (01 dia), observação (durante 05 dias), conversa com o jornalista, protagonista da pesquisa (durante o período de observação), entrevista com o jornalista (01 dia), conforme anexo 1, e instrução ao sócia, durante um plantão do jornalista (01 dia). Essas etapas foram cumpridas na editoria de commodities, local de trabalho do jornalista, protagonista da pesquisa. Cada uma dessas etapas será detalhada no próximo item deste capítulo.

Vale esclarecer, entretanto, que essas etapas não ocorreram ininterruptamente. Houve intermitências entre um momento e outro. Esses intervalos foram importantes para que houvesse o necessário afastamento entre o pesquisador e seu objeto de pesquisa, para que a exotopia, no sentido bakhtiniano, conforme abordado no capítulo de fundamentação teórica, pudesse se verificar, e possibilitaram a organização e articulação desses diferentes momentos da pesquisa.

Essas etapas de coleta de dados proporcionaram um conhecimento maior sobre a estrutura física do local da empresa, das condições de trabalho do jornalista e da sua atividade profissional, principalmente para quem não é da esfera jornalística, como é o caso deste pesquisador.

Os materiais utilizados para a coleta de dados foram: diário de campo (visita e observação), gravador de fita cassete (entrevista e instrução ao sócia) e máquina fotográfica (observação).

Quanto à realização da pesquisa, vale ressaltar que, tanto o diretor da Reuters como o jornalista protagonista, foram bastante receptivos e contribuíram de forma

decisiva em tudo o que foi solicitado, desde o acesso às dependências da empresa aos materiais que serviram de subsídio para o estudo, como a providência de uma cópia do Manual de Operações Editoriais da Reuters, uma cópia do manual específico da área de commodities agrícolas e todos os materiais de apresentação da empresa para o conjunto de seus clientes. Esses materiais proporcionaram um maior conhecimento acerca da empresa e constituíram um conjunto rico de dados para ser organizado e selecionado para a análise.

O corpus da pesquisa foi constituído do Manual de Operações Editoriais da Reuters, como o principal prescrito da empresa, fazendo parte das prescrições descendentes, segundo a classificação feita por Daniellou (2002), do material publicado pela Reuters em seu site na internet e pela gravação transcrita da instrução ao sócia.

A observação e a entrevista serviram como dispositivos organizadores do método de instrução ao sócia, uma vez que, nesses momentos, foi possível obter informações fundamentais sobre a atividade e suas condições de realização, e sobre o espaço físico, conforme figura abaixo.

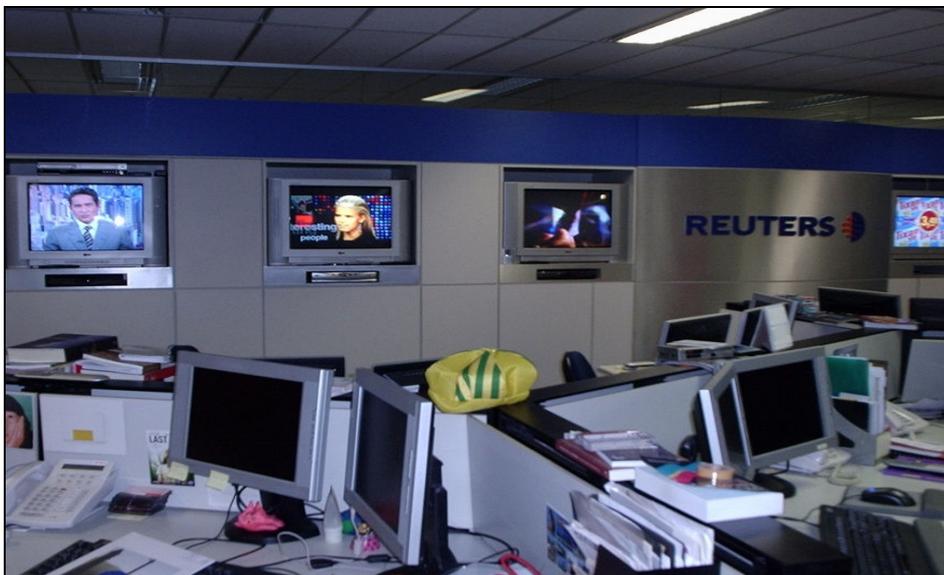


Fig. 1 - Empresa – Local da pesquisa

A primeira etapa da coleta de dados foi um contato telefônico para uma primeira visita à Reuters do Brasil, com o diretor da empresa, responsável pela agência em toda América Latina. Já a partir desse momento o coordenador entregou o Manual de

Editorias da Reuters, apresentou o jornalista responsável pela editoria de commodities agrícolas. Mais tarde ele seria o protagonista da pesquisa. A partir desse momento as portas da agência foram abertas e, tanto o coordenador quanto o jornalista se colocaram inteiramente à disposição para a realização da pesquisa.

Logo após a visita à empresa, teve início o período de observação da atividade do jornalista durante cinco dias alternados. Nesse período foi possível conhecer um pouco da atividade do jornalista de uma agência de notícias, sua rotina de trabalho: a disposição das mesas, a utilização por todos os jornalistas de duas telas de computador, a importância do telefone, os contatos com as fontes, a leitura na tela de notícias gerais do mundo inteiro e específicas da área de commodities agrícolas no Brasil e no mundo.

A tela do computador é dividida em duas partes, uma para notícias gerais e outra para notícias específicas de cada editoria. Além dessa divisão, há também indicação do que ainda está sendo “gestado” pelos correspondentes da Reuters, ou seja, um repórter da agência escreve apenas o início de uma notícia que vai sendo completada em seguida para chamar a atenção da editoria sobre um determinado acontecimento. Esse trecho inicial é escrito na cor vermelha. O editor fica atento à notícia para colocá-la no ar logo em seguida à conclusão da mesma pelo repórter. O lema da Reuters é *Seja o primeiro a dar a notícia, mas dê a notícia correta*. Em outras palavras: velocidade, antecipação e exatidão no tratamento e divulgação da informação.

Durante esse período de observação foi possível perceber que a agitação, característica das redações dos jornais em outras épocas, já não se verifica na agência, tudo parece calmo e sob controle. Talvez essa aparente tranquilidade se deva ao fato de que os jornalistas obtêm a maioria das informações das fontes e não da cobertura *in loco*, como já o fora em épocas anteriores ao advento da internet, da TV a cabo e dos aparelhos celulares. Quando ocorre a cobertura *in loco*, há o jornalista que cobre o acontecimento e o editor, na redação, que dá a palavra final acerca do texto a ser publicado.

Foi nessa fase de observação que se pôde verificar um pouco do procedimento do jornalista para a obtenção das informações que são transformadas em notícias para os milhões de clientes e leitores da Reuters. O jornalista recebeu a informação de uma

fonte que haveria uma espécie de congresso nos Estados Unidos para se discutir sobre a soja, e que um empresário do setor participaria do evento como único representante do Brasil. O jornalista da Reuters telefonou para tentar falar com o representante brasileiro ou alguém da empresa que pudesse confirmar ou não a veracidade da informação. Conseguiu o contato com alguém da empresa, mas não conseguiu a confirmação da informação, pelo menos até o final daquela manhã. Nem sempre as fontes têm conhecimento sobre o que o jornalista pretende publicar ou demonstra interesse em repassar as informações sob seu poder. Como essa possibilidade está sempre colocada, cabe ao jornalista manter e ampliar sua rede de fontes a fim de fazer conhecer o que alguns insistem em querer esconder.

Foi também durante o período de observação que foi possível perceber um pouco da complexidade da atividade do jornalista e da sua responsabilidade no sentido de tentar garantir aos compartilhadores dos terminais da Reuters e aos leitores em geral as informações quase que em tempo real. Como afirmou o jornalista/protagonista, durante a entrevista: *As pessoas querem saber das coisas, elas chegam de manhã logo cedo e querem saber o que está acontecendo.*

### **3.3 Sobre o corpus**

O corpus desta tese foi constituído do período de observações feitas na Editoria de Commodities Agrícolas da Reuters, das partes da entrevista com o protagonista que diziam respeito a atividade do jornalista na empresa onde trabalha, do material transcrito da instrução ao sócia, e do cruzamento desse conjunto de material com o Manual de Operações Editoriais da Reuters, principal documento prescritivo da agência. A íntegra desses materiais encontra-se anexa à tese, eles estão assim organizados: anexo 1: Manual de Operações Editoriais da Reuters, anexo 2: Entrevista com o jornalista/protagonista, anexo 3: Instrução ao sócia, anexo 4: Entrevista com o diretor da Reuters na América Latina. A parte relativa às observações está distribuída no próprio corpo do texto.

Tendo em vista que o objetivo desta tese foi analisar o papel da prescrição no desenvolvimento da atividade do jornalista, por meio do método de instrução ao sócia,

os espaços de intersecção entre o manual e a instrução foram o objeto de investigação dessa análise discursiva. Como afirma Maingueneau, trata-se da prevalência do interdiscurso sobre o discurso, considerando-se que há uma gênese de discurso, que reside na alteridade discursiva, ou seja, o discurso, supostamente original, já existia no seio de outro discurso. O analista deve concentrar seu interesse nessa intersecção entre os discursos a fim de proceder a análise.

Como ocorre com as prescrições descendentes, no Manual de Operações Editoriais da Reuters o discurso está organizado como o objetivo de instruir por meio de comandos, de ordem, conselhos, pedidos, como nos textos publicitários. Pode-se afirmar que nele a linguagem parece confundir-se com a própria atividade, bastando o jornalista tomar alguns cuidados contidos no prescrito para que os problemas de interincompreensão, constitutivos de qualquer processo comunicacional, não existam.

O Manual de Operações Editoriais da Reuters é um documento elaborado pela empresa, com base na legislação norte-americana, para orientar a prática de seus jornalistas. Nele encontram-se desde assuntos relacionados ao processo de coleta de informações até os procedimentos que devem ser usados para que o texto seja publicado na tela dos terminais de computadores da agência.

Considero importante apresentar alguns trechos do Manual de Operações Editoriais da Reuters, prescrito utilizado nesta tese no cruzamento com a transcrição da instrução ao sócia, como forma de subsidiar o leitor para uma melhor compreensão deste estudo. Há aqui a tentativa de reproduzir a forma como o documento está escrito.

Esses trechos do manual a seguir serão constitutivos do corpus desta pesquisa, é com base na intersecção entre esses fragmentos e os excertos da instrução ao sócia que será realizada a análise dos dados. Trata-se de uma apresentação cujo objetivo é orientar o leitor para maior compreensão do trabalho linguageiro desenvolvido nesta tese. O critério de escolha desses fragmentos do manual foi o fato de eles tratarem mais diretamente do trabalho do jornalista, são os trechos em que a empresa prescreve a atividade jornalística de seu quadro profissional.

A cópia fornecida do documento tem 99 páginas e está organizado em sete capítulos. Ele não contém índice, nem numeração de páginas, e do capítulo 5 vai para o

capítulo 14, e deste, para o capítulo 17. Segundo o diretor da empresa, essa organização e distribuição dos capítulos devem-se a uma compilação feita para fins de leitura dos funcionários da agência. Isso bastaria para os fins propostos. No entanto, se algum funcionário desejar lê-lo na íntegra, basta acessá-lo no site da Reuters. Os sete capítulos são assim designados, distribuídos e organizados:

*Capítulo 1: Valores, coleta de notícias e fontes*

*Capítulo 2: Matemática para jornalistas*

*Capítulo 3: Como escrever e enviar uma história a um desk para publicação*

*Capítulo 4: Edição (Filing)*

*Capítulo 5: Formato de histórias: como estruturar as histórias da Reuters*

*Capítulo 14: Situações especiais vividas por jornalistas*

*Capítulo 17: Código de conduta da Reuters*

*O correspondente da Reuters está a postos para transmitir a notícia antes de qualquer concorrente. Mas a exatidão e a imparcialidade devem ter prioridades sobre a rapidez. Um erro poderá prejudicar uma reputação fundamentada em inúmeros acertos. Reconfirme os fatos, números, nomes, datas, ortografia e esteja atento a eventuais erros tipográficos. Certifique-se de que o relato é imparcial e comedido, e se será assim considerado pelos leitores.*

#### **1. LISTA DE VERIFICAÇÃO QUANTO À PRECISÃO, IMPARCIALIDADE E CLAREZA**

- *Verifique se as informações incluídas na história estão em consonância com a manchete e se for o caso, com o Alerta.*
- *Em uma matéria de vários takes, verifique a compatibilidade dos USNs.*
- *Confirme a data e a hora.*
- *Compare todos os números passíveis de verificação com as informações fornecidas. Verifique se a soma de todos os componentes bate com o total – as porcentagens individuais totalizam 100? Verifique novamente o período coberto, as conversões, se os números estão acima ou abaixo. Tome cuidado para não fazer confusão entre milhões e bilhões e verifique se as vírgulas que indicam casas decimais foram colocadas corretamente. Verifique os preços de ações fornecidos mais uma vez. Esteja atento a cálculos efetuados pelo próprio repórter – a história deve especificar a base de cálculo utilizada.*

- *Cuidado com a grafia de nomes próprios – certifique-se de que os nomes foram escritos com a mesma grafia do início ao fim do texto.*

- *Se o primeiro parágrafo suscitar controvérsias, lembre-se de colocá-la entre aspas, para se resguardar.*

- *Certifique-se de que a história inclua os nomes completos das empresas, dos cargos e funções das pessoas envolvidas e os RICs, tanto no texto como no campo do cabeçalho. Verifique se os RICs desconhecidos e os endereços dos sites da Internet mencionados em uma história realmente funcionam.*

- *Riscos legais – o relato denigre a reputação de uma pessoa, empresa ou organização? Expõe alguém ao ridículo, ao ódio ou desprezo? Em resumo, a história é imparcial e comedida no que diz respeito a todos os envolvidos?*

- *Contexto – a história deixa claro como as informações foram obtidas?, por exemplo, através de um jornal, entrevista, coletiva à imprensa? O relato responde à pergunta “E daí?” ou seja, por que essa notícia é importante?*

- *Certifique-se de que o material tabular mantém o formato tabular no campo do cabeçalho.*

- *E, por fim, se você for o jornalista que encaminhou a história, certifique-se de que ela aparecerá na tela.*

## 2. COMO COLETAR NOTÍCIAS

*Conte-me algo que ainda não sei*

*É isso que os clientes querem. Procure por um fato, ângulo, interpretação e reação nova e explique as implicações, independentemente da matéria – política, economia, assuntos corporativos, mercados financeiros, esportes ou outro tipo de notícia.*

### *VOCÊ É SIMPLEMENTE TÃO BOM QUANTO SUAS FONTES DE INFORMAÇÃO*

*Um bom profissional cultiva fontes, ou contatos, adquire conhecimento sobre o conteúdo de seu setor e é um eterno curioso. Os métodos usuais de cultivar novas fontes incluem lembrar-se dos nomes de fontes citadas por outros meios de comunicação e contatá-las também, comparecer a conferências e eventos pertinentes ao setor, não apenas para produzir histórias, mas para descobrir novas fontes. As listas dos participantes de uma conferência que, em geral, encontram-se disponíveis com os organizadores, são, com frequência, proveitosas fontes de nomes, cargos e telefones. A Internet também pode ajudar o jornalista a encontrar novas fontes. Os sites da Internet, como o [WWW.profnet.com](http://WWW.profnet.com) (rede de mestres universitários) proporcionam acesso a especialistas em ampla gama de assuntos. Você pode, inclusive, localizar assessores da área de relações públicas em corporações e organizações sem fins lucrativos por meio da Internet.*

## COMO ESTABELEECER A BASE DE SEU RELACIONAMENTO COM AS FONTES

### ENTREVISTAS

### COMO REGISTRAR INFORMAÇÕES

### O JORNALISMO E A ÉTICA

#### 3. *As fontes*

#### **Princípios gerais**

### CLASSIFICAÇÃO DAS FONTES

#### ***Um jornalista ou câmera da Reuters são sempre as melhores fontes***

*As reportagens em primeira mão tratam de fatos e não de opiniões. Nossa presença in loco nos permite “mostrar” as notícias, não apenas relatá-las; ao fazermos isso, recriamos o quadro mais acurado possível do evento.*

#### ***A segunda melhor fonte é que pode ser identificada pelo nome***

*Ao noticiar o que a fonte identificada declarou, você estará compartilhando a responsabilidade por essas declarações. Sempre que possível, as fontes devem ser identificadas pelo nome e cargo. Essa maneira específica de citar a fonte dá ao leitor condições de mensurar a exatidão da história, pois ele adquire uma idéia do grau de proximidade entre a fonte e as informações. Embora uma fonte identificada talvez não seja mais confiável que uma não identificada, ela lhe dará maior proteção caso sua história seja contestada. Ajudará também a evitar situações que obriguem o jornalista a proteger a identidade das fontes e, juntamente com fitas gravadas e anotações minuciosas, ajudará a impedir que as fontes neguem que tenham fornecido informações para a história.*

#### ***As piores fontes são as que não podem ser identificadas***

*A responsabilidade pela publicação de declarações é exclusivamente sua. Uma fonte importante não identificada é, em geral, alguém de quem se espera razoável conhecimento sobre o assunto a respeito do qual ela está fornecendo informações. Quanto maior a distância entre a fonte e o assunto, menos confiável ela será, portanto nesses casos os repórteres e filers devem questionar a veracidade das informações.*

#### ***Seguem-se as fontes não identificadas, por ordem de importância***

• **Fonte competente:** tem competência no assunto em questão. Um ministro da Defesa, por exemplo, é uma fonte competente em assuntos relacionados à defesa, mas não necessariamente a finanças.

• **Fonte oficial,** como porta-voz da empresa, tem acesso a informações em caráter oficial. Mas a competência dessa pessoa como fonte é limitada a seu campo de atividade.

• **Fontes designadas** são, por exemplo, as fontes diplomáticas, fontes de conferências e fontes do serviço secreto. Assim como uma fonte oficial, elas devem ter acesso a informações confiáveis sobre o assunto em questão.

#### ASPECTOS DO ESTILO DA REUTERS NO TOCANTE A FONTES

---

É assim que está organizada a cópia do prescrito que me foi gentilmente cedida pelo diretor da Reuters na América Latina, logo no primeiro contato com ele na própria agência para tratar da possibilidade de realização da pesquisa na instituição. Esses trechos transcritos estão entre as páginas 3 e 7 do manual da empresa, anexo 1.

### 3.4 Sobre a análise dos dados

É importante salientar no início deste capítulo que, devido ao fato de esta pesquisa contemplar dois domínios da atividade humana: linguagem e trabalho, as análises aqui desenvolvidas também devem dar conta dessa articulação a fim de atingir seu principal objetivo: analisar a atividade do jornalista de uma agência de notícias por meio do método de instrução ao sócia na perspectiva de revelar algumas complexidades nela envolvidas. A **ênfase** recairá sobre as questões de linguagem e nas considerações finais será apresentada uma análise mais propriamente relacionada com o mundo do trabalho, ressaltando-se as contribuições de Clot e Faïta, Gorz, Sennet e Schwartz.

Partirei tanto das noções e categorias da AD de cunho enunciativo: *Semântica global, cenografia, ethos, interdiscurso, competência discursiva, temas, uso de pessoas, modalidades*, bem como das noções relacionadas ao mundo do trabalho: *gênero da atividade, estilo profissional, uso de si, corporação flexível, modernidade líquida, trabalho imaterial*, e procurarei demonstrar o entrelaçamento do emprego dessas noções

e categorias na revelação de algumas particularidades da atividade jornalística desenvolvida em uma agência de notícia.

Se é verdade que na sociedade contemporânea, a relação entre oral e escrito é importante, no caso desta tese, ela é essencial para que o enigma do trabalho seja analisado com maior profundidade, uma vez que, em grande medida, é dessa relação oral/escrito que resultam as matérias publicadas pela empresa em questão, como pode ser constatado nestes dois trechos da entrevista com o jornalista da Reuters (anexo 1):

*(...) se alguém me passa uma notícia por telefone, que é uma notícia importante...que eu acabei de saber...eu bato o telefone, eu escrevo aquele título, aquele snep em 4, 5 minutos e eu joga no ar. Em, em 5 segundos ele entra na tela, né, o leitor tá lendo. Então, tipo, dez minutos depois de alguém falar uma coisa, 5 minutos depois de alguém falar uma coisa muito importante pra mim, o leitor já tá sabendo.*

*(...) bastante coisa é feita por telefone. O nosso trabalho muito é feito por telefone. O de Commodities, aqui. Mesmo porque, né, a gente fala com o produtor no Mato Grosso, a gente fala com o trader em Curitiba, né, Paraná, Santos, Porto - Rio de Janeiro, então...é até impossível você ir a campo frequentemente. Mas, em Brasília, por exemplo, quase tudo é campo. Eles passam, o repórter passa por telefone pra gente. Mas, ele tá lá, tem que tá lá, né? Não tem muito como fazer por telefone.*

O fato de não se encontrarem face a face: enunciador e interlocutor, estabelece um novo tipo de construção enunciativa e, conseqüentemente, novos efeitos de sentido serão construídos dessa relação, se entendermos, como é o caso, a linguagem como processo de interação humana, no qual o interior e o “exterior”, forma e conteúdo, mensagem e *midium*, se entrelaçam na constituição dos significados.

Talvez por não ter, **em grande parte da produção de suas matérias**, esse contato direto com os acontecimentos ou com os principais envolvidos com os diversos acontecimentos que resultam nos textos publicados, a Reuters atue como uma engrenagem “perfeita e harmônica” na divulgação dos fatos que julga de interesse público. A relação é entre o discurso de um terceiro, nas palavras de Benveniste, de uma *não-pessoa*, e o jornalista encarregado de “cobrir” o fato, não diretamente, indo ao local da ocorrência, mas por intermédio de uma determinada fonte. Ou seja, o fato já passou por um filtro antes mesmo de chegar à agência noticiosa, para passar por novos filtros e ser publicado, em forma de texto.

#### 4 ANÁLISE E RESULTADOS

“Por seres tão inventivo/E pareceres contínuo/Tempo tempo tempo tempo/És um dos deuses mais/lindos/Tempo tempo tempo tempo...” (Oração ao tempo – Caetano Veloso)

A empresa jornalística, objeto deste estudo, é uma agência de notícias em “tempo real”, cujo slogan é: *Seja o primeiro a dar a notícia, mas dê a notícia correta*. A partir desse enunciado podemos depreender duas fortes preocupações da empresa perante seus clientes: **eficiência e rapidez**. A clareza acerca dessas preocupações será determinante para que se compreendam os fragmentos dos enunciados do jornalista produzidos durante a instrução ao sócio e aqui analisados.

Essas duas preocupações apontam para a constituição da imagem discursiva com a qual a empresa tenta se apresentar para o público em geral e em particular para o conjunto de seus clientes - a de uma corporação que se pauta pelo rigor de seus enunciados publicados e pela rapidez tanto na obtenção das informações quanto na publicação das mesmas para o seu público leitor.

Consideramos importante, na apresentação da empresa, trazer a voz de seu diretor.

A Reuters é uma empresa de conteúdo. Ela é a maior agência de notícias do mundo, mas não é só uma agência de notícias, porque uma agência de notícias não se remuneraria o suficiente para sustentar a estrutura dela. Ela é uma empresa de conteúdo. Ela vende notícias em três formas: em texto, foto e em vídeo. Vende dados, desde os dados econômicos de dólar, bolsa, até dados mais difíceis de serem obtidos, como preços agrícolas e coisa assim. E ela vende tecnologia, como estes terminais que estão aqui em minha sala, de duas telas, onde o cliente pode acessar várias coisas. Ele pode acessar gráficos, cotações, notícias. Então, é por isso a gente acabou definindo ela como empresa que vende conteúdo. E notícia passa a ser uma parte desse conteúdo. Não é central. (...) ela começou como agência de notícias, depois ela foi se sofisticando para vender conteúdo. (...) O principal cliente da Reuters é o mercado financeiro. Os jornais, que agente chama de mercado de mídia, os jornais, revistas, internet, etc., é 26% dos negócios da Reuters, apenas. (Anexo 4, página 1 – Entrevista com diretor da Reuters na América Latina)

A Reuters é uma empresa matricial, ela não obedece aos padrões de uma organização tradicional numa relação vertical entre suas divisões e apresenta uma estrutura tida como enxuta, ou seja, com poucas repartições e um número menor de funcionários, se comparada a outro tipo de estrutura corporativa.

O cronograma da empresa é basicamente o seguinte: é uma empresa matricial, então ela tem divisões, eu nem sei quais são essas divisões, mas são divisões de negócios, digamos aqui: renda fixa, câmbio, mercado financeiro, genericamente falando, e ela tem aqui serviços, internos: então, aqui entra editorial, o editorial presta serviço para divisões de renda fixa, presta serviço para divisão de câmbio, presta serviço para essas divisões, que são divisões de negócios. Esta é a empresa, vendas institucionais, *trading enterprise*, pesquisa e administração de ativos em mídias.

Tá vendo, são quatro divisões e só uma cuida de mídia. E aqui tem as prestadoras de serviço, olha o editorial onde está, aqui embaixo, são as bases. Essas são as divisões de serviço: aqui, o executivo, aqui, as divisões de negócios, *business*. É só para você ter uma idéia. Essas são estruturas de negócios e estas são estruturas de serviços internos. E o editorial presta serviço pra esses cargos, não tem um organograma clássico, é um organograma matricial.  
(Anexo 4, página 3 – Entrevista com diretor da Reuters na América Latina)

O objeto em estudo constitui-se de quatro *corpora*: 1) **O Manual de Operações Editoriais da Reuters**, como o prescrito da empresa, 2) **entrevista com o jornalista/protagonista**, 3) **transcrição do método de instrução ao sócia** e 4) **entrevista com o diretor da Reuters na América Latina**.

O espaço discursivo - objeto de análise desta tese – é constituído pelo discurso empresarial, materializado no manual de operações editoriais da instituição, na entrevista com o diretor da corporação, por um lado, e, por outro, pela “formação discursiva híbrida” do trabalhador da agência de notícia em tempo real, materializado na entrevista com o próprio jornalista/protagonista deste estudo e na instrução ao sócia. O motivo de designar a formação do jornalista como híbrida deve-se ao fato de ele ora assumir o posicionamento da empresa, ora assumir um posicionamento de dúvida quanto às inúmeras tarefas a realizar, como veremos mais adiante.

Estamos condenados a pensar uma mistura inextrincável do mesmo e do doutro, uma rede de relações constantemente aberta. Nada de espantoso se as tipologias, quando são perscrutadas de perto e são aplicadas, voam em estilhaços, deixam aparecer um imenso arabesco de textos nos quais só as grades ideológicas de uma época, de um lugar dado, ou hipóteses que fundam uma pesquisa podem introduzir uma ordem. (MAINGUENEAU, 1984/2005: 26)

Adotando a noção de interdiscurso preconizada por Maingueneau (1984/2005), a análise ocorre nos espaços de intersecção entre a formação discursiva da empresa e a formação discursiva híbrida do jornalista/protagonista desta tese. Necessário se faz ainda esclarecer que, tanto neste capítulo quanto nas considerações finais, esses discursos são comentados, com base nos mesmos materiais já mencionados (manual e entrevistas), acrescidos dos discursos dos estudiosos do trabalho (Gorz, Sennett e Schwartz, apresentados anteriormente).

Estes últimos discursos são considerados aqui como integrantes de outra formação discursiva que está em relação de conflito com a da empresa por apresentar

posicionamentos que apontam para outra lógica de organização e condução das questões do trabalho, indo de encontro à lógica do mercado, vislumbrando, sobretudo, a dignidade humana no desenvolvimento das atividades profissionais, como se pode depreender a partir do teor dos excertos abordados em outras partes desta tese.

Considerando ainda o discurso do jornalista/protagonista como integrante de uma terceira formação discursiva, que oscila entre a FD dos empresários e a dos estudiosos do trabalho, estabelecemos o diálogo entre essas três formações discursivas com base na interdiscursividade como forma de apresentar as convergências e as divergências existentes, bem como para procurar entender melhor a atividade do jornalista a partir da ambigüidade de seu discurso.

Os trechos selecionados para análise foram aqueles que tratam mais diretamente da projeção da imagem discursiva da Reuters e das tarefas constitutivas do trabalho jornalístico, servindo como prescrição da atividade profissional, uma vez que tanto o manual da empresa como as entrevistas abrangem outros aspectos além desses já mencionados. Os fragmentos foram selecionados de acordo com os dois objetivos da tese, relacionados, portanto, ao ethos da empresa e à caracterização da atividade jornalística de uma agência de notícias.

Iniciamos a análise com trechos do Manual de Operações Editoriais da Reuters para depreensão do ethos da empresa, em seguida essa voz é recuperada no discurso do trabalhador, que, por meio do debate de valores, reforça trechos da prescrição e redimensiona outros, renormaliza-os para melhor desenvolver sua atividade sob a perspectiva da corporação, que exige rapidez e eficiência de seus funcionários como forma de garantir e ampliar sua clientela. É nesses cruzamentos entre o discurso do trabalhador e o discurso da empresa que esperamos depreender com esta análise algumas complexidades da atividade de trabalho do jornalista por meio do dispositivo metodológico denominado de **método de instrução ao sócia**.

Para analisar o Manual de Operações Editoriais da Reuters e a entrevista com seu diretor na América Latina, foram mobilizadas as noções de cenografia e ethos, e, como categoria de análise: a modalidade, o tema e o léxico. Para analisar a entrevista com o

jornalista/protagonista e a instrução ao sócia foi mobilizada a noção de interdiscurso, e, como categoria de análise, o uso de pessoas e modalidade.

O uso dessas categorias se justifica pela adequação das mesmas no tratamento dos dados e pelos objetivos aqui pretendidos. As modalidades, por se tratar de um documento prescritivo, interessa perceber de que forma a empresa estabelece o que deve ser realizado pelo conjunto de seus funcionários no desenvolvimento de suas respectivas funções. Os temas, devido à importância de alguns deles para o desenvolvimento da atividade do jornalista e para a projeção da imagem da empresa. O tratamento dispensado ao léxico que, articulado às outras duas categorias contribuem para a caracterização tanto da atividade quanto da instituição, numa abordagem lingüístico-discursiva.

Os agrupamentos dos trechos dos *corpora* serão designados de conjunto e a numeração de cada um deles será seqüencial, conforme forem aparecendo na análise. A escolha dos trechos do conjunto 1 deve-se a duas razões: 1) sua importância como prescrição para a atuação do conjunto dos jornalistas da empresa, pois, apesar de pertencer ao gênero discursivo manual, o documento analisado não se restringe a prescrever a atividade dos jornalistas, como já explicado anteriormente, 2) por se tratar de enunciado sintetizador do pensamento da Reuters, uma espécie de slogan da empresa, segundo seu próprio diretor.

#### 4.1 O ethos da empresa

**Conjunto 1** (Manual de Operações Editoriais da Reuters e entrevista com seu diretor – Anexos 1 e 4)

##### *Trecho 1*

*O grande filão é o mercado financeiro, são os terminais que todo operador de banco tem um terminal de alguém, ou da Reuters, ou da Bloomberg, ou da Agência Estado, todo mundo. Qual a grande meta da Reuters? É ser a maior empresa de cultura do mundo e ocupar o maior número de mesas de funcionários de banco do mundo. Pra eu te dar uma idéia mais ou menos do que significa a magnitude das coisas: um contrato enorme com uma empresa de mídia, os maiores contratos com mídia que agente tem é com empresas de televisão, que ficam na faixa de 4 a 5 milhões de dólares, por ano.*

### *Trecho 2*

*Então, uma CNN da vida, os caras pagam 4, 5 milhões de dólares, por ano. Os nossos grandes contratos com bancos pagam, em média, 70.000 000 (setenta milhões), por ano. Então, é uma diferença monumental. Por que tem essa remuneração exagerada do banco? Porque eles pagam por terminal. Um terminal da Reuters completo, um modelo mais sofisticado, custa, em média mil e trezentos dólares, por mês, por terminal. Um banco enorme que tem 500 terminais, 600 terminais, 700 terminais, a conta é grande. (...) ela se sustenta financeiramente, ela vende assinatura de serviços. Podem ser tanto os terminais como notícias, mas é assinatura, é uma taxa mensal. O terminal é \$ 1.300,00 (mil e trezentos dólares), por mês, desse (aponta para o terminal em sua mesa). Mas tem outros mais baratos e tem os mais caros. Tem o terminal que faz câmbio, faz operações de câmbio que chega a custar \$ 4.000,00 (quatro mil) dólares por mês, a assinatura. Ele pertence à Reuters e é emprestado ao cliente por uma taxa mensal.*

### *Trecho 3*

*Qual é o viés de democratização de informação que agente oferece? É o fato de não vender exclusivo pra ninguém. E tem outro viés mais detalhista como, por exemplo, a Reuters não usa palavra terrorista porque o terrorista pra uns é o mártir pra outro. E como ela vende para o mundo inteiro, ela não vai chamar a Alkaeda de terrorista e parar de vender terminal na Arábia Saudita, entendeu? Então assim, o fato de vender só pra quem paga já democratiza o suficiente para ser considerada uma operação democrática, do ponto de vista de notícias. E agente toma cuidados democráticos na entrega da informação que ninguém toma, mas agente não trabalha de graça. (Ver anexo 4, página 1 – Entrevista com diretor da Reuters)*

### *Trecho 4*

*Seja o primeiro a dar a notícia, mas dê a notícia correta*

### *Trecho 5*

*O correspondente da Reuters está a postos para transmitir a notícia antes de qualquer concorrente. Mas a exatidão e a imparcialidade devem ter prioridades sobre a rapidez. Um erro poderá prejudicar uma reputação fundamentada em inúmeros acertos. Reconfirme os fatos, números, nomes, datas, ortografia e esteja atento a eventuais erros tipográficos. Certifique-se de que o relato é imparcial e comedido, e se será assim considerado pelos leitores.*

### *Trecho 6*

*Conte-me algo que ainda não sei. É isso que os clientes querem. Procure por um fato, ângulo, interpretação e reação nova e explique as implicações, independentemente da matéria – política, economia, assuntos corporativos, mercados financeiros, esportes ou outro tipo de notícia.*

### *Trecho 7*

*Um bom profissional cultiva fontes, ou contatos, adquire conhecimento sobre o conteúdo de seu setor e é um eterno curioso. Os métodos usuais de cultivar novas fontes incluem lembrar-se dos nomes de fontes citadas por outros meios de comunicação e contatá-las também, comparecer a conferências e eventos pertinentes ao setor, não apenas para produzir histórias, mas para descobrir novas fontes. As listas dos participantes de uma conferência que, em geral, encontram-se disponíveis com os*

*organizadores, são, com frequência, proveitosas fontes de nomes, cargos e telefones. A Internet também pode ajudar o jornalista a encontrar novas fontes. Os sites da Internet, como o WWW.profnet. Com (rede de mestres universitários) proporcionam acesso a especialistas em ampla gama de assuntos. Você pode, inclusive, localizar assessores da área de relações públicas em corporações e organizações sem fins lucrativos por meio da Internet.*

Ao analisar o **conjunto 1** do Manual de Operações Editoriais da Reuters e da entrevista com seu diretor, é possível afirmar que o **tema** resultante do cruzamento dos dados é a **velocidade** inserido no contexto das relações mercantis. Nesses trechos, há uma preocupação constante com a velocidade, depreendida pelo modo de utilização do léxico - */Seja o primeiro/ transmitir a notícia antes de qualquer concorrente/ exatidão e a imparcialidade...* e pelo modo de enunciação, pois é pela organização do discurso, articulando rapidez, exatidão e responsabilidade, que a empresa espera alcançar a eficiência que a credibiliza como a maior agência de notícias do mundo.

Percebemos o uso das modalidades assertiva e deôntica, como é típico do gênero discursivo manual de instrução e a preocupação de seu diretor com os rumos do mercado financeiro, que tem na Reuters um referencial de credibilidade para orientar suas atividades com vistas a lucros cada vez maiores e retornos rápidos de seus investimentos. *Um bom profissional cultiva fontes, ou contatos, adquire conhecimento sobre o conteúdo de seu setor e é um eterno curioso. Os métodos usuais de cultivar novas fontes incluem lembrar-se dos nomes de fontes citadas por outros meios de comunicação e contatá-las também, comparecer a conferências e eventos pertinentes ao setor, não apenas para produzir histórias, mas para descobrir novas fontes. As listas dos participantes de uma conferência que, em geral, encontram-se disponíveis com os organizadores, são, com frequência, proveitosas fontes de nomes, cargos e telefones. A Internet também pode ajudar o jornalista a encontrar novas fontes.*

Por meio de ordens ou da voz imperativa do verbo o enunciador se faz ouvir e espera ser atendido em seus apelos e solicitações: *Seja o primeiro a dar a notícia, (...) Reconfirme os fatos, números, nomes, datas, ortografia e esteja atento a eventuais erros tipográficos. Certifique-se de que o relato é imparcial e comedido, e se será assim considerado pelos leitores. Conte-me algo que ainda não sei. Procure por um fato, ângulo, interpretação e reação nova e explique as implicações, independentemente da*

*matéria – política, economia, assuntos corporativos, mercados financeiros, esportes ou outro tipo de notícia.*

São também afirmações categóricas que não deixam muitas dúvidas sobre a natureza do enunciado e acerca da relação hierárquica entre enunciador e interlocutor, a quem cabe dar ordem e a quem cabe obedecer. São afirmações pertencentes tanto ao domínio da ordem quanto ao da verdade, como ocorre com as modalidades deônticas e assertivas, respectivamente.

Nos trechos 2, 3 e 4, percebe-se mais claramente o uso da modalidade deôntica, que trata da ordem do dever, na qual o enunciado funciona tanto como imposição quanto como uma espécie de conselho, de orientação, de sugestão para o interlocutor, no caso o jornalista, melhor desempenhar sua atividade profissional. O aconselhamento pode vir de forma direta, como nos fragmentos 2 e 3, ou pode vir de forma indireta, como ocorre no excerto 4, está implícito no enunciado: *Um bom profissional cultiva, ...adquire..., comparece...* Portanto, o jornalista da Reuters deve proceder dessa forma para ser o profissional eficiente esperado pela empresa.

O fato de a empresa se utilizar dessas duas modalidades: assertiva e deôntica, revela um movimento discursivo que estabelece duas maneiras de considerar a presença do outro em seu enunciado: ora pela idéia de verdade contida no enunciado, ora pela coerção, pela persuasão. Quando se utiliza da modalidade assertiva, a relação é entre um ser pensante que estabelece condições de execução de atividade no plano de verdades incontestáveis, e o outro, um ser que não tem escolhas a não ser executar a prescrição. No momento em que se utiliza da modalidade deôntica, o outro é um sujeito que deve se convencer das benesses de acatar as ordens, os conselhos ou as sugestões dadas pelo enunciador, até mesmo para se manter no emprego.

Nas duas situações, com o uso das modalidades, trata-se de relação hierárquica. No primeiro caso, parece que a margem de manobra é menor uma vez que se trata do confronto com o próprio valor de verdade das afirmações. Já no segundo, parece ficar mais nítida a relação entre o enunciador instituído do poder de mando e o interlocutor, na posição de obediência às sugestões dadas pelo enunciador, na condição de empregador, no caso da Reuters.

Com a modalidade deôntica, o trabalhador parece ser mais valorizado na sua subjetividade e se aproxima mais do tipo de profissional exigido pelas corporações

flexíveis, o profissional pró-ativo, atuando como gestor de sua atividade e não como um ser que se prostra diante da realidade da vida. São duas maneiras de convocação do *uso de si*, segundo os princípios ergológicos, na realização da atividade do jornalista.

Com as assertivas, considera-se um ser capaz de raciocinar na perspectiva do cumprimento das verdades impostas “pela própria vida”, como algo, que, apesar de se originar em sociedade, naturaliza-se no dia-a-dia do trabalhador, sem muito espaço para questionamentos, como é típico do discurso do gênero manual.

Já no caso das modalidades deônticas, existe, de certo modo, a convocação de um ser em múltiplas dimensões, pois a ele, muitas vezes, a depender de como se apresenta o enunciado, é proporcionado direito à reflexão sobre o que se está propondo, sugerindo, aconselhando, ou até mesmo ordenando, convoca-se a sua efetiva participação, é a convocação do corpo si em suas variadas dimensões, como sugere a Ergologia, demonstrando assim a complexidade envolvida nas atividades de trabalho. Nessa última situação, o nível de comprometimento tende a ser maior que no primeiro, devido ao engajamento exigido do trabalhador, implícito no próprio enunciado da empresa.

Sob os ditames do sistema de restrições dos estudos do trabalho, que se contrapõe à lógica do mercado como única organizadora da sociedade pós-moderna - Schwartz, Sennett e Gorz, considerando-os como integrantes de outra formação discursiva, fazendo o contradiscurso da formação discursiva da empresa, podemos afirmar que com as modalidades assertivas tem-se mais evidenciado o uso de si pelos outros, ainda que esse outro seja uma mão invisível que paira sobre toda a sociedade.

Já com as modalidades deônticas, tem-se tanto o uso de si pelos outros como também o uso de si por si, uma vez que nelas parece haver mais possibilidades de participação do trabalhador na realização das ações. No caso das modalidades assertivas existe divisão clara de responsabilidades: a alguns cabe a prescrição, a outros, a execução. Nas modalidades deônticas, em certa medida, quem prescreve solicita a cumplicidade, a participação de quem executa. Ainda que essa participação seja limitada, ela está presente.

Desse modo, com o uso da modalidade deôntica, supostamente, haveria, então uma grande aproximação entre os fragmentos do manual e os pressupostos da Ergologia. Entretanto, isso é apenas uma suposição, uma vez que ninguém duvida de que os aconselhamentos, considerando-se a relação efetivamente existente entre enunciador/empresa e interlocutor/funcionários da empresa, traduzem-se por ordens ou

conselhos dos quais não se pode prescindir. Esse modo de enunciação faz parte da formação discursiva empresarial no contexto das corporações flexíveis, ora o centro de seu enunciado é a coerção, ora é a persuasão.

Para melhor compreensão dos interesses em jogo nessa arena enunciativa, na qual ao trabalhador seria dado o direito de escolha, torna-se imprescindível levar em conta as duas formações discursivas em debate: a da empresa ou dos empresários e a dos estudiosos do trabalho. A primeira, marcada pela relação de poder da instituição sobre o conjunto de seus trabalhadores, que, a despeito de os considerar como gestores de sua atividade, a liberdade de escolha desses pode provocar conseqüências indesejáveis de diferentes níveis para o funcionário.

Já para a formação discursiva dos estudiosos do trabalho, a liberdade de escolha por parte do trabalhador no exercício de sua atividade profissional é condição para sua realização, sendo constitutiva da convocação do corpo si na sua plenitude subjetiva. Trata-se da valorização da experiência do trabalhador e da sua participação intelectual no processo reflexivo acerca de sua atividade de trabalho para melhor realizá-la.

Os trechos 1, 2, 3 e 4, servem tanto para indicar a relação entre enunciador e interlocutor, empresa e funcionários, respectivamente, por meio das modalidades, como também para apresentar a imagem da empresa, resultante da articulação de imagens captadas pelo discurso do seu principal documento prescritivo, o Manual de Operações Editoriais da Reuters, como duas faces de uma mesma imagem. Isto é, as projeções do discurso criam uma imagem de dupla face. Por um lado, a **imagem da confiança**, pretendida pela empresa, e, por outro, à revelia das pretensões da instituição, a **imagem da cobrança**.

Na articulação dessas imagens discursivas de cada um desses excertos, a cobrança recai sobre os ombros dos trabalhadores da empresa, que têm de dar conta de um conjunto de exigências para que a corporação não perca a confiança já adquirida junto aos seus clientes: *a exatidão e a imparcialidade devem ter prioridades sobre a rapidez. Um erro poderá prejudicar uma reputação fundamentada em inúmeros acertos.*

O trabalhador da Reuters parece ser onipresente e onisciente a ponto de fornecer todas as informações de que o cliente da empresa necessita, em qualquer lugar e a qualquer momento. Ele tem de estar sempre a postos, de prontidão para servir o cliente melhor do que qualquer outra empresa do ramo: *O correspondente da Reuters está a*

*postos para transmitir a notícia antes de qualquer concorrente.* Aqui, mais do que a velocidade em si, interessam a **antecipação** e a **exatidão**, pois a concorrência é grande. Corre-se contra todos os outros concorrentes para evitar o “furo de reportagem”. O jornalista tem de ser ágil e preciso porque um erro pode denegrir a reputação da corporação, e o preço que uma empresa do setor de informação paga quando tem sua credibilidade abalada é, sem sombra de dúvida, muito alto.

Como é que funciona o jornalismo financeiro? Qual o problema? Por que que as informações têm que ser confiáveis? Não é só pela credibilidade da Reuters, essas informações são desenhadas pra o cara ganhar dinheiro com elas, e não perder. Quase todo mundo opera as manhãs em cima das nossas informações, e se você manda: “o presidente do Iran foi baleado”, (neguinho sai comprando petróleo) Ô, desculpe. Não, não foi ele, foi o assessor dele” (e neguinho que já comprou vai ter que vender? Entendeu? . Então, tem um problema de risco ali. As informações são informações que o mercado usa, então, elas têm que ser boas. (Entrevista com Diretor da Reuters na América Latina, pág. 6 . Anexo 4)

Quando perguntado se o mercado confia na Reuters, ele responde: *Tem que confiar, agente toma o maior cuidado, a gente é a mais confiável, não tem jeito.*

Essa dupla face da imagem da empresa está, em parte, diretamente relacionada ao estatuto que a corporação, na condição de enunciador-institucional, por meio do seu discurso, atribui a si própria e aos seus dois interlocutores: clientes e funcionários. Mesmo sendo um documento prescritivo dirigido aos funcionários, em seu discurso está inscrito o interlocutor-cliente na relação interdiscursiva que o constitui.

A empresa sabe que sua imagem de confiança depende do trabalho desenvolvido pelo conjunto de seus funcionários e a cobrança foi o meio que ela encontrou para concretizar suas promessas. Desse modo, cria-se um movimento na empresa cujo início e o fim são essencialmente discursivos, constitui-se uma cadeia de enunciados entre empresa, clientes e funcionários da qual dependem os resultados esperados pela corporação. A Reuters é uma agência de notícias ou agência de conteúdo, como afirma seu diretor, e esse conteúdo é essencialmente linguageiro.

O imperativo de firmeza e precisão dá o tom do discurso da empresa tanto para seus clientes como para seus funcionários, revestindo-a da vestimenta “impecável” e do caráter de serenidade e responsabilidade com seus atos. Vale ressaltar aqui o esforço que cada funcionário envidará para a empresa continuar desfrutando dos benefícios

dessa imagem no mercado da informação. Tudo deve funcionar perfeitamente bem e com muita velocidade para que os concorrentes não cheguem à frente. O funcionário deve ser o primeiro a dar a notícia, mas a notícia exata, sem erros. Aqui o ditado popular é recuperado na forma de simulacro, ou seja, a pressa não pode ser inimiga da perfeição, mas, antes, ambas têm de caminhar lado a lado rumo ao modelo de eficiência estabelecido pela instituição, sintetizado em seu slogan.

O que a empresa busca é projetar a imagem da confiança diante de seus clientes por meio de um discurso convincente de competência, seriedade e responsabilidade. Numa palavra: eficiência. Seu slogan não deixa dúvidas, ela dá a notícia antes de qualquer concorrente e a transmite sem erros, com exatidão. Talvez, a empresa não espere que em seu próprio discurso seja também analisado um nível altíssimo de cobrança junto aos seus trabalhadores para fazer valer suas pretensões, pois, se esse fator ficar evidente para seus clientes, é possível que se coloque em dúvida a exequibilidade de suas ações anunciadas publicamente. Isso provocaria o enfraquecimento da empresa no mercado cada vez mais ávido por comemorar sucessos e devorar fracassos.

Tornar perceptível esse alto nível de exigência pode trazer consequências trabalhistas indesejáveis para a empresa, demonstrando sua inexecutabilidade ou a valorização de aspectos da atividade de trabalho, talvez, nunca antes revelados. Nesse sentido, podemos afirmar que a imagem pretendida pela Reuters é da confiança e o *ethos* depreendido de seu modo de enunciação é de dupla face: **confiança** e **cobrança** - são as duas faces de uma mesma empresa, a despeito de suas vontades e intenções. As faces são reveladas pelo modo de enunciação e independem da vontade do enunciador. Ou talvez, seja mais adequado falar em *ethos* dito e *ethos* mostrado, com sugere Maingueneau (2008).

Por um lado, é verdade que a sociedade é de riscos, por outro, não é menos verdade que os riscos ficam por conta de quem vende e não de quem compra, porque estes estão em busca de segurança nos produtos e serviços que consomem. Os clientes da Reuters, como se sabe, se incluem entre esses últimos e, por conta dessa condição, precisam confiar nas informações fornecidas pela empresa especializada no assunto. E a Reuters sabe disso. O diretor da Reuters na América Latina, quando perguntado se o mercado

confia na instituição, responde: *Tem que confiar, agente toma o maior cuidado, a gente é a mais confiável, não tem jeito.*

Esse ethos “duplafacetado” talvez seja explicado pelo fato de a empresa, apesar de dirigir o discurso do seu manual, prioritariamente, a seus funcionários, pela própria natureza do documento, tenha de incluir também outro interlocutor: seus clientes. Nesse sentido, a corporação é forçada a direcionar a palavra para dois interlocutores com interesses distintos. Mais ainda, em certos casos, eles defendem interesses antagônicos. Portanto, a corporação tem de organizar seus enunciados sob um conjunto de restrições de seu campo discursivo, procurando contemplar essas diferenças. Isto é, para o “interlocutor-cliente”, ela fala do lugar de quem oferta um serviço e, para o “interlocutor-funcionário”, ela exige o cumprimento das promessas anunciadas para os primeiros. Daí o *ethos* da confiança e da cobrança projetado no discurso do seu manual. Poderíamos afirmar que o ethos dito, é o da confiança, e o ethos anunciado é o da cobrança.

O discurso da Reuters tanto pode revelar confiança quanto pode revelar a desconfiança de seus clientes, caso eles resolvam saber acerca dos recursos e procedimentos da empresa para obter as informações com a rapidez e a precisão anunciadas. Até mesmo porque, no mercado da informação há vários exemplos de notícias inventadas ou mal contadas, entre os quais, o caso da Escola Base é apenas o mais famoso.

O processo de apuração e investigação está cada vez mais comprometido pela pressa que move a concorrência entre as empresas de informação, pela facilidade de acesso proporcionada pelas novas tecnologias de comunicação, principalmente pela rede internacional de computadores. Outro fator importante está relacionado à formação do jornalista. Tanto no levantamento quanto no tratamento da informação, a fragmentação é a característica marcante de grande parte de seu trabalho, quando uma abordagem interdisciplinar seria, mais do que importante, necessária.

Talvez até mesmo devido a toda essa facilidade, por um lado, o interesse por procedimentos que exijam mais tempo e dedicação, por outro, já não mais exista, afinal vive-se na sociedade de resultados a curto prazo. Tudo aquilo que demande mais tempo

tende a se tornar “inútil”, apesar de todos reconhecerem a sua importância e utilidade, como é o caso da apuração e da investigação no ramo da informação. Nesse caso, o procedimento das empresas jornalísticas depende menos de uma decisão interna e mais do nível de exigência da sociedade que, apesar de reconhecer o imperativo da velocidade, pode não querer correr o risco de se pautar por informações duvidosas.

Sabemos que há vários modos de o enunciador se constituir como tal e esses modos estão diretamente relacionados à competência discursiva do sujeito que enuncia. Essa competência possibilita ao enunciador estabelecer os parâmetros do dizível e do que não pode ser dito do lugar de onde ele enuncia. É a partir dessa competência que a Reuters elabora seu manual de operações editoriais e o faz sob a égide de uma empresa pertencente à sociedade moderna tida como eficiente, no diálogo entre funcionários e clientes. No discurso da Reuters reconhecemos a importância desses dois destinatários e a sua própria importância no cenário empresarial mundial. Segundo Maingueneau (2005): *Os diversos modos da subjetividade enunciativa dependem igualmente da competência discursiva, sendo que cada discurso define o estatuto que o enunciador deve conferir-se e o que deve conferir a seu destinatário para legitimar seu dizer.*

No discurso do manual da Reuters está pressuposto um funcionário perfeitamente integrado aos novos modos de ser da sociedade atual, comprometido com os valores da empresa e com a satisfação do cliente, qualquer que seja o “preço” dessa satisfação. Ele, supostamente, tem plenas condições de realizá-la e estará sempre disposto a fazê-la, caso contrário não estaria na empresa.

Podemos afirmar que as corporações flexíveis, os avanços das novas tecnologias de informação, o processo de globalização, o mercado extremamente competitivo, o mundo do trabalho sem garantias de emprego, constituem a dêixis discursiva que a Reuters institui para enunciar. É a partir da consideração dessa relação espaço-temporal que a empresa constrói seu *ethos* de dupla face. O ato de enunciação da Reuters instaura o advento da velocidade e da eficiência das corporações flexíveis, sua dêixis discursiva. É desse lugar e desse tempo que a Reuters enuncia e não exatamente da cidade de São Paulo no século XXI. No próximo item será apresentada a relação interdiscursiva entre o discurso do jornalista e o da empresa, contido em seu manual.

Com a preocupação constante em não levar o furo da notícia, o jornalista da Reuters tem de ser ágil e eficiente ao mesmo tempo, ficando sempre a postos para as necessidades de captar os fatos que serão transformados em notícias em um espaço de tempo cada vez mais curto. Nesse sentido, de acordo com os trechos prescritivos da corporação, o eixo organizador da atividade do jornalista dessa empresa deve ser a velocidade, é a rapidez em obter a notícia e publicá-la. Porque, para os propósitos da instituição, expresso também em seu slogan, não adianta o jornalista ser o primeiro a ter acesso à notícia se ele não for capaz de torná-la pública antes dos concorrentes.

Com base em sua competência discursiva, pelo estatuto que se atribui como enunciador e o estatuto que atribui a seu destinatário, o discurso da Reuters tanto pode consolidar e manter uma imagem positiva diante de seus clientes quanto pode manchar essa imagem ou até mesmo destruí-la, dependendo do nível de comprometimento da mesma para a totalidade de seus clientes. O enunciador não detém o controle total do seu dizer e, menos ainda, sobre a recepção dos seus enunciados por parte dos leitores.

Vale salientar ainda que a análise do ethos está diretamente associada às condições de produção do enunciado e à própria cenografia instituída pela enunciação, pois, não se pode perder de vista o contexto mais amplo no qual a Reuters está inserido, mundo globalizado e informatizado, e a possibilidade de acesso do destinatário a um grande número de informações e, como consequência, o alto nível de competitividade entre as empresas desse setor, associado à comodidade desse acesso de cada cidadão, no interior de seu próprio lar.

A conjugação desses fatores é determinante para a apreensão do ethos de uma agência de notícias em tempo real na sociedade pós-moderna com seus traços de dinamicidade e alta competitividade. São esses traços que contribuem para o destinatário entender a maneira pela qual a empresa se mobiliza na sociedade, sua *disciplina tácita do corpo* em decorrência de seu comportamento. É, também, a partir dessa articulação que o destinatário constrói suas representações sociais.

A seguir serão apresentados dois trechos da instrução ao sócia como parte da análise do entrelaçamento da linguagem e do trabalho, na perspectiva da revelação de aspectos da atividade profissional do jornalista de uma agência de notícias. Na análise

são utilizadas as seguintes noções e categorias, todas com base na semântica Global, desenvolvida por Maingueneau em seu livro *Gênese do Discurso: ethos, uso de pessoas, tema, superfície discursiva, contexto de enunciação e formação discursiva*. Esta última entendida aqui, conforme Maingueneau (1984/2005), como *um sistema de restrições que recai sobre organizações de sentido e não como uma gramática destinada a engendrar enunciados*. .

O segundo conjunto é de trecho formado pelo primeiro fragmento transcrito da instrução ao sócia. A razão de sua escolha deve-se ao fato de se tratar do início de um dia de trabalho e diz respeito à jornada de trabalho do jornalista. O jornalista/instrutor, após um pouco de hesitação, começa a instrução ao sócia/pesquisador:

### **Conjunto 2 ( Instrução ao sócia)**

#### *Trecho 8*

*O que você vai ter que fazer é...Chegar às nove, normalmente o horário é às nove, nove horas pra chegar. Quer dizer, pode até chegar um pouco antes pra se inteirar, pra dar uma olhada nos jornais, tal... Na verdade, meu trabalho começa mais cedo em casa. Eu recebo os jornais em casa. Eu levanto, eu já pego os jornais na porta de casa. Os editores recebem os jornais em casa, alguns jornais, os dois principais, Folha e o Valor por exemplo. Você já sabe logo de manhã se você está perdendo alguma coisa ou se tem que correr atrás de alguma coisa, então você dá uma olhada rápida em casa, não dá tempo de ler o jornal. Você dá esta olhada rápida, se tiver alguma coisa que tem que acionar alguém ou que tem que correr atrás rapidamente, você liga. Se for o caso você já liga para a Reuters de casa mesmo e já pede, se for uma coisa muito importante, você pede para falar com a pessoa que estiver encarregada na hora, a pessoa mais ranqueada. Ou você liga para o chefe imediato, que talvez ainda não esteja aqui, ele chega entre 9h, 9h30. Se for uma coisa que não é tão importante, mas que é bom checar, você pode ligar para um funcionário seu mesmo, que está abaixo de você, que reporta para você. (Ver texto integral anexo 3)*

Com essa passagem percebe-se que a atividade do jornalista se inicia bem antes de ele entrar na empresa ou até mesmo antes de ele a ela se dirigir para mais um dia de trabalho, possibilitando a reflexão dele sobre a extensão de sua jornada, ajudando-o a compreender melhor sua carga de trabalho, o tempo que ela ocupa na sua vida, e proporcionar melhor compreensão da dimensão e da complexidade de sua atividade.

Na medida em que ele fala sobre sua atividade, por meio do método de instrução ao sócia, reflete e percebe que ele faz mais do que pensa que faz, desenvolve ações, procedimentos que ele normalmente, no dia-a-dia, não se dá conta de que tudo isso faz

parte de sua atividade, atentando para o fato de que ela não é simples nem fácil. Ele faz uma pausa e balança a cabeça, como quem diz: “não é fácil”. A atividade é uma constante convocação do corpo si, confirmando um dos princípios da Ergologia. O jornalista também revela preocupação com a formação mais ampla do profissional da imprensa e com a necessidade de ele ser “conectado ao mundo”: (...) *a pessoa tem que ser (...) razoavelmente bem informada, saber um pouco de tudo que acontece, de uma maneira geral, na sociedade. Ter um pouco de noção de economia... é fundamental, história...*

O conjunto 2 da instrução ao sócio e da entrevista com o diretor da empresa, refere-se à relação entre o jornalista e as fontes, de uma maneira geral. No caso da Reuters, a relação com as fontes é primordial no desenvolvimento da atividade do jornalista, uma vez que é a partir dessa relação que ele começa a delinear a matéria a ser publicada nos terminais de computadores alugados aos clientes da corporação. Esses trechos foram selecionados por conta dessa importância das fontes para a empresa, de acordo com seu manual de operações editoriais.

### **Conjunto 3**

#### *Trecho 9*

*Sempre tem interesse, sempre tem. E depois você escreve a notícia, você manda pra pessoa. Se ela não for cliente direto da Reuters, você manda a notícia. Tem essa troca. Sempre tem a troca. [...] E a gente manda outras coisas em troca. Tem essa troca de informações também, que é uma coisa meio institucionalizada, nem tem muito blá-blá-blá. A gente já combina: oh, vocês me mandam isso todo dia e eu, uma vez por semana eu te mando o resumo disso e daquilo. Isso acontece. (jornalista/protagonista)*

#### *Trecho 10*

*O interesse das fontes é a divulgação global da informação, os caras mandam uma mensagem global: sei lá, eu sou diretor da telecom/ Itália ou dá Tim, quando eu falo, o meu chefe na Telecom/ Itália vai ouvir, então, as fontes têm interesses em alavancar a distribuição do que eles falam para níveis globais (Diretor da Reuters na América Latina)*

#### *Trecho 11*

*(...) do ponto de vista prático acontece que as pessoas buscam agente pra ampliar a divulgação, eles acham que agência divulga pra todo o mundo e tem um alcance maior. (Diretor da Reuters na América Latina)*

Então, aquilo que ele (a fonte) vive pode ser notícia, né?  
(Entrevistador/pesquisador)

### Trecho 12

*Ele (a fonte) acha que sim: mas não se configura na prática porque a barra das agências é a alta, então só o que é notícia mundial passa por aqui. Tem um cara, por exemplo, amigo meu, o cara tem 50 anos e atravessou o Canal da Mancha. Foi o brasileiro mais velho a ter atravessado o Canal da Mancha. Então, isso foi essa semana e ele fica me ligando: “Você não vai pôr a minha notícia?” Não dá, isso não é notícia pra gente. (Diretor da Reuters na América Latina)*

Esses excertos esclarecem um pouco sobre os interesses em jogo na relação entre o jornalista da Reuters e suas fontes, e como funciona o processo de obtenção e tratamento das informações a serem publicadas, conforme o julgamento feito pela empresa acerca da importância de cada fato.

A partir da superfície discursiva materializada nos trechos de 9 a 12, pelo modo de enunciação, percebemos que o fornecimento de informações por parte das fontes é movido por interesses que extrapolam o desejo de democratizar as informações. Como resultado do cruzamento dos temas presentes nos enunciados analisados, percebemos que o **interesse das fontes** predomina. O discurso das fontes é movido por dois interesses: 1) obter novas informações: *Sempre tem interesse, sempre tem. E depois você escreve a notícia, você manda pra pessoa. Se ela não for cliente direto da Reuters, você manda a notícia. Tem essa troca.* 2) que suas informações se tornem notícia e seja lida em várias partes do mundo, inclusive e, principalmente, por pessoas que, de alguma forma, tenham influência sobre os próprios informantes – o diretor ou o presidente de uma determinada empresa, por exemplo, como podemos observar no trecho 11: *O interesse das fontes é a divulgação global da informação, os caras mandam uma mensagem global: sei lá, eu sou diretor da telecom/ Itália ou dá Tim, quando eu falo, o meu chefe na Telecom/ Itália vai ouvir, então, as fontes têm interesses em alavancar a distribuição do que eles falam para níveis globais.*

Nesse caso, tem-se que o encadeamento de enunciados pode resultar em decisões que afetam diretamente a vida de muitas pessoas, inclusive no mundo do trabalho, uma vez que essas decisões podem trazer como consequência a abertura ou o fechamento de frentes de trabalho, a expansão ou a redução do número de empregos, etc.

Como esses procedimentos (a troca de “favores”) são comuns ou, como afirmou o jornalista, já estão *meio que institucionalizados*, a reflexão sobre suas conseqüências talvez não faça parte das preocupações do jornalismo, passando como algo naturalizado. Isto é, apesar de não se tratar de mecanismos oficializados, eles fazem parte do cotidiano da atividade do jornalista e se organizam e se concretizam nas atividades linguageiras. Esses procedimentos foram revelados por meio do método da instrução ao sócia, e nos pareceram relevantes, tendo em vista a reação tanto do pesquisador quanto do jornalista no momento em que a revelação ocorreu – ambos demonstraram uma certa surpresa diante da constatação, fazendo comentários sobre ela, do tipo: *Sempre tem interesse, sempre tem*.

Sendo assim, consideramos que a fonte, algumas vezes, tem uma determinada informação, que funciona como uma espécie de mercadoria a ser trocada, no mercado da notícia, pela “mesma” mercadoria resultante de um processo de investigação. A mercadoria originária da fonte volta para a mesma com uma nova “roupagem”, ou seja, a informação que retorna à fonte não é a mesma que nela teve origem. O que parece ser a mesma, na realidade, é outra, ainda que os outros fatores resultantes de um processo de investigação, de apuração não apareçam de forma explícita no novo enunciado, mas estão nele entrelaçados.

Vemos nesse caso uma inversão de papéis – o jornalista, que busca nas fontes as informações para suas matérias, acaba atuando também como fonte para suas próprias fontes, qualificando as informações iniciais com sua atuação profissional, com seu trabalho de campo, com a apuração dos fatos. Pode-se afirmar que o jornalista, algumas vezes, recebe, de suas fontes, rumores, e devolve para elas informações confiáveis, porque resultam de procedimentos constitutivos de um determinado tipo de jornalismo, quais sejam: a checagem, a apuração, a investigação dos fatos.

O novo enunciado além de estabelecer o diálogo entre textos (a informação da fonte e a matéria do jornalista), considerando aqui apenas os aspectos textuais, dialoga também com outros elementos “não-textuais”, do próprio contexto, elementos esses que são constitutivos de qualquer processo de enunciação, pois todo enunciado está inserido num determinado contexto e carrega no seu bojo elementos do próprio contexto, eliminando assim a fronteira entre o interior e o exterior ao discurso. Ou seja, o contexto

é, a um só tempo, o cenário do enunciado e participa desse enunciado, a ele entrelaçando-se, como um elemento lingüístico-discursivo constituinte tanto do enunciado quanto da enunciação.

Vale ressaltar que esses elementos, apesar de constitutivos dos processos enunciativos, nem sempre são assim considerados. Isso está diretamente relacionado à concepção de linguagem dos enunciadores e de seus interlocutores. São as evidências que não se mostram na superfície discursiva.

O enunciado da fonte passa a fazer parte da arena discursiva e da cadeia infinita de enunciados, uma vez que irá disputar com outros enunciados seu lugar social, teve origem em outros enunciados (as informações que a fonte obteve) e dará origem a novos e diferentes enunciados, entre eles, a matéria do jornalista publicada no meio impresso ou digital.

Temos a linguagem como força motriz de uma cadeia de ações, pois a fonte, diante da informação, procurou o jornalista, que, por sua vez, foi em busca de novas informações para transformá-las em matérias a serem publicadas e “realimentar” a fonte com novas informações. A fonte, com as novas informações, poderá utilizá-las em suas novas negociações tanto no mercado da informação como no mercado de ações, conforme o caso. Ou até mesmo conseguir algum tipo de reconhecimento por parte de sua chefia, que muitas vezes encontra-se em outra cidade, estado ou país. O chefe recebe a informação de repercussão nacional ou internacional, por meio da matéria publicada pela agência de notícias, obtida e repassada por um dos funcionários a ele subordinado.

Do repasse da informação pode resultar algum tipo de bonificação ou promoção para o funcionário fornecedor da mesma. Nesse caso, quem tem informação já detém certo poder e pode passar a deter ainda mais, conforme a amplitude e repercussão dessas informações. Pode-se até argumentar que sempre foi assim. É verdade, mas, a diferença reside no fato de que antes eram os próprios jornalista quem detinha esse poder. Hoje, são as fontes.

Revela-se nesses excertos um contexto de enunciação engendrado pelas informações coletadas ou construídas pelos próprios enunciadores envolvidos e nelas

interessados, tendo o jornalista como mediador desse processo. Poderíamos afirmar, de maneira mais abrangente, que se trata da “formação discursiva do próprio mercado”, que se movimenta rapidamente em busca de resultados a curto prazo, e, para isso, necessita de informações cada vez mais velozes e mais exatas para que os riscos dos investimentos nelas baseados sejam significativamente reduzidos.

Outro aspecto importante aqui é a análise da relação alteritória no desempenho da atividade do jornalista. Pois, se por um lado, ele pode produzir a matéria num canto isolado da redação de um jornal ou de uma agência de notícias, é evidente que o texto a ser publicado será um produto feito a várias vozes que se entrelaçam na constituição de um discurso aparentemente monológico. Entretanto, na realidade, trata-se de uma cadeia interdiscursiva, de uma rede de enunciados. Administrar toda essa rede enunciativa, com toda complexidade que ela engendra, e constituir novos e singulares enunciados é a tarefa do jornalista, na utilização do corpo si por ele mesmo e também na utilização do corpo si pelos outros, segundo os princípios ergológicos.

Nesse sentido, a atividade do jornalista só pode ser entendida nessa arena discursiva na qual diversas vozes conflitantes contribuem com um certo caos inicial no processo enunciativo para depois ceder lugar a um consenso, uma aparente monofonia, ainda que provisória. Pois, só assim, nessa relação de caos e consenso, polifonia e “monofonia”, é possível instaurar um enunciado e se constituir a responsabilidade do autor, uma assinatura, uma identidade, uma peculiaridade.

O pesquisador, acreditamos, pode contribuir para que o protagonista da pesquisa perceba essa relação conflituosa e possa ampliar ainda mais seu campo de visão, alçando novos vãos e enxergando novas paisagens a bordo de sua atividade, essencialmente languageira. Talvez essa seja uma contribuição importante do pesquisador para o jornalista: caracterizar a atividade deste como essencialmente discursiva, e que sua tarefa pode não ser a revelação da verdade dos fatos, mas, aproximações discursivas dos fatos ocorridos, as quais não podem prescindir das questões relacionadas às marcas de subjetividade.

Nessa relação entre pesquisador e protagonista da pesquisa, essa ampliação do olhar pode ocorrer porque o pesquisador porta um excedente de visão em relação ao

pesquisado, ou seja, o pesquisador consegue enxergar além daquilo que o jornalista consegue enxergar com seus próprios olhos, deve funcionar como uma lente que amplia o campo de visão do outro. Isto é,

Quando contemplo no todo um homem situado fora e diante de mim, nossos horizontes concretos efetivamente vivenciados não coincidem. Porque em qualquer situação ou proximidade que esse outro que contemplo possa estar em relação a mim, sempre verei e saberei algo que ele, da sua posição fora e diante de mim, não pode ver (...) Esse *excedente* da minha visão, do meu conhecimento, da minha posse – excedente sempre presente em face de qualquer outro indivíduo – é condicionado pela singularidade e pela insubstituíbilidade do meu lugar no mundo: porque nesse momento e nesse lugar em que sou o único a estar situado em dado conjunto de circunstâncias, todos os outros estão fora de mim. (BAKHTIN, 1979/2003: 21-22).

Apesar do excedente de visão que o outro tem sobre um determinado eu, não significa o fechamento definitivo do enunciado, que o outro seja o complemento no sentido do acabamento enunciativo, mas, apenas uma finitude provisória, que serve a certos propósitos, a circunstâncias específicas, para logo em seguida revelar as fendas constitutivas de todo e qualquer processo de enunciação.

O excedente de minha visão em relação ao outro indivíduo condiciona certa esfera do meu ativismo exclusivo, isto é, um conjunto daquelas ações internas que só eu posso praticar em relação ao outro, a quem elas são inacessíveis no lugar que ele ocupa fora de mim; tais ações completam o outro justamente naqueles elementos em que ele não pode completar-se.(...) O excedente de visão é o broto em que repousa a forma e de onde ela desabrocha como uma flor. Mas para que esse broto efetivamente desabroche na flor da forma concludente, urge que o excedente de minha visão complete o horizonte do outro indivíduo contemplado sem perder a originalidade deste. (BAKHTIN, 1979/2003: 22-23).

Portanto, diante dessa concepção de alteridade e de mundo, não cabe uma atitude passiva do pesquisador, apenas constatando uma determinada realidade, prostrando-se diante do real, mas o de assumir um papel na direção de seus propósitos acadêmicos e sociais. O papel do pesquisador depende das escolhas que ele faz diante da realidade, está diretamente relacionado com seus objetivos, da relação que ele estabelece com seu protagonista de pesquisa e de como ele tratará dos dados constituídos. Tudo isso implica um posicionamento político e acadêmico em face do mundo à sua volta.

A seguir, serão apresentados trechos da instrução ao sócia e do manual com as respectivas análises resultantes do cruzamento desses enunciados, como anunciado no

capítulo da metodologia e na introdução. Vale salientar, outrossim, que, devido ao fato de o sócia ser o próprio pesquisador, portanto, um trabalhador de outra esfera de atividade humana, em algumas passagens da instrução, o sócia teve de fazer algumas perguntas para tornar possível a hipotética substituição nas condições exigidas pelo método, ou seja, sem ninguém percebê-la.

Nesse sentido, as questões consideradas triviais, banais, os detalhes são, muitas vezes, de grande importância na revelação de aspectos relevantes da atividade, exigindo, desse modo, atenção especial do pesquisador/sócia tanto para fazê-los emergir como para intervir de forma a torná-los produtivos para os objetivos da pesquisa. Até porque as banalidades, muitas vezes, são assim classificadas em decorrência da ausência de reflexão acerca da própria atividade. Após um processo reflexivo sobre determinada atividade, o banal pode revelar-se crucial, essencial para o desenvolvimento da atividade em questão.

Apesar de a atividade do pesquisador não ser objeto deste estudo, é importante fazer uma breve alusão a ela neste momento da tese, como forma de apresentar outra implicação do método de instrução ao sócia, até mesmo como contribuição, numa espécie de alerta, para outros pesquisadores que resolvam trabalhar com esse método em suas pesquisas.

Salientar a importância do papel do pesquisador em qualquer pesquisa, é atitude comum, sobretudo em ciências humanas. Chamo atenção dessa questão aqui, na utilização do método do sócia, devido ao fato de o pesquisador ocupar o duplo lugar: de pesquisador e de sócia, ambos imprescindíveis para a realização desse tipo de pesquisa. Essa dupla função, que não é exclusiva do método do sócia, torna a atividade do pesquisador ainda mais complexa do que ela já é, uma vez que ele tem de, a todo momento, transitar de um lugar para outro e agir rapidamente para não desperdiçar as oportunidades e fazer surgir os aspectos reveladores da atividade ou com potencial para tanto, e dar os encaminhamentos necessários.

Considerando, como Maingueneau, que o ethos de um discurso resulta de um conjunto de fatores inter-relacionados: ethos pré-discursivo, ethos discursivo, ethos dito e ethos mostrado, pode-se afirmar que o *slogan* da Reuters constitui uma parte

importante de seu **ethos dito**, uma vez que, por meio desse enunciado, é possível depreender uma imagem discursiva ancorada numa corporalidade e num caráter (das empresas sérias e dinâmicas), *que o destinatário identifica apoiado num conjunto difuso de representações sociais avaliadas positiva ou negativamente*. No caso do slogan, a avaliação de uma instituição que se pauta pela velocidade e correção, é, certamente, positiva, pois a empresa se apóia em certo estereótipo validado e, *encarnando o que prescreve, projeta uma maneira de ser no mundo*. (MAINGUENEAU, 2008 In: MOTTA, A. R. & SALGADO, L. (Orgs.).

O próprio fato de seus textos serem publicados, na grande maioria, na tela do computador já impõe a velocidade como constituinte no universo da competitividade entre as corporações flexíveis destinadas a informar. A leitura em tela de computador exige procedimentos diferentes da linearidade da leitura do livro e impõe um ritmo mais dinâmico, mais veloz. Diante da tela há muitos movimentos a serem realizados e o leitor, como afirma Maingueneau, é um operador de uma multiplicidade de ações constitutivas desse tipo de leitura. O jornalista da Reuters também trabalha com essa complexidade do meio pelo qual circulam seus enunciados.

#### **4.2 Interdiscursividade: o discurso da empresa no discurso do jornalista**

“Toda palavra é metade de quem diz e metade de quem ouve” (Montaigne)

O conjunto dos excertos a seguir serve para indicar os pontos de intersecção entre o discurso do jornalista e o discurso da empresa, contribui para que se perceba a materialização da primazia do interdiscurso sobre o discurso, como afirma Maingueneau. A análise dos excertos será realizada por meio do interdiscurso, pelo pronome você, utilizado de maneira genérica, e pelas modalidades, como forma de compreender procedimentos tidos como universais pelo jornalista/instrutor. Para ser o primeiro a dar notícia e dar notícia correta, conforme slogan da empresa, o jornalista/instrutor precisa organizar sua atividade bem antes de se dirigir ao seu local de trabalho e estar sempre a postos para não levar furo dos concorrentes.

**Conjunto 4 (Instrução ao sócia – anexo 2)**  
*Trecho13*

*Você vai ter que chegar às nove horas, normalmente este é o horário. Você pode até chegar um pouco antes para se inteirar, dar uma olhada nos jornais. Na verdade o meu trabalho começa mais cedo, em casa, eu recebo os jornais em casa, eu levanto e já pego os jornais na porta de casa.*

#### *Trecho 14*

*Você já sabe logo de manhã se você está perdendo alguma coisa ou se tem que correr atrás de alguma coisa, então você dá uma olhada rápida em casa, não dá tempo de ler o jornal. Você dá essa olhada rápida, se tiver alguma coisa que tem que acionar alguém ou que tem que correr atrás rapidamente, você liga. Se for o caso você já liga para a Reuters de casa mesmo e já pede, se for uma coisa muito importante, você pede para falar com a pessoa que estiver encarregada na hora, a pessoa mais ranqueada.*

Nesses dois trechos, o jornalista utiliza-se, como é esperado, por se tratar de prescrição, da modalidade assertiva e da modalidade deôntica: **Você** vai ter que chegar/**Você** pode até chegar..., demonstrando assim que ele, ao mesmo tempo que reconhece a existência do prescrito, relacionado ao seu horário de trabalho, sente a necessidade de renormalizá-lo para melhor desenvolver sua atividade, iniciando-a bem antes do que foi previamente estabelecido pela empresa. Tem-se aí um pouco do estilo profissional, uma característica particular do trabalhador na realização de sua atividade cotidiana, seja no seio da instituição ou fora dela.

O local de trabalho não se restringe ao espaço do posto de trabalho localizado na empresa. A atividade desenvolve-se em qualquer local e a qualquer hora do dia ou da noite, com a leitura de jornais para não se perder nada, e por meio do uso do telefone celular para acionar outros funcionários no cumprimento das determinações da empresa. O território da empresa foi amplamente expandido sem que para isso ela precisasse alterar sua escritura e lavrá-la em cartório.

Foi a própria organização do mundo do trabalho que estabeleceu essa nova realidade espacial sem limites, cujos custos recaem não sobre os ombros do empresário, mas do trabalhador para se manter no mercado de trabalho. Parece que a expressão mundo do trabalho se confunde com o próprio mundo, como totalidade espacial e social. No próximo conjunto de excertos podemos perceber a preocupação com a velocidade e com a exatidão, com a correção das matérias publicadas

#### **Conjunto 5 (instrução ao sócia- anexo 3)**

##### *Trecho 15*

*Cada um vai no seu ritmo ali, é um ritmo meio **rapidamente**, né? Todo mundo bem focado, né? Porque não dá muito tempo para ficar enrolando. Então não tem muito não, se tiver uma coisa ou outra, **você** tenta ali acertar **rapidinho** e não tirar o foco do trabalho para não perder nada importante, esse que é o problema. É principalmente de fora, que é **rapidamente**, né? Mais do computador, na TV também, **você** vê que as TVs estão todas ligadas ali', porque as vezes tem coisa que passa na TV que **a gente** não tem, né? Um plantão, ali, um negócio. Globo, GloboNews... **a gente** cita, né? Se a globo abre ali aqueles plantões do Tan, tan, tan... e se é uma coisa muito importante **a gente** dá, **a gente** solta no terminal. Fala, oh, globo diz que Lula teve um enfarte. O presidente Lula sofre um enfarte e é internado, aí **você** coloca lá, diz TV Globo. **A gente** solta na hora, solta um alerta.*

#### *Trecho 16*

*O que aconteceu outro dia, às vezes aparecem algumas informações em alguns jornais que **a gente** não tem, os jornais têm uma estrutura maior que **a gente**, normalmente, no Brasil. Isso acontece muito com política, com decisão governamental. Às vezes eu abro o jornal e tá: "governo decide proibir a entrada de carne argentina", eu posso chegar aqui e perguntar se **a gente** tem essa nota, se saiu isso em espanhol, se veio alguma coisa da argentina ou se saiu isso em inglês de algum lugar que **a gente** possa traduzir, se a Reuters deu isso. Se não, eu posso pedir para a pessoa **imediatamente** ir atrás, ligar no ministério, ligar no governo, tentar confirmar com alguém e escrever uma notinha **rapidamente** para jogar isso no ar.*

#### *Trecho 17*

*Tem uma política de correções, tem a... inclusive mudou agora no dia primeiro de setembro teve algumas mudanças pequenas ali, eles mandaram um guia, guiazinho de como se faz correção agora e tal. Então isso é uma rotina normal da Reuters, né? Eles têm essa preocupação, não pode deixar nada errado no ar. Se está errado, nem que seja de dois dias atrás, se alguém descobriu, putz, **a gente** colocou isso aqui errado, então vai lá na matéria de dois dias atrás e escreve tal, tal, tal... e é assim que funciona.*

Assim como ocorre com o discurso da empresa, é a rapidez e a "exatidão" que orientam toda fala do jornalista durante a instrução. A velocidade é o eixo organizador de toda atividade dele e, conseqüentemente, de todo seu discurso. Além da velocidade, é possível observar também a preocupação com ênfase na política de correção da empresa, a busca da "precisão" das matérias publicadas. São os mesmos temas centrais que estão presentes tanto no discurso da empresa quanto no discurso do jornalista.

Analisar esses fragmentos serve, inclusive, para percebermos o quão complexa é a produção de todo e qualquer enunciado, menos pela justaposição de dimensões que eles

apresentam e mais pelo entrelaçamento dessas dimensões na constituição de seus efeitos de sentido. O que realmente importa é o entendimento do funcionamento discursivo.

Diante dos trechos percebe-se, além de um trabalho de muita agilidade e concentração, a recuperação dos valores da empresa pelo jornalista, tornando o enunciado da empresa constitutivo do seu próprio enunciado. Isto é, a gênese do seu discurso encontra-se no discurso do outro. Dessa relação alteritária surgem os pontos de intersecção entre os discursos que, aparentemente, e só aparentemente, existiriam independentemente um do outro, sem que houvesse qualquer ligação entre eles.

Os quatro principais valores da empresa: Rapidez, Exatidão, Confiabilidade, Imparcialidade - estão presentes no discurso do jornalista. Todo discurso dele está organizado a partir desses princípios: *meu trabalho começa mais cedo/ Você já sabe logo de manhã se você está perdendo alguma coisa /é um ritmo meio rapidamente, né?/ Porque não dá muito tempo para ficar enrolando/ você tenta ali acertar rapidinho e não tirar o foco do trabalho para não perder nada importante, esse que é o problema./* O importante é permanecer sempre atento, sem se desligar um só momento para não deixar de dar informação importante, não ficar atrás do concorrente, ou seja, não “levar furo”.

É importante observar também que esse modo de enunciação, pautado na velocidade, está diretamente relacionado com o ritmo da sociedade pós-moderna com o advento das novas tecnologias da informação, que exige, além de rapidez, enunciados curtos, diretos e objetivos, na tentativa de apagamento de marcas de subjetividade, como se os fatos falassem por si sós, independentemente do enunciador.

É nos espaços de intersecção entre o discurso da empresa e o discurso do jornalista/protagonista que se pode perceber a disputa pelo tempo destinado à empresa para o desenvolvimento da atividade de trabalho e o tempo destinado ao trabalhador para desempenhar outras atividades relacionadas à vida privada, numa espécie de tensão mediada por um cabo de força imaginário cujo resultado da disputa, na maioria dos casos, tem indicado a prevalência da força da instituição. O cenário atual não é favorável ao trabalhador, o mercado é competitivo e não há emprego para todos que

dele necessitam, portanto urge que se trabalhe cada vez mais em menos tempo para tentar espantar o fantasma do desemprego.

A partir dessa disputa estabelecem-se dois traços semânticos: o da **redução do tempo** do trabalhador, para outras atividades de caráter mais particular e, como conseqüência, a **ampliação do tempo** para a empresa. Toda atividade de trabalho se desenvolve em torno da questão do tempo. Isso faz com que o eixo organizador do discurso tanto da Reuters quanto do jornalista/protagonista sejam marcados por indicadores de tempo, mais precisamente por advérbios ou “expressões adverbiais temporais”: *de manhã logo cedo, rapidinho, logo, rapidamente...*

#### 4.3 Você/Você e Você/“Todo mundo”: o uso do você genérico

O uso do **você genérico**, indicando que o referente não é apenas o sócia, mas um coletivo de jornalistas, serve para confirmar que o ritmo é esse mesmo e deve ser perseguido por qualquer um que ocupe aquela posição no atual mercado de trabalho e queira permanecer nele. O uso do pronome você tanto serve para o sócia, a quem o jornalista/instrutor se dirige, quanto para um conjunto amplo de pessoas que se encontram trabalhando numa empresa atuante no mercado globalizado e movido pelo avanço tecnológico, como é o caso. É essa abrangência de referentes do pronome que indica sua generalidade.

Não está em discussão aqui se o jornalista lança mão dos valores da empresa para constituir seu discurso intencionalmente ou não, mas o importante é que ele se apropria desses valores e constrói seus enunciados a partir deles, como orientações gerais para o desenvolvimento de sua atividade profissional na empresa e como balizadores do seu discurso. Ele obedece a um sistema de restrições, a uma formação discursiva, que impõe os parâmetros do dizível, determina o que pode e deve ser dito e estabelece a maneira de dizê-lo, exigindo do jornalista que mobilize sua competência discursiva para viabilizar seu discurso em consonância com sua formação discursiva que, neste caso, em algumas passagens, o discurso dele confunde-se com o da empresa. Talvez essa confusão ocorra pelo fato de ele ocupar um cargo intermediário entre a direção geral e os demais jornalistas, uma espécie de gerente setorial, num outro tipo de empresa.

O próprio locutor como tal é, em certo grau, um respondente, pois não é o primeiro locutor, que rompe pela primeira vez o eterno silêncio de um mundo mudo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que utiliza, mas também a existência dos enunciados anteriores – emanantes dele mesmo ou do outro – aos quais seu próprio enunciado está vinculado por algum tipo de relação (fundamenta-se neles, polemiza com eles), pura e simplesmente ele já os supõe conhecidos do ouvinte. Cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados. (Bakhtin, 1984/2000: 291).

Considerando as formulações de Maingueneau, segundo as quais só é possível estudar um discurso colocando-o em relação com outros discursos, pode-se afirmar que o espaço de regularidade do qual participam vários discursos é o interdiscurso. Isto é, nenhum discurso é absolutamente original na sua completude, pois, de alguma forma, o novo dito é a continuação de outros ditos seja pelo mesmo ou por outros enunciadores. E mais, o novo dito provoca, busca, implica novos ditos a ele relacionados, num processo sem fim.

O diálogo, uma vez iniciado, jamais será definitivamente concluído. Isto é, se é difícil, para dizer o mínimo, definir a origem de um determinado discurso, é absolutamente impossível definir o seu fim. Sendo assim, num processo enunciativo, ninguém diz a palavra final sem que a ela seja acrescido um modalizador, um determinante. Mesmo que esses elementos não sejam marcados lingüisticamente na modalidade oral ou escrita, sabe-se que eles existem e a qualquer momento podem surgir, dando continuidade ao processo da enunciação. Ou ainda, talvez o processo discursivo continue até mesmo no pensamento silencioso dos co-enunciadores. O fato de não ser exposto não significa sua finitude, antes pode significar uma “retomada” com maior intensidade num outro momento.

Para Maingueneau, a relação entre discurso e interdiscurso é marcada pelo primado do interdiscurso sobre o discurso e a unidade que realmente interessa ao analista do discurso é o espaço de troca entre vários discursos “convenientemente escolhidos”. Logo, todo discurso se estrutura a partir da relação interdiscursiva, não cabendo aqui uma visão de homogeneidade e sim de heterogeneidade, de pluralidade, de plurivocidade. Sendo que, segundo Maingueneau, os ditos anteriormente são, de algum modo, recuperados por uma memória discursiva, e se impõem com tanta intensidade que têm primazia sobre o novo dito, naturalmente sem negar a especificidade deste. Ou seja, é claro que há algo de original no novo discurso, uma vez que as condições de

produção, de circulação e de recepção são absolutamente diferentes das anteriores, se as tomarmos em termos do princípio elementar da dialética.

No caso dos trechos do jornalista parece haver esse movimento de colaboração entre o seu discurso e o da empresa, são dois discursos em relação de colaboração. O discurso do jornalista tem sua origem no discurso da empresa e nele busca guarida, garantias para sua existência. É nessa relação com a alteridade que o discurso do jornalista constitui sua identidade, é a partir do outro que o discurso do jornalista constrói sua subjetividade enunciativa. O outro atravessa o um, não para “rasgá-lo”, mas para nele deixar a marca indelével da heterogeneidade constitutiva.

#### 4.4 Tema: o eixo organizador do discurso

Nos fragmentos a seguir temos o eixo em torno do qual é organizado o discurso do jornalista durante a instrução ao sócia. O **tema** apreendido da articulação entre o dito e o mostrado por meio da análise dos marcadores de tempo e velocidade: **advérbios, substantivos e adjetivos**. Neste caso, o plano considerado na análise foi o léxico. No entanto, vale ressaltar que o importante não é o léxico em si, mas o tratamento que a ele é dispensado no interior do discurso pelo enunciador, no momento da enunciação, e pelo analista, no momento da análise, como afirma Maingueneau (1984/2006). Determinados vocábulos não pertencem a uma dada categoria profissional ou grupo social, como se dela fossem exclusivos, mas o tratamento a eles dispensado está relacionado ao campo discursivo do qual faça parte o enunciador, seja ele um ser particular ou uma instituição. Mais ainda, o tratamento do léxico depende, principalmente, da relação instituída entre enunciador e interlocutor no seio de um determinado campo discursivo.

#### **Conjunto 6**

##### *Trecho 18 (Instrução ao sócia)*

*Você pode até chegar um pouco antes para se inteirar, dar uma olhada nos jornais. Na verdade o meu trabalho começa mais cedo, em casa, eu recebo os jornais em casa, eu levanto e **já** pego os jornais na porta de casa.*

##### *Trecho 19*

*Você dá essa olhada rápida, se tiver alguma coisa que tem que acionar alguém ou que tem que correr atrás **rapidamente**, você liga. Se for o caso você **já** liga para a Reuters de casa mesmo e **já** pede, se for uma coisa muito importante, você pede para falar com a pessoa que estiver encarregada na hora, a pessoa mais ranqueada.*

#### *Trecho 20*

*você olha os jornais **rapidamente**, você vem direto pra cá.*

#### *Trecho 21*

*(...) eu posso pedir para a pessoa **imediatamente** ir atrás, ligar no ministério, ligar no governo, tentar confirmar com alguém e escrever uma notinha **rapidamente** para jogar isso no ar.*

#### *Trecho 22*

*Apesar de a gente ter uma estrutura menor que os outros no Brasil, é uma briga difícil. A gente pode perder os pequenos assuntos, mas os grandes, o objetivo é que agente dê todos e dê bem, **rapidamente**.*

#### *Trecho 23*

*O negócio é meio **rapidamente**, pega o elevador, sobe, entra aqui também, tem que ter o crachá de novo para entrar aqui.*

#### *Trecho 24*

*Dá uma olhadinha para ver se não tem nenhum alerta, nem uma coisa que você precisa traduzir **imediatamente**, um Snap. Snap – em inglês é um negócio **rápido**. Você vê se não tem nenhum snap na tela, se está piscando em vermelho que você tem que traduzir **rapidamente** ou que tem que ir atrás, mas você vai fazer isso normalmente, **logo** de cara assim, você pode até dar uma olhadinha no jornal **rapidamente**.*

#### *Trecho 25*

*E aí eu faço a mesma coisa, vejo o que entrou... porque a gente está atrás de todo o mundo, Ásia primeiro, Europa e as Américas é o último, o terceiro da fila, então Ásia está a dez horas na nossa frente, a Europa está cinco e depois vem a gente, então **já** tem coisa acontecendo no mundo, né, olho nas telas se entrou alguma coisa bem importante **logo** de manhã ou durante a madrugada, da China ou da Índia, da Rússia que tem entrado bastante esta questão do mercado de carne, de soja, sempre entra coisa importante.*

#### *Trecho 26*

*Depois que eu vejo o jornal, olho o terminal e aciono as coisas que eu preciso acionar, eu vou fazer esta listinha **rapidamente**, porque eu cheguei as 9h e 9h30 eu **já** tenho reunião. Geralmente 9h15, 9h20 eu dou uma olhadinha nos destaques que vou mostrar na reunião.*

#### *Trecho 27*

*Então tem essa reunião que dura uns **15, 20 minutos no máximo**, cada uma fala e pronto, acabou.*

### Trecho 28

*Esqueci de dar um toque. Antes das 9h30, se tiver alguma coisa já no diretório que vai entrando as matérias para edição, eu preciso soltar. A Joana geralmente fez, ou alguém que durante a madrugada ou na noite anterior deixou alguma coisa lá, mas geralmente é a Joana que faz, pessoa que chega as 7h, e se tem alguma notícia que ela acha que é importante, ela já traduz e deixa para quando eu chegar, digitar rapidamente e soltar para o cliente. Então antes de vir para a reunião, geralmente eu solto, gasto ali cinco minutinhos para editar um ou dois textos, e já coloco porque é importante colocar alguma coisa de manhã também, pois as pessoas estão chegando de manhã nos escritórios e estão abrindo os terminais, né, então elas querem saber o que está acontecendo. Tem que fazer rapidinho e depois ir para a reunião.*

Nesse outro conjunto de excertos do discurso do jornalista, é possível observar que todo seu enunciado está organizado em torno da **velocidade** e todo movimento de seu discurso só faz sentido a partir de uma cenografia que lhe dá origem e o legitima. Tem-se nessa cenografia, um fluxo ininterrupto de ações que só se realizam entrelaçadas no processo discursivo. Por conseguinte, pode-se afirmar que toda a atividade dele está organizada em função de um ritmo muito veloz, como se estivesse numa corrida contra tudo e contra todos, desde o amanhecer em sua própria casa quando ele, logo ao acordar, já está preocupado em saber se não está perdendo nada importante que tenha acontecido em qualquer parte do mundo.

A questão chave aqui, mais do que rapidez, velocidade, é a antecipação, a primeira colocação entre as empresas do ramo da informação. Antecipação na obtenção e exatidão no tratamento da informação. O jornalista da Reuters tem de estar sempre à frente dos seus concorrentes - *A gente pode perder os pequenos assuntos, mas os grandes, o objetivo é que agente dê todos e dê bem, rapidamente* - , fazendo valer sua agilidade, sua habilidade no cultivo e ampliação da rede de fontes, sua coragem na busca da formação ousada.

O tempo, apesar de não ser mais assumido milimetricamente, como no taylorismo, é o elemento-chave no desenvolvimento da atividade do jornalista dessa agência de notícias. A lógica é não perder tempo, por isso o máximo que se pode fazer é dar uma olhadinha nos jornais para ver se não está se perdendo nada de importante que esteja acontecendo no mundo para, se for o caso, correr atrás e dar a notícia primeiro, antes dos concorrentes, pois, a pressa e a precisão são as palavras de ordem da empresa. Tudo

é cronometrado e cada segundo é muito importante, por isso está no discurso do jornalista com muita frequência: *mais cedo/olhada rápida/ tem que correr atrás rapidamente/ você já liga/ já pede/ você precisa traduzir imediatamente/ cheguei às 9h, e 9h30 eu já tenho reunião. Geralmente 9h15, 9h20 eu dou uma olhadinha/ essa reunião que dura uns 15, 20 minutos, no máximo, cada uma fala e pronto, acabou/ Antes das 9h30, se tiver alguma coisa(...), eu preciso soltar/ Joana(...), que chega às 7h, e se tem alguma notícia que ela acha que é importante, ela já traduz e deixa para quando eu chegar, digitar rapidamente e soltar para o cliente.*

A Reuters é sempre ou quase sempre, segundo o jornalista/protagonista, a primeira a dar a notícia aos seus clientes por meio dos terminais de computadores que eles alugam justamente com a finalidade de ter a primazia da informação que lhes interessam. Essa relação com o tempo também incide diretamente sobre a jornada do trabalhador da Reuters. O fato de o jornalista ter de iniciar sua jornada de manhã cedo, duas horas antes de sua jornada oficial é encarado como algo normal. Isso fica evidente nesse trecho da instrução ao sócio: *meu trabalho começa mais cedo / eu levanto e já pego os jornais na porta de casa.*

A questão do tempo não é muito mencionado pelas lideranças nem pela mídia como de fundamental importância nas organizações flexíveis da atualidade, como afirma Sennett, (1998/2006):

Os líderes empresariais e os jornalistas enfatizam o mercado global e o uso das novas tecnologias como características distintivas da capitalismo de nossa época. Isso é verdade, sim, mas não vêem outra dimensão da mudança: novas maneiras de organizar o tempo , sobretudo o tempo de trabalho. (SENNETT, 1998/2006: 21)

O jornalista não questiona o fato de começar a trabalhar mais cedo, ainda em casa, de manhã cedo. Em seu discurso isso aparece como algo natural, algo constitutivo da sua atividade. Ele reconhece que trabalha mais do que deveria ou do que é registrado sobre sua jornada, mas, esse fato não passa de uma constatação. Ele faz uma pausa, constata a realidade e segue em frente, sem maiores questionamentos. Talvez isso ocorra porque, como afirma Sennett (2006): *Por mais pobre que seja, o trabalhador que sabe que ocupa uma posição bem estabelecida estará menos propenso a se revoltar que aquele que não tem noção clara de sua posição na sociedade.* O jornalista é coordenador da editoria de commodities agrícolas da agência.

O importante é o fato de o jornalista construir seu discurso em diálogo com o discurso do outro enunciador, neste caso, a firma onde ele trabalha. Sendo o outro enunciador, que enuncia junto com o jornalista, a empresa, está em ação a competência discursiva do jornalista. Ele conhece o lugar que ocupa na empresa, reconhece a importância dos prescritos da instituição e como se utilizar deles para elaborar seus enunciados. Ele conhece um conjunto de restrições que lhe servem de parâmetros na construção de seus enunciados para desenvolver sua atividade nessa corporação.

Nesses trechos apresentados, tem-se, pelo movimento discursivo do jornalista, uma dinâmica de trabalho resultante de um fluxo de ações ininterruptas até a chegada dele ao seu posto de trabalho, às 9 horas da manhã. É a **rapidez** do discurso da empresa, apresentada entre os seus quatro valores, que o jornalista recupera em sua memória discursiva e constrói o seu discurso. É a materialização da primazia do interdiscurso sobre o discurso, uma vez que é a partir do discurso da empresa que o jornalista elabora o seu próprio, realizando as intersecções entre o seu e o discurso da instituição, um enunciado ressoa no outro para, assim, e só assim, constituir sua identidade. Onde depreende-se que a identidade do jornalista se constitui a partir de sua relação de alteridade com a empresa.

#### 4.5 O singular e o coletivo: o uso das pessoas

Nas ocorrências do emprego de pessoas nota-se que o importante não é o uso do pronome em si, mas o seu referente em cada situação, pois, o termo [**a gente**] não equivale, necessariamente, a nós, como é esperado, mas a própria empresa personificada na expressão. O mesmo acontece com [**você**], ora se refere ao sócia, ora ao próprio jornalista, ora é utilizado de forma genérica, servindo para qualquer um que se encontre naquela situação, naquele contexto da atividade. É o que se pode verificar no conjunto 7 dos excertos a seguir.

##### **Conjunto 7**

##### *Trecho 29*

*Você vai ter que chegar às nove horas, normalmente este é o horário. Você pode até chegar um pouco antes para se inteirar, dar uma*

*Os editores recebem os jornais em casa, alguns jornais, os dois principais, Folha e o Valor por exemplo. Você já sabe logo de manhã se você está perdendo alguma coisa ou se tem que correr atrás de alguma coisa,*

*Trecho 30*

*(...) é difícil você não levar furo.*

*Trecho 31*

*então você dá uma olhada rápida em casa, não dá tempo de ler o jornal. Você dá essa olhada rápida, se tiver alguma coisa que tem que acionar alguém ou que tem que correr atrás rapidamente, você liga. Se for o caso você já liga para a Reuters de casa mesmo e já pede, se for uma coisa muito importante, você pede para falar com a pessoa que estiver encarregada na hora, a pessoa mais ranqueada. Ou você liga para o chefe imediato, que talvez ainda não esteja aqui, ele chega entre 9h, 9h30. Se for uma coisa que não é tão importante, mas que é bom checar, você pode ligar para um funcionário seu mesmo, que está abaixo de você, que reporta para você. Pode ser a Deyse que é repórter ou pode ser a Naia, mas a Naia não vai estar aqui, porque ela chega depois, mas a Deyse vai estar, ela chega as 7h. A empresa fornece celulares para as principais pessoas e todos sabem os números, no caso de precisar falar com as pessoas, você liga no celular da empresa e aciona. Não tendo nada, você olha os jornais rapidamente, você vem direto pra cá.*

*Trecho 32*

*Chegando aqui, você já deu uma olhada nos jornais, você dá mais uma olhada nos outros jornais que você não viu, só para saber o que está acontecendo, ver se você não perdeu nada, se tem alguma coisa que você precisa ir atrás, da mesma forma.*

*Trecho 33*

*A redação aqui em São Paulo é um tamanho razoável, umas trinta pessoas e tem o resto do escritório que você conhece uma pessoa ou outra, dos outros departamentos.*

*Trecho 34*

*O que aconteceu outro dia, às vezes aparecem algumas informações em alguns jornais que a gente não tem, os jornais têm uma estrutura maior que a gente, normalmente, no Brasil.*

*Trecho 35*

*(...) posso chegar aqui e perguntar se a gente tem essa nota, se saiu isso em espanhol, se veio alguma coisa da argentina ou se saiu isso em inglês de algum lugar que a gente possa traduzir, se a Reuters deu isso. Se não eu posso pedir para a pessoa imediatamente ir atrás, ligar no ministério, ligar no governo, tentar confirmar com alguém e escrever uma notinha rapidamente para jogar isso no ar.*

### *Trecho 36*

*Apesar de a gente ter uma estrutura menor que os outros no Brasil, é uma briga difícil. A gente pode perder os pequenos assuntos, mas os grandes, o objetivo é que a gente dê todos e dê bem, rapidamente.*

Apesar de ser uma instrução dirigida a uma pessoa em particular, o fato de o jornalista se utilizar do **[você]** de forma genérica, como nos excertos apresentados no conjunto 7, faz com que o seu discurso remeta mais às questões relacionadas ao gênero da atividade do que ao estilo profissional, como seria o esperado. Quando ele diz **[você]** está dizendo qualquer um que desenvolva aquela atividade naquelas circunstâncias em que ele a desenvolve. Revela-se aí, nas palavras do jornalista, os traços que dão a relativa estabilidade à profissão, os traços que particularizam a atividade e a tornam exequível para um conjunto ilimitado de trabalhadores. São essas características relativamente estáveis que possibilitam as prescrições, que possibilitam a elaboração do que Schwartz (1998) denomina de Registro 1. Esses escritos possibilitam antecipações de um conjunto de ações seqüenciadas na realização da atividade. Esses traços característicos constituem o gênero da atividade ou gênero profissional, conforme Clot e Faïta.

Em momentos como esse, é possível o trabalhador perceber também que, na sociedade atual, não é apenas o mundo, de forma genérica, que está “conectado” o tempo todo, mas, ele próprio também não pode “desconectar-se” em momento algum, pois só assim o público consumidor obterá a notícia quase em tempo real. No caso do jornalista, ele dorme pensando no que estará acontecendo no mundo e o que chegará à sua porta logo de manhã cedo. Afinal de contas, o mercado é competitivo, exige eficiência e muita velocidade.

O fragmento a seguir diz respeito à relação entre jornalista e suas fontes. Vale salientar que, às vezes, durante a instrução ao sócio, a importância não reside na revelação de uma determinada complexidade da atividade em si mesma, mas, no fato de o trabalhador parar para refletir sobre aquela situação que faz parte de sua rotina de trabalho, numa espécie de estranhamento diante de uma “banalidade”. Como se pode perceber, inclusive pela pausa, no trecho transcrito a seguir:

*Então, as pessoas ligam, às vezes ligam. Fontes que a gente conhece faz tempo, eles ligam e avisam. **Aí você vai atrás. Aí você diz: não, eu vou atrás. Às vezes você consegue, às vezes não consegue. E aí quando você consegue você avisa a ele, entendeu? A fonte às vezes avisa porque ela também quer saber. E como ela não vem correr atrás, ela avisa o jornalista que ela conhece. (...) Sempre tem interesse, sempre tem. E depois você escreve a notícia, você manda pra pessoa. Se ela não for cliente direto da Reuters, você manda a notícia. Tem essa troca. Sempre tem a troca. Tem as pessoas que contribuem com informações pra gente, direto, por e-mail, entendeu? Agência Marítimas..., os corretores...mandam preço, mandam tendência do mercado... E a gente manda outras coisas em troca. Tem essa troca de informações também, que é uma coisa meio institucionalizada, nem tem muito blá-blá-blá. A gente já combina: oh, vocês me mandam isso todo dia e eu, uma vez por semana eu te mando o resumo disso e daquilo. Isso acontece. A gente tem alguns acordos assim. Às vezes, a gente troca, a gente disponibiliza um terminal em troca de informações...\_Isso também acontece.(Pausa). Então, tem esse relacionamento.***

No trecho em negrito, mais uma vez o uso do **você genérico** serve para deixar o enunciado dirigir-se a uma pessoa qualquer, como se fosse possível usar uma expressão como “a pessoa”... em vez de usar o pronome **você**. O pronome, na realidade não serve para substituir o nome, ele próprio é substantivado, passando a designar um coletivo de trabalhadores que se encontra naquela situação de trabalho. O **você** é genérico, dentro de um certo universo, o de pessoas que trabalham num local com as peculiaridades que o jornalista/instrutor trabalha.

Nessa passagem da instrução acerca do relacionamento com as fontes, uma revelação importante: o interesse das fontes em fornecer alguma informação em troca de novas informações resultantes de um processo de apuração e investigação. Essa troca faz com que a fonte saia de uma situação denominada, entre os jornalistas, de rumores para uma condição de maior confiabilidade. E, dependendo do tipo de informação, essa mudança de posição pode significar investimentos mais seguros, pois, as novas informações servem como orientação a respeito dos rumos do mercado ou de fatores que influenciam na tendência das bolsas de valores, por exemplo.

No conjunto 8 a seguir, verificar-se-á a ocorrência de **temas impostos** à FD bem como seus e temas específicos, no caso, a FD da empresa ou dos empresários do ramo da informação. É importante observar que a articulação desses dois conjuntos de tema é o que dá a substância da FD da empresa, sendo um dos conjuntos desses temas representante do ideal de empresa do ramo jornalístico e o outro conjunto formado por

expressões que se assemelham à condição de um filho assumido, porém, indesejado ou assumido apesar de indesejado.

Conforme Maingueneau, para cada FD há dois conjuntos de temas: os impostos e os específicos. Os primeiros são aqueles que fazem parte de um determinado campo discursivo apesar do incômodo que provocam nos participantes do campo devido às possibilidades, às vezes, indesejadas de seus tratamentos pelos discursos adversários ou concorrentes. Os temas impostos caso não sejam tratados por um determinado conjunto de enunciadores podem se tornar uma espécie de propriedade semântica de outros discursos concorrentes e, neste caso, os danos são imprevisíveis para o segmento que o negligenciou. Os temas impostos ocupam um lugar importante numa determinada FD, mas não a sua centralidade. Eles são ditos porque não podem deixar de sê-los, mas são ditos de uma maneira bem particular, que deixa clara a sua importância relativizada naquela FD. Isto, é, é o que se enuncia porque não se pode calar.

Já os temas específicos são aqueles que fazem parte de um jeito de dizer e de um jeito de ser enunciativo dentro de um determinado campo discursivo. Isto é, os temas específicos constituem a natureza mesma de uma determinada FD. Eles estão ali porque ali é o seu lugar, a sua existência e o tratamento que recebem instauram e legitimam a FD à qual pertencem. Os enunciadores de uma determinada FD conhecem seus temas específicos e fazem deles sua espada e seus escudos na batalha discursiva com os outros discursos concorrentes. Eles servem como elementos nucleares em torno dos quais são organizados os discursos de uma dada FD e conferem identidade a essa FD. Na realidade não são apenas os temas em si que adquirem toda essa importância no seio de uma FD, mas é, principalmente, o tratamento que eles recebem dessa formação.

Os empresários ao enunciar do lugar discursivo de onde enunciam não podem ignorar determinados temas e, principalmente, precisam encontrar uma maneira própria de tratá-los em seus discursos sob pena de ceder espaço para os discursos concorrentes. A existência dos temas específicos e impostos torna mais evidente que um discurso se constitui de elementos lingüísticos e não-lingüísticos, uma vez que esses temas são constituídos por diferentes planos enunciativos e devem assim ser tratados pelo analista de discurso. É o que propõe Maingueneau (1984/2005). Só a partir da confluência de

planos é possível depreender os temas e os efeitos de sentido produzidos pelos discursos no tratamento desses temas no seio de determinada FD.

### **Conjunto 8**

#### *Trecho 37*

*O correspondente da Reuters está a postos para transmitir a notícia **antes** de qualquer concorrente.*

#### *Trecho 38*

*Mas a exatidão e a imparcialidade devem ter prioridades sobre a rapidez. Um erro poderá prejudicar uma reputação fundamentada em inúmeros acertos.*

Nesses trechos do manual é possível perceber os temas impostos. Nos dois excertos percebe-se a preocupação com a rapidez e também com a correção das matérias a serem publicadas pela empresa em decorrência de sua imagem no mercado da informação. Aqui a preocupação maior parece ser com a credibilidade, podendo o jornalista fazer a opção entre a rapidez e exatidão da informação. Entretanto, analisando outros fragmentos do discurso da instituição, observamos que toda organização do seu discurso não deixa muita escolha ao jornalista se não ser aquela que dá a notícia antes de qualquer concorrente e sem erros, com precisão. A fala do jornalista quanto à rapidez e à precisão da informação em relação aos concorrentes, durante a entrevista atesta isso: *A gente pode perder os pequenos assuntos, mas os grandes, o objetivo é que agente dê todos, e dê bem, **rapidamente**. O bom repórter é aquele que transmite a mensagem adequadamente. Consegue ser claro, né?*

Existe um setor da Reuters que acompanha o desempenho da velocidade na divulgação da informação das agências no mundo inteiro e divulga um ranking no final do dia, apresentando em quais matérias a empresa foi vencedora e aquelas em que a concorrência chegou na frente.

Levando-se em conta o contexto de atuação da Reuters, não se deve entender a divulgação desse ranking como mera informação para os funcionários da empresa, mas sim como uma forma, ao mesmo tempo de reconhecimento de seu trabalho, quando conseguiram chegar à frente dos concorrentes, e de cobrança, quando levaram o furo,

ainda que seja por minutos ou até mesmo por segundos, conforme trecho a seguir:  
“Ganhamos por 2 minutos/ Perdemos por 3 minutos”(Jornalista – Entrevista)

O conjunto 9 diz respeito às fontes e a relação que o jornalista deve manter com elas, oferecendo uma classificação para orientar essa relação. Esses excertos também orientam como deve proceder o jornalista da Reuters para desenvolver sua atividade. São os trechos do manual que descrevem mais diretamente a execução da atividade do jornalista.

### **Conjunto 9**

#### *Trecho 39*

*Um bom profissional cultiva fontes, ou contatos, adquire conhecimento sobre o conteúdo de seu setor e é um eterno curioso.*

#### *Trecho 40*

**Fonte competente:** *tem competência no assunto em questão. Um ministro da Defesa, por exemplo, é uma fonte competente em assuntos relacionados à defesa, mas não necessariamente a finanças.*

**Fonte oficial,** *como porta-voz da empresa, tem acesso a informações em caráter oficial. Mas a competência dessa pessoa como fonte é limitada a seu campo de atividade.*

**Fontes designadas** *são, por exemplo, as fontes diplomáticas, fontes de conferências e fontes do serviço secreto. Assim como uma fonte oficial, elas devem ter acesso a informações confiáveis sobre o assunto em questão.*

#### *Trecho 41*

*Os métodos usuais de cultivar novas fontes incluem lembrar-se dos nomes de fontes citadas por outros meios de comunicação e contatá-las também, comparecer a conferências e eventos pertinentes ao setor, não apenas para produzir histórias, mas para descobrir novas fontes. As listas dos participantes de uma conferência que, em geral, encontram-se disponíveis com os organizadores, são, com frequência, proveitosas fontes de nomes, cargos e telefones. A Internet também pode ajudar o jornalista a encontrar novas fontes. Os sites da Internet, como o [WWW.profnet.com](http://WWW.profnet.com) (rede de mestres universitários) proporcionam acesso a especialistas em ampla gama*

*de assuntos. Você pode, inclusive, localizar assessores da área de relações públicas em corporações e organizações sem fins lucrativos por meio da Internet.*

#### *Trecho42*

*Certifique-se de que o relato é imparcial e comedido, e se será assim considerado pelos leitores.*

*Se o primeiro parágrafo suscitar controvérsias, lembre-se de colocá-la entre aspas, para se resguardar.*

#### *Trecho 43*

*Riscos legais – o relato denigre a reputação de uma pessoa, empresa ou organização? Expõe alguém ao ridículo, ao ódio ou desprezo? Em resumo, a história é imparcial e comedida no que diz respeito a todos os envolvidos?*

#### *Trecho 44*

*As reportagens em primeira mão tratam de fatos e não de opiniões. Nossa presença in loco nos permite “mostrar” as notícias, não apenas relatá-las; ao fazermos isso, recriamos o quadro mais acurado possível do evento.*

#### *Trecho 45*

*Compare todos os números passíveis de verificação com as informações fornecidas. Verifique se a soma de todos os componentes bate com o total – as porcentagens individuais totalizam 100? Verifique novamente o período coberto, as conversões, se os números estão acima ou abaixo.*

#### *Trecho 46*

*Tome cuidado para não fazer confusão entre milhões e bilhões e verifique se as vírgulas que indicam casas decimais foram colocadas corretamente. Verifique os preços de ações fornecidos mais uma vez. Esteja atento a cálculos efetuados pelo próprio repórter – a história deve especificar a base de cálculo utilizada.*

#### *Trecho 47*

*(...) citar a fonte dá ao leitor condições de mensurar a exatidão da história, pois ele adquire uma idéia do grau de proximidade entre a fonte e as informações.*

*Quanto maior a distância entre a fonte e o assunto, menos confiável ela será, portanto nesses casos os repórteres e filers devem questionar a veracidade das informações.*

#### *Trecho 48*

*Contexto – a história deixa claro como as informações foram obtidas?, por exemplo, através de um jornal, entrevista, coletiva à imprensa? O relato responde à pergunta “E daí?” ou seja, por que essa notícia é importante?*

#### *Trecho 49*

*Procure por um fato, ângulo, interpretação e reação nova e explique as implicações, independentemente da matéria – política, economia, assuntos corporativos, mercados financeiros, esportes ou outro tipo de notícia.*

Depreendemos desses excertos a preocupação da Reuters com a qualidade de todo trabalho desenvolvido pelos seus jornalistas e oferecido aos clientes. Trata-se de um conjunto de normas de cuja articulação depende seu êxito. Nesse sentido, para o cumprimento das mesmas, necessário se faz um grande esforço do trabalhador tanto no processo de renormalização quanto no debate de valores para torná-las exequíveis no cotidiano de sua atividade. Esse conjunto de normas convoca o uso de si do trabalhador nas suas múltiplas dimensões, uma vez que se trata, em grande medida, de sugestões operacionais para uma relação intersubjetiva, envolvendo, pelo menos, o jornalista e as fontes, mediados pela linguagem, cujos resultados são imprevisíveis, e a instabilidade, sua marca, como ocorre no capitalismo flexível.

Talvez possamos afirmar que o fato de a instabilidade ser a única característica constante do sistema capitalista desde o século XIX, ela seja a responsável pela imposição dos temas contidos nos excertos do conjunto 9. O clima instável provocado pela velocidade com que as coisas acontecem - pela concorrência acirrada entre as empresas, pela incerteza dos resultados, pela incerteza da garantia do emprego - são alguns dos ingredientes das corporações flexíveis. Todos os envolvidos nesse universo turbulento esperam chegar a um porto seguro, mas, na verdade, todos sabem que só

podem contar com o inesperado, essa é a única certeza que têm. Segundo Sennett (2006):

(...) a instabilidade pode parecer a única constante do capitalismo. As turbulências dos mercados, a dança apressada dos investidores, a súbita ascensão, o colapso e o movimento das fábricas, a migração em massa de trabalhadores em busca de melhores empregos ou de qualquer emprego: estas imagens da energia do capitalismo permearam o século XIX e foram evocadas no início do século passado... (SENNETT, 2006: 24)

A instabilidade é o terreno lodoso onde transitam hoje as corporações flexíveis da modernidade líquida. Essa expressão ou equivalentes: flexibilidade, liquidez, rapidez, fluidez, entre outras, são as mais freqüentes no discurso das empresas. Fixidez, rigidez, estabilidade, certeza, tornaram-se temas obsoletos na sociedade atual. Esse clima de incerteza instituído pelo mercado faz com que as empresas trabalhem no limiar das contradições, ou seja, em meio a instabilidade elas procuram oferecer o máximo de estabilidade a seus clientes e cobram isso de seus funcionários no desenvolvimento de suas atividades, muitas cobram até fidelidade de seus clientes e impõem normas em seus contratos para garantir a fidelização.

No modo como a empresa trata esses temas, poderíamos afirmar que a linguagem é tida como algo transparente e que, portanto, é possível elaborar enunciados precisos com vistas a uma única interpretação, pois a língua oferece os recursos, cabendo ao jornalista saber deles se utilizar para ter êxito em suas tarefas cujo princípio e o fim são enunciativos. É provável, inclusive, que essa concepção de linguagem, como transparência seja uma das responsáveis pela existência desses temas.

Na articulação desses temas é importante observar, conforme Maingueneau, *como o sujeito constrói a cenografia de sua autoridade enunciativa. A partir daí, ele determina para si e para seus destinatários os lugares que esse tipo de enunciação requer para ser legítima.* (MAINGUENEAU, 1987/1997). O discurso da Reuters guarda certa dualidade, pois é dirigido aos seus jornalistas e, ao mesmo tempo, inclui a presença do leitor/cliente da empresa. Usa verbos no imperativo quando se dirige aos seus funcionários, como é esperado em documentos prescritivos, e traz a voz do leitor: *E daí?* Como forma de chamar a atenção do jornalista para o que deve e o que não deve

ser transformado em matéria publicada devido à maior ou menor importância que a mesma tenha para o público leitor.

Talvez seja correto afirmar que o maior referente do discurso da Reuters seja a própria *imparcialidade* anunciada em seu discurso. O repórter da Reuters tem de estar em sintonia fina com os leitores, a ponto de antecipar possíveis reações daqueles diante das matérias publicadas, como pode ser percebido no fragmento a seguir: *Certifique-se de que o relato é imparcial e comedido, e se será assim considerado pelos leitores.* Desse modo, parece que o jornalista teria controle tanto sobre seu enunciado como também sobre a recepção da matéria por parte dos leitores.

É possível que a busca da imparcialidade, da confiabilidade, a preocupação com a exatidão, e a rapidez seja o que se espera de uma empresa jornalística na sociedade da informação e do conhecimento. Nesse sentido, pode-se afirmar que a empresa, por meio do interdiscurso, recupera os valores, supostamente, defendidos e exigidos pelo público consumidor de notícias e faz desses valores o cerne de seu próprio discurso para se legitimar diante de seus clientes/interlocutores. Desse modo, o próprio discurso do público consumidor atua como fiador do discurso da empresa.

A gestação do discurso da empresa não se dá na própria empresa, mas nos discursos de seu público consumidor ou do segmento social para o qual o discurso da corporação se dirige de forma mais direta ou de forma dispersa. Tem-se mais uma vez a primazia do outro discurso sobre o discurso. Trata-se aqui de, como afirma Maingueneau (2005): *uma heterogeneidade constitutiva, que amarra, em uma relação inextrincável, o Mesmo do discurso e seu Outro.* Essa noção de interdiscurso exposta aqui se insere na amplitude do universo discursivo, ou seja, ela se materializa a partir de um número muito amplo de possibilidades enunciativas.

Ao tomarmos o *campo discursivo* do jornalismo, por exemplo, percebemos que o discurso da Reuters dialoga com outras empresas de informação, na forma subentendida de simulacro. Ao afirmar para o conjunto de seus jornalistas que busquem a imparcialidade a empresa parece dizer que há outras corporações que não se preocupam tanto com essa questão com ela se preocupa. O mesmo ocorre com a precisão, a clareza e a rapidez. No discurso da Reuters, essas são características que a particularizam no

meio das corporações cujo objeto de trabalho é a informação. Tomando como referência o campo discursivo, pode-se afirmar que a Reuters, por meio de seu discurso em torno de seus temas específicos, procura se diferenciar das outras corporações do mercado da informação. Como afirma Maingueneau (2005):

(...) talvez seja mais justo ver no Outro um eu do qual o enunciador discursivo deveria constantemente separar-se. Ele seria, então, de alguma forma, o interdito de um discurso. As formação discursiva, ao delimitar a zona do dizível legítimo, atribuiria por isso mesmo ao Outro a zona do interdito, isto é, do dizível errado. Se, no universo gramaticalmente dizível, um discurso define uma ilha de enunciados possíveis que se considera que saturam a enunciação a partir de uma posição dada, no conjunto de enunciados assim recusados, ele define igualmente um território como sendo o de seu Outro, daquilo que, mais que qualquer outra coisa, não pode ser dito. O Outro circunscreve, pois, justamente, o dizível insuportável sobre cujo interdito se constitui o discurso; por conseguinte, não há necessidade de dizer, a cada enunciação, que ele não admite esse Outro, que ele exclui pelo simples fato de seu próprio dizer. (MAINGUENEAU, 1984/2005: 39-40)

É nessa relação dialética, segundo a qual toda afirmação carrega em si sua negação, que o enunciador constitui seu discurso em oposição ao seu outro, ou seja, ao dizer que é imparcial a Reuters está dizendo que outras empresas são parciais e que, portanto, esse dizer do outro é para ela algo insuportável. O outro discurso encontra-se nessa condição de alteridade justamente porque é o diferente do discurso que ele se reporta por meio do interdiscurso.

Do ponto de vista trabalhista, a consecução de cada um desses temas implica aumento do esforço dos trabalhadores, exigindo deles maior compromisso, maior dedicação ao trabalho, maior disponibilidade de tempo, maior disponibilidade para deslocamentos, mais flexibilidade de suas agendas, menos tempo livre para outras atividades que não a profissional, menos dedicação à família, aos amigos, etc. Tudo deve girar em torno do trabalho na empresa. Até mesmo atividades que antes eram desenvolvidas entre parentes e amigos, hoje fazem parte do cotidiano de várias corporações do mundo do trabalho, como *Happy Hour*, sessões de relaxamento, massagem, *Yoga*, etc. As atividades de trabalho ocupam quase todo tempo de cada trabalhador.

A instauração desses temas como os principais valores da empresa pode instituir um clima de tensão e instabilidade entre os jornalistas, reforçando o caráter de

imprevisibilidade das corporações flexíveis, uma vez que o dia-a-dia da agência em torno desses valores depende cada vez menos de fatores internos à própria instituição e de cada trabalhador. Resta refletir se, com toda essa instabilidade, trata-se de uma nova página na história da humanidade ou de mais turbulências. O resultado dessa reflexão depende do lugar discursivo que se ocupa.

Hoje a economia moderna parece cheia apenas dessa energia instável, em decorrência da disseminação global da produção, dos mercados e das finanças e do advento de novas tecnologias. E, no entanto, aqueles que hoje estão empenhados em promover a mudança sustentam que não estamos mergulhados em mais turbulências, e sim vivendo uma nova página da história. (SENNETT, 2006: 24)

Talvez se trate de mais uma página da história com muito mais turbulência que as precedentes, pois, nunca se ouviu falar e vivenciar tantas mudanças como tem ocorrido com os trabalhadores das corporações flexíveis. Elas são tantas e tão rápidas que nem dá tempo para se concluir a mudança anterior. Tudo está em constante movimento, parece que nada se estabiliza, nada se conclui. As empresas parecem funcionar como as janelas do computador: abrem-se janelas sucessivamente, infinitamente... Com declara Berman (1982/1986):

Em tempos como esses, “o indivíduo ousa individualizar-se”. De outro lado, esse ousado indivíduo precisa desesperadamente “de um conjunto de leis próprias, precisa de habilidades e astúcias, necessárias à autopreservação, à auto-imposição, à auto-afirmação, a autolibertação”. As possibilidades são ao mesmo tempo gloriosas e deploráveis. “Nossos instintos podem agora voltar atrás em todas as direções; nós próprios somos uma espécie de caos”. O sentido que o homem moderno possui de si mesmo e da história “vem a ser na verdade um instinto apto a tudo, um gosto e uma disposição por tudo”. (BERMAN, 1982/1986: 23).

Não há fechamento de janelas, apenas aberturas sem fronteiras, sem horizontes, não importando a paisagem que surge na abertura de cada uma, o importante é que novas janelas se abram para tantas outras também se abrirem. O limite do olhar é a própria janela que se abre para qualquer lugar ou nenhum lugar. Talvez a relação de sentido entre as novas janelas da sociedade atual e a janela tal qual nós a conhecemos seja apenas sua capacidade de abertura e não mais de fechamento nem o objeto através do qual se olha, pois não há tempo para olhar a não ser para ver novas janelas.

Pode-se dizer que a janela não se abre, mas ela é a própria abertura em si mesma. A abertura de janelas é a grande metáfora da sociedade atual como forma de apresentar a instabilidade, a infinitude, a mudança, a inovação, a rapidez e efemeridade das coisas, bem como a falta de perspectiva a longo prazo.

Ela representa também que as coisas se movimentam na horizontalidade e não na verticalidade, em que pese não se poder definir com precisão a direção para onde elas se movem. Nas empresas, o turbilhão das mudanças parece gritar: *Sai da frente que atrás vem gente*. Ou se entra no ritmo ou será tragado pelo turbilhão movido pela pressa e, muitas vezes, consubstanciado pela superficialidade. Para usufruir das ofertas do mundo atual é necessário flexibilidade sem limites para a distensão, mesmo porque as ofertas são muitas e podem até mesmo confundir a nossa própria identidade. Como afirma Berman (1982/1986) referindo-se ao comportamento da personagem do romance *A nova Heloísa*:

Ele afirma sua intenção de manter-se fiel ao primeiro amor, não obstante receie, como ele mesmo diz: “Eu não sei a cada dia o que vou amar no dia seguinte.” Sonha desesperadamente com algo sólido a que se apegar, mas “eu vejo apenas fantasmas que rondam meus olhos e desaparecem quando eu os tento agarrar”. Essa atmosfera – de agitação e turbulência, aturdimento psíquico e embriaguez, expansão das possibilidades de experiência e destruição das barreiras morais e dos compromissos pessoais, auto-expansão e autodesordem, fantasmas na rua e na alma – é a atmosfera que dá origem à sensibilidade moderna. (BERMAN, 1982/1986: 18).

São os dilemas da modernidade líquida que afligem a humanidade. Encarar o processo de globalização e os avanços tecnológicos como constitutivos da nova era é condição de sobrevivência e sanidade mental. O que não se pode é ser apenas um entusiasta da modernidade nem se fechar para ela, como se ela inexistisse. Tratar das questões discursivas levando-se em conta essa realidade, com essa complexidade é uma exigência para os analistas do discurso, que têm com a semântica global no diálogo com as questões do mundo do trabalho uma possibilidade de estudo com razoável amplitude exigida pelo tema.

#### 4.6 Uma prática intersemiótica?

Conforme Maingueneau (2005), a forma que possibilita aceder à identidade do discurso é também por meio de uma “prática intersemiótica”. O que procuramos fazer, dando continuidade às análises aqui desenvolvidas é menos uma prática intersemiótica como realizou Maingueneau, e mais uma interpretação intersemiótica, uma vez que o corpus aqui é constituído de uma única formação discursiva, a da empresa a partir de fotografias tiradas pelo próprio pesquisador. Essas fotografias do interior da empresa são analisadas na relação dialógica com o manual de operações da própria agência. Portanto, a análise aqui também incide sobre a questão do ethos da empresa.

Em primeiro lugar, observemos as imagens da empresa para em seguida proceder as respectivas análises sob a perspectiva de uma semântica global, como sugere Maingueneau. Segundo o autor, não se deve limitar ao nível do texto *a validade do sistema de restrições semânticas próprias de um discurso*, a análise deve recair sobre os diversos “planos” de um discurso, inclusive planos não lingüísticos. Segundo o autor:

Limitar o universo discursivo unicamente aos objetos lingüísticos constitui sem dúvida alguma um meio de precaver-se contra os riscos inerentes a qualquer tentativa “intersemiótica”, mas apresenta o inconveniente de nos deixar muito aquém daquilo que todo mundo sempre soube, a saber, que os diversos suportes intersemióticos não são independentes uns dos outros, estando submetidos às mesmas escanções históricas, às mesmas restrições temáticas etc... (MAINGUENEAU, 1984/2005: 145)

Ainda segundo o autor: *o pertencimento a uma prática discursiva de objetos de domínio intersemióticos diferentes exprime-se em termos de conformidade a um mesmo sistema de restrições semânticas*. É nesse sentido que são realizadas as análises dessa parte do corpus da tese, uma vez que ele não pertence ao domínio lingüístico, mas obedece às mesmas regras daquele, como se pode perceber na análise das imagens do local de realização deste estudo.

Ao observar as fotos a seguir, percebemos que é um espaço amplo, sem paredes divisórias entre as equipes. Essa divisória tem o nome de baia, assim como se denomina o local onde fica o gado, uma espécie de quarto privativo do animal. No caso das empresas, ao contrário da solidão ou privacidade do animal, todos se vêem, estão à vista de todos.



Foto 2: Sala das editorias e corredor.



Foto 3: Editoria de commodities agrícolas.

Isso tanto pode facilitar o trabalho entre as pessoas favorecendo o fluxo de informações, um maior contato entre as pessoas, como também pode proporcionar um maior controle sobre o trabalhador exercido pelos seus próprios colegas de trabalho, um está sempre vendo o outro e por ele sendo visto. Querendo ou não, é a organização do próprio espaço que proporciona essa condição antecipada no romance de George Orwell, 1984. Todos podem ser, a um só tempo, o observador e o observado, o vigia e o vigiado, o controlador e o controlado, a depender do tipo de empresa na qual se trabalha.

Nessa organização, todos, mesmo pertencendo a equipes distintas, fazem parte de uma única e mesma equipe, são todos do mesmo time e o jogo depende de cada um e de todos. Apesar dessa ausência física de divisórias, a dinâmica do trabalho acaba por estabelecer as divisões entre as equipes, pois o objetivo de haver duas telas na mesa de cada funcionário é exatamente para garantir a agilidade que a atividade exige e para que não se perca nada de importante, nada deve escapar aos olhos atentos de cada trabalhador, sob pena de “levar furo” do concorrente. Todos ficam bastante focados em suas telas, não havendo muito espaço para conversas durante o trabalho. Percebemos nessas fotos que ninguém está conversando com ninguém. Durante o tempo de observação, raramente, houve conversa entre o protagonista e os demais funcionários nem mesmo entre os integrantes da editoria de commodities agrícolas cujo coordenador é o protagonista desta pesquisa. As conversas eram raras e, quando ocorriam, eram rápidas. Como afirma o jornalista nesse trecho da instrução ao sócia, quando perguntado se os funcionários de editorias diferentes conversavam entre eles:

*Não tem muito não. Cada um vai no seu ritmo ali, é um ritmo meio **rapidamente**, né? Todo mundo bem focado, né? Porque não dá muito tempo para ficar enrolando. Então não tem muito não, se tiver uma coisa ou outra, **você** tenta ali acertar **rapidinho** e não tirar o foco do trabalho para não perder nada importante, esse que é o problema.*

*È principalmente de fora, que é rapidamente, né? Mais do computador, na TV também, você vê que as TVs estão todas ligadas ali, porque às vezes tem coisa que passa na TV que a gente não tem, né? Um plantão, ali, um negócio.*

O fato curioso é que não há proibição explícita sobre a conversa por parte da empresa, mas a dinâmica do trabalho acaba por impedi-la, ou reduzi-la ao máximo, ou seja, apesar de não haver proibição nem divisórias entre as pessoas, elas conversam muito pouco em seu ambiente de trabalho, mesmo sendo uma agência de notícias, cujos trabalhadores são funcionários da palavra. A linguagem é uma exigência da atividade do jornalista devido à natureza do seu trabalho, mas a dinâmica do trabalho se não impede sua ocorrência entre os jornalistas no ambiente profissional, restringe-a ao mínimo necessário para a execução da atividade.

O espaço físico instaura uma cena empírica que ajuda a entender a dêixis discursiva que o discurso da Reuters institui para se legitimar. A partir dessas imagens, a cenografia do Manual de Operações Editoriais da Reuters é a modernidade líquida cujas características nos permitem antever uma relação dual e contraditória. Isto é, no “templo da informação” onde são produzidas notícias do mundo todo, impera certo silêncio entre trabalhadores da linguagem.

O espaço físico e os excertos do Manual de Operações Editoriais da Reuters aqui utilizados guardam entre si as contradições inerentes da modernidade líquida, tornando-as integrantes do discurso da empresa num entrelaçamento entre texto e contexto, entre aquilo que normalmente se considera como o interior e o exterior ao discurso. Isto é uma demonstração de que o interno e o externo ao discurso são duas faces da mesma moeda. O texto está no contexto do mesmo modo que o contexto está no texto. As próximas fotos também apresentam características semelhantes às observadas nas fotos anteriores, sendo de outro ângulo, o que não deixa de ser um novo olhar sobre o objeto.



Foto 4: Jornalista em atividade.



Foto 5: Visão do interior da Reuters.

O fato de não haver divisórias não deve ser encarado como uma atitude para economizar dinheiro, mas como uma nova lógica de gerir as questões do trabalho. Essa espécie de galpão dá uma idéia de amplitude onde cada um tem a visão do todo e de todos sem precisar se localizar em um plano mais alto para isso. Basta levantar a cabeça e todos estão à vista de cada um. Por um lado, essa visão panorâmica pode dar a sensação de liberdade devido à inexistência de paredes e, por outro, pode significar que todo mundo, de certo modo, controla todo mundo porque a organização espacial possibilita que todos se enxerguem e vejam se cada trabalhador está em seu local de trabalho e o que ele está fazendo.

Como não há tempo para muita conversa entre eles, segundo o próprio jornalista e os trechos analisados do manual, é provável que a hipótese do controle seja a mais plausível, tornando o ambiente panóptico sem a necessidade da figura central do vigilante. Talvez possamos falar que nesse tipo de organização espacial acontece algo semelhante ao que ocorre entre o telespectador e a televisão, segundo o filósofo Adauto Novaes:

O algo que a televisão constrói pelo olhar é um campo de força do desejo de ver e do desejo de ser visto. Ela tece uma rede de fenômenos que produzem efeitos de encantamento que atingem direto o coração, a consciência e o sistema oculto da vida neuro-visceral. Desloca tensões e leva o homem ao esquecimento e à perda de si mesmo nas imagens que vê: absorvido pelas imagens que contempla, na realidade é o objeto que se mostra nele, armadura de um mundo invisível, “infra-estrutura corporal que sustenta o edifício das nossas representações.” (NOVAES, 1991: 84 )

Não pretendemos afirmar aqui que o grande desejo das pessoas seja ser vistas por todos, particularmente, no ambiente de trabalho, mas pelo fato de que cada um, de certa

forma, em seu imaginário, segundo Novaes (1991), deseje ver todos e tudo e nutrir uma determinada vontade de também ser visto por todos, ainda que esta última não seja sua grande vontade. O que se pretende aqui não é afirmar que tudo seja pensado pelos responsáveis pela organização espacial das empresas com essa finalidade. Mas, estando ela no imaginário desses organizadores e das pessoas em geral, é provável que ela seja incorporada nas decisões relacionadas à organização e utilização do espaço.

Tem-se, portanto, a liberdade e o controle como possibilidades engendradas pela organização espacial da empresa, onde todos se olham e são, por conta dessa troca de olhares, cúmplices na realização de suas atividades, pois, apesar de todos estarem juntos, a velocidade para a realização das tarefas impõe a indesejável solidão de cada trabalhador e um olhar oblíquo e vigilante sobre seus companheiros de trabalho. É o olhar que vê e sabe que está sendo visto. É o contrário da sensação que experimentou a personagem da obra de Saramago – Ensaio sobre a cegueira – a mulher do médico, na passagem descrita a seguir:

Não me acreditarás se eu te disser o que tenho diante de mim, todas as imagens da igreja estão com olhos vendados, Que estranho, por que será, Como hei-de eu saber, pode ter sido obra de algum desesperado da fé quando compreendeu que teria de cegar como os outros, pode ter sido o próprio sacerdote daqui, talvez tenha pensado justamente que uma vez que os cegos não poderiam ver as imagens, também as imagens deveriam deixar de ver os cegos, As imagens não vêem, Engano teu as imagens vêem com os olhos que as vêem, só agora a cegueira é para todos, Tu continuas a ver, Cada vez irei vendo menos, mesmo que eu não perca a vista tornar-me-ei mais e mais cega cada dia porque não terei quem me veja. (SARAMAGO, 1995: 301-302).

O nosso objetivo aqui é analisar em que medida é possível estabelecer relação entre o Manual de Operações Editoriais da Reuters e a organização espacial apresentada nas fotografias do ambiente interno da empresa, até mesmo, o que é mais importante, observar a validade ou não, de uma interpretação intersemiótica de planos diferentes com a utilização do mesmo sistema de restrições semânticas, como propõe Maingueneau.

Em primeiro lugar, uma constatação salta aos nossos olhos: nem o manual apresenta figuras ilustrativas em suas páginas, nem as fotografias revelam imagens de quadros nas paredes da empresa. A única imagem na parede é de um relógio, não como uma figura decorativa, mas como cronômetro, como instrumento de marcação do

tempo. Um relógio, e nada mais. Não se vê um vaso de planta nem qualquer outro objeto decorativo que sirva para tornar o ambiente, talvez, mais humano ou menos árido, menos impessoal.

A organização do ambiente não deixa dúvidas, trata-se de um ambiente de trabalho, nada mais. Todo mobiliário, todas as máquinas estão distribuídos e organizados para um fluxo ininterrupto de ações cujo mote é velocidade e precisão na publicação da informação. Apesar de o ambiente depender da ação humana para cumprir as funções da informação ao consumidor, parece não existir preocupação em humanizá-lo ou dotá-lo de características menos impessoais, menos frias, tornando-o mais acolhedor ou mais despojado, na perspectiva de um local onde as tensões, inerentes à profissão, sejam atenuadas pela organização do espaço físico.

Com essa organização, é como se a própria estrutura dissesse: “Aqui é lugar de trabalho, e não pode ser visto de outra forma”. Não se pode correr riscos desnecessários, que podem levar à distração ou à dispersão. Entre o trabalho e o trabalhador, o primeiro parece prevalece sobre o segundo. Tudo está organizado para que o trabalho seja realizado. O trabalhador está a serviço do trabalho, e não o contrário.

Acreditamos que o ambiente, de acordo com sua organização, pode proporcionar ao trabalhador mais ou menos empolgação para desenvolver sua atividade. Como hoje, os antigos trabalhadores são considerados colaboradores, essa não é uma questão menor, ao contrário, é de fundamental importância porque pode influir, inclusive, no desempenho de cada empresa. Também não significa que basta decorar o ambiente com vasos de plantas e quadros de pinturas para torná-lo mais humanizado, mais agradável. Seria simplificar demais o problema de ambientação do trabalho. Significa observar que preocupações, talvez, elementares para constituição de ambiente mais acolhedor, não aparecem nesse modelo de organização.

Assim como ocorre com o texto do Manual de Operações Editoriais da Reuters, sem figuras, todo em preto e branco. Parece não existir qualquer preocupação com a sedução do leitor do manual, é como se a necessidade de o trabalhador lê-lo prescindisse de um procedimento sedutor. É o instrumento que se mostra na sua frieza, na sua aridez. Portanto, o manual e a organização do espaço físico da empresa parecem

partir de uma concepção segundo a qual não se deve perder tempo com questões que não tenham relação com a produção das informações a serem publicadas para o conjunto dos clientes da empresa. Ilustrações no manual e objetos decorativos nas paredes talvez provoquem a dispersão dos trabalhadores que têm de correr contra o tempo para dar a notícia correta e em primeiro lugar, antes dos concorrentes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Ainda assim acredito ser possível reunirmo-nos/Num outro tipo de vínculo, tempo, tempo, tempo, tempo” (Oração ao tempo – Caetano Veloso)

Ao final de toda pesquisa, a sensação é de que algumas coisas foram feitas e muitas ainda hão de se fazer tanto no campo da linguagem quanto no campo do trabalho para que as inquietações hoje existentes sejam superadas e novas inquietações surjam demandando novas outras pesquisas ou até que outros estudos se debrucem sobre os mesmo problemas aqui tratados e lancem sobre eles um novo olhar, a partir de diferentes abordagens. É o mesmo que não é o mesmo, parafraseando Bakhtin, na constituição da cadeia infinita de pesquisas.

Nesta tese, cujos objetivos foram investigar **como se caracteriza a atividade profissional** do jornalista de uma agência de notícias situada na cidade de São Paulo e **depreender o *ethos* institucional dessa agência**, numa articulação entre duas dimensões humanas – o trabalho e a linguagem – por meio do método da *instrução ao sócia*, como forma de decifrar alguns enigmas da atividade de trabalho jornalístico, esperamos, além de alcançar esses dois objetivos, ter contribuído, do ponto de vista teórico, com uma concepção de jornalismo sob o prisma do discurso, lançando um olhar sobre as questões da atividade de trabalho a partir das noções da Ergologia; ter fornecido subsídios e informações acerca do papel e da importância das agências de notícias no cenário mundial da informação e da formação da opinião pública.

Do ponto de vista metodológico, esperamos, ao caracterizar a atividade do jornalista, ter contribuído para o desvelamento de algumas complexidades dessa atividade, por meio do método de instrução ao sócia, realizando certo deslocamento da abordagem original instituída por Oddone, na década de 1970, tendo em vista as condições em que esta tese foi realizada. Retornaremos às contribuições do método ao final destas considerações.

Com base nas contribuições da Semântica Global, desenvolvida por Dominique Maingueneau, foram tratados e analisados os dados desta tese, envolvendo alguns planos constitutivos de um *corpus* na perspectiva de apreender tanto o discurso como a sua discursividade, sem privilegiar quaisquer dos planos envolvidos.

A abordagem do ethos da Reuters aqui realizada contribui, esperamos, para melhor compreensão dos processos de linguagem, possibilitando entender que nesses processos não há transparência, mas opacidade; não há recebimento passivo por parte do leitor, mas réplicas ativas aos discursos publicados; não há mera transmissão de informação, mas inter-ação entre enunciador e seus interlocutores, sejam estes reais ou virtuais; que o tom, o caráter e a corporalidade do enunciador incidem sobre os efeitos de sentido das mensagens publicadas, fazendo com que estas tenham maior ou menor adesão dos leitores; que os discursos precisam e constroem suas próprias cenas enunciativas para se legitimarem; que todo discurso obedece a um sistema de restrições que delimitam o dito e a forma de dizer, etc.

No que se refere à análise, a abordagem da noção de ethos e cenografia, sob a ótica da AD de caráter enunciativo e a articulação dos diferentes planos constitutivos de um discurso, sem hierarquia entre eles, de acordo com o que preceitua a Semântica Global, possibilitou a percepção de alguns enigmas envolvidos no desenvolvimento da atividade do jornalista na complexidade que a engendra, como pode ser percebido mais adiante no final deste item.

Os planos do vocabulário, da modalidade, do tema, do emprego das pessoas e do modo de enunciação, a noção de ethos e de cenografia tornaram possível enxergar a atividade do jornalista da maior agência de notícias do mundo com certa acuidade, sob os princípios da Ergologia, que propõe um olhar de lupa, ao mesmo tempo minucioso e abrangente, particular com vistas à generalização. Esse tratamento cuidadoso exigido pela Semântica Global e o rigor no tratamento do humano, característico da Ergologia, possibilitaram uma análise que procura levar em conta certa complexidade inerente a todo trabalho de pesquisa. Tratamento necessário para que se almeje algum degrau na escala da legitimidade, condição de valoração imprescindível a qualquer investigação científica.

As contribuições dos estudiosos do trabalho: Gorz, Sennet e Schwartz, na articulação aqui realizada, podem proporcionar um novo olhar sobre esse domínio a partir das abordagens singulares e esclarecedoras desses três teóricos acerca dos rumos do capitalismo e do trabalho na sociedade pós-moderna com suas novas exigências e possibilidades de reinvenção e convivência no seio das diferentes profissões, com suas

aberturas e instabilidades, suas oportunidades e cerceamentos, suas ampliações e limitações, seu culto à privacidade e suas ações invasivas, sua confusão entre o profissional e o familiar, para ficar apenas em algumas características conflitantes entre si, da pós-modernidade.

O olhar de André Gorz sobre as mutações do trabalho, o de Richard Sennet acerca do capitalismo flexível e o de Yves Schwartz acerca de uma abordagem que se preocupa, principalmente, com o resgate do humano, fornecem subsídios valiosos para uma compreensão destituída de romantismo ou de sectarismo e aponta para novos horizontes diante do caminho que parece não ter mais volta. Nem voltar, nem frear, só nos resta compreender para melhor viver, conviver e enfrentar, utilizando-nos, inclusive, das benesses que os novos tempos oferecem ao conjunto da humanidade, proporcionadas, principalmente, pelo processo de globalização e pelo advento das novas tecnologias.

Com base nesses autores, pode-se afirmar que, ao contrário da Grécia Antiga, hoje em dia o trabalho foi glorificado, santificado, até mesmo mais que as atividades religiosas em uma sociedade hegemonicamente católica, como é o Brasil. Nos dias atuais, pode-se até deixar de comer, beber e dormir para se dedicar ao trabalho, ou seja, em nome do trabalho, quase todas as faltas são justificáveis. Nesse caso, a causa é considerada nobre a ponto de justificar essas ausências, mesmo que elas sejam vitais até mesmo para se continuar a trabalhar.

No sentido inverso a essa idolatria do trabalho, o trecho da tirinha do cartunista Bob Thaves, publicada no jornal O estado de S. Paulo em 2005 e apresentada aqui como epígrafe do capítulo sobre as mutações do trabalho, serve de exemplo, apontando para certa relativização da importância do trabalho e o resgate da subjetividade do trabalhador que, apesar de toda essa apologia do trabalho, consegue emitir algum acorde dissonante.

*(Ernest) : - Nós somos vagabundos?*

*(Frank): - Não, nós não somos vagabundos. Vagabundo é quem não tem o que fazer; nós temos, só não o fazemos...*

Outro aspecto de fundamental importância, hodiernamente, é a questão do tempo. É possível afirmar que no mundo pós-moderno, sob a ótica do capitalismo flexível, com

a tônica da velocidade cada vez mais presente, não há tempo para preocupações com o passado nem com o futuro, pelo menos do modo como esses tempos costumam ser concebidos. Se uma empresa estabelece metas e estas não são alcançadas, não há espaço para que se avaliem as causas desse resultado, é imprescindível, segundo a dinâmica das organizações flexíveis, que se parta para as próximas metas. O passado já foi e não se pode mudá-lo, e o futuro é incerto, portanto, ao fim e ao cabo, apenas o presente importa.

No atual estágio do capitalismo e no tipo de organização flexível, a memória tem pouca importância, talvez por trazer à tona um passado que já não interessa. A roda da história, ao que tudo indica, só pode girar para frente, sem qualquer ligação com o que ficou para trás. Afinal de contas não há limites para as conquistas e o tempo urge. Vale salientar que essas conquistas são comandadas pelo pólo econômico em detrimento dos outros dois pólos, conforme a Ergologia – o *pólo político* e o *uso de si*, já abordados no capítulo O novo capitalismo e as mutações do mundo do trabalho.

Afirmar que o tempo não pára talvez seja uma obviedade, entretanto, a preocupação, no sistema capitalista, não é propriamente com o tempo, mas com a produção. Esta, sim, não pode parar, jamais. No mundo da informação, essa questão do tempo também é fundamental, trata-se da notícia em tempo real, é a sensação de ubiquidade que os leitores podem experimentar. Como afirma Ramonet (1999/2001): *Tudo deve ser feito para que se “ganhe tempo”. A precisão na comunicação e a velocidade com que a informação é transportada são fundamentais para a dinâmica do novo modelo, comandada pelas grandes corporações-redes.*

O tratamento do tempo pelas organizações flexíveis estabelece uma nova forma de relacionamento paradoxal com o conjunto de seus funcionários, tendo eles que atuarem, por um lado, como gestores de sua atividade de trabalho, fazendo cada vez mais uso de si por si e uso de si pelos outros. Por outro lado, os funcionários são levados, devido à carga de trabalho e às condições para dela dar conta, a abrir mão de uma parcela cada vez maior de seu tempo para cumprir as determinações da empresa, passando muitas vezes a atuarem como mais uma peça da engrenagem maior, que é a própria instituição. Com isso tem-se que todos estão sempre atrasados, por mais que corram para realizar

suas tarefas. É o descompasso entre o tempo cronológico e o tempo da produção, que é ininterrupto, é um fluxo contínuo rumo à infinitude da produção.

As condições oferecidas pelo desenvolvimento tecnológico são imensuráveis, as inúmeras possibilidades para implementação de um processo de comunicação tanto de dados como entre as pessoas estão, em grande medida, ao alcance dos dedos. Resta uma maior articulação entre os três pólos, segundo a Ergologia: o Político, o Econômico e o Uso de si, para que as potencialidades tecnológicas sejam postas a serviço da grande maioria da humanidade, como direito, e não à disposição de poucos, como privilégio.

Acerca da atividade de trabalho, sob o ponto de vista da Ergologia, segundo as formulações do professor Yves Schwartz, articulando-o às contribuições do filósofo e sociólogo André Gorz e Richard Sennet, é necessário levar em conta várias dimensões e entender a atividade de trabalho tendo como centro o próprio ser humano. Nessa abordagem, o que se estabelece é o desencadeamento de um processo no qual a primazia deve recair sobre cada ser singular no desempenho de suas funções profissionais numa realidade específica que dialoga, necessariamente, com outra realidade mais ampla, de caráter global, fazendo a articulação entre o particular e o universal, o singular e o plural, o local e o mundial, o específico e o genérico.

Com a análise do entrelaçamento dos trechos do documento prescritivo da empresa, o Manual de Operações Editoriais da Reuters, da entrevista com seu diretor na América Latina, e da instrução ao sócia, por meio das modalidades e do léxico, depreendemos um ethos duplafacetado da maior agência de notícias do mundo: da confiança e da cobrança. Talvez essa dupla face se deva ao fato de a empresa se dirigir a dois interlocutores com funções sociais diferentes: seus clientes, a quem a agência pretende atender com informações rápidas, exatas e imparciais, e seus funcionários, de quem a empresa cobra ações para viabilizar suas pretensões.

Diante desse ethos – da confiança e da cobrança – o jornalista desenvolve sua atividade, tentando conciliar os valores defendidos pela empresa: rapidez, exatidão, confiabilidade e imparcialidade e as tarefas cotidianas de sua profissão no interior de uma agência de notícias em “tempo real”. Percebemos a preocupação do jornalista/protagonista com o conjunto das prescrições que orientam o desenvolvimento

de seu trabalho, sejam elas escritas ou não, quando ele afirma, por exemplo, que a agência pode até perder a primazia de algumas matérias para os concorrentes, mas, as principais notícias, a Reuters deve dar antes de qualquer outro. É nessa relação de tensão entre a primazia e exatidão que o jornalista trabalha.

A partir da relação interdiscursiva entre o discurso da Reuters e o discurso dos estudiosos do trabalho aqui apresentados pode-se depreender duas formações discursivas em conflito. Por um lado, temos o discurso da Reuters em sintonia com a lógica do mercado, das corporações flexíveis, e, por outro, as vozes dissonantes como a desses estudiosos do trabalho que subsidiaram o capítulo de fundamentação teórica desta tese indicando outros cenários possíveis, valorizando a experiência do trabalhador e colocando este no centro da atividade profissional.

Poderíamos afirmar a sintonia do conjunto dos discursos desses estudiosos do trabalho com uma espécie de novo sindicalismo que parece estar surgindo na Europa. Ou, talvez, parafraseando Sennett (2006), seja possível declarar que se trata do “sindicalismo flexível”, dada, inclusive, a sua disposição de debater questões caras ao próprio movimento sindical, tais como: repensar a natureza dos sindicatos, a partilha do emprego e a criação de uma renda básica a ser gasta conforme a decisão de cada um, já abordadas na introdução.

Por essa razão, a análise também fez dialogar essas duas formações discursivas em conflito na sociedade pós-moderna como outro espaço discursivo convenientemente estabelecido pelo pesquisador. Como afirma Maingueneau, se uma determinada formação discursiva não está em conflito direto com outra formação discursiva, ela cria essa outra formação. Não foi preciso, essas duas formações já existem em relação de oposição no mundo do trabalho, disputando o mesmo lugar na sociedade, como vimos no capítulo da análise.

Não se trata aqui de uma análise ingênua acerca da força e amplitude dessas duas formações discursivas na sociedade atual. Trata-se de reconhecer a existência de vozes discordantes num cenário no qual parece existir apenas um posicionamento discursivo comandado pela lógica do mercado, que harmoniza toda sociedade pós-moderna. Essa é mais uma das contradições da pós-modernidade, que se reveste da multiplicidade em vários aspectos e tenta se fechar na unicidade de seu discurso. No mundo pós-moderno

tudo é possível e permitido, menos questionar a lógica do mercado. Quem se arvora a discordar é tachado de conservador, arcaico, ultrapassado, enfim, de pessoas que, apesar de estarem neste mundo, não pertencem a ele.

Do ponto de vista do jornalismo, esperamos ter contribuído com mais uma reflexão em torno da concepção dessa esfera de atividade, uma vez que, são poucas as definições existentes, segundo estudiosos do assunto já apresentados no capítulo de fundamentação teórica. Dentre as definições de jornalismo, se concordarmos quanto à escassez de definições nessa área, as poucas que existem são, na sua grande maioria, elaboradas sob a ótica dos próprios jornalistas ou de teóricos da comunicação, como era de se esperar. Entretanto, até mesmo pela relevância do assunto, essa discussão não deve ficar restrita a esses profissionais, sob pena de termos apenas a visão de profissionais do jornalismo. Portanto, restrita aos pontos de vista de apenas uma esfera de atividade humana quando o assunto diz respeito ao conjunto de toda sociedade.

Nesse sentido, cabe, também à Lingüística, como ciência da linguagem, fornecer subsídios teóricos- metodológicos relacionados ao jornalismo e participar da discussão em torno de sua definição, enfocando, sobretudo, os aspectos discursivos inerentes a essa esfera de atividade humana.

O que pretendemos aqui não é entender a definição de jornalismo como uma tarefa exclusiva da Lingüística, e muito menos esgotar o assunto, numa tentativa insana de uma definição completa sobre o tema. Mas, sim, reconhecendo seu caráter transdisciplinar, contribuir com reflexões acerca da definição de jornalismo, que tem a linguagem como seu principal componente, e, mais do que isso - o meio e o fim da atividade jornalística, pois os fatos noticiados pelos jornalistas na sociedade pós-moderna, no interior das corporações flexíveis, já aparecem para eles, em grande maioria, como discurso. Nesse sentido, consideramos que o jornalista, principalmente de uma agência de notícias em tempo real, não trabalha tanto com fatos ou com a “interpretação verdadeira” dos fatos. Ele não é o testemunho da verdade.

Na realidade, quase tudo é discurso na atividade do jornalista. Ele, o discurso, é, a um só tempo, a matéria-prima e o produto final do jornalismo na pós-modernidade dominada, em grande medida, pelo poder centralizador das fontes de informação, que são também, e conseqüentemente, geradoras de notícias.

Os dados, relatórios, dossiês, etc. que chegam à mesa do jornalista são discursos à sua disposição para ele desenvolver, a partir deles, sua atividade, que, por sua vez também será em forma de discurso. Todo esse material, matéria prima da atividade jornalística, chega até ele, ou seja, a informação ou o que se pode tornar informação vai até o jornalista, e não o contrário. Além desse material outros meios de comunicação também fornecem o material para o profissional da imprensa, também em forma de discurso. Até mesmo os fatos, muitos deles fatos não verificados, ou seja, rumores, boatos..., portanto, é de discurso que se trata. Por fim, o que realmente importa não é o acontecimento em si, mas a forma com a qual é divulgado pelo jornalista em suas matérias. O jeito de dizer produz efeito de sentido no dito. Forma e conteúdo se entrelaçam numa relação “interdeterminante”.

Ao participar desse debate, esperamos, na condição de estudiosos da Linguística Aplicada, cumprir um duplo papel social: o de apresentar reflexões acerca do conceito de jornalismo e o de proporcionar mais uma atuação do lingüista numa área de tanta importância para a sociedade contemporânea, que depende cada vez mais de informação para tomar suas decisões nos mais diferentes âmbitos. Para tanto, dialogamos com algumas definições já consagradas de jornalismo e apresentamos uma concepção de discurso como forma de romper o que estabelece o senso comum sobre o assunto, inclusive entre jornalistas.

Sendo o jornalismo uma atividade essencialmente discursiva, conforme acreditamos, é importante ressaltar que a relação entre jornalista e público-leitor é intersubjetiva, uma vez que o leitor atua sobre o texto construindo o sentido do mesmo no momento da leitura, ou seja, não existe um sentido *a priori* na mensagem que precisa ser desvendado pelo leitor. Por mais que empresas jornalísticas busquem formas de construção enunciativa precisa, exata, por meio de seus manuais de redação. Desse modo, não existe um sentido imanente à mensagem, mas, diferentes efeitos de sentido produzidos por uma mesma mensagem. Diferentes efeitos quão diferentes forem as condições de produção, de circulação e de recepção dos enunciados.

Apresentando-se como uma espécie de porta-voz dos fatos, o jornalista pode se considerar revestido da própria verdade e assumir o *ethos* da veracidade, lançando mão de estratégias enunciativas : ouvir os vários lados envolvidos, não usar expressões que

denotem juízo de valor, etc. como forma de corroborar esse *ethos* perante o seu público leitor e com isso esperar garantir a tão almejada credibilidade, vital a qualquer profissional da área e a todo meio de comunicação. Talvez por essa razão, o tema da imparcialidade continue sendo tão caro a essa atividade de trabalho e seja um dos quatro valores com os quais a Reuters se apresente.

Quando o jornalista escreve e publica seus textos está lançando o seu discurso numa arena de discursos e, desse modo, o resultado da relação entre esses enunciados é imprevisível, tanto eles podem se constituir em um processo de colaboração como de contraposição, de polêmica. Levar em conta esse caráter responsivo da enunciação pode contribuir para uma melhor administração entre dois sentimentos contraditórios: da apropriação e da desapropriação ao mesmo tempo. Isto é, o texto do jornalista, uma vez publicado transforma-se de uma propriedade privada em uma propriedade pública. Aquilo que, em princípio é intimamente seu, deixa de sê-lo para cair no domínio público, no domínio de outrem.

Esse diálogo não será harmonioso, mas conflitante, pois, quanto mais o leitor de jornais ler, mais contra-palavras ele terá para apresentar diante dos enunciados postos à sua frente. Entender outras particularidades do processo discursivo, seus mecanismos, contribui, acreditamos, para uma melhor compreensão da atividade jornalística. O leitor, diante do jornal, reage das mais variadas formas: Aderindo, divergindo, refletindo, estranhando, enfim, dialogando com o texto do jornalista, confrontando-se com ele, apresentando suas palavras para uma melhor apreensão das palavras do jornalista.

É necessário também considerar que, segundo Possenti (2002), *as estruturas discursivo-ideológicas se realizam no texto de uma certa forma, e a presença ou ausência de um traço não é uma questão de acaso. É, ao contrário, a expressão de um sistema ideológico e de um discurso específico de autoridade.* A sistematização de construções sintáticas e o uso de léxico contribuem para um determinado efeito de sentido que se pretende provocar. Cada discurso concreto é duplamente determinado – pela ordem própria da *langue* e pelas formações discursivas. Não se pretende dizer com isso que todos os efeitos de sentido provocados são ações conscientes do enunciador, mas também não se pode afirmar que ele nada tenha a ver com o efeito de sentido provocado pelo seu discurso. Mais adiante, continuar o autor: *A materialidade das*

*formações discursivas não se reduz à materialidade das seqüências discursivas. E ainda, não se pode afirmar que o discurso está em uma estrutura sintática e que algumas estruturas são, no entanto, indícios poderosos de que é aí que o discurso se aloja, tentando talvez esconder-se.*

O jornalismo, no processo de tratamento discursivo, característico de sua atividade, apropria-se do enunciado de *outrem* para torná-lo público a outros. Sendo assim, não é possível afirmar que o discurso do jornalista pertença, unicamente, a ele próprio, uma vez que há essa pluralidade de vozes na sua constituição, é a plurivocidade constitutiva de qualquer discurso. Se assim o considerarmos, é possível afirmar que, para exercer seu ofício, o jornalista necessite buscar certo equilíbrio entre diferentes papéis sociais representados por essa multiplicidade de discursos.

Essa equação, essencialmente languageira, é uma das grandes complexidades dessa atividade. Talvez seja, inclusive, sua própria força motriz. Apesar de saber que o caráter interdiscursivo é constitutivo de qualquer processo de enunciação, no caso da atividade jornalística, esse encadeamento de discursos é sua própria razão de existência, é dele que ela se nutre, necessariamente, para existir, constituindo uma cadeia de enunciados que se encerra, como atividade de trabalho, com a publicação da matéria.

Por fim, gostaríamos de ressaltar o que julgamos constituir algumas das principais características da atividade do jornalista apreendidas pelos procedimentos metodológicos aqui empregados, fundamentalmente pelo método de instrução ao sócia, sendo a principal delas destacada em negrito neste parágrafo e as demais, nos parágrafos subsequentes. A partir da análise foi possível perceber que o jornalista/protagonista desta tese vive um verdadeiro **dilema** no exercício de sua atividade, ora se colocando como representante da empresa, incorporando seu discurso, como mostra grande parte dos trechos analisados de seus enunciados, ora se vendo admirado com tantas tarefas a cumprir para desenvolver sua atividade de trabalho no interior da empresa, realizando um verdadeiro debate de valores, numa relação de tensão entre a norma e a necessidade de renormalização, entre as prescrições, sejam elas escritas ou não, e a realização do conjunto de suas incumbências, pressionado pela *rapidez* e *exatidão* – dois dos quatro princípios da Reuters. Consideramos o **dilema** vivido pelo jornalista/protagonista desta tese a característica central de sua atividade.

É em torno desse dilema que o jornalista orbita no seu cotidiano profissional, tendo de **enfrentar as questões deontológicas e discursivas** inerentes à sua atividade. Ele é forçado a realizar escolhas que vão desde **ações elementares** como **levantar da cama de manhã logo cedo para ler os jornais e não perder nada de importante**, segundo a Reuters, que esteja acontecendo no mundo, **ligar para outro funcionário** da empresa no Brasil ou em outro país e **orientá-lo** sobre o que fazer para **não levar os temidos furos de reportagem, ajustar os textos a serem publicados na tela do computador, participar de reuniões de pauta**, diariamente, até **realizar viagem para cobrir determinado evento** de sua editoria - de commodities agrícolas.

Acreditamos que o método de instrução ao sócia possibilitou a explicitação dessas ações características da atividade do jornalista, uma vez que a riqueza de detalhes proporcionada pelo método é responsável pela descrição minuciosa das tarefas a serem realizadas para o desenvolvimento da atividade profissional porque conta com a participação efetiva do trabalhador no processo de instrução e reflexão implicado no próprio método.

O **dilema** vivido pelo jornalista pôde ser percebido por meio do desenvolvimento do método de instrução ao sócia, que possibilita ao trabalhador discorrer acerca de sua atividade ocupando o duplo lugar: o de quem executa a atividade e o daquele que dela se distancia para instruir um outro que, no fim das contas, é como se fosse ele próprio, é o seu duplo, seu sócia.

Parece um paradoxo que no lugar de produção e tratamento da informação, a rapidez e a exatidão estabeleçam um **ambiente de silêncio** entre os profissionais da linguagem. Quase não se ouvem as vozes dos jornalistas, **todos ficam concentrados em suas telas de computador** para que nada se perca e tudo seja publicado rápido e com exatidão antes dos concorrentes.

É nesse **clima de tensão** entre o tempo cronológico, sempre exíguo, e o tempo do fluxo contínuo da produção, “materializado” no conjunto de afazeres cotidianos de sua atividade, diante dos aparelhos de televisão existentes na sala, do telefone e das duas telas de computador de cada um, que o jornalista trabalha. Essa realidade explica, em parte, a **pouca movimentação no interior da agência**, ao contrário do que ocorria nas

redações dos jornais em outras épocas anteriores ao advento das novas tecnologias e do capitalismo flexível, onde a correria e a gritaria caracterizavam grandes momentos do mundo da notícia.

O interior da agência de notícias em tempo real é muito semelhante ao de uma empresa de telemarketing, onde os **trabalhadores aparecem munidos de fone de ouvido, telas de computador** e são **monitorados por alguma central** que, ao final de cada dia divulga os resultados da concorrência do mundo da informação, os ganhos e as perdas por minutos ou até mesmo por segundos. Esse *ranking*, ao mesmo tempo em que serve de parâmetro para os trabalhadores se auto-avaliarem e, quando for o caso de perdas na disputa pela primazia da notícia, tomarem as providências cabíveis para superação do problema, de acordo com as corporações flexíveis, contribui também com o aumento da tensão, intensificando o debate de valores no desenvolvimento da atividade jornalística, que tem como meta a antecipação da informação.

Toda essa tensão pela primazia da notícia acaba por limitar o processo de investigação das informações recebidas pelos jornalistas por intermédio de suas fontes, aumentando as possibilidades de os profissionais da imprensa tornarem-se cada vez mais “refêns” de suas fontes, por um lado, e o público leitor dispor de informações repetidas em diferentes meios e veículos de comunicação. Resta ao jornalista acreditar em suas fontes a ponto de, muitas vezes, divulgar o que elas dizem como “verdade” para não ser surpreendido pela concorrência, em que pese a própria Reuters afirmar que a exatidão e a imparcialidade devam prevalecer sobre a rapidez. Contudo, o cruzamento das pressões cotidianas da profissão na sociedade do tempo real podem não garantir essa primazia, ao contrário, podem comprometê-la cada vez mais seriamente. Talvez seja essa a causa principal do dilema vivido pelo jornalista no exercício de seu ofício.

Levando-se em conta as três possibilidades de ocorrência das práticas languageiras (*linguagem como trabalho, linguagem no trabalho e linguagem sobre o trabalho*), como sugere Nourodine (2001), já abordadas no capítulo de fundamentação teórica, e a partir da utilização do método de instrução ao sócio, foi possível depreender que na atividade do jornalista a linguagem é, a um só tempo, a matéria prima e o produto final publicado para o conjunto dos leitores e que esse método estabelece condições para que o trabalhador fale sobre sua própria atividade, na condição de alguém que a conhece e

tem, com a utilização do método, a possibilidade de refletir sobre sua atuação profissional, em que pese a complexidade engendrada em qualquer atividade de trabalho.

O método de instrução ao sócia contribui para que o trabalhador articule passado e futuro de sua atividade colocando-se como aquele que faz e que instrui o outro a fazer como ele faz. É a reflexão sobre a atividade projetando o fazer da atividade pelo mesmo que na verdade é outro apenas tentando se passar como se fosse o mesmo. É uma relação entre passado e futuro organizado pelo presente, sendo o presente materializado na própria instrução ao sócia, ou seja, entre passado e futuro da atividade profissional se interpõe uma atividade linguageira, esta como organizadora daquela.

Até mesmo pela complexidade inerente a toda atividade, a reflexão sobre ela constitui-se em condição para uma atuação mais conseqüente, mais produtiva e mais saudável do trabalhador. Nesse processo reflexivo, a linguagem desempenha o duplo papel de dispositivo revelador e dispositivo organizador da atividade, uma vez que não há linguagem sem atividade nem atividade sem linguagem, mas o entrelaçamento de uma na constituição e realização da outra.

## REFERÊNCIAS

ABREU, A. A. (2002) *A modernização da imprensa: 1970 – 2000*. Rio de Janeiro, Zahar.

ALVES-MAZZOTTI, A. J. e GEWANDSZNAJDER, Fernando. (1998/2001) *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo, Pioneira.

AMORIM, M. (2004) *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas Ciências Humanas*. São Paulo, Musa

BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV). (1929/1992) *Marxismo e filosofia da linguagem*. 6 ed. Trad. M. Lahud e Y. F. Vieira. São Paulo, Hucitec.

BAKHTIN, M. (1979/2000) *Estética da criação verbal*. Trad. M. E. G. G. Pereira. São Paulo, Martins Fontes.

BAKHTIN, M. (1979/2003) *Estética da criação verbal*. Trad. P. Bezerra. São Paulo, Martins Fontes.

BAUMAN, Z. (2000/2001) *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro, Zahar.

BERMAN, M. (1982/1986) *Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade*. São Paulo, Companhia da Letras.

BORGES, M. E. S. **Trabalho e gestão de si: para além dos “recursos humanos”**.

*Cad. psicol. soc. trab.* [online]. dez. 2004, vol.7 [citado 18 Julho 2008], p.41-49.

Disponível em: <[http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-37172004000100005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172004000100005&lng=pt&nrm=iso)>. ISSN 1516-3717.

BOURDIEU, P.(2004) *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo, Perspectiva

BRAIT, B. (1997). *Bakhtin, dialogismo e a construção do sentido*. Campinas, Editora da UNICAMP.

BUCCI, E. (2000) *Sobre ética e imprensa*. São Paulo, Companhia das Letras.

- BUCCI, E. & KEHL, M. R. (2004) *Videologias*. São Paulo, Boitempo.
- CARDOSO, M. L.(1978). *Ideologia do desenvolvimento - Brasil: JK - JQ*
- CHAPARRO, M. C. (1998/2000) *Sotaques d'aquem e d'além mar*. Santarém, Jortejo.
- CHAPARRO, M. C. (2001) *Linguagem dos conflitos*. Coimbra, Minerva Coimbra.
- CLOT, Y. & Faïta, D. (1999) *Genre et style e analyse du travail. Concept et methods Laboratoire de psychologie du travail*. Paris, CNAM.
- COMTE-SPONVILE, A. (1995/2000) *Pequeno tratado das grandes virtudes*. São Paulo, Martins Fontes. Trad. E. Brandão.
- DANIELLOU, F. (2002) *Les travail des prescriptions* In actes du 37ème Congress de la Société de l'Ergonomie. Aix-en-Provence pp. 9-16.
- DINES, A.; VOGT, C. & MELO, J. M. (orgs.) (1997) *A imprensa em questão*. Campinas, UNICAMP.
- FERRARI, P. (2004) *Jornalismo digital*. São Paulo, Contexto.
- FOLHA DE S. PAULO. (2002). São Paulo, Grupo Folha, 12 ago. 2002.
- REITAS, M. T.; SOUZA, S. J.; KRAMER, S. (orgs.) (2003). *Ciências humanas e pesquisa*. São Paulo, Cortez.
- GERALDI, J. W. (1991/1993) *Portos de passagem*. São Paulo, Martins Fontes.
- GOMES, M. R. (2002) * tica e jornalismo: uma cartografia dos valores*. São Paulo, Escrituras.
- GÓMEZ, A. I. A (1998/2001) *A cultura escolar na sociedade neoliberal*. Porto alegre, Artmed.
- GORZ, A (1988/2003) *Metamorfoses do trabalho: crítica da razão econômica*. Trad. Ana Montoia. São Paulo, Annablume.

GORZ, A (2003/2005) *O imaterial – conhecimento, valor e capital*. Trad. Celso Azzan Jr.. São Paulo, Annablume.

GUÉRIN, F. et. Al. (1997/2001) *Conhecer o trabalho para transformá-lo: a prática da ergonomia*. Trad. G. M. J. Ingrata e M. Maffei. São Paulo, Edgar Blücher.

HABERMAS, J. *Mudança estrutural na esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro. Trad. F. R. Kothe.

HALL, S. (1992/2001) *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, DP&A.

IBGE. Disponível em

<http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2007/03/28/materia.2007-03-0899202743/view>

IBGE. Disponível em

[http://ultimosegundo.ig.com.br/economia/2007/07/25/sal225rio\\_m233dio\\_do\\_setor\\_de\\_servi231os\\_caiu\\_38\\_em\\_5\\_anos\\_938500.html](http://ultimosegundo.ig.com.br/economia/2007/07/25/sal225rio_m233dio_do_setor_de_servi231os_caiu_38_em_5_anos_938500.html)

KARL, M. (1845). *Ideologia alemã*. Versão eletrônica disponível em <http://www.jahr.org>].

KOSIK, K. (1963/1995) *Dialética do concreto*. Rio de Janeiro, Paz e Terra. Trad. C. Neves e O. Toríbio.

KOTSCHO, R. (2006) *Do golpe ao Planalto: Uma vida de repórter*. São Paulo, Companhia da Letras.

LEVY, P. (1990/2004) *As novas tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Ro de Janeiro, Editora 34.

MAINGUENEAU, D. (1984/2005). *Gênese dos discursos*. Trad. Sírio Posenti . Curitiba, Criar.

\_\_\_\_\_. (1986/2000) *Termos-chave da análise do discurso*. Belo Horizonte, UFMG. Trad. M. V. Barbosa e M. E. A. T. Lima.

\_\_\_\_\_. (1987/1989) *Novas tendências em análise do discurso*. Trad. F. Indursky. Campinas, Pontes.

\_\_\_\_\_. (2001) *Análise de textos de comunicação*. São Paulo, Cortez. Trad. C. P. Souza-e-Silva e D. Rocha.

\_\_\_\_\_. (2008) *A propósito do ethos*. In: MOTTA, A. R. & SALGADO, L. (Orgs.) (2008) *Ethos discursivo*. São Paulo, Contexto.

MELO, J. M. (1987/1992) *Gêneros jornalísticos da Folha de S. Paulo*. São Paulo, FTD/ECA-USP.

MORETZSOHN, S. (2002) *Jornalismo em “tempo real” – o fetiche da velocidade*. Rio de Janeiro, Revan.

NOVAES, A. (1991) *O olhar melancólico*. In *Rede Imaginária*. São Paulo, Companhia das Letras.

NOURODINE, A. (2002) *A linguagem: dispositivo revelador da complexidade do trabalho*. In SOUZA-E-SILVA, M. C. P. e FAITA, D. (Orgs.) (2002) *Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França*. São Paulo, Cortez, PP. 7 – 30.

ODDONE, I. et al. (1981) *Redécouvrir l’expérience ouvrière*. Paris, Messidor.

POSSENTI, S. (2002) *Os limites do discurso: ensaios sobre discurso e sujeito*. Curitiba, Criar.

POSSENTI, S. (2005) *Teoria do discurso – um caso de múltiplas rupturas*. In:

MUSSALIN, F. & BENTES, A. C. (Orgs) *Introdução à lingüística – fundamentos epistemológicos*. São Paulo, Cortez, p 355.

RAMONET, I. (1999/2001) *A tirania da comunicação*. Petrópolis, Vozes.

- REBELO, J. (2000/2002) *O discurso do jornal: o como e o porquê*. Lisboa, Notícias
- ROCHA, D; DAHER, M.del C.; SANT'ANNA, V (2004) *A entrevista em situação de pesquisa acadêmica: reflexões numa perspectiva discursiva*. Polifonia - Revista do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem - Mestrado Instituto de Linguagens - UFMT, ano 7, no. 08. Cuiabá: Editora Universitária.
- ROSSI, C. (1980/2000) *O que é jornalismo*. São Paulo, Brasiliense.
- SANT'ANNA, V. & SOUZA-E-SILVA, M. C. P. (2007) *Trabalho e prescrição: aproximações ao problema a partir dos estudos da linguagem*. Revista Matraca, n. 20, vol. 14, p.77-99.
- SARAMAGO, J. (1995) *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo, Companhia das Letras.
- SENNETT, R. (1998/2006) *A corrosão do caráter: conseqüências pessoais no novo capitalismo*. Rio de Janeiro, Record.
- SENNETT, R. (2006) *A cultura do novo capitalismo*. Rio de Janeiro, Record.
- SILVA, E. G.(2006) *Os (des)encontros da fé - Análise interdiscursiva de dois movimentos da Igreja Católica*. Tese de doutorado. IEL- UNICAMP.
- SILVA, J. M, SILVEIRA, E. S. (2007) *Apresentação de trabalhos acadêmicos: normas e técnicas*. Rio de Janeiro, Vozes.
- SOUZA-E-SILVA, M. C. P. e FAITA, D. (orgs.) (2002) *Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França*. São Paulo, Contexto.
- SCHWARTZ, Y. (1998) *Os ingredientes da competência: Um exercício necessário para uma questão insolúvel*. Educ. Soc. v. 19 n. 65 Campinas Dez.
- SCHWARTZ, Y. (2000). *Trabalho e uso de si*. In: *Pró-Posições*. Campinas, Vol,11 n.2 (32), p.34-50. Tradução de Maria Lúcia da Rocha Leão, Revisão Técnica de Maria Inês Rosa, UNICAMP.
- UFRJ. (2006) *Jornalismo Internacional* Disponível em [www.eco.ufrj.br/pet/jorninter/jornalismointernacional\\_apostila.doc](http://www.eco.ufrj.br/pet/jorninter/jornalismointernacional_apostila.doc)

## ANEXOS

## **ANEXO 1**

### **Manual de Operações Editoriais da Reuters**

## **ANEXO 2**

### **Entrevista com jornalista/protagonista da pesquisa**

## **Entrevista com Marcelo Teixeira – Jornalista da Reuters**

**Pesquisador** - O que levou você a escolher essa profissão?

**Jornalista** - Acho muito difícil na idade que a gente vai pra faculdade. Decidir o que você vai ser pro resto da sua vida. Mas, na época, foi gostar de escrever, mesmo. Sempre gostei muito de ler e escrevia muito bem, né. No colégio, as redações, tal, sempre escrevia muito bem. Era um dos melhores. Eu achei que eu devia ta em alguma relacionada a escrever. Ler e escrever.

**Pesquisador** - Você gostava de escrever que tipo de texto? Tinha algum estilo específico, algum gênero, ou num geral?

**Jornalista** - Não, não tinha assim um estilo definido. Esse tipo de coisa, 16, 17 anos...

**Pesquisador** - Não, eu digo assim, não um tipo de escrita, mas um gênero. Gostava de escrever conto, gostava de escrever poesia, de escrever textos dissertativos...

**Jornalista** - Não, geralmente isso que digo que gostava de escrever e tal, eram essas coisas relacionadas à escola mesmo, né. Mais a estudos, mesmo. Nada muito literário ou, ainda, né. Mas um conto ou outro, alguns trabalhos literários também escrevia. Mas não relacionado à poesia, não. Mais uma narração. Ou alguma coisa relacionada ao cotidiano, informativo.

**Pesquisador** - Você fez o curso aonde, Marcelo?

**Jornalista** - Eu fiz Jornalismo na Universidade Estadual de Ponta Grossa, perto de Curitiba. É uma das universidades estaduais ali do sistema do estado.

**Pesquisador** - O curso que você fez, você acha que ele forneceu subsídio bem razoáveis pra você hoje desenvolver sua profissão?

**Jornalista** - Acho que ele ajudou, sim ajudou sim. Alguns professores, algumas pessoas que eu encontrei ali colaboraram, com certeza. Não acho que ele seja assim imprescindível. Mas eu acho que pra mim funcionou. Eu acho que eu melhorei, aprendi a fazer o negócio, assim. Uni isso aí com a experiência que eu já, eu trabalhei no jornal local. No segundo semestre da faculdade eu já me encaixei num jornal. Ele tava precisando de alguém... Eu fiquei lá 3 anos. Então, isso..., paralelo à faculdade. Acho que esse conjunto aí foi interessante. Mas eu acho que a faculdade foi legal de uma maneira geral, né. Você perde muito tempo também, né. Não é uma coisa intensiva. Por exemplo, tudo que eu aprendi, realmente de valor, eu poderia ter aprendido em dois anos. Dois anos e meio...

Você acha que a formação deveria ser muito mais específica ou você acha na profissão do jornalista, uma formação mais ampla, que deveria ter uma formação mais ampla, mais global. Para a partir daí, ele fazer os filtros, ele julgar . O

que você pensa disso, acha que os cursos devem ser mais profissionalizante ou eles devem ter uma outra parte que deve forneçam uma formação um pouco mais ampla?

**Jornalista** - Eu acho que não devia ser tão estritamente profissionalizante não, acho que importante, aqui mesmo na Reuters a gente tem alguns casos de estagiários que chegam que você vê que eles têm algum talento pra escrever, você percebe que falta uma vivência..Acho que essa vivência é importante. Aquelas matérias de sociologia, psicologia, economia do Brasil, acho que são importantes, acho que é válido. Achei legal. Talvez, a gente ter um modelo como existe em outros países: de um curso mais reduzido e mais específico pra quem já tem uma graduação. Aí seria uma coisa diferente. Pra habilitar essa pessoa pra exercer o jornalismo. Mas, pra quem tá começando, primeira faculdade? Eu acho que o curso tem que ser mais amplo, mesmo. Esse embasamento de outras áreas, acho que é importante.

O que você acha que devia ser mais reduzido, em termos de tempo?

**Jornalista** - Não, não tô falando que, acho que, não sei se isso é uma coisa que também ocorre em outros cursos de graduação, né. Essa coisa meio dispersa. Essa sensação de que o tempo é mal aproveitado na universidade, entendeu?

Pra que que servem aquelas matérias, aqueles conteúdos...

**Jornalista** - É. E a forma como é aplicado, a forma como são desenvolvidos aqueles conteúdos. Até mesmo o conteúdo programático que o professor prepara, né? Insuficiente, às vezes, ou disperso.

É, esse é um problema que a gente vive. É um dilema. Eu trabalho numa faculdade também de jornalismo. A gente vive esse dilema sempre: será que o que a gente trabalha realmente vai fornecer muitos subsídios pra o cara exercer realmente a função dele? Essa é sempre uma dúvida que a gente tem. E a gente só consegue ver isso no dia-a-dia.

**Jornalista** - É acho que isso é um problema estrutural, mesmo. Mas, não é geral. Alguns professores, eu senti que o tempo era totalmente bem aproveitado... e que você nem via passar. Chegava o fim do dia: ô que legal, aprendi alguma coisa. Acho que é um problema, realmente, do sistema como um todo.

E esse talvez nem seja um problema só do Brasil, talvez seja um problema geral, né?

**Jornalista** - Pode ser também. Um problema geral.

Bom, daí o seguinte: não sei se entendi bem, você já até falou, se você acha que pra ser jornalista tem de ser formado em jornalismo? Essa é um discussão muito polêmica entre os jornalistas. Houve debate há pouco tempo inclusive, na criação do Conselho Federal, tal. Outra questão polêmica, aquela. Isso veio à tona naquele momento. O que é que você pensa disso?

**Jornalista** - É, eu... acho que o ato de escrever em si é uma habilidade meio natural numa pessoa, né. Tanto é que existem jornalistas que não fizeram o curso de jornalismo e são ótimos jornalistas e tem pessoas que fizeram o curso e

são péssimos jornalistas, hahaha. Então se você for ver pelo que tem no mercado, eu diria que não, né? Que ter o curso não é uma coisa fundamental pra pessoa ser um bom jornalista, ou um jornalista ético. Acho que isso tá mais relacionado ao caráter e à formação que essa pessoa teve até então, né? ....

Tá certo...

**Jornalista** - Eu acho que não é, eu acho que não é, eu acho importante. Eu acho que vale. Eu não sou daqueles que ...isso tem que acabar. Eu acho válido. Eu não me arrependo de ter feito. Achei legal, aprendi... algumas coisas, mas também acho que tem pessoas que tem condições de ser jornalistas sem ter passado pelo curso.

Certo... aí você acha, são duas coisas diferentes: uma coisa é ter formação em jornalismo... outra coisa é ter uma graduação! Você acha que é fundamental que ele tenha uma graduação? (A...) Ou que ele... ou que isso também não é uma coisa...

**Jornalista** - Eu não diria que isso tenha que ser uma coisa legalmente estabelecida... Acho que é importante... E no fim, de qualquer maneira, o que vai, o que vai definir quem vai ser jornalista ou quem vai ficar... ou se o mercado... ou não é a competência, né? Eu acho essa profissão nossa muito prática nesse ponto. Quem... Geralmente... Eu não sei pra outros cargos, em outras repartições, tal. Mas, no setor privado da comunicação, geralmente fica quem sabe fazer, né?

Mas, você não acha que aí tem um problema pra entrar, por exemplo: só pode mensurar competência depois que você entra no mercado. Mas, pra você entrar, como é que você se qualifica pra entrar? Como você se candidata àquilo? Aí é onde eu... São duas coisas, dois momentos diferentes: uma coisa é pra você ingressar no mercado e aí as empresas fazem exigências... e a outra... ainda mais com o desemprego que tá aí... porque elas fazem muitas exigências... E uma outra é quando você se estabelece, você já entrou no mercado. Aí como é que você faz pra se manter no mercado de trabalho? Que aí você falou da competência e tal... isso seria no segundo momento, mas num primeiro momento... Eu queria saber de você o seguinte: como as empresas agem assim, o que é que você pensa disso? Se não teria que ser assim? Talvez tivesse outras formas de você selecionar e de você montar os quadros de funcionário em cada empresa, como é que você vê isso? Você tem alguma idéia sobre isso? O que é que você pensa?

**Jornalista** - Tipo: o primeiro emprego do jornalista? é isso?

Por exemplo, pra você entrar no mercado, que tipo de exigência seria razoável que se fizesse? Que tipo de seleção? Não precisa ser uma coisa...

**Jornalista** - Se a gente tivesse descartando a faculdade? (Aí não, aí você vai dizer se tem que ter a faculdade porque seria um critério, ou se não..)

Não, não, eu acho..., como nos processos de seleção que a gente faz aqui, com pessoas que estão começando a trabalhar pela primeira vez, né. Envolve várias coisas, né? Tem entrevista, tem os testes aí, tem... a questão de 'personalidade... Tudo isso é analisado. E... e aí tem a questão de fluência de texto – uma coisa que a gente gosta de

observar, né? Se as pessoas fazem redações, se ela tem esse poder de, de, de, de definir uma idéia, de ligar as coisas certas, de um começo, meio e fim, né? Se é uma pessoa que sabe transmitir, né? O bom repórter é aquele que transmite a mensagem adequadamente. Consegue ser claro, né?

Mas, você acha que nesses critérios, a graduação seria um dos critérios ou não? Ou ela poderia não ser?... De qualquer área que seja agora eu to falando...

**Jornalista** - Sei, eu acho importante. Eu acho importante (você acha que tem que ser um critério?) Eu acho importante. (Ta certo)

Você acabou falando algo sobre a fluência do texto... Mas, eu queria algo... um pouco... que eu não fiz a pergunta mais diretamente... Eu queria... que você acabou de falar, né? Ter uma preocupação ética, tem que ter fluência no texto, como você escreve... pra ser um bom jornalista. Você tava respondendo a uma outra pergunta, você acabou definindo o que seria um bom jornalista pra você, né? Eu queria perguntar mais precisamente sobre isso. Se você teria algo mais a acrescentar? Além disso que você falou pra ser um bom jornalista hoje, por exemplo, o que é que você acha que ele precisa ter?

**Jornalista** - É... uff, acho que a pessoa tem que ser, ela tem que ter umm, ela tem que ser mais um, ela tem que ser razoavelmente bem informada, saber um pouco de tudo que acontece, de uma maneira geral, na sociedade. Ter um pouco de noção de economia... é fundamental, história, esses lados todos, (Entra alguém na sala e pergunta: tudo bem? tão numa reunião aqui? Marcelo responde: Tamo aproveitando a sala) eu acho isso importante. Acho que... a questão doooo... acho foco um negócio bem importante. Dooo... principalmente no trabalho, no começo, ali, quando você começa a ir pra rua, começa a... acho que... hoje uma coisa que você vê muito em jornalistas que tão começando...eles vão pra uma cobertura, eles voltam sem saber o que é notícia. Esse, esse senso de notícia, o que é notícia? Uma coisa difícil, né?

É, saber trabalhar os dados, selecionar os dados que ele tem, como é que ele, como é que ele... o que é que é fundamental? O que é que não é, né?

**Jornalista** - Isso, uma coisa que a gente percebe. Muitas vezes o jornalista, que ta começando, ele volta de uma cobertura, ele não sabe o que é importante ali. Muitas vezes ele acaba colocando um monte de coisa sem saber o que é importante ali... então esse foco, esse senso de notícia é importante, eu acho.

E daí você também falou sobre isso, agora mais precisamente, assim... Que essa é uma questão muito... é sempre uma questão polêmica... é sempre um problema, eu vejo, eu escrevi um pouco sobre isso quando eu fiz o mestrado, e aí eu li um livro de Eugêni Bucci – Ética e imprensa – ele dizia que a questão da ética, ele diz que ela não é... ela não é... levada em conta, não é levada muito em conta no cotidiano dos jornalistas... Ele não leva muito isso em conta. Entre os jornalistas não há muita discussão, talvez haja preocupação...mas ela não faz parte de uma discussão da rotina do cotidiano do jornalista. Como você vê essa questão... que relação você vê entre a ética e o exercício da profissão de jornalista?

**Jornalista** - É, acho que é um pouco isso mesmo...muitas vezes fica um pouco em segundo plano...Entre você ser... entre o jornalista ser 100% ético e perder uma grande reportagem... você prefere...,né? ele prefere não perder a grande reportagem e o veículo também prefere não perder, né? Então, isso muitas vezes, isso tem ficado, a gente tem visto casos aí recentes, né? Na imprensa, no Brasil, Mostra um pouco isso mesmo, realmente. Mas, acho que isso é uma questão também global, né? Uma questão até, a gente vê isso direto. O mundo todo também...

É. Você não acha que isso tem muito a ver, claro, deu pra perceber pelo que você acabou de falar... é... tem a questão das necessidades também, né? Num país como o nosso, onde tem muito desemprego... Eu não to... eu queri ver com você isso ó... que há muito desemprego, essa questão pra você ter um furo de reportagem, por exemplo, qe busca por um grande furo, você acaba, é o que você acabou de falar, acho, subjugando, subordinando as questões éticas a esse furo de reportagem a essa grande matéria, tal... Você não vê uma relação muito direta entre os seus princípios éticos e até, algumas deontológicas... E aquilo que é o cotidiano de uma empresa, cotidiano da profissão...tal... porque tem poucos empregos... há muitos...

**Jornalista** - Não, eu acho que, com certeza, essa concorrência de, de... principalmente pra quem tá começando, né? Ou mesmo pra um repórter que ta no seu primeiro, segundo ando...de trabalho... isso é umaaa... ele tem que, ele se sente, né? pressionado a emplacar uma coisa de vulto, né? Que possa dar alguma vantagem comparativa a ele em relação a outros aí. Até pra se afirmar... ou pra subir... essa ambição, essa coisa... ela tá bem presente. No nosso meio, muito presente! E às vezes, ela... isso faz com que alguns valores fiquem em segundo plano, com certeza. Isso no nosso meio é uma coisa presente, sim.

O que é que você diria, o que você caracterizaria hoje, por exemplo, porque... (acho que vai um pouco da chefia, né? [Ah, isso que eu queria perguntar..])

**Jornalista** - Isso vai da chefia saber administrar isso, tem que ficar atento pra esse tipo de coisa, né? Aí que, quando o cara ta começando, ele tem que ter, alguém vai ter que colocar pra ele qual que é o limite, né? Até onde ele pode ir, o que é que ele precisa... o que é correto ele fazer pra, pra, pra atingir assim esse avanço na carreira...o que é que não é aceitável, né? alguns lugares não impõem esse tipo de coisa. Nessa correria toda, o enxugamento das redações, de uma maneira geral, né? Alguns jornais quem sabe aí: Agora, esses jornais menores... e que são feitos por pouquíssimas pessoas, né? Bom, esse editor que cuida da, a gente sabe que tem editores nesses jornais menores que cuidam de duas três editorias, que fecham quase o jornal... Ou seja, esse cara não vai ter tempo de fazer quase nada, né? Vai chagar ali pra ele, pra ele dar uma última olhada, e aí vai pecar, com certeza. Esse repórter vai crescer num ambiente desse meio sem...né? [os parâmetros] É. Que é uma coisa já não acontece em outros, alguns outros veículos são bem.. são mais sérios nessa questão, né? Têm mais acesso a pessoas mais experientes, tal... [ta certo...] eu acho...

Bem, daí o seguinte, Marcelo, algumas questão... pergunta mais gerais como foram essas, agora eu quero chegar a perguntas mais na sua atuação aqui na Reuters, as outras perguntas são mais...direcionadas a isso, né. Então, eu queria que você descrevesse, definisse, né, quais são suas funções aqui na Reuters? Qual é sua função? Se tem uma principal, o que é que você, o que é que ela... o que é que ela implica?

**Jornalista** - Eu sou... quando eu cheguei aqui já foi pra fazer esse serviço, né, que é coordenar uma... um serviço novo de informações, dirigido ao mercado de commodities. E mais especificamente commodities agrícolas. Então... essa cobertura toda dirigida ao mercado, às pessoas no mercado que mexem com esses produtos: soja... café... açúcar... álcool...a parte de carne... suco de laranja...e algodão... esse tipo de coisa. Então, é nesse, nesse, eu vim pra coordenar, dar uma cobertura noticiosa, com foco específico em mercado, né... nas transações desses produtos aqui dentro. E é isso que eu faço, eu sou coordenador e editor, né... Eu olho quase todos os textos que vão pro ar...faço... eu dou uma olhada antes deles irem pro ar... geralmente sou que solto quase todos esses textos, quase...e dou uma coordenada na cobertura... aonde a gente vai... uma freela... um... cobertura aqui, ali... Brasília... como a gente desenvolver um negócio, cobrir algum assunto ou outro.

Você cobre, você cobre eventos ligados à área de commodities no Brasil... ou tem uma região específica?...

**Jornalista** - Não, no Brasil em geral... e também eu coordeno, dou uma olhada no processo de tradução, né... de algumas matérias... que vê de fora... também sobre commodities, sobre esse setor, né... Aí, dos mercados lá fora, né... que tratam dessa, desses produtos. Aí eu também dou uma olhada nas traduções e tal... Então, aqui na Reuters todo mundo tem um pouco essa função, né...Além de você ser um jornalista, você tem que ser um pouco tradutor, né? Você... tem que saber interpretar...contexto, tal e tal... Então essa parte de língua também é bem importante aqui. Mesmo as traduções que são feitas por outras pessoas, depois eu dou uma conferida, olho no original, vejo se é aquilo mesmo...pra que ela fique bem fiel ao original, né? Se realmente...

Você faz de traduções...de que língua pra que língua?

**Jornalista** - De inglês para o português e de espanhol para o português. Mais inglês. Às vezes um ou outro aqui faz uma outra língua, tal... quem domina outro idioma. Mas é muito difícil, normalmente é inglês e espanhol. [Ceerto...]

E me diga uma coisa... quando você fala o editor, qual é a função dele? Qual seria a principal função dele? Qual é a função do editor? O editor, né... que você fala que conjuga duas funções: de editor e de coordenador...coordenador seria aquela função que você descreveu, né? A pessoa que... organiza a área, diz quem vai cobrir o quê? Quem vai pra onde... que evento vai ser coberto... coordenador nesse sentido...e quando você do editor ééé...o editor é aquele que, é uma es... pelo que você falou...ele lê o texto e faz as, as ... correções, tal ... as adaptações, tal... seria essa a função dele, não?

**Jornalista** - Acho que sim, né? Ele meio que dá uma padronizada no texto, ele, ele, ele confere se tá, se tá exato, se as coisas estão corretas... esses cenários, esses contextos ali são adequados e também ele coloca o estilo, ali do, do, veículo, né? Padroniza aquele texto pra ficar no...no formato. E ele também, lógico, nesse processo, ele, ele ... orienta quem escreveu a matéria, né... O tempo todo! Né? Eu quando tô editando o texto o tempo todo eu tô em contato com quem fez o texto, direto. Se tem alguma coisa errada... Então é um processo ali também de orientação, né? Pra que essa pessoa evolua no, no texto, né? Isso, isso fica bem patente aqui... Eu trabalho com pessoas que tão saindo da faculdade, né... que são jovens repórteres e tal...e a gente percebe isso que no início a gente orienta muito mais e

depois as orientações vão ficando mais esparsas... as pessoas... evoluem, aprendem o estilo e aprendem...captam. Mas é esse trabalho... basicamente.

E nesse processo, você também aprende com elas... ou, ou não?

**Jornalista** - Não, eu acho que a gente sempre um pouco, né? Rárárá. Eu acho que sim, claro. Mas, é, via de regra, é... nem sempre elas têm a liberdade... de dizer alguma coisa, assim... a gente deixa o espaço, eu sou uma pessoa bem aberta. Mas, normalmente a gente, a gente orienta muito mais do que...do que aprende alguma coisa. Mas sempre aprende um pouco, sim.

Tá certo... aí você falava... teve uma parte na sua fala que você disse que conversava muito com, com... que há muita conversa entre você e, e quem escreve o texto, né, e tal... Nessa relação, há uma preocupação sua com a preservação com relação àquilo que a pessoa escreveu ou você, você não se preocupa com isso? Ou você não vê isso? Bom, tá um problema aqui, tal...você já vai lá e... ou você vai lá e pergunta pra pessoa... Até por... isso tem a ver com o ritmo da empresa, só pra...( Tem, tem) Como você trabalha isso, como você...

**Jornalista** - Não, acho que tem algumas coisas que você...altera automaticamente, né? Sem muito...Por exemplo, a Reuters tem uma preocupação muito forte com concisão. O tamanho, o tamanho de texto, entendeu? Isso tem sido atualizado. A gente temuns... apesar de ser, apesar de ser um veículo que, teoricamente, você poderia escrever o tamanho que você quisesse de texto porque você não vai colocar ele numa página, né? Ele vai pro meio eletrônico. Mas, as pessoas, a Reuters sabe que o mercado que a gente trabalha, são pessoas que têm o ritmo muito rápido de, de trabalho... Eles não ter tempo de ler, né... Então a gente tem uma preocupação tanto com o tamanho dos títulos e tamanho dos textos... Então, tem sempre essa preocupação. Então, alguns trechos, eu tenho simplesmente que reduzir, aqui. Se isso tem cinco linha eu posso dizer em três, eu digo em três. E outros trechos... agora, se tem outros trechos que eu acho que ele é desnecessário...aí eu, aí eu troco uma idéia com a pessoa que fez o texto: você não acha que isso aqui pode ficar de fora? Ce não isso aqui ficou meio solto, aqui? Existe essa troca. Lógico, em última instância, eu decido (risos) porque... é minha função, né? A responsabilidade é minha... tô editando o texto. Mas, normalmente isso é feito em acordo. Se a pessoa vem e fala: - não acho que isso faz sentido por causa disso, disso e disso...e aqui embaixo ta dizendo... Eu posso concordar com ela. Tá bom, fica. Ou, geralmente, a pessoa fala: é verdade... Então, tiro. Muitas vezes é assim. Então, é isso que eu tô dizendo... algumas partes do texto, eu simplesmente retiro uma palavra ou outra, aqui. Reduzo um pouco, né? Torno... tento deixar ele mais direto, mais conciso. Em outra situações, não, eu falo com a pessoa...

Os textos que saem na, que são publicados, eles vão com o nome do jornalista, eles vão com o nome da Reuters? Como é que eles...

**Jornalista** - Eles vão com o nome do jornalista, vão com nome da Reuters e vão com o nome do editor. São três. E nas traduções, eles vão com o nome de quem... traduziu. Então, é bem completo. No pé tem lá o nome, de quem fez a matéria, tem o endereço de e-mail, normalmente. Tem o telefone, né. Porque se tem uma pessoa no mercado, que queira saber algum detalhe de imediato..Ela liga. É raro acontecer isso. Mas, às vezes as pessoas ligam: Ah, você que

fez esse texto? Não entendi direito isso aqui... Então, vai com o nome de quem fez, e vai com o nome de quem editou. Uma coisa diferente até... dos outros veículos. É difícil você ver isso.

A outra coisa que você falou essa questão do, do, da elaboração, tal, do texto, que tem também a questão da empresa...Eu pergunto aqui pra você que é o seguinte: você segue algum prescrito? A Reuters tem prescrito? Porque eu viii... é... Mário me entregou este manual, Manual de Operações Editoriais da Reuters, você conhece esse material? Usa, usa, como referência pra você? Não só você, mas você e sua equipe usam esse material? A Reuters exige que vocês usem esse material, por exemplo, pra... (Sim) e... tem mais algum além desse, não? Porque ele faz referência aí (Tem, Tem os manuais específicos. Eu tenho um, por exemplo, de cobertura de commodities) . Ah você tem esse manual? Você pode me passar... ou é uma coisa interna da Reuters? E não pode passar?

**Jornalista** - Não, sei... eu posso até consultar... se pode... talvez até não tenha problema... Só que tá em inglês... (Risos)

(Ah é?)

**Jornalista** - Não foi traduzido. Esse aí foi uma versão que eles fizeram

Foi até Adriana que fez... Esse sim, a gente pega, todo jornalista que chega à Reuters, ele recebe uma cópia... Ele é instruído a ler, lógico. A gente lê... eu li. E...lógico, às vezes, você consulta também, né? Mas, no dia-a-dia você vai, né? As pessoas vão falando: é assim, é assim... Então, a pessoa vai pegando, vai pegando já, o estilo, né? De como é feito, até nas coberturas, o que é que a gente pode dar... como é que a gente trata rumor de mercado, entendeu? Todo esse tipo de coisa. O que é o... como é que a Reuters cobra esse tipo de coisa... como é que a gente dá a notícia deee... que apareceu na televisão, por exemplo...se o que que você coloca lá na matéria de algo que aconteceu em outra cidade... você se situa aonde? Então, têm várias dicas de todo um... de como se deve se comportar...A questão de não colocar opinião, né...Na Reuters você não vê, você pode pegar todos os textos você não vê uma linha...né, se você comparar um texto da Reuters com assim com um texto da Veja... é uma coisa... parece que são dois jornalismo de outro planeta... Não tem, é proibido, né... a orientação é explícita ali...a Reuters, a grande característica da Reuters mundialmente essa ausência de lado, né...de imparcialidade...não tem... as pessoas levam isso bem a sério. Então, isso acontece. As pessoas cobram a gente disso. O tempo todo...não tem espaço! Às vezes eu pego o texto de alguém que chegou aqui há pouco tempo...e numa...e numa frase ali a pessoa fala uma coisa de, de, que ela ouviu de uma fonte, muitas vezes, mas tá escrito de uma maneira como se tivesse ele que tivesse falando... Daí você tem colocar lá: segundo alguém ou disseram tais pessoas...porque não pode nem assumir que é você que tá dizendo!

**Jornalista** - Eu li um pouco essa preocupação aqui no manual. Agora eu queria perguntar a você, aí a questão da linguagem...porque a gente discute muito sobre isso... aí aquela a velha discussão da imparcialidade, da objetividade. Você acha que é possível ser objetivo, ser imparcial? Como é que você essa questão? Porque essa é uma questão muito polêmica, há muitos estudos, muitos debates sobre isso... eu queria que você...

**Jornalista** - Acho que essa é uma discussão...uma discussão que não tem fim, né? Rarara É gigantesca. Acho que a ausência total!!! Completa!!!de imparcialidade, é difícil, né? É difícil. Você acaba... lógico, você busca isso, você busca

tratar um assunto com imparcialidade, né? Procura não tomar o lado de nenhum... Mas é...da maneira, da maneira como você escreve...até, né, às vezes vai dá, vai dar uma idéia pra pessoa que ta lendo que você mais favorável a isso ou aquilo. Acho a gente busca, acho que a maior parte do jornalismo busca não tomar posição. Também tem aqueles que toma explicitamente, rárár... mas essa é uma discussão difícil porque o que pode parecer parcial pra algumas pessoas pode não parecer pra outras.. é bem difícil

Acho que este seja talvez o grande dilema do jornalismo...

**Jornalista** - E mesmo, às vezes, pelas informações que você escolhe colocar na sua matéria, você pode tá indo mais pra um lado que pro outro, é ou não é?

O que é que é notícia, né? Notícia segundo aquele veículo, segundo aquele setor. E como tratar a notícia? Também é uma visão que se tem...Mesmo que você não escancare nenhuma opinião sobre aquele assunto, mas o jeito de você organizar e pôr lá...

**Jornalista** - É, a gente vê isso quando a gente recebe os releases, por exemplo, né? Por exemplo de dados de um setor, determinado produto... de primeiro semestre, né? Lógico, o cara que escreve o release, ele vai sempre buscar o lado positivo dos números (Rararara). E aí que a gente vai fazer... pegar aquele release e jogar fora! Quando você vai olhar os números em cru... Você até pede ao cara: me mande todos os números, uma tabelinha do excel com os números, eu quero ver! Não quero que você me diga! E, Às vezes, as pessoas até reclamam: “Pó, você disse que caíram as vendas e tal...” Caíram, em comparação ao mês passado... “Não, mas no acumulado do semestre elas subiram...” Ué?

Você vê uma propaganda que eu vi no metrô, por exemplo... eu não fiz nenhuma comparação com...eu fiquei pensando só esta semana, no metrô tá lá a propaganda: “A maior obra de extensão do metrô, da história do metrô” Propaganda do governador Geraldo Alckimim. Eu não sei se é a maior obra... porque ele tá aí há oito anos. Então se você pegar dois mandatos e comparar com outros dois mandatos de governadores diferentes, não sei se dá a maior obra... tá certo? Então, você tem essas, né? Essas questões que são... e aí...é quando você falava do emprego, do desemprego, por exemplo...o cara diz: “aumentou, aumentou em tanto, então essa é uma abordagem positiva, né? De quem ta desenvolvendo a política de emprego, de trabalho e tal...Mas se você faz uma comparação com outras épocas, por exemplo...Pode não ser um aumento. Tem que cruzar várias coisas, né? Mesmo com esse cruzamento aí tem...o que você não usou pra cruzar, né? Que dados você usou, né? Então, tudo isso...vai dar o enfoque...se eu fosse fazer daria um outro, o outro se fosse fazer...

**Jornalista** - Claro, aí muda já do, a partir do título já muda. Quer dizer, não é questão de ser parcial ou não. Às vezes, é o julgamento que a pessoa tem do que é notícia.

E você não acha que tudo isso tem muito a ver com a formação que você teve.. E escola, por exemplo...isso...

**Jornalista** - O quê?

Como é que você vê as coisas como você, você teve uma formação, eu não tô falando nem em formação geral lá, eu tô falando em formação mais acadêmica. Você que isso tem muito a ver com essas, um, um jeito de você ver as coisas, não só ela, mas se ela tem alguma importância no jeito de você ver as coisas e na abordagem que você faz das coisas? Você acha que isso tem alguma relação, não? Ou é muito pouco? No seu caso, por exemplo, as suas preocupações, elas foram, pegando esses dois momentos...

**Jornalista** - Acho que tem um pouco, sim da formação, formação acadêmica, acho que sim. Um pouco sim. Mas acho que tá bastante ligado também à formação da pessoa, né? Ao que essa pessoa teve...(um pouco de educação doméstica...) é...de embasamento familiar e convivência, acho que sim, né? É impossível você tirar uma coisa da outra. Certas, tem certa que não se aprende na faculdade, né? (Felizmente...rarara) Exatamente! (Tá certo)

Assim, você falava que tem... eu vi neste manual, ele faz referência, não sei se o nome é esse, mas ele faz referência a um Código de Conduta da Reuters, você conhece esse material, não? Acho que ele faz referência, acho que esse é o nome que ele dá, lá.. (Sim, acho...) Consulte o Código de Conduta, acho que é código de conduta... É um outro prescrito. Você falava que tem um outro prescrito específico da editoria?

Tem, uma espécie de manual que falava um pouco do mercado de commodities. O que é, como funciona. Cada editoria aqui na Reuters tem esse manual, ou é a sua particularmente que tem?

**Jornalista** - Eu acredito que as outras também têm alguma coisa assim também. Assim, mercado de ações, esse geral news que eles falam que é cobertura geral, assuntos gerais, cotidiano. Eles devem ter alguma coisa assim específico também. Eu não sei, exatamente, mas acredito que sim.

Tá certo. O que é que você...desses prescritos que você se lembra... Que aspectos desses prescritos – prescritos que to chamando são esses manuais, manual específico, o Código de Conduta da Reuters...tal. Qua aspectos desses prescritos você acha que são...que foram, que são, pra você fundamental pra que você desenvolva sua, as suas funções aqui na Reuters?

**Jornalista** - Eu acho que toda essa parte que trata como, que fala como você deve tratar a notícia, como você deve colocar ela, como você deve escrever mesmo... Acho que essa parte, ela foi útil, bastante útil! Como você deve abordar, como você deve falar com as pessoas...Essa questão de off...Essa questão de quando você deve entrar no assunto, quando você não deve, o que é que é permitido fazer ou não... Acho que tem sim... Algumas coisas a gente pega, não vou lembrar especificamente de um quesito... mas ajuda, lógico, até pra você se situar no tipo de trabalho que eles fazem aqui, né? Que é importante você tá padronizado. Saber fazer como eles fazem, né? Acho que isso ajudou um pouco.

Você tá aqui há quanto tempo, Marcelo?

**Jornalista** - Vai fazer três anos em janeiro.

Três anos... A Reuters existe há quanto tempo? Você sabe?

**Jornalista** - No Brasil?

Sim.

**Jornalista** - Fez cem anos agora, recentemente.

É mesmo?

**Jornalista** - É. A data do primeiro correspondente do Rio de Janeiro, é.

E ela, ela, ela surgiu onde? No Brasil, não? Ou em outro país? A Reuters...

**Jornalista** - O fundador é alemão. Ele fundou o serviço na Inglaterra. A Reuters é uma empresa britânica. Isso faz 150, 160 anos. Que existe a empresa. É centenária a empresa[rarara]

Eu também trabalho numa empresa centenária.

**Jornalista** - Ta precisando renovar aí, né...

{tocou o celular dele} Ele pede desculpa e atende: Alô? ... Tudo. Aqui eu to numa reunião zinha aqui, posso te ligar daqui a pouco?... Ta. Aquele mesmo?... Tá... Tá bom... Outro, tchau. {pede desculpa, novamente}

Nada, isso é bom que faz parte de sua rotina de trabalho. Isso é bom porque fica registrado. (rarara) Você não tem hora pra sair e ficar aqui sossegado, não. Faz parte, isso entra na minha pesquisa, entendeu? As interações, tal... tudo isso entra. Daí o segunite: eu queria ver o segunite: até porque você disse que trabalhou também, mesmo sendo num jornal local, na sua cidade e tal... Que diferenças há entre trabalhar como jornalista ou como editor, como coordenador, mas trabalhar numa empresa de jornal impresso e numa agência... a Reuters é agência de notícias, é isso? Que diferenças há entre trabalhar numa e em outra?

**Jornalista** - É a Reuters, durante um bom tempo, ela, ela, ela atuou como se fosse um jornal, né? As pessoas escreviam as matérias e as pessoas eram vendidas pros jornais. (É., eu via muito e nunca mais eu vi isso) É, mas isso mudou muito com o tempo. Então, ela se tornou muito mais uma agência de informações em tempo real do que uma agência que fornece as matérias que vão pros jornais, né? Quer dizer isso a gente continua vendo hoje em dia aqui. Então, o jornalista, ele tem que fazer... então se acontece alguma coisa, você, assim que você soube da notícia...isso, 3, 4 minutos, você já joga ela no ar, né? Você já joga uma frase, que eles chamam de snep aqui, né? Só um título, você joga ele sozinho. E aí, depois de 5 minutos você joga dois parágrafos, que entram colados nesses título. E depois de 15 minutos, você joga o texto que a gente de atualização, já com os 5 parágrafos, vamos dizer assim. (rarara) E aí você

começa a trabalhar na matéria do jornal, né? E aí sim, você vai apurar, você vai aqui, ali. E aí você faz atualização 2, atualização 3... e no final do dia você tem um consolidar, que eles chamam... aí sim, a matéria final do dia...

Você tem, você nessa etapa da matéria, você tem um horário específico pra isso, não , ou, ou, ou...

**Jornalista** - Essa é a grande diferença, eu acho, né? você falou diferença básica do jornalismo...do jornal e o jornalismo da Reuters é esse, né? Que a gente, a pessoa que paga um terminal, por exemplo, de informação da Reuters... Que é uma coisa cara, considerada cara! Acima de mil dólares mensais, ela paga esse dinheiro todo pra ter o direito de saber das coisas antes, antes de todo mundo mais! Ou seja, ele não quer esperar, ele paga pra não esperar pra ver no dia seguinte, ou seja, por isso esse sistema, do jeito que funcionam as coisas aqui, eu acho que não existe caminho mais rápido entre o jornalista e o leitor, na face da Terra, do que esse terminal, rarara, porque se alguém me passa uma notícia por telefone, que é uma notícia importante...que eu acabei de saber...eu bato o telefone, eu escrevo aquele título, aquele snep em 4, 5 minutos e eu jogo no ar, em, em 5 segundos ele entra na tela, né, o leitor tá lendo. Então, tipo, dez minutos depois de alguém falar uma coisa, 5 minutos depois de alguém falar uma coisa muito importante pra mim, o leitor já tá sabendo.

É quase que ouvir da própria fonte a notícia a informação...

**Jornalista** - É quase isso. Uma intermediação ali, ridiculamente rápida). Então, isso aí é, essa é a diferença básica, né? Aí você tá sujeito a, então a Reuters tem essa regra, né: Seja o primeiro, mas esteja correto, rarara. Essa coisa básica. Ou seja, ele te pressiona dos dois lados. Você tem que ser o mais rápido do mercado, mas você tem que tá correto. Porque a Reuters preza muito essa, né? Correção, né? Tá tratando das coisas certas, né? (Correção que você fala é a notícia, digamos verdadeira...) Ela preza muito você está correto, né? Então, a precisão, né? (Ele coloca lá como um dos valores da Reuters.) Seja o primeiro, mas seja preciso. Não faça...tipo ele quer que você seja o mais rápido a dar notícia mas também quer que a notícia esteja certa, né?

Ele, ele... assim, pelo que eu entendi, né? Você pode até deixar de dar a notícia se ela não tiver correta, mas você tem que dar a notícia. Porque você...você tem que ser mais rápido. Se a Reuters tem que ser a primeira a dar a notícia, digamos: você fazendo análise da linguagem, do conteúdo dela, seria assim...não sei com você vê isso, mas se ela tem que ser a primeira a dar a notícia e dar a notícia correta. Poderia, o jornalista poderia pensar: "olha, se eu não tenho a matéria correta, eu não posso dar a notícia. Mas, o que ele deve fazer é procura a notícia correta pra dar a notícia correta antes de todo mundo...

**Jornalista** - sim, sim, sim, exatamente, às vezes, a gente até per...isso é cobrado...assim, a diferença...ô...ô...ô..., tem uma central, algumas centrais na Reuters que ficam **olhando** (ênfase) quem deu primeiro a notícia. Tem todos... tem o concorrente, tem a gente, tem a Blumer, tem a Dow Jones...São empresas que trabalham com tempo real. Tem a Bookcash, que a empresa que trabalha com o grupo Estado. E eles ficam olhando a minutos: "O Copon anunciou juros de... quem deu primeiro? Ah, perdemos por trinta segundos, ganhamos por um minuto, ou ganhamos por 2 minutos! E esse...essas pequenas vitórias são todas anotadas numa...tem um lugar lá na área de...do editorial do jornalismo que

você vai lá e registra um bit, que eles chamam que é...que é uma vitória...ganhamos da concorrência nisso por 3 minutos rá..

E quando perde, Marcelo?

**Jornalista** - Quando perde, eles avisam que a gente perdeu. Ontem mesmo nós perdemos uma...ontem nós perdemos a, a, a, o Costa Neto que

Ah, sei. Que renunciou!

**Jornalista** - Que renunciou ao mandato. A gente perdeu por 3 minutos. E a gente ficou sabendo porque...Mas a Reuters mundialmente, ela ganha 70 % dos times, que eles chamam... (Ah, é? E no Brasil?) No Brasil a gente tá bem também. Aqui a gente não cobre tantos assuntos quanto, por exemplo, como a Budcast, que é da Agência Estado, que tem 100 jornalistas. Nós temos 30, ou seja, 3 vezes mais. Mas os grande assuntos, geralmente a gente ganha...porque o sistema funciona muito também, né? As pessoas, os jornalistas são muito bons.

Então, nesse caso, a Reuters tem que ter uma equipe boa de jornalistas e também fontes boas também? Ou não?

**Jornalista** - Sim, sim, sim, mas isso é como tudo, né? Como todo mundo. Como jornalista, de uma maneira geral, a sua atuação, você começa a filtrar, né? Dados você sente que é uma fonte que você pode confiar...e em quem você não pode confiar.

Você acha que mudou muito...a idéia que eu tenho de jornalismo, por exemplo, acho que eu tava meio fora do...eu acompanho um pouco as coisas tal, mas...pra fazer esse trabalho que era assim: eu esperava contar muito com o trabalho de, de campo. E acho que isso diminuiu muito, né! Então, o trabalho é feito muito, é feito muito por telefone...muito por telefone, então...na própria agência, na própria redação muita coisa, né, é isso...ou...

**Jornalista** - É bastante coisa é feita por telefone. O nosso trabalho muito é feito por telefone. O de Commodities, aqui. Mesmo porque, né, a gente fala com o produtor no Mato Grosso, a gente fala com o trader em Curitiba, né, Paraná, Santos, Porto - Rio de Janeiro, então...é até impossível você ir a campo freqüentemente. Mas, em Brasília, por exemplo, quase tudo é campo. Eles passam, o repórter passa por telefone pra gente. Mas, ele tá lá, tem que tá lá, né? Não tem muito como fazer por telefone.

No caso de Brasília, por exemplo, o repórter tá muito lá, assim, tem muitos jornalistas também lá, né, mesmo nesses casos, há uma, há um, o ritmo da Reuters é o mesmo? Tem que dar a...tem que buscar sempre ser o primeiro a dar a notícia? Mesmo no caso de Brasília?

**Jornalista** - É, é..a briga é maior, né? É mais difícil. Mas, é sim, a exigência sempre é essa!

Porque ali depende muito das fontes. Você tem que contar muito...é um trabalho de campo...não tem as fontes só com Reuters, então todas as agências devem ter suas fontes também?

**Jornalista** - Sim... sim...

E aí...

**Jornalista** - é mais difícil, né. Lógico, o mercado é competitivo. Mas, a exigência sempre é essa, sempre ser o primeiro...e ser preciso, né, rárará.

Isso tem implicações, digamos...é... trabalhistas? Quando...Há uma pressão nesse sentido, não?

**Jornalista** - Como assim? Não entendi.

Você tá cobrindo a área de Commodities, por exemplo, nesse setor. Vamos dizer perdeu uma concorrência hoje, perde amanhã, sei lá, tal... Isso ameaça você, por exemplo? Não...você pode ficar à vontade pra falar ou não sobre...não...também não é assim...

**Jornalista** - Não...tipo...a Reuters

Pode perder o emprego...

**Jornalista** - Você tem uma avaliação todo...os profissionais da Reuters têm uma avaliação anual

Certo...

**Jornalista** - isso é feito todo ano e você tem suas metas todas...até de furos de piques...de tudo, você tem muita coisa que você precisa fazer...lógico, se ficar perdendo sempre, perdendo, perdendo, perdendo...Chega uma hora, claro, se a pessoa...Oh, que é que tá acontecendo? Ou se não...

Então, essa relação, digamos é um pouco mais tranquila assim...então há uma, há uma...

**Jornalista** - Isso não existe... se você perde 10 seguidas, você vai ser mandado embora. Geralmente...a Reuters é uma empresa muito tranquila quanto a isso. Dá uma tranquilidade muito grande pra todo mundo trabalhar...é poucas, aliás, é... pouquíssimas empresas dá as condições que a Reuters dá. Você trabalha bastante, mas não existe isso...então é muito tranquilo isso, então tanto o pessoal de direção, oi pessoal que coordena...são pessoas, profissionais que trabalham tipo bem, tem a pressão do trabalho, bastante trabalho...se no dia acontecem dez coisas importantes...Você que tem que pôr snep: dez coisas importantes! Chega o fim do dia você vai estar bastante cansado.

Então, Marcelo, só pra gente fechar tem o seguinte: você falava...é...quando você? Ou... qualquer pessoa quando entra aqui na Reuters pra desenvolver suas funções, em cada editoria dessa há uma meta a ser cumprida, ou as metas são traçadas ao longo do ano, conforme o processo? Ou...tem metas ou não?

**Jornalista** - Tem metas, sim.

Estabelecidas previamente?

**Jornalista** - Sim. Esse processo de avaliação anual. E ele começa janeiro, março, quando você...tem as metas estipuladas, outras são estipuladas numa conversa com o editor, ou conversa..ou pela área...isso é colocado...no meio do ano isso é atualizado...essas metas são ajustadas...e no final do período isso é cobrado... Tem as metas de, de, de quantas entrevistas, de quantas exclusivas você precisa fazer...quantas...né, furos você precisa dar...

Quem que estabelece?

**Jornalista** - Tem as metas também de com...de precisão, né?

Tem os itens, tem as metas?

**Jornalista** - Aquelas correções que a gente chama de erros...há uma meta pra erros, também, (Ahhh...) Agora, se estourar essa meta pra erros pode perder um pouco de participação no, no, nos lucros e tal, né. Na divisão do negócio. Isso tudo vai contando e vai dar lá um índice da pessoa, no final

Então, era isso que ia perguntar: você tendo um bom desempenho...você tem, você tem benefícios trabalhistas...

**Jornalista** - É, tem, nessa avaliação final tem uma escala de, de, 0 a 5.

Chama de gratificação, como é que chama?

**Jornalista** - É chama de participação nos lucros, tem um bônus anual, né, bônus anual. Mas, o primeiro ano meu aqui foi baixo, foi bem baixo porque a empresa... é, é um conjunto, né? É o conjunto do desempenho da empresa com o desempenho pessoal. Você soma as duas coisas e faz uma média, entendeu? Então, mesmo que você tenha um ótimo desempenho, mas a empresa vai lá pra baixo, você não ter muita coisa... Agora, se os dois forem bem, aí você tem um bom...

Tem uma questão que é do indivíduo e uma questão que é do coletivo, né?)

**Jornalista** - É, uma média.

Marcelo, pra gente encerrar, daí o seguinte: você já falou um pouco disso mas...você hoje, você é uma pessoa que lê? Que tipo de livro, ou que tipo de coisa você lê?

**Jornalista** - Eu gosto...Bom, (risos)... a gente gosta de economia, né, nessa área. Então, uma das coisas... eu gosto muito de ler economias em geral, não só commodities. Eu gosto de ler macro economia mundial. A gente pega economias estrangeiras Economist, Financial Times... Então, a gente tá sempre lendo economia de tudo, alguns relatórios que vêm de algumas, algumas consultorias, que vêm...interessantes. Mas também gosto de ler coisas que não têm absolutamente nada a ver com o trabalho. O tempo que eu tô fora daqui... eu gosto de literatura. Geralmente, eu tenho lido, eu gosto dos portugueses bastante, eu gosto de Saramago...eu gosto de Miguel Torga...esses outros...esse Miguel Torga descobri recentemente, excelente. Até pra você aprimorar suas, suas escritas, né?

É isso que ia perguntar, se tem alguma coisa...

**Jornalista** - Acho que o trabalho dia-a-dia nosso, o ritmo aqui, ele piora o jeito de escrever rarara, você não tem tempo de ficar pensando em, em variações do estilo, então você tende a ser repetitivo, né? Acho que empobrece um pouco. Então acho que é bom aliar isso com um pouco de leitura de coisa bem escrita (De boa qualidade!) é... exatamente. Pra você fazer...

Um bom trabalho jornalístico?

**Jornalista** - É. Tem que reciclar um pouco.

Formação, né? Assim, você acha que... não sei se esse termo se aplica ainda, mas há um que Habermas chamava de jornalismo literário, né? Você acha que uma empresa com a Reuters...esse tipo de jornalismo isso num...não só a Reuters, mas isso tem caído muito hoje? Um trabalho como o de Élio Gaspari, por exemplo, aquele sobre a ditadura, que ele fez agora, aqueles 4 volumes

**Jornalista** - Ah, tá.

Um trabalho como o de Fernando Morais, também, que escreveu agora Cem quilos de ouro, né? É uma coletânea que ele faz de matérias que ele fez. É um trabalho que ele desenvolveu como jornalista, são um jornalismo que tem muito a ver com jornalismo literário. Você acha que esse tipo de jornalismo aqui na Reuters, não só na Reuters, mas, no mercado hoje, ele tá caindo, ou se ele tem, ele é importante, é fundamental...Não há mais espaço pra ele, como é que você vê isso?

**Jornalista** - Eu não sei, eu não sei o jornalismo literário... Acho que isso é mais coisa da iniciativa das pessoas, né? De as pessoas terem tempo e dinheiro pra dedicar a alguma coisa assim, né?

Sei...

**Jornalista** - O que eu diria, por exemplo, o jornalismo de mais, de mais apurado...acho que no geral isso caiu muito no Brasil, né? Nos jornais, revistas, por exemplo...então, não há espaço nem dinheiro pra que você coloque uma pessoa

trabalhando numa reportagem, trabalhando um mês numa reportagem...Imagine? Antigamente isso existia, né? Ele trazia frutos, né. Você abria os jornais, às vezes, um belo dia você se deparava com uma reportagem daquelas, né. Duas páginas, com fontes e informações, uma coisa legal. Hoje em dia quase não existe isso, né. Eu digo que os jornais tão muito pasteurizados, né. Então, você pega um, pega o outro parece que é igual, né. Eles trazem só o factual e...

É...Eu acho que...A gente fala muito hoje de variações, tal...mas acho que a gente tem pouca variação. Essa é a impressão que eu tenho quando eu abro o computador, quando eu abro os jornais, tal. Acho que são muito repetidas as notícias. Não só as notícias, mas eu acho que o mundo tá vivendo um período muito grande de muita padronização. Por mais que o mercado diga o contrário disso. Mas, o que a gente vê, em termos de roupa... então, tudo que você vê...Você vai comprar, um sapato, um tênis, por exemplo... você roda pra encontrar um tênis diferente. É tudo a mesma coisa. Quer dizer, são muito parecidos...

**Jornalista** - Ah, é...

As roupas também quer dizer, isso também reflete, eu acho, nos jornais, quer dizer... não é muito diferente, você abre hoje, só CPI, o tempo todo. Quer dizer não existe mais nada... o mundo parece que parou...E tudo tá girando em torno...Não tô dizendo que essa não é uma questão importante...Eu tô dizendo que as coisas são muito padronizadas....então, você não abre...não tem muita variedade.

**Jornalista** - É, pode ser isso também, né, a facilidade de, de propagação de notícia em velocidade. Pode ter feito, né...com que as pessoas acabem optando com o que todo mundo tá fazendo, (risos). Como é que faz isso... e todo mundo faz assim...Então todo mundo faz igual...Mas, também tem essa questão do, de não ter tanta gente, né? De as pessoas terem que fazer um trabalho...com poucos recursos e pouco tempo. Então, você vai pelo mais fácil, não é pelo mais difícil, é ou não é?

Acho isso é muito a lógica da concorrência, né?

**Jornalista** - É. Seria legal se tivesse alguém que fizesse o mais difícil, né? Que exige mais recurso mais tempo...isso é que é legal você vê às vezes, né. Você pega esses jornais, uma edição de fim de semana...antigamente era recheado de reportagem, né? Hoje você não vê tanto mais, cada vez é raro. Parece que tão melhorando um pouquinho...vamo vê (risos).

Pra a gente fechar, Marcelo, o que é que você diria das, pra você como um profissional dessa área, como é que você descreve uma rotina sua de trabalho?

Você consegue descrever uma rotina sua de trabalho aqui?

**Jornalista** - Eu chego, hoje, por exemplo, muitas vezes tem a reunião de pauta, né? Logo que eu chego, às vezes eu chego 8h30, 8h40...dou uma olhada nos jornais, dou uma olhada na agenda do que acontece no Brasil, em Brasília e tudo...daí a gente pra reunião de pauta, ali discute ali assuntos do dia, a gente tria e falo do que tem mais importante

no dia. Aí eu retorno e eu solto as matérias que tem ali pra soltar. Geralmente quando eu chego já tem ali uma duas ou três

Que os repórteres lhe mandaram?

**Jornalista** - Que repórteres mandaram. Ou alguma coisa que sobrou, ou que tava esperando pra ser...hoje mesmo eu soltei uma matéria que tava pronta de ontem. A gente programou pra soltar de manhã, agora. Eu cheguei, editei essa. E tem sempre umas duas, três traduções também. Então eu solto a que já estão ali, prontas, né, só esperando edição... e aí eu dou uma li... e aí eu vou pro terminal e olho o que já aconteceu no mundo. Porque o Brasil ta atrás, né...O dia começa lá na Ásia, vem pra Europa, depois que morre aqui. Então, tem um monte de coisa acontecendo, geralmente. Na Ásia, na Europa...nesse mercado de commodittes. Então, eu olho o que de importante já ta sendo noticiado lá fora. E já tem matéria em inglês nossa, que já veio de fora. Daí isso...se eu acho alguma coisa importante, eu encaminho pra redação, rapidamente, se for muito importante, eu mesmo já faço rapidamente, já solto. Então, eu dou essa olhada, separo tudo que a gente tem que dar, logo dce manhã, né? E aí, a gente toca, né. Aí vão acontecendo as coisas, né. Ai tem um evento, um seminário aqui, uma entrevista... Depois você vai tocando aqui. Daí o resto do dia, é acompanhar, acompanhar as entradas, acompanhar as notícias...e soltando matérias o dia todo...editando...

Você trabalha aqui, de segunda a sexta?

**Jornalista** - de segunda a sexta.

Seu horário é das 8...

**Jornalista** - Não, meu horário é das 9 às 5. Esse é o horário. Geralmente você estica um pouco mais. Geralmente você estica um pouco mais. Mas aqui é bem tranquilo, assim, quanto a isso...Depois você desconta as horas, desconta os dias, tira folga... Eu faço 1 plantão a cada 5 semanas

O plantão é que dia?

**Jornalista** - Plantão que eu digo é fim de semana.

Fica sábado e domingo aqui?

**Jornalista** - É. São 3 pessoas que ficam. Elas se revezam. Eu trabalho 8 horas e um fim de semana. Ou eu posso fazer 4 e 4 ou eu faço 8 horas num dia só. E aí, isso vale um dia pra gente tirar durante a semana. Posso tirar uma folga numa segunda-feira, numa sexta-feira. Mas é tranquilo. Perto do que eu já trabalhei...na Folha de S. Paulo...

Trabalhou lá?

**Jornalista** - Trabalhei. Foi redator do Caderno Mundo.

Ah!

**Jornalista** - Ali era bem pesado. Quando você não tinha plantão, você ficava no pescoção, no que eles chamam de pescoção, que a edição de domingo. Ce fecha de sábado, na sexta-feira. Aí dá um tempinho, você começa a fechar a de domingo...que a...termina às 5 da manhã, né? Então você não trabalha no fim de semana, mas você chega em casa às cinco da manhã, 6 da manhã. Então é bem pesado! No jornal, jornais de grande circulação. Os plantões são...freqüentes. Aqui tranquilo porque a gente cobre, basicamente, economia...e mercados, né? E os mercados são de segunda a sexta só, né? Graças a Deus (risos)

E aqui na Reuters, qual é a grande dificuldade que você diria...?

**Jornalista** - A grande dificuldade...bom a dificuldade é...você tá na frente dos outros, né? Acho que isso é sempre bem difícil, né? Saber das coisas antes. Esse é o grande...acho que esse é a grande, a grande questão aqui dentro, por exemplo. Para o seu trabalho. E, e daí é um trabalho que também cansa, né.Cansa um pouco. Ele é bem tenso o dia todo. Não é como...sei lá...você ta lá numa revista cultural mensal, né? Você pode preparar uma matéria com calma, tal...Aqui não tem isso. Mas é basicamente isso. No geral é isso.

Bom, Marcelo, muito obrigado aí pela entrevista.

## **ANEXO 3**

### **Instrução ao sócia**

## **ANEXO 4**

### **Entrevista com o diretor da Reuters na América Latina**

## **Entrevista com o diretor da Reuters na América Latina**

1 – Pesquisador

2 – Diretor

1: Gostaria de um pouco da sua atenção, e fazer algumas perguntas em relação ao funcionamento da empresa e sua atuação nela. Então, tenho aqui algumas questões para direcionar um pouco. A gente pode conversar de outro jeito também, não seguir as perguntas com elas estão aqui.

2: Não, sem problemas.

1: Você está aqui na Reuters há quanto tempo?

2: Vamos lá, eu trabalho aqui na Reuters desde novembro de 99. Eu comecei aqui como editor do serviço em português. Depois passei a ser editor do Brasil inteiro, agora sou editor da América Latina. E é sempre impulsionado pelo trabalho com os serviços locais, com os serviços domésticos. Então, a minha função hoje na empresa é diretor editorial para América latina. A Reuters é uma empresa de conteúdo. Ela é a maior agência de notícias do mundo, mas não é só uma agência de notícias, porque uma agência de notícias não se remuneraria o suficiente para sustentar a estrutura dela. Ela é uma empresa de conteúdo. Ela vende notícias em três formas: em texto, foto e em vídeo. Vende dados, desde os dados econômicos de dólar ,bolsa até dados mais difíceis de serem obtidos, como preços agrícolas e coisa assim. E ela vende tecnologia, como estes terminais que estão aqui em minha sala, de duas telas, onde o cliente pode acessar várias coisas. Ele pode acessar gráficos, cotações, notícias. Então, é por isso a agene acabou definindo ela como empresa que vende conteúdo. E noticia passa a ser uma parte desse conteúdo. Não é central.

1: Ela sempre foi assim, desde que começou?

2: Não, ela começou como agência de notícias, depois ela foi se sofisticando para vender conteúdo.

1: Como assim a notícia, no caso a principal função não seria passar para os jornais a noticia ou ela mesma divulgaria as notícias?

2: Nem uma nem outra. É fornecer para o mercado financeiro. O principal cliente da Reuters é o mercado financeiro. Os jornais, que agente chama de mercado de mídia, os jornais, revistas, internet, etc., é 26% dos negócios da Reuters, apenas .

1: Eu pensei que fosse maior isso.

2: Não é esse o grande filão. O grande filão é o mercado financeiro, são os terminais que todo operador de banco tem um terminal de alguém, ou da Reuters, ou da Bloomberg, ou da Agência Estado, todo mundo. Qual a grande meta da Reuters? É ser a maior empresa de cultura do mundo e ocupar o maior número de mesas de funcionários de banco do mundo. Pra eu te dar uma idéia mais ou menos do que significa a magnitude das coisas: um contrato enorme com uma empresa de mídia, os maiores contratos com mídia que agente tem é com empresas de televisão, que ficam na faixa de 4 a 5 milhões de dólares, por ano. Então, uma CNN da vida, os caras pagam 4, 5 milhões de dólares, por ano. Os nossos grandes contratos com bancos pagam, em média, 70.000 000 (setenta milhões), por ano. Então, é uma diferença monumental. Por que tem essa remuneração exagerada do banco? Porque eles pagam por terminal. Um terminal da Reuters completo, um modelo mais sofisticado, custa, em média mil e trezentos dólares, por mês, por terminal. Um banco enorme que tem 500 terminais, 600 terminais, 700 terminais, a conta é grande. Então, eu expliquei isso, acabei de explicar como ela se sustenta financeiramente, ela vende assinatura de serviços.

1: Que são os terminais, não?

2: São. Podem ser tanto os terminais como notícias, mas é assinatura, é uma taxa mensal. O terminal é \$ 1.300,00 (mil e trezentos dólares), por mês, desse (*aponta para o terminal em sua mesa*). Mas tem outros mais baratos e tem os mais caros. Tem o terminal que faz câmbio, faz operações de câmbio que chega a custar \$ 4.000,00 (quatro mil) dólares por mês a assinatura. Ele pertence à Reuters e é emprestado ao cliente por uma taxa mensal.

1 Como era a telefonia antes ?

2 Exatamente. Pra mídia também há uma assinatura onde os canais, os jornais pagam por mês pra Reuters e recebem tudo que agente produz. Então a Reuters se remunera vendendo assinatura dos seus serviços.

1: Ela vende esses conteúdos, neste caso?

2: É, o conteúdo esta embutido na assinatura.

1: Como é que a notícia circula? Se é uma agência de conteúdos, a questão da informação, no caso, como seria a questão da democratização da informação nessa relação, como seria isso? Tem acesso a informações quem paga por ela e quem não paga não tem acesso?

2: Não tem acesso. Qual é o viés de democratização de informação que agente oferece? É o fato de não vender exclusivo pra ninguém. E tem outro viés mais detalhista como, por exemplo, a Reuters não usa palavra terrorista porque o terrorista pra uns é o mártir pra outro. E como ela vende para o mundo inteiro, ela não vai chamar a Alkaeda de terrorista e parar de vender terminal na Arábia Saudita, entendeu? Então assim, o fato de vender só pra quem paga já democratiza o suficiente para ser considerada uma operação democrática, do ponto de vista de notícias. E agente toma cuidados democráticos na entrega da informação que ninguém toma, mas agente não trabalha de graça.

1: Por falar em cuidado, você poderia dar um exemplo de cuidado?

2: Esse que eu acabei de dar sobre o terrorismo e isenção. O cuidado é a música da imparcialidade, o fato de não ter agenda. O cronograma da empresa é basicamente o seguinte: é uma empresa matricial, então ela tem divisões, eu nem sei quais são essas divisões, mas são divisões de negócios, digamos aqui: renda fixa, câmbio, mercado financeiro, genericamente falando, e ela tem aqui serviços, internos: então, aqui entra editorial, o editorial presta serviço para divisões de renda fixa, presta serviço para divisão de câmbio, presta serviço para essas divisões, que são divisões de negócios. Esta é a empresa, vendas institucionais, *trading enterprise*, pesquisa e administração de ativos em mídias. Tá vendo, são quatro divisões e só uma cuida de mídia. E aqui tem as prestadoras de serviço, olha o editorial onde está, aqui em baixo, são as bases. Essas são as divisões de serviço: aqui, o executivo, aqui, as divisões de negócios, *business*. É só para você ter uma idéia. Essas são estruturas de negócios e estas são estruturas de serviços internos. E o editorial presta serviço pra esses cargos, não tem um organograma clássico, é um organograma matricial.

1: Uma parte dialoga com a outra. Bom, em relação, esse é o organograma do funcionamento. E, no caso, tem uma estrutura? Porque você é o editor chefe aqui, é o diretor aqui, é isso?

2: É

1: Em termos de organização de funcionários?

2: Na América latina funciona assim: ela tem, geograficamente, tem o Brasil, Andes, Sul. Elas se confundem um pouco porque tem Brasil, região andina, Venezuela, Colômbia, Equador. Sul é: Argentina, Chile, Peru, Bolívia e México. E Central América. Essa é a divisão geográfica: Brasil, região andina, região sul e México. E essa

é a divisão por serviço: serviço em espanhol inglês e português então não tem uma divisão muito linear, é sempre matricial. Se eu fizesse esse organograma por serviço, eu teria serviço em inglês, em português, serviço em espanhol.

1 Quem são os principais clientes da Reuters? Você já falou, são os bancos, não é?

2: É. São os bancos

1: Bem, uma coisa que eu tinha muita curiosidade, já conversei um pouco com Marcelo sobre isso, é essa relação com as fontes. Porque agente que está de fora, que não é do mitiê, fica pensado: “Qual o interesse das fontes em fornecer as informações para as empresas, para as agências?” Eu tenho algumas idéias sobre isso.

2: O interesse das fontes é a divulgação global da informação. Os caras mandam uma mensagem global, sei lá, eu sou diretora da Telecom Itália ou dá Tim, quando eu falo o meu chefe na Telecom Itália vai ouvir, então as fontes têm interesses em alavancar a distribuição do que eles falam para níveis globais. O que é contraproducente é o seguinte: no Brasil, por exemplo, um político, ele não tem o menor interesse em falar para as agências.

1: Fica mais difícil o acesso às pessoas?

2: A essas pessoas fica, o cara prefere falar com o jornalista da Folha, que vai colocar a foto dele no jornal, do que pra uma agência de notícias que vai sair pro mundo inteiro. Candidato em campanha, por exemplo, não fala com agente. Eles sempre falam: “Ah, não vamos falar, pois não chegou a hora de falar com as agências internacionais ainda.” E candidatos em campanha pra eleições majoritárias só falam com agente depois de ganhar 1º turno.

1: É superinteressante, eu não tinha a menor idéia disso.

2: Eles não querem falar pros estrangeiros

1: Eles não têm voto no estrangeiro, né ?

2: Exato

1: Por que eu pensava também assim, no caso das fontes, eu pensava assim: ela fornece uma informação, digamos em estágio bruto, e as agências vão atrás para apurar e tal, fazer uma investigação e, digamos, aprofunda aquilo que ele disse, alarga aquilo que ele diz e ele recebe isso de volta, inclusive. Então ele tem um interesse nisso, ele dá uma informação, digamos, ele não tem muita certeza daquilo que diz, isso pode acontecer. E, com o trabalho que é feito de jornalismo, tal, ele vai ter um retorno disso com um pouco mais de confiança. Isso também acontece?

2: Não, porque o cara não sabe pra onde agente vai. Do ponto de vista prático acontece que as pessoas buscam agente pra ampliar a divulgação, eles acham que agência divulga pra todo o mundo e tem um alcance maior.

1: Então, aquilo que ele vive pode ser notícia, devidamente, né?

2: Ele acha que sim: mas não se configura na prática porque a barra das agências é alta. Então, só o que é notícia mundial passa por aqui. Tem um cara, por exemplo, amigo meu. O cara tem 50 anos e atravessou o Canal da Mancha, e foi o brasileiro mais velho a ter atravessado o Canal da Mancha. Então, isso foi essa semana. Ele fica me ligando: “Você não vai pôr minha noticia?” Não dá, isso não é notícia pra gente .

1: Talvez, para televisão, fosse?

2: É, pra televisão, fosse. Mas aí, é na Mancha, na Inglaterra. Então, vai a Reuters da Inglaterra cobrir. Só que tem 70 caras atravessando o Canal da Mancha, por dia, e esse cara é um brasileiro, e não é noticia, entendeu?

O que eu perguntei?

Não, não ficam relegados a segundo plano. Não ficam por dois motivos muito simples, são dois motivos comerciais, o 1º é o seguinte : como a concorrência é muito grande quem se dá bem nessa concorrência é quem tem melhores notícias, e a melhor noticia é aquela que é confiável, que é verdadeira, que aconteceu mesmo. A Reuters tem uma frase que é símbolo nessa questão, resolve esta questão. Que é um jargão interno que agente fala muito em treinamento que é a frase em inglês: Consiga a informação primeiro, mas primeiro consiga a informação certa. As informações que têm menos qualidade, do ponto de vista de confiabilidade, de alcance, de contexto, entendeu, não interessam pra gente não tem valor no mercado. É que nem diamante falso, diamante com sujeira não vale tanto quanto um diamante purinho, aquele que é caro, então, assim, a velocidade só conta em noticia da mesma qualidade. Então, o seguinte, olha , não confio no outro lado, mas, vou mandar assim mesmo pra não perder tempo. Não. Porque assim essa informação que agente ouve do outro lado e tem qualidade inferior, você pode botar no mercado, mas ela não vai vender tão bem quanto uma informação que tem qualidade, mesmo que ela chegue depois.

1: É. Porque nesse caso a Reuters tem uma historia que fala, né, que se você não tomar esses cuidados acaba comprometendo a imagem que a Reuters tem.

2: Claro, claro, compromete a credibilidade da empresa.

1: E é muito mais caro do que a notícia publicada

2: Exato.

1 Aqui, é um pouco mais geral, de jornalismo financeiro

2: Como é que funciona o jornalismo financeiro? Qual o problema? Por que que as informações têm que ser confiáveis? Não é só pela credibilidade da Reuters. Essas informações são desenhadas pra o cara ganhar dinheiro com elas, e não perder. Quase todo mundo opera as manhãs em cima das nossas informações, e se você manda: “o presidente do Iran foi baleado”, (neguinho sai comprando petróleo -) Ô, desculpe, não, não foi ele, foi o assessor dele.” (E neguinho que já comprou vai ter que vender? Entendeu? – *Comentando a própria fala*). Então tem um problema de risco ali. As informações são informações que o mercado usa, então, elas têm que ser boas.

1: E o mercado confia na Reuters, né?

2: Tem que confiar, agente toma o maior cuidado, a gente é a mais confiável, não tem jeito.

1: Abaixo de vocês, abaixo da Reuters quem está.

2: Em qualidade de informação, abaixo da gente está, provavelmente, a *Associated Press*. Eu vou te dar exemplo do que é esse tipo de qualidade. A Reuters tem 150 caras no Iraque, a *Bloomberg* não mandou cara pro Iraque. Então, a *Bloomberg* faz noticiário do Iraque, de Nova Iorque, e assina Bagdá. Mas, os caras tão em Nova Iorque. A Reuters se assina Bagdá porque os caras estão em Bagdá.

1: E eles fazem como se o cara tá em Nova Iorque, eles pegam de outras revistas?

2: É. Da TV, ou do *site* do governo americano, pega de onde ele quiser. Pegar informação, eu posso fazer um *blog* da China e ficar operando informações chinesas sem nunca ter ido para lá. O ir não é o problema, o problema é que quem está lá e assina de lá é mais confiável, está vendo as coisas, do que quem está em Nova Iorque

1: Até porque já teve o filtro pra chegar lá, inclusive.

2: Exato. Por um lado, o jornalismo digital é uma cópia do jornalismo impresso, mas eu não acho que é só as atualizações. Eu acho que são dois aspectos importantes: as atualizações, sem dúvida nenhuma, e o aspecto do serviço multimídia que você pode dá foto, texto, vídeo, voz, tudo na mesma notícia. E jornal não pode botar um vídeo.

1: A pergunta é, por conta disso, eu acho que o meio oferece isso, mas o meio é pouco utilizado, em regra geral, por isso que acho que virando um pouco isso agente analisa o jornalismo. Porque você abre os portais e você vê lá as informações elas tão muito, é o texto puro que está lá, um texto como se fosse um texto impresso. Há um pouco de preocupação com a linguagem mais eu acho que os recursos multimídia são pouco utilizados.

2: Mas, é porque os portais são mais antigos. Se você abrir, por exemplo, o G1 é um bom portal multimídia.

1: G1?

2: É, da Globo.

2: Tá vendo, ó? (*Ele abre o portal e me mostra*) Parque Itatiaia, aqui tem uns vídeos antigos. Como tem muito vídeo, eles tão mandando bala, entendeu

1: É, G1. Globo.com, não é ?

2: É

1: É, ele é um pouco... mas, é eu acho que ele é bem mais arejado tem um pouco mais.

2: E tem mais, tá vendo? você muda o tamanho da letra, você assiste aqui. Então, pouco a pouco os portais estão indo para essa multimídia, sim. Então, eu acho que a multimídia é mais importante como diferença do que as atualizações.

1: Eu também penso que sim porque esse entrelaçamento dessas mídias diferentes, digamos assim, é que constitui o texto desse veículo, é o entrosamento disso que constitui o texto.

2: Eu concordo com você.

1: Quando agente fala com os alunos, lá na escola, mas o texto, o texto não é imagem. A imagem faz parte do texto, inclusive, da mensagem, vamos dizer assim.

2: Da mensagem do texto, faz

1: Porque quando se fala do texto, texto não é só a parte verbal.

2: É, pode reforçar a mensagem, mas às vezes, ele pode... O texto é um elemento da notícia, mas, não é o central.

1: É, o texto verbal, mesmo na escrita, no caso ai no portal, porque se você analisar, na área da gente, o texto é tudo isso , o infografico, faz parte do texto, a imagem faz parte do texto.

2: O texto é a âncora

1: É. O texto verbal seria isso, e quando você fala da mensagem, por isso ia falar a linguagem da televisão e não na televisão, que seria a linguagem dela e tudo aquilo que ela comporta: o som, a imagem, tudo isso faz a mensagem dela.

2: Eu acho que sim, a diferença. Ele (*O jornalismo digital*) tem muito texto. Nesse ponto ele é cópia do jornalismo impresso, mas o que acontece é o seguinte: o texto é curto, é diferente. E o jornalismo on-line é concebido de forma multimídia, não tem aquelas... Não tem isso na internet, na essência, muda a alma da multimídia, é diferente do jornalismo, embora parecidos na forma.

1: Estabelece relações diferente com o leitor, NE?

2: Exatamente.

1: Você acredita na imparcialidade no jornalismo

2: Acredito na imparcialidade no jornalismo. Não me pergunta como se mede isso, como se atesta isso, mas eu acredito nela.

1:É?

2: É. Ao mesmo tempo não. Se você for levar... não há. Imparcialidade possível é aquela história antiga, aquele debate antigo sobre métodos científicos que os caras, de certo ponto, dizem isso: “Bom se tá no laboratório e agente tá vendo já não é a mesma coisa que tá na natureza. Porque, primeiro: tá no laboratório, e segundo: a gente tá vendo. E só o fato de eu tá vendo já é diferente.” É que nem aquela que era do Fernando Pessoa, que o rio só passa na frente do homem uma vez porque lá embaixo vai ser outro rio e outro homem. Então, assim, eu acredito na imparcialidade do jornalismo, mesmo sabendo que essa imparcialidade é impossível, porque se eu tô vendo o jornalismo, tô fazendo. Se eu tô decidindo, eu já não estou sendo imparcial.

1 Você já está colocando seus valores ali.

2: É. Aquele negócio das bruxas. Eu não acredito em bruxas, mas sei que elas existem entendeu? Eu acredito na imparcialidade, mas sei que ela é impossível.

1: Talvez, não sei se você está dizendo assim, seria uma busca permanente, uma busca constante, de um jornalismo sério, mesmo sabendo que ela é inalcançável.

2: É. Eu acho assim, não vamos colocar apalavra séria porque aí já estamos numa escala muito inferior. Se você está duvidando se o jornalismo é sério ou não, você não vai nem discutir a imparcialidade, entendeu? Nós já passamos dessa fase faz tempo. Agora, no limite positivo, ele é possível ser totalmente imparcial, é evidente que não. Mas, eu acredito que exista jornalismo imparcial, eu acredito que sim, mesmo sabendo que ele não pode ser alcançado por definição porque se eu descido qual a matéria que vai pro ar já não é imparcial. Mesmo que seja o acidente da TAM, que é obvio que tinha que ir, mas eu decidi que tinha que ir. Então, por definição, ele não pode ser imparcial porque eu que tomei uma decisão parcial “não, vamos publicar essa matéria”.

1: Além de você decidir que ele vai ser, que vai virar notícia, que vai pra pagina, tem um jeito de colocar isso na página também.

2: Tenho, tenho

1: Através do que você utiliza, a imagem que você utiliza, o que você faz da imagem, de um texto verbal, então, tudo isso constitui..

2: Um título!

1: Exatamente

2: A vantagem que agente tem em relação aos outros veículos é que aqui vai quase tudo, então não tem aquela decisão de por na página ou não, de colocar ou de pôr embaixo da página. O volume de decisão é menor, então, a tendência à imparcialidade é maior porque tem menos decisões. Se o meu amigo fosse isso aqui, e eu tivesse esse espaço pra notícias, eu teria que tirar um monte de coisa pra fora . Se eu tenho esse veículo, eu tiro menos coisas pra fora. E se eu tenho esse, eu não tiro quase nada (*Compara o exemplar de jornal impresso, que tem em mãos, com a tela do computador*). Mas, ainda assim, a discussão sobre imparcialidade é eterna.

1: Até porque, mesmo esse texto que você coloca aí na tela, como é digital, você vai ter que fazer um texto mais enxuto, digamos assim, e é uma decisão que você toma, que é parcial isso.

2: Sem dúvida, ou o Lula, ou é presidente Lula, ou o presidente Luiz Inácio lula da Silva...São três ou quatro decisões que eu estou tomando. Toda, todas tem implicação no resultado final, todas são ecos da imparcialidade.

1: Por isso constitui....

2: É. Um exemplo clássico dessa história é o Rio de Janeiro. Todo domingo que faz sol, as praias enchem. Então, toda segunda-feira os jornais do Rio publicam notícia dizendo que as praias estavam cheias no final de semana. Que é a anti-notícia, porque se teve sol é obvio que as praias iam estar cheias, e se elas estão cheias toda vez que tem sol, isso não devia ser notícia. E eles dão toda segunda-feira. (me consegue um jornal, O globo – *Pede para a secretária*). Essa é uma que não é notícia por definição porque é uma coisa que sempre acontece e que eles dão sempre, muitas vezes com foto na 1ª página. Seria notícia se tivesse um dia de sol e as praias estivessem vazias. Aí seria uma puta notícia porque que esvaziou se estava sol? Ou se tá um sol e eles não derem nada pó noticia

1: É, isso também acontece muito aqui, em São Paulo, NE? Em São Paulo acontece isso, sempre uma foto do céu do Ibirapuera.

2: (*Com o exemplar de O globo na mão, comenta*) Deu todas as notícias da praia, deu aqui, neguinho atropelou, deu. E deu: “Primavera começa com cara de verão, praias ficam lotadas” e tem essa foto, que toda segunda-feira tem. E aí conta o que todo mundo já sabe.

1: Informa quilo que não é informação

2: Isso tem toda segunda-feita, em todos os jornais cariocas, desde que o Rio virou gente.

2: Como ser o primeiro a dar a notícia? Isso é, você tem um sistema, você tem uma máquina, uma estrutura que funciona. Então, assim, tem tecnicazinhas, há. Deixa pré-pronto as coisa, já, daí cola. Por exemplo: “COPOM, o COPOM prometeu.... que vai abaixar o juro ou subir o juro.” Então, tem uma máquina que faz o seguinte: que manda o repórter para o evento, tem uma máquina que faz preparação prévia dos textos. Então, assim, quando diz que os juro vão cair, assim ... Ou diz que os juro vão subir, aí, de ultima hora, você só põe o numero e tal, e manda pro ar. Então, são pequenas técnicas de jornalismo como o pessoal que faz revista tem técnicas de fazer a revista ficar mais bonita, como o pessoal que faz TV tem técnicas de fazer o vídeo ficar melhor, e tem técnicas de fazer a coisa andar mais rápido. Pequenas técnicas, não é nada muito complicado. Eu não tenho a menor idéia de como o manual de operações foi elaborado, eu sei que ele é vivo, passa por revisões on-line o tempo inteiro

1: Lá no site?

2: É

1: É. Eu ia até comentar com você umas impressões aqui.

2: É, essas são mais antigas (*Referindo-se à cópia impressa*). Eu não sei quem começou a fazer, é exigido que eles leiam o manual, e a maioria lê, no começo, trabalho novo, entendeu? Você pede, o cara lê, ele não vai se arriscar logo no começo, entendeu?

1: É. Ainda mais uma empresa como a Reuters. O cara pode se dar mal pra caramba!

2: A Reuters seleciona funcionários, em geral, e jornalistas, em particular, como todas as grandes empresas, não tem nada em especial. Na prática, selecionar esses cara é mais uma questão do estilo do chefe, né? Do selecionador, do editor. Então, eu seleciono de um jeito, a Renata, diferente, o Marcelo, de outro. Mas, não tem nada de especial. A gente espera que a pessoa fale inglês, agente espera que a pessoa tenha um apetite pro jornalismo internacional, enfim, como a Placar (*Revista de esportes*) seleciona gente que tenha apetite para esportes, entendeu? Não é nada especial. A diferença que a Reuters tem que nenhuma outra empresa brasileira tem é o treinamento. A gente tem um programa regular de treinamento que os caras têm que cumprir desde o momento que eles entram aqui.

1: O treinamento que você fala é o quê? É permanente? É isso?

2: Permanente, todo o ano. Cada ano, todo jornalista, por exemplo, esse ano a meta é curso de fontes. Então, foi desenvolvido um curso de fontes e todo mundo teve que

cumprir, teve que fazer esse curso. Tem cursos de reportagem, de ambiente hostil, que ensinam os caras a se virarem em guerra, tem cursos de fonte, tem cursos de título, tem curso de lide, tem curso de cobertura de ações, curso de cobertura de aquisições. Tem curso de tudo, e a maior parte dos cursos são on-line, eletrônicos, né? Cursos que agente chama Airplane, mas que eu acho que é essa principal diferença do padrão da Reuters com relação ao resto.

1: Há um investimento na formação

2: O tempo inteiro! Há duas semanas atrás, eu passei duas semanas em Buenos Aires fazendo um curso que agente chama de Bangui news. Então, agente faz um treinamento no parceiro. A gente acordou as pessoas às 05 horas da manhã, no hotel, e disseram assim: “A radio tá dando que Fidel morreu. Por favor, ir pra redação”. Quando eles chegaram na redação tinha imagem, um vídeo repetindo a imagem do Fidel, como se fosse a TV Cubana, e aquela música *Réquiem*, de Mozart, tocando super alto. E os caras tinham que produzir a cobertura e agente, o curso era dividido em quatro grupos e quatro grupos competindo entre si. E agente mandava pro Word uma caixinha, e agente sabe quem mandou a notícia primeiro, quem escreveu melhor. Então, agente passou um dia treinando Fidel, passamos um dia treinando acidente de avião, passamos um dia treinando terremoto, treinando gripe aviária... Fidel, e aí fazer um curso vivo. Aí acabou com alerta de Tisuname. Então, todo mundo aqui que faz esse tipo de cobertura já foi treinado nisso porque são requisitos diferentes. Por exemplo, pra avião os requisitos são mais na linha de modelo, tipo cadê a caixa preta tal; pra terremoto, é escala Richter.

1: Teve alerta de Tisuname?

2: Teve, teve alerta de Tisuname, resgate de cães pastores, número de mortes, é diferente. Então, tudo isso é treinado, todo mundo é treinado, essa é uma diferença monumental então na Reuters... cada cara aqui passa por, no mínimo, três treinamentos por ano, entre eletrônicos e classe, né, sala de aula.

1: Eu me lembro disso na prefeitura de São Paulo, na época em que Erondina era prefeita, que houve muito investimento na formação de professores, né. Depois isso foi caindo muito. Então, você tem uma exigência muito grande que o cara trabalhe bem mas você não oferece as condições para que ele trabalhe melhor.

2: Exato. Essa é a maquininha da Reuters, agente procura oferecer condições para que eles trabalhem melhor.

1: Sei que tem pergunta que você pode não responder sei que é uma coisa muito interna nem para pesquisa seria, mas seria assim em termos de salário paga a média que as agências pagam ou paga melhor?

1: Em relação aos salários? A Reuters remunera na média?

2: Um terço superior a do mercado, e ela faz pesquisa a cada seis meses.

1; E ela paga como paga um terço superior do mercado é isso.

2: É a terça parte

1: Mário, em relação ao manual, é que a minha pesquisa, ela foi basicamente o seguinte, ta sendo, né. Tenho que fazer a conclusão, pra ver a influência que tem, a importância que tem o prescrito quando, inclusive foi esse daqui (*Mostro a cópia impressa fornecida por ele*), na atuação do jornalismo, no caso de Marcelo, ou pra ver que relação tem o prescrito com a prática cotidiana aqui na Reuters. Por isso que eu fiz aquele pergunta com relação a elaboração do manual. E o que eu tive olhando aqui no manual, por exemplo, é um texto que, eu vi pelo menos, dessa forma impressa, algumas coisas me chamaram a atenção: não tem uma apresentação de um manual, não sei se isso é proposital, começa no capítulo 1, não tem um sumário, também no manual, não sei se isso acontece, de não ter um sumário.

2: Ah, isso foi só aversão em português que eles não puseram.

1: Ah, certo, porque em termos de apresentação, nenhuma ilustração, só o texto lá, puro. E a numeração de páginas também é, do capítulo 1 ao capítulo 5, segue uma sequência 1, 2, 3, 4,5. Mas, daqui, por exemplo, vai do 5 para o 14, né? Os outros capítulos todos não aparecem, não sei o que foi que houve, que não aparecem.

2: No manual em inglês são capítulos... eu não sei.

1: Por que vai do 14 pro 17, né. Então, acaba no 17, com o Código de Conduta.

2: O que agente fez foi que tinha dados que eram mais internacionais. Por exemplo, as regras nos Estados Unidos são diferentes, aqui são diferentes de lá. Então isso ai é um resumo pras pessoas que fazem parte do serviço em português, e o Código de Conduta, eles atualizam muito porque, por exemplo, o Código de Conduta original não tinha os meios eletrônicos, não tinha blog. O novo código já tem blog, você pode fazer com blog ou não.

1: Tem acesso ao código de conduta pelo site ?

2: É possível que sim. Se não tiver você me avisa

1: Eu vou querer, no caso, para atualiza ré eu tava pensando queria ver com você eu tava querendo colocar esse manual , como anexo na tese , isso é possível não?

2: Esse manual que você tem é mais acho que não precisa não sei se isso vai ser útil pra tese. Não tenho certeza eu tenho que perguntar isso.

1: Então, tá certo, porque eu faço muita referência, eu trabalho em cima do manual. Então, acho bom que ele estivesse, não é nem que eles vão consultar, mas é como comprovação daquilo que eu fiz.

2: **Esse você pode usar.** (*Referindo-se à cópia impressa*)

1: Posso?

2: **Pode.**

1: Bom, Mario era isso que eu queria ver com você. Agradeço imensamente sua atenção.

2: Nos estamos às ordens, seguimos às ordens

1: É. Isso vai ser fundamental pro meu trabalho eu vou dar um incrementada grande com tudo que você me falou aqui agora. Essa aula que você deu ai sobre jornalismo e sobre a Reuters. Isso foi assim pra mim muito valoroso

2: Bom, o que você precisar eu tô às ordens. Se você achar que mais pra frente vai precisar de uma outra sessão, você me avisa.

1: Tá certo, então?

2: Tá bom?

1: Bom demais

2: Se eu achar um organograma que eu possa distribuir, eu te passo

1: Tá bom então. É que agente costuma colocar quando, agente faz trabalho assim, pra apresentar a empresa, agente fala sobre ela e coloca um organograma, foto e tal. Eu tirei aqui umas fotos e queria saber se eu posso utilizar na tese ?

2: Pode, sem problema.

1: Então, obrigado mais uma vez.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)